

Gregg Hurwitz

2,5 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS NO MUNDO

VOCÊ ESTÁ SENDO VIGIADO

*Num jogo de vida ou morte,
a saída é usar as mesmas armas que os seus inimigos*





DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Você está sendo Vigiado

Gregg Hurwitz

Ao fazer a curva fechada, agarrei o volante e me segurei para não cair do banco. Se a faca debaixo da coxa escorregasse, abriria um talho na minha perna. A lâmina estava afiada e o cabo se projetava para fora, ao alcance da minha mão. Sentia o cheiro de borracha queimada pela ventilação do ar-condicionado. Resisti à tentação de enfiar o pé no acelerador: não podia correr o risco de ser parado pela polícia. Não com o prazo que eu tinha.

Subi pela rua estreita, as duas mãos escorregadias ao volante, o coração despejando medo e adrenalina nas veias, o que só dificultava minha respiração. Olhava para o relógio, olhava para a rua e voltava a olhar para o relógio. Quando faltavam alguns quarteirões, encostei à calçada cantando pneu. Abri a porta no momento certo. Enquanto eu vomitava, um jardineiro me encarava impassível de trás de um cortador de grama.

Voltei ao volante, limpei a boca e continuei devagar, subindo a ladeira íngreme. Entrei pelos fundos, conforme as instruções, e em poucos segundos avistei o muro de pedras e os portões de ferro, semelhantes aos da frente. Saltei do carro e digitei o código. Os portões estremeçaram e se abriram. Ladeado por jacarandás, o caminho atravessava os fundos da propriedade. Logo encontrei a casa de hóspedes. Paredes brancas, telhado baixo e varanda elevada: era maior que as residências da nossa rua.

Estacionei ao lado de um canteiro de cactos, bem perto da casa, ao pé da escada. Com as mãos no volante, concentrei-me na respiração. Não percebi nenhum movimento no interior da residência. Escondida por arbustos à minha frente, a casa principal estava escura e silenciosa. O suor ardia em meus olhos. A escada ao lado da porta do motorista tinha uma inclinação que me impedia de ver a varanda. Eu enxergava apenas os degraus. Imaginei que fosse propósisal.

Esperei, prestando atenção em qualquer barulho.

Finalmente ouvi uma porta se abrindo. Um passo. Outro passo. Então a bota de um homem apareceu no topo da escada, no meu campo de visão. O pé direito surgiu em seguida. Os joelhos se tornaram visíveis, depois as coxas, a cintura. Ele usava um jeans surrado, um cinto preto e o que me pareceu uma camiseta cinza.

Escorreguei a mão direita até o cabo da faca e apertei-o com tanta força que meus dedos começaram a formigar. Senti o gosto de algo quente e metálico na boca. Eu tinha mordido os lábios.

O homem parou no último degrau, a 30 centímetros da minha janela, a linha do capô do meu carro cortando-o ao meio. Eu queria ver o rosto dele, mas tinha sido alertado para não fazer isso. De qualquer maneira, ele estava perto demais.

Ergueu o punho e bateu uma vez no vidro.

Pressionei o botão com a mão esquerda. A janela começou a descer. A lâmina da faca estava fria debaixo da minha coxa. Imaginei um ponto no peito dele, um pouco abaixo das costelas. Mas antes tinha de descobrir o que eu precisava saber.

Vi sua outra mão se projetar para dentro do carro e soltar algo do tamanho de um punho fechado pelo vidro que ainda descia. O objeto caiu no meu colo. Percebi que era pesado.

Olhei para baixo.

Uma granada.

Senti minha respiração sumir. Tentei agarrar o artefato.

Antes que meus dedos conseguissem tocá-lo, ocorreu a explosão.

DEZ DIAS ANTES

AINDA DE CUECAS, PISEI no chão frio da varanda para pegar o jornal que estava, é óbvio, em cima de uma poça d'água. Os apartamentos do outro lado da rua refletiam as nuvens cinzentas em suas janelas e portas de vidro, espelhando com exatidão meu humor. Como sempre, o inverno em Los Angeles tinha demorado a mostrar suas garras, mas fizera uma entrada triunfal, derrubando a temperatura para a casa dos 10°C e formando um fina camada de gelo sobre os carros.

Peguei o jornal encharcado, que felizmente estava protegido por um saco plástico, e voltei para dentro de casa. Afundado no sofá da sala de TV, abri o Los Angeles Times e fui direto para o caderno de cultura. Quando folheava as páginas, um DVD caiu no meu colo.

Fiquei olhando para o disco uns cinco segundos. Retirei-o da embalagem e vi que não havia nada escrito na superfície, parecendo um desses DVDs vendidos a unidade em pinos plásticos. Achei aquilo bizarro. Levantei, ajoelhei-me no carpete e inseri o disco no aparelho da bancada. Depois de baixar o volume para não acordar Ariana, sentei no chão e encarei a TV de LED, comprada por impulso na época em que nossa conta bancária ainda não estava negativa.

Alguns chuveiros correram pela tela antes de o close de uma veneziana aparecer. Através da janela se enxergava o suporte de toalhas e a cuba de uma pia. Era possível perceber uma parede externa azul no canto da imagem. Eu conhecia aquele lugar.

Era o banheiro do primeiro andar da nossa casa visto de fora.

Senti um frio no estômago. Estava com medo.

A imagem era granulada, como se tivesse sido feita por uma câmera digital. A pouca profundidade do campo descartava uma tomada feita de longe, com auxílio do zoom. Meu palpite era que a pessoa colocara a filmadora perto do vidro, de modo a não captar o reflexo. A imagem não tremia, talvez indicando o uso de tripé. Não havia áudio, apenas o silêncio absoluto. Fiquei horrorizado.

Por uma fresta na porta do banheiro, via-se um trecho do corredor. Os segundos pareciam se arrastar, até que a porta se abriu. Apareci na imagem. Visível do

pescoço aos joelhos, as lâminas da veneziana me cortavam em fatias. De cueca azul de listras brancas, fui até o vaso sanitário e fiz xixi, deixando minhas costas à mostra. Um pequeno ferimento no meu ombro entrou em foco. Em seguida, lavi as mãos e escovei os dentes. Dei meia-volta e sai do banheiro. A tela voltou a ser ocupada pelos chuveiros.

Surpreso ao me ver nas imagens, dei uma olhada na cueca que estava usando. Amarela. Pensei no ferimento. Eu tinha me machucado na semana anterior ao bater com as costas na torneira do chuveiro. Eu tentava me lembrar do dia exato em que aquilo tinha acontecido quando ouvi minha mulher na cozinha, começando a preparar o café da manhã. A acústica da nossa casa de dois andares com amplos espaços abertos permite que o som se propague com facilidade.

O lugar onde o disco estava, entre as páginas do caderno de cultura, me pareceu proposital. Apertei “play” e assisti novamente. Seria uma pegadinha? Mas não tinha nada de engraçado. Não era grave. Era assustador.

Mordendo os lábios, fiquei de pé e me arrastei escada acima, passando pelo escritório com vista para o enorme quintal dos Miller e indo até nosso quarto. Examinei o ombro no espelho: o ferimento no vídeo era no mesmo local e com o tamanho e a coloração idênticos. Abri minha gaveta no fundo do closet. Minha cueca azul de listras brancas estava logo em cima.

Tinha sido ontem.

Vesti-me e voltei para a sala de TV. Afastei a manta e o travesseiro, sentei-me no sofá e liguei o DVD outra vez. Duração do vídeo: um minuto e 41 segundos. Ainda que fosse uma piada de mau gosto, era a última coisa de que Ariana e eu precisávamos naquele momento. Não queria aborrecer minha esposa, mas tampouco passava pela minha cabeça esconder o assunto.

Antes que eu pensasse numa maneira de lhe contar, Ariana entrou na sala carregando uma bandeja com o café. Estava de banho tomado e um lírio cultivado em nossa estufa enfeitava sua orelha, criando um belo contraste com sua pele. Imediatamente desliguei a TV. Os olhos de Ariana correram até o aparelho de DVD. Entortando a bandeja, ela esfregou a aliança com a unha do polegar, um tique nervoso que minha esposa tem.

– O que você está vendo?

– Uma coisa da escola – respondi. – Nada com que se preocupar.

– Por que eu me preocuparia?

Houve um silêncio enquanto eu pensava no que dizer. Então sacudi os ombros de maneira forçada. Ela inclinou a cabeça, apontando para um pequeno machucado na minha mão esquerda.

– O que aconteceu, Patrick?

– Bati na porta do carro.

– Pelo jeito essa porta anda perigosa.

Deixou a bandeja na mesa. Ovo cozido, torrada e suco de laranja. Parei um momento para admirar Ariana. Pele morena, cabelos quase negros e grandes olhos escuros. Graças à sua genética, aos 35 anos parecia mais jovem que eu, que tinha acabado de chegar aos 34. Apesar de ter crescido no vale de São Fernando, ela trazia no sangue a ascendência mediterrânea: grega, italiana, espanhola e um pouco turca. As melhores características de cada uma delas estavam presentes na minha mulher. Assim eu achava.

Sempre que olhava para ela, lembrava-me de como as coisas haviam sido boas entre nós: nossas pernas se tocando enquanto comíamos, seu rosto vermelho ao acordar, a cabeça de Ariana descansando no meu braço no cinema. A raiva que eu sentia dela desapareceu. Então encarei a tela em branco.

– Obrigado – falei, acenando com a cabeça em direção à bandeja. Minha atuação medíocre de detetive tinha tomado 10 minutos do meu tempo. O nervosismo deve ter ficado aparente, pois ela franziu a testa antes de sair.

Levantei-me do sofá sem tocar na comida e saí novamente pela porta. Circundei a casa até o lado virado para a residência dos Miller. A grama sob a janela estava molhada, mas não havia nenhuma pegada na terra fofa. O invasor se esqueceu de deixar pistas: uma caixa de fósforos, uma guimba de cigarro ou outra coisa qualquer. Ajeitei-me para encontrar a posição da câmera. Espiando pela veneziana, tive uma sensação surreal, como se esperasse encontrar a mim mesmo dentro do banheiro, uma distorção da realidade vestida de cueca .

No entanto, foi Ariana quem apareceu à porta do banheiro, olhando espantada para mim.

– O que você está fazendo? – perguntou movendo os lábios, mas sem emitir qualquer som.

A dor na minha mão machucada me fez lembrar de que elas estavam cerradas com força. Suspirei e relaxei os braços.

– Dando uma olhada na cerca – respondi com cara de idiota, apontando para baixo. – Está bamba. É bem aqui...

Ela fechou a janela com um sorriso sarcástico e sentou-se no vaso sanitário. Entrei em casa e assisti ao DVD pela terceira vez. Depois tirei o disco e examinei o nome do fabricante. Era da mesma marca que eu usava para gravar filmes e músicas. Havia milhões iguais àquele espalhados por aí.

Ariana passou pelo corredor e fez um comentário sobre o café, que ainda não havia sido tocado:

– Juro que não coloquei veneno.

Dei um sorriso amarelo. Quando olhei, ela já ia em direção à escada.

Joguei o DVD no banco do passageiro do meu velho Corolla, e com a porta aberta, fiquei escutando o silêncio da garagem.

Eu amava aquela casa. Localizada no topo da Roscomare Road, perto da Mulholland, só conseguimos comprá-la porque era vizinha a prédios decadentes e próximo a um shopping. Havia apenas casas do nosso lado da rua e a ideia de morar num bairro tranquilo, que não fosse passagem para outras regiões da cidade, sempre nos agradou. Fiquei orgulhoso daquele lugar assim que nos mudamos: comprei novos números para colar no muro, troquei a luminária da varanda, arranquei uns arbustos grandes do jardim. Tudo feito com carinho e otimismo.

O barulho dos carros na rua invadiu a garagem. Apertei o botão e passei por baixo do portão, que ainda levantava. Dei a volta pela lateral até passar pelas latas de lixo. A janela sobre a pia da cozinha permitia uma visão completa da sala de TV, onde Ariana estava sentada no braço do sofá.

Segurava uma xícara de café que nem seria tocada. Ariana iria chorar até a bebida ficar gelada, então a despejaria ralo abaixo. Como sempre, não consegui me mover, impedido pelo pouco orgulho que ainda me restava, mesmo sabendo que devia falar com ela. Após 11 anos de casamento, eu via minha mulher chorando dentro de casa, enquanto eu, do lado de fora, não encontrava forças para entrar. Afastei-me da janela depois de um tempo. O DVD me deixara ainda mais vulnerável. Eu não tinha ânimo de me punir observando-a. Não naquela manhã.

QUANDO EU ERA PEQUENO nada se comparava ao cinema. Havia um perto de casa onde o ingresso custava 2 dólares e 25 centavos. Aos 8 anos, eu pagava a entrada com as moedas que ganhava catando latinhas para reciclagem.

Sábados e domingos eram dias sagrados. Ao longo dos anos, filmes como Tron, Os jovens pistoleiros e Máquina mortífera se tornaram velhos conhecidos: eu sabia as falas de todos eles na ponta da língua. Sentado na sala escura, eu podia me transformar em qualquer personagem que surgisse na tela, esquecendo-me do garoto sem graça chamado Patrick Davis que morava nos arredores de Boston. Quando a sessão terminava, eu não conseguia acreditar que os nomes nos créditos pertenciam a pessoas reais.

Eu também jogava beisebol (para orgulho do meu pai) e lia bastante (para alegria da minha mãe). Mas quase todos os meus sonhos de infância começavam no cinema. Eu rebatia bolas pensando em Um homem fora de série, andava de bicicleta sonhando em voar como o menino Elliott de E.T.

Siga seus sonhos. Escutei essa frase pela primeira vez na sala da orientadora do meu colégio enquanto lia os panfletos sobre os cursos da Universidade da Califórnia. Siga seus sonhos. É possível encontrá-la em qualquer biografia de celebridades, nos programas de entrevistas, no discurso de qualquer orador pé de chinelo e na boca de gurus mercenários. Siga seus sonhos. Foi o que fiz. O filho do limpador de carpetes atravessando o país, viajando de Boston a Los Angeles, trocando o jeito de falar de Massachusetts pela gíria descolada dos surfistas, abandonando os casacos de esqui e vestindo as camisetas sem manga.

Como qualquer jovem ambicioso, comecei a escrever roteiros na semana seguinte à minha chegada, martelando com os dedos um velho computador. Por mais que gostasse da faculdade, eu me sentia excluído, um estranho. Demorei um tempo para perceber que todo mundo em Los Angeles é um estranho. Alguns são bem-sucedidos porque fingem acompanhar a música que todos são obrigados a dançar. Siga seus sonhos. Não desista nunca.

Meu primeiro lance de sorte foi inesperado. Numa festa de calouros, lá estava ela, sozinha e encostada na parede. Com um copo de cerveja quente na mão, eu me aproximei.

– Você parece entediada.

Os dois olhos negros se viraram em minha direção, avaliando-me de cima a baixo.

- Isso é uma cantada?
- Cantada? – repeti sem graça.
- Sim, cantada, paquera, xaveco...

Por ela valia a pena ficar nervoso, ainda que eu tentasse esconder a ansiedade.

- Podemos dizer que sim – falei.
- Espero que não se arrependa – retrucou, sorrindo.

Ariana e eu nos casamos logo depois da formatura. Nunca tivemos dúvida de que isso ia acontecer. Fomos os primeiros da nossa turma a juntar os trapos, com direito a smoking alugado, bolo de três andares e noiva entrando na igreja ao som de música clássica. Ela estava deslumbrante. Fiquei tão emocionado na hora do brinde que não consegui levantar a taça, a mão tremendo.

Dei aulas de inglês nas escolas de Los Angeles por 10 anos e escrevi roteiros nas horas vagas. Saía do trabalho às três da tarde, o que me permitia fazer o que bem entendesse. Lembro-me de ter enviado meus textos para conhecidos que trabalhavam em estúdios de cinema, mas nunca tive qualquer retorno.

Ariana nunca reclamou do tempo que eu passava diante do computador. Na realidade, ela ficava feliz ao ver a satisfação estampada no meu rosto, da mesma maneira que eu admirava seu amor pelas plantas e pelo design de móveis. Desde o dia em que fugimos da festa de calouros, prometemos viver uma relação equilibrada: não seríamos um casal possessivo, tampouco distante. Nenhum dos dois sonhava em ser rico ou famoso. Por incrível que pareça, queríamos apenas fazer as coisas que nos dessem prazer, que nos deixassem felizes.

Mas a voz insistente não saía da minha cabeça, repetindo milhares de vezes a palavra “cinema”. Também sonhava com atores num set de filmagens ensaiando falas que eu tinha escrito. Confesso que não era muito ambicioso. Eu me conformava com um longa-metragem de baixo orçamento que tivesse exibição única à meia-noite de uma segunda-feira num multiplex com 15 salas. Não era pedir muito, era?

Há pouco menos de um ano, encontrei uma agente num restaurante e ela se mostrou interessada por Você está sendo vigiado, um roteiro que eu havia escrito sobre um banqueiro de investimentos que, sem querer, troca de laptop após faltar energia no metrô. O crime organizado e a CIA começam a perseguir o sujeito. A vida dele é revirada pelo avesso e o homem ainda perde o emprego e a esposa.

No final, ele reconquista tudo o que lhe foi tirado (inclusive a mulher) e se torna um sujeito mais experiente e esperto.

Admito que não é o roteiro mais original do mundo, mas algumas pessoas gostaram. Acabei recebendo uma boa quantia pelo texto e a revista Variety publicou um artigo sobre a história de sucesso de um professor de inglês, com direito a foto. Eu tinha 33 anos e finalmente minha hora havia chegado.

Nunca desista, é o que dizem.

Siga seus sonhos.

Mas há outro provérbio que talvez seja mais adequado.

Cuidado com o que deseja.

1.Famosa revista americana especializada em cinema.

MESMO ANTES DE O DVD cair no meu colo, sempre tive problemas com privacidade. Meu único refúgio era uma “banheira” móvel, um carro enorme e velho que precisava de uns bons remendos. O único lugar onde ninguém podia me fazer um sermão sobre a importância do trabalho e outras chatices. O veículo estava em péssimo estado, especialmente o painel do motorista: o plástico estufado, o hodômetro quebrado e o botão do ar-condicionado preso por um fio.

Encaixei o Corolla numa vaga na frente do mercado. Andando pelos corredores, peguei um cacho de bananas, um saco de amendoim e um chá gelado com ginko, ginseng e outras raízes que ressuscitam até morto. Quando me aproximei da caixa, vi a foto de Keith Conner dentro de uma banheira cheia de folhas na capa da Vanity Fair2. A manchete era perfeita: Astro troca de verdinhas.

– Como vai Ariana? – perguntou Bill, sinalizando para que eu me aproximasse. Uma mulher acompanhada do filho esperava atrás de mim, sorrindo sem paciência. Um sorriso plastificado surgiu de forma instintiva em meu rosto.

– Vai bem, obrigado.

Peguei meus produtos, a esteira se moveu e Bill registrou minhas compras, dizendo:

– Você escolheu uma das melhores para se casar.

Sorri, a mãe impaciente sorriu e Bill sorriu também. Estávamos todos contentes.

De volta ao carro, apertei o pino do que já tinha sido um botão e o girei para ligar o rádio: Diversão, pelo amor de Deus! Ao descer a ladeira, fiz a curva e entrei no movimentado Sunset Boulevard, onde o sol me atingiu de frente. Baixando o quebra-sol, dei de cara com a foto presa com elástico. Seis meses antes, Ariana descobriu um site com fotos dos tempos de faculdade e me obrigou a imprimir aquelas lembranças do passado, escondendo-a em vários lugares. Volta e meia eu encontrava uma. Aquela ali eu achei logo. Ariana e eu em alguma cerimônia: eu de blazer com ombreiras e punhos com babados, ela num vestido de tafetá igual a uma boia salva-vidas. Ao mesmo tempo que estávamos constrangidos, achávamos graça, cientes de que aquilo era um rito de passagem, destoando das outras pessoas. Mas adorávamos aquela situação.

Você escolheu uma das melhores para se casar.

Esmurrei o painel e senti os dedos queimando. Mas continuei a socar. A pele da

mão ficou vermelha. Meu pulso doía. O botão do ar-condicionado voou longe. Com os olhos ardendo e sem ar, olhei para fora. Uma mulher loura mais velha me encarava de um Mustang³ vermelho.

Forcei um sorriso plastificado, mas ela desviou o olhar. O semáforo ficou verde e nós voltamos às nossas vidas privadas.

2.Revista americana sobre cultura pop, moda e política.Publicada desde 1981.

3.Modelo de carro esportivo construído pela FORD.

DEPOIS QUE VENDI O roteiro Ariana ficou mais feliz do que eu. O estúdio definiu que aquela produção seria prioridade máxima. Ao sentar à mesa com executivos, produtores e diretor, fiquei um pouco assustado. Mas minha esposa nunca deixou de me incentivar. Abandonei meu emprego, para ter mais tempo de acompanhar o andamento do projeto, lendo milhares de e-mails, participando de reuniões que terminavam em novas reuniões, atendendo telefonemas no meio da rua enquanto minha comida esfriava e Ariana comia a dela sozinha. Eu não contava mais com os conselhos do Sr. Davis, professor de literatura do colégio. Precisava escolher os papéis e acabei escolhendo errado.

Siga seus sonhos. Mas ninguém fala no que precisamos deixar pelo caminho. Os sacrifícios. As inúmeras maneiras pelas quais a vida pode ir pelo ralo enquanto esperamos o sol nascer.

Eu estava muito agitado para escrever (sobretudo para escrever bem). À medida que o roteiro de Você está sendo vigiado avançava, minha agente o relia e, assim como outros textos que mofavam nas minhas gavetas, nenhuma linha lhe agradava. Sentia minhas ambições esvaziando-se lentamente como um pneu furado e ela também parecia estar ficando murcha. A falta de foco se transformou num bloqueio e ainda assim eu não conseguia dar atenção às pessoas próximas. Estava no olho do furacão: não sabia se o filme daria certo, se eu tinha talento para escrever ou se não passava de uma fraude.

Ariana e eu nunca mais reencontramos o equilíbrio na nossa relação. Guardávamos ressentimentos, não entendíamos o estado emocional do outro. O sexo se tornou algo estranho: estávamos muito distantes para sentir tesão. A conexão que havia entre nós simplesmente desapareceu. A rotina havia nos soterrado.

Ariana forçou uma amizade com nosso vizinho Don Miller: um café duas vezes por semana e uma caminhada de vez em quando. Eu disse à minha esposa que ela era ingênua em achar que ele não tinha segundas intenções e que aquela amizade não afetaria seu relacionamento com a esposa dele, Martinique. Ariana e eu nunca controlamos um ao outro, portanto não a pressionei, mas a situação refletia a minha ingenuidade: não sobre Ariana, mas sobre o ponto a que permitimos que as coisas chegassem.

Por mais difícil que fosse admitir, preocupei-me com todo mundo, mas me esqueci de uma única pessoa: eu. Tudo que não dissesse respeito ao filme, que começaria a ser rodado em breve, foi atirado para escanteio. Mandado para a

gélida Nova York no meio de dezembro, quase tive um ataque de pânico ao tomar conhecimento dos prazos. O fato de o diretor proibir o celular no set só piorou as coisas, já que eu era tímido para usar o telefone do trailer dos diretores para conversar com Ariana. Apesar de saber que estava preocupada comigo, não retornava suas ligações.

Durante as filmagens ficou nítido que eu estava ali para receber ordens do ator principal, um rapaz de 25 anos chamado Keith Conner. Deitado em seu trailer, bebendo isotônico e passando metade do dia ao celular (o único liberado era o dele), ele pedia milhares de alterações nas falas, parando apenas para mostrar fotos de garotas nuas que havia tirado com seu aparelho de última geração. O belo salário que me pagavam não era para ter ideias: era para ser babá. Preferia meus alunos do colégio.

Depois de uma semana trabalhando 18 horas por dia, Keith me chamou em seu trailer para dizer que achava melhor que o cachorro do seu personagem tivesse um osso em vez de uma bolinha de borracha. Cansado, respondi que o animal ainda não tinha reclamado e que ao menos o cachorro tinha talento.

Parecíamos duas placas tectônicas se chocando, tamanho era o estresse que havia entre nós. Numa ocasião em que metia o dedo na minha cara, o ator escorregou nas páginas do roteiro que ele próprio tinha jogado no chão e bateu seu belo rosto na estante do trailer. Assim que os assistentes apareceram, desesperados, ele mentiu e disse que eu o acertara. Keith teve graves contusões no rosto. O ator principal naquela condição significava interromper a filmagem por alguns dias. Como estávamos numa locação do outro lado do país, isso renderia um prejuízo diário de 500 mil dólares.

Depois de ter alcançado o paraíso, precisei de nove dias para ser despachado para o inferno, de volta a Los Angeles. Enquanto esperava o táxi que me levaria ao aeroporto, Sasha Saranova declarou-se solidária a mim em seu trailer. Ex-modelo na Bulgária, ela falava com um sotaque irresistível e tinha os cílios mais longos que eu vira até então. Contracenando com Keith, a atriz não se dobrava à personalidade dele. Sua visita era motivada mais por egocentrismo do que por amizade, porém eu estava chateado e sua companhia me fazia bem.

Foi então que Ariana telefonou para o set. Eu tinha sumido, não retornava as ligações havia três dias, com medo de cair no choro ao escutar a voz da minha esposa. Keith estava perto e arrancou o telefone do assistente. Com um compressa de gelo no rosto, contou a Ariana que Sasha e eu estávamos sozinhos no trailer, como fazíamos todas as noites, e que a ordem era de que ninguém nos interrompesse. Sem dúvida, aquela foi a melhor interpretação de Keith Conner.

Ironicamente, eu tinha acabado de deixar uma mensagem no celular de Ariana com detalhes do meu voo. Mal sabia eu que Don Miller estava na minha casa com os documentos do Sindicato do Roteiristas, entregues por engano na residência dele. Imaginei a cena: depois de fazer sexo, minha mulher suada e arrependida escutando minha mensagem e a armação de Keith. Fiquei enjoado.

O voo até Los Angeles foi longo, durante o qual pude refletir bastante sobre a situação. Abatida, Ariana estava ao lado da esteira de bagagens, esperando-me com notícias ainda piores. Ela nunca mentia. Cheguei a achar que estivesse chorando por minha causa, mas, antes que eu dissesse qualquer coisa, ela declarou que havia dormido com outro homem.

Não abri a boca até chegar em casa. Minha garganta parecia estar cheia de areia. Eu dirigia enquanto Ariana não parava de chorar. No dia seguinte recebi a intimação feita a partir da queixa registrada por Keith e pelo estúdio. O seguro que todos tínhamos assinado, conforme descobri, não cobria danos físicos causados por acessos de fúria. Portanto, alguém tinha de pagar os prejuízos. O ator me processava para sustentar sua mentira e o estúdio aproveitou a carona.

A versão de Keith virou manchete nos principais tabloides e minha reputação foi destruída num piscar de olhos. Eu estava fora do jogo sem ter pisado na quadra e minha agente me dispensou, recomendando antes um advogado caríssimo.

Por mais que eu tentasse, o computador não significava mais nada para mim. Meu bloqueio era uma pedra no meio de uma página em branco. Julianne, uma amiga que conheci num pequeno festival de filmes alternativos, foi quem me estendeu a mão: arrumou um emprego de professor assistente de redação de roteiros na Universidade Estadual da Califórnia, em Northridge. Depois de um tempo esquecido em casa, fiquei grato pela oportunidade. Os alunos eram esforçados e a dedicação deles fez com que a experiência de ensinar se tornasse algo mais que um simples alívio. Tinha a sensação de que meu esforço valia a pena. Estava no emprego havia um mês e começava a me sentir melhor.

Mesmo assim eu voltava para casa com a impressão de que aquele lugar era estranho, voltava para um casamento que já não existia. Em algumas semanas comecei a receber a conta do advogado, o que só serviu para me derrubar ainda mais. Era um sentimento de completo desânimo, de que nada na minha vida mudaria. E durante um mês e meio nada mudou.

Até aquele primeiro DVD cair de dentro do jornal.

– VAI! – DISSE JULIANNE, levantando-se para encher a xícara na cafeteira da sala dos professores. – Uma vez só!

Marcello passou a mão pelos cabelos secos com secador e voltou a se concentrar nas provas que supostamente corrigia. Vestia calça marrom, camisa de botão e paletó, sem gravata, já que pertencíamos ao Departamento de Cinema.

– Desculpe, mas não estou com vontade.

– Você tem obrigação com seu público.

– Pelo amor de Deus, não me lembre disso.

– Vai! Por favor!

– Meu instrumento não está preparado.

Parado à janela, eu folheava uma edição da Variety, já que mais cedo o DVD tinha me impedido de ler o caderno de cultura do Los Angeles Time⁴. Como era de esperar, havia um artigo superficial sobre Você está sendo vigiado, que chegaria às telas em poucas semanas.

– Marcello, vai logo, para ela se calar de uma vez – falei sem mover os lábios.

Ele baixou os papéis, pousando-os em sua perna.

– NUM MUNDO DE ABORRECIMENTOS, UM HOMEM SE DESTACA.

Ali estava a voz de milhares de trailers de filmes. Quando Marcello abre a boca, as pessoas ficam arrepiadas. Julianne começou a aplaudir com vontade, se divertindo com o colega.

– Isso é maravilhoso!

– NUMA HORA EM QUE TODAS AS NOTAS DEVERIAM TER SIDO ENTREGUES, UM HOMEM PRECISA SER DEIXADO EM PAZ.

– Está bem, está bem...

Sem graça, Julianne se aproximou. Fechei a Variety para que ela não visse o texto que eu estava lendo e voltei a olhar pela janela. Eu também devia estar corrigindo provas, mas, depois do episódio do DVD, não conseguia me

concentrar. Antes de chegar à universidade, peguei-me estudando o rosto de algumas pessoas na rua, procurando sinais de perigo. Julianne percebeu minha preocupação.

– O que foi? O que você está olhando?

Uma multidão de estudantes saía dos prédios e seguia pelo pátio.

– A vida em curso – respondi.

– Às vezes você é tão filosófico – rebateu. – Devia se dedicar à carreira acadêmica.

O Departamento de Cinema do campus de Northridge atrai três tipos de professores. Há os profissionais que adoram ensinar, abrir a cabeça dos jovens para novos conhecimentos. Marcello faz parte deste tipo, apesar do seu cinismo. Em seguida vêm os jornalistas, como Julianne, adeptos da gola rulê e sempre saindo apressados das suas aulas, preocupados com as resenhas, os artigos e os livros que precisam escrever. Existem também os ganhadores de Oscars, que querem terminar suas carreiras sendo bajulados por jovens admiradores. E finalmente venho eu.

Eu observava lá embaixo os estudantes, que teclavam seus laptops e conversavam sem parar. Tinham um futuro desastroso pela frente. Julianne se desencostou da janela e disse:

– Preciso de um cigarro.

– NA ERA DO CÂNCER DE PULMÃO, UMA COMPLETA IDIOTA RESOLVE ASSUMIR A LIDERANÇA.

– É isso mesmo!

Depois que ela saiu da sala, sentei-me diante dos roteiros de alguns alunos, surpreendendo-me ao ler as mesmas frases várias vezes. Levantei-me e fui dar uma olhada no quadro de avisos. Fiquei ali por um tempo, cantarolando. Eu era a imagem da indiferença. Estava atuando, pois não queria admitir que o DVD me incomodava. Passara tanto tempo entediado e deprimido que havia esquecido como era a sensação de frio na barriga que agora sentia.

Marcello franziu uma sobrancelha, mas não desviou a atenção das provas.

– Falando sério, Patrick – disse ele. – Está tudo bem?

Ele e eu tínhamos criado uma intimidade forçada. Passávamos muito tempo juntos durante os intervalos das aulas na sala dos professores. Ainda assim, demorei a responder.

Julianne voltou, abriu a janela e, irritada, acendeu um cigarro.

– Está rolando uma visita de pais. O olhar de preocupação deles me irrita!

– Patrick ia nos contar por que está tão distraído – falou Marcello.

– É besteira, nada importante. Achei um DVD dentro do jornal de hoje. Fiquei um pouco preocupado. Só isso.

Marcello franziu a testa, massageando a barba perfeitamente aparada.

– Um DVD sobre o quê?

– Sobre mim.

– Fazendo o quê?

– Escovando os dentes de cueca.

– Que coisa de doido! – comentou Julianne.

– Talvez seja uma pegadinha – falei. – Deve ter sido um garoto da vizinhança. Afinal sou o único otário que vai ao banheiro com a janela aberta.

– O DVD está com você? – Os olhos de Julianne começaram a brilhar. – Vamos assistir.

Tomando cuidado com meus dedos machucados, tirei o disco da pasta e o inseri no aparelho da sala. Marcello apoiou o rosto nas costas das mãos e viu o filme calado. Quando a tela se encheu de chuveiros, ele deu de ombros.

– Meio esquisito, mas também não é nada assustador. A qualidade é horrível. Deve ter sido gravado com uma câmera digital.

– Foi o que achei.

– Você deu nota baixa para algum aluno recentemente?

– Não que me lembre. – Eu ainda não tinha pensado naquela hipótese.

– Dê uma olhada nisso. E veja se bateu de frente com algum professor.

– No meu primeiro mês?

– Sua ficha não é lá muito limpa – Julianne refrescou minha memória –quando o assunto é... gente.

Marcello apontou o polegar por cima dos ombros.

– Este departamento está cheio de “artistas”. A maioria tão ruim quanto o sujeito que fez essa gravação. Tenho certeza de que não passa de uma brincadeira de mau gosto. – Ele voltou a corrigir as provas.

– Não sei, não... – Julianne acendeu outro cigarro. – Por que informar alguém de que ele está sendo observado?

– Talvez o sujeito tenha sido expulso da escola de espionagem – brinquei.

Ela concordou com a cabeça. Observamos os alunos saindo do nosso prédio. Com janelas enormes, colunatas e um teto de metal, o edifício que abrigava o Departamento de Cinema sempre me deu a impressão de fragilidade, uma vez que fora reconstruído após o terremoto de 1997.

– Marcello está certo. É provável que seja apenas uma brincadeira. Mas quem se importa? De qualquer maneira – ela soltou uma nuvem de fumaça pela janela –, pode ser uma ameaça. Quero dizer, você é professor de cinema e roteirista...

– Ex-roteirista – corrigiu Marcello sem tirar os olhos dos papéis.

– Tanto faz. Quem quer que tenha feito isso provavelmente sabe que você viu todos os clássicos de suspense. – Com o cotovelo no quadril e o cigarro queimando entre os dedos, Julianne parecia a protagonista de um filme noir⁵. – Deixar imagens como pista. Está parecendo Blow-Up⁶, não está?

– Parece mais Um tiro na noite^{6.1} – falei. – Ou A conversação^{6.2}. A diferença é que não achei o disco por acaso. Ele foi entregue a mim.

– Mas ainda assim, Patrick. Sabiam que você ia ver o filme.

– Mas qual é o propósito?

– Talvez não estejam atrás da coisa de sempre.

– O que seria “de sempre”?

– Descobrir um velho segredo, assustar, se vingar.

Julianne mordeu o lábio inferior, passando a mão pelos longos cabelos ruivos. Percebi quanto ela era atraente, algo que tinha demorado para acontecer. Desde que nos conhecemos, nossa relação era de confiança quase fraternal.

– Alguém do estúdio poderia estar por trás do DVD – acrescentou ela.

– Do estúdio?

– Sim, do seu filme. Tem esse detalhe da ação judicial. O Summit pode estar na jogada.

– Tem razão – concordei. – Tinha me esquecido do processo.

– Você tem alguns inimigos lá dentro. Sem falar dos diretores, há o jurídico, os investigadores contratados... Um deles poderia estar mexendo com você, deixando claro que não estão do seu lado.

Considere a ideia. Eu tinha um amigo que trabalhava na segurança do estúdio e talvez valesse a pena lhe fazer uma visita. Afinal, o disco estava escondido dentro do caderno de cultura.

– Por que não Keith Conner?

– Verdade – respondeu. – Por que não? Ele é rico, maluco e atores têm bastante tempo livre. E fãs que fariam qualquer coisa que eles pedissem.

O relógio da biblioteca soou e Marcello saiu da sala, acenando ao passar pela porta. Julianne deu uma tragada mais forte, o cheiro de menta tomando conta do ambiente.

– Além do mais, você deu um soco na cara dele. Atores não gostam disso.

– Não dei um soco em Keith – falei, cansado daquela história.

Ela via que eu a observava fumar. Devo ter feito uma expressão de desejo, pois levou o cigarro à altura do rosto e perguntou:

– Você sente saudades?

– De fumar, não. E sim do ritual. Abrir o maço, fumar um cigarro de manhã com uma xícara de café. Achava aquilo relaxante. Não deixava de ser uma fuga.

Esmagou o cigarro contra a beirada da janela, os olhos grudados nos meus.

– Você está fugindo de alguma coisa?

– Sim – respondi –, da minha esposa.

4. Jornal americano sediado na cidade de Los Angeles. É um dos maiores jornais dos EUA.

5. Filme Noir, é um estilo visual, marcado pelo contraste entre o preto e o branco, narrações em off e roteiros policiais cheios de reviravoltas.

6. Filme policial de 1966. /6.1. Filme policial de 1981, com John Travolta./6.2.Filme de suspense de 1974, com Gene Hackman.

QUANDO PAREI NA ENTRADA da garagem, Don Miller saiu de casa, como se estivesse esperando minha chegada. Foi um pouco antes das 10 da noite, quando eu voltava do cinema. Prometi a um aluno que assistiria a um filme a partir do qual ele faria um curta-metragem, uma paródia do original. Aproveitei e vi todos os filmes em cartaz. Era melhor do que ficar em casa.

Quando andei até a caixa de correio, Don veio ao meu encontro. Um sujeito enorme, confiante, corpo de ex-atleta. Pigarreou e disse:

– Ah... A cerca que separa nossas casas está desabando.

Coloquei no chão a sacola de roupas que eu pegara na lavanderia.

– Percebi.

– Eu ia mandar um jardineiro consertar, mas queria saber se você concorda.

Olhei para as mãos e para a boca de Don. Percebi que estava deixando o cavanhaque crescer. Um ódio indescritível começou a correr pelas minhas veias, mas fiz que sim com a cabeça e disse:

– Boa ideia.

– Eu... Ah, sei que as coisas andam difíceis, então pensei em pagar o serviço.

– Pode deixar que metade é por nossa conta. – E me virei para entrar em casa.

Mas meu vizinho deu um passo à frente.

– Escute, Patrick..

Olhei para baixo. A bota dele cruzava o limiar da minha garagem. Ele acompanhou o movimento da minha cabeça, seu rosto ficando vermelho. Recuou, acenou uma vez, acenou novamente e entrou em casa. Observei até que a porta de Don Miller se fechasse. Então segui adiante.

Joguei as correspondências e a sacola de roupas na mesa da cozinha e tomei um copo d'água. Com a barriga encostada na pia, passei as duas mãos pelo rosto, tentando ignorar os envelopes com as cobranças que meu advogado insistia em mandar. Seu saldo bancário devia ter caído para a perigosa cifra dos 30 mil dólares e cabia a mim ajudá-lo.

Ao lado deles percebi o canhoto da lavanderia a seco. Em meio à confusão daquela manhã, acabei me esquecendo de pegar o papel. Apesar dos problemas, Ariana e eu dividíamos as tarefas domésticas numa tentativa de manter a civilidade. Ela precisaria do terninho para uma reunião no dia seguinte. Talvez, por algum milagre, o entregador da lavanderia o tivesse deixado na nossa varanda. Quando me virei, uma correspondência chamou minha atenção. O envelope vermelho da locadora de filmes parecia estufado. Meu coração disparou. Peguei a embalagem. O lacre havia sido violado e depois colado. Rasguei-o para abrir e virei-o para baixo, percebendo um envelope em seu interior.

Dentro dele havia outro DVD sem identificação.

Minhas mãos tremiam enquanto eu colocava o disco no aparelho. Tentava me acalmar, mas minha pele estava fria e suada. Meu pavor se assemelhava ao de um garoto que insiste em fazer a brincadeira do copo numa noite fria e chuvosa.

Desabando no sofá, acelerei o DVD, passando por imagens da varanda da frente da minha casa. Meu medo se transformara em impaciência – eu não tinha tempo a perder. A mesma qualidade de imagem, chapada e sem profundidade. Pelo ângulo, percebi que a câmera devia ter sido posicionada no telhado da casa de Don e Martinique.

Eu estava tão nervoso que a manta e as almofadas do sofá já se espalhavam pelo chão. Com os dedos cravados nos joelhos, eu olhava ansioso para a tela.

Lá estava eu novamente. Ver meu rosto na TV me deixou paralisado. Assistir a uma gravação em que você realiza atividades do dia a dia sem saber que está sendo filmado é uma sensação próxima do absurdo.

Nas imagens, eu entrava no campo de visão e olhava ao redor, nervoso. As roupas eram as mesmas que usava agora. Meu aspecto era de um homem cansado com uma expressão preocupada. Seria aquela minha imagem atual? O ano anterior não tinha sido fácil. Eu parecia muito mais novo na foto publicada na Variety na ocasião da compra do meu roteiro pelo estúdio.

Quando desci os degraus da varanda, a câmera tremeu um pouco, mas logo se estabilizou. Cravei os dedos no sofá. Não havia sinal de movimento na gravação anterior, indicando que alguém tinha deixado a câmera ligada e voltado depois para pegá-la. A nova filmagem eliminava qualquer dúvida: a pessoa atrás da câmera acompanhava meus passos.

Assisti a mim mesmo andar em volta da casa, parando diante da janela do

banheiro e curvando a cabeça para examinar o chão, inspecionando a grama molhada. A chaminé dos Miller aparecia no canto da imagem. Olhei ao redor e por pouco não encarei a câmera, como o fotógrafo Lars Thorwald em Janela indiscreta. Um close mostrava meu semblante cansado, irritado. Eu disse algo em direção à janela e as venezianas se fecharam graças à mão imperceptível de Ariana. Arrastei-me de volta à varanda e desapareci dentro de casa.

A imagem ficou preta e percebi que eu já estava de pé diante da bancada da TV. Respirando com dificuldade, voltei ao sofá e sentei-me. Enterrei uma das mãos no cabelo, sentindo o suor na minha testa.

Ariana estava na cama, no andar de cima. Eu ouvia o barulho da televisão através do teto da sala. Quando estava sozinha, minha mulher via algum programa humorístico para se distrair. Como descobri a duras penas, ela não gostava de ficar sem companhia. Alguns carros passaram pela rua, os faróis riscando as cortinas da sala.

Corri, fechei as cortinas e fiquei observando através delas. Haveria uma câmera filmando nossa casa naquele instante? Meus sentimentos eram confusos, uma mistura de preocupação, raiva e medo. Ouvindo as risadas da televisão no quarto de cima, meus movimentos se tornaram mais rápidos e frenéticos. Primeiro o caderno de cultura do jornal. Agora o envelope da locadora. Tudo levava a Keith ou a alguém do estúdio. Mas a confusão durante as filmagens acontecera meses antes, uma eternidade para os padrões de Hollywood. Talvez alguém tivesse lido sobre o episódio e decidira me importunar.

Uma luz se acendeu no quarto dos Miller. Lembrei-me de Don me abordando quando cheguei em casa alguns minutos antes. E o novo vídeo tinha sido filmado do telhado deles naquela manhã, num horário no qual alguém dificilmente conseguiria andar lá por cima sem ser percebido. Meu vizinho era o suspeito número um.

Saí no intuito de ir até a casa dele, mas travei no meio da calçada. Don talvez fosse a escolha mais óbvia porque era a mais conhecida. Sem dúvida era um idiota, mas que motivo teria para me filmar?

Fui até a frente da casa e parei à beira da calçada. Não dava para perceber se havia uma câmera no telhado. Escalar a residência seria o passo mais lógico, porém não era a atitude mais racional.

Girando num círculo, examinei os telhados e as janelas da vizinhança e os carros estacionados diante do shopping meio quarteirão acima. Imaginava lentes me filmando atrás das sombras. Mas, até onde minha visão alcançava, não havia

qualquer câmera para registrar minha subida no telhado.

A propósito, eu precisava achar um ângulo melhor para verificar se a câmera estava ou não lá em cima. As sacadas dos apartamentos do outro lado da rua ofereceriam uma visão parcial do telhado dos Miller, assim como os dois postes de luz e o de telefone. O telhado da mercearia era distante demais. Talvez eu pudesse enxergar de algum ponto da rua. Rapidamente subi e desci a Roscomare, experimentando diferentes ângulos. Mas o telhado era pouco inclinado para permitir uma visão do ponto de onde eu tinha sido filmado. Cheguei à conclusão de que o único lugar possível era do nosso telhado.

Corri de volta para casa. No momento em que subi no beiral da garagem, senti que o vento estava forte, atravessando o tecido da minha camisa e levantando as barras da minha calça. Uma árvore bloqueava a iluminação do poste da rua. Tentei ignorar o barulho que as solas dos meus tênis faziam ao raspar a calha, mas enganchei a perna quando passei para o telhado da cozinha.

– Ei! – gritou Ariana na porta da garagem, de calça de moletom e camisa de manga comprida.

– Verificando a cerca a esta hora? – O tom era mais de irritação do que de sarcasmo.

Parei no meio da subida, meu pé ainda sobre a calha.

– Não, o cata-vento está solto. Fica batendo contra o telhado.

– Não tinha percebido.

Estávamos quase berrando. A ideia de uma câmera filmando Ariana ou nossa conversa me deixou ainda mais nervoso. Meus ombros ficaram tensos e os pelos do pescoço se arrepiaram.

– Escute, vá para dentro. Está frio aqui fora. Desço num minuto.

– Preciso levantar cedo. Vou para a cama. Mas invente outra história.

Desapareceu sob o beiral do telhado e segundos depois ouvi a porta da frente bater com força.

O telhado era íngreme, portanto mantive o corpo abaixado, o joelho e o antebraço em contato com as telhas. Como um caranguejo, consegui subir na diagonal, chegando ao ponto mais próximo da casa dos Miller. Senti-me mais seguro quando alcancei nossa chaminé.

Não havia nenhuma câmera no telhado dos vizinhos, no entanto, a vista para as sacadas, os postes e outros pontos mais altos era perfeita. Eu estava no lugar ideal para encontrar esconderijos. Casas, árvores, quintais, carros, postes: examinei tudo ao redor até meus olhos começarem a arder.

Nada.

Apoiando-me na chaminé, dei um suspiro profundo, uma mistura de alívio e decepção. Comecei meu caminho de volta. Foi então que vi um brilho na parte do telhado que cobria meu escritório. Montada sobre um pequeno tripé e olhando diretamente para mim, lá estava ela: a câmera.

Meu coração parou de bater. Senti um terror plácido, semelhante ao dos pesadelos, nos quais o pavor é amenizado pela certeza de que estamos apenas sonhando. O tripé tinha sido ajustado para compensar o desnível da superfície. A inclinação na parte traseira do telhado agia como uma barreira contra o vento. Quem quer que tivesse colocado a câmera ali (direcionada não para o telhado de Don, e sim para onde eu me posicionaria para espiar o telhado do meu vizinho) sabia exatamente o que eu iria fazer. Apoitados sobre as telhas cheias de limo, a câmera e eu nos cumprimentamos, como dois pistoleiros numa rua de uma cidade fantasma. O vento assobiava nos meus ouvidos, à espera da trilha sonora do maestro Ennio Morricone⁸.

Com as solas dos meus tênis coladas nas telhas, abandonei a chaminé e fui agachado até a cumeeira, o ponto onde os telhados se encontravam. Minha garganta estava seca e a língua se colava ao céu da boca. A inclinação parecia maior do que quando observada de baixo e o vento não ajudava. Quando cheguei ao topo, senti uma tonteira por causa da altura. Abracei o cata-vento enferrujado e então enxerguei a câmera de perto, posicionada logo abaixo, a um metro de onde eu estava.

Era minha.

A lente enquadrava a parte do telhado de onde eu acabara de sair. A luz do aparelho estava desligada, sinal de que minha aventura ali em cima não tinha sido gravada.

Ouvi carros cantarem pneu na curva mais abaixo, desequilibrando-me um pouco. Apoiei-me nas telhas e agarrei a câmera. O cartão de memória estava vazio e o aparelho, desligado. Por que ela estava ali? Seria uma espécie de isca?

A luz do quarto dos Miller se apagou. Eram 10 e meia. Achei estranha aquela

coincidência: a casa dos meus vizinhos ficou às escuras no momento em que coloquei a mão na câmera.

Sem jeito, peguei o aparelho, uma Canon barata que eu jamais usara, desci pela beira do telhado e pulei em nosso canteiro de hera. Entrei rapidamente em casa, sentei-me à mesa de jantar de madeira escura projetada por Ariana e girei a câmera nas mãos. Com zoom ótico, bateria de longa duração e opção de gravar em DVD, ela podia ser manuseada por uma criança de 2 anos.

Fui até o banheiro, joguei água no rosto e fiquei com as mãos apoiadas na pia, encarando as venezianas que estavam a meio metro do meu nariz.

Finalmente subi até meu escritório. A enorme mesa comprada numa liquidação ocupava o cômodo quase inteiro. Verifiquei o armário onde a câmera ficava guardada e tive a confirmação de que ela havia desaparecido. De volta ao térreo, peguei os dois discos e vi que eram idênticos. Contive-me para não subir a escada correndo, o que acabaria acordando Ariana.

Peguei o pino de DVDs virgens na estante do meu escritório. O disco era idêntico: mesma velocidade de gravação, capacidade de armazenamento e marca. Desde que começara a gravar os seriados no ano anterior, eu tinha usado uns 10 discos. Havia um adesivo no plástico: “Embalagem com 30 unidades.” Uma rápida contagem revelou que ainda restavam 19 DVDs virgens. Será que eu tinha usado os outros 11?

No que parecia uma maratona de mau gosto, corri ao andar de baixo. Na bancada da sala de TV achei quatro discos gravados com *The Shield*⁹, dois de 24 horas^{9.1} e um com *Desperate Housewives*^{9.2} (de Ariana). Um DVD de *American Idol*^{9.3} tinha a marca de um copo de cerveja. Oito discos no total. Apesar de raramente assistir a um programa mais de uma vez, eu não tinha jogado fora nenhum dos DVDs. O que significava que faltavam três. Três discos.

Procurei no armário embaixo da TV e conferi se havia algum disco caído atrás do aparelho. Nada. Três DVDs desapareceram, dos quais eu tinha recebido dois de maneira misteriosa.

Fui até a varanda, deixando entrar um vento frio. Nenhum sinal do terceiro disco. Fechei a porta, girei a chave e passei a corrente. Olhei através do olho mágico. Virei e encostei as costas na porta.

O terceiro DVD estaria a caminho? Eu teria sido filmado por outra câmera enquanto pegava minha Canon em cima do telhado?

A ficha finalmente caiu e comecei a rir. Não era graça o que eu achava. Era uma risada que as pessoas dão quando perdem o equilíbrio e rolam escada abaixo, querendo mostrar que está tudo bem.

Atravessei a cozinha, sentei-me à mesa de jantar e abri a câmera.

O terceiro DVD estava lá dentro.

8.Ennio Morricone, compositor, arranizador e maestro.Já compôs para mais 500 musicas para filmes e programas de TV.

9.The Shield, seriado americano policial. 9.1.24 Horas, seriado americano que narra o dia do policial Jack Bauer (Kiefer Sutherland). 9.2. Desperate Housewives, seriado americano sobre o cotidiano de famílias do subúrbio dos EUA. 9.3. American Idol, concurso de TV para escolher novos cantores.

OS FUNDOS DA CASA apareceram aos poucos. A câmera estava perto do chão, filmando os arbustos e criando uma atmosfera de filme de terror. Num dos cantos da tela, via-se a estufa de Ariana. Segundos depois, a câmera começou a rastejar pela grama, indo em direção à parede diante da qual eu me sentava. Imaginei a trilha sonora perfeita: violinos estridentes acompanhados por uma respiração ofegante. Mas o silêncio conseguia ser mais assustador.

A câmera passou ao lado da luminária do jardim, correu sobre a tampa da cisterna até subir pela fachada, aproximando-se do parapeito da janela e filmando o teto da sala, iluminada apenas pela TV.

Minhas costas estavam molhadas de suor. Sem eu perceber, meus olhos se moviam até a janela. Através das cortinas quase transparentes, o quadrado de vidro me encarava. Até aquele momento eu não entendia a expressão “estômago embrulhado”. Mas agora sentia o medo dentro de mim como uma pedra de gelo seco queimando no estômago. Para aumentar ainda mais o pânico, meus olhos tinham medo da tela. Como num quadro surrealista, a TV parecia ser a ameaça e a janela um mero objeto fictício.

De repente a câmera se firmou no parapeito, fazendo uma varredura completa da sala, a imagem fixa numa figura cochilando no sofá. Enquanto o aparelho se afastava devagar, eu sentia meu coração despejando adrenalina nas minhas veias.

A imagem tremeu e avançou paralelamente à parede, em direção à cozinha. Num giro rápido a câmera retomou o foco, parando diante da porta dos fundos. Fiquei paralisado.

Protegida por uma luva de borracha, a mão torceu a maçaneta, que não mostrou resistência. Apesar dos avisos de Ariana, eu sempre me esquecia de trancar a porta depois de levar o lixo para a rua. Um leve empurrão e o intruso estava diante da geladeira.

Meu olhar foi atraído automaticamente para a porta da cozinha e então voltou à tela. A câmera avançou devagar pelo cômodo, atravessou o portal para a sala de TV e focalizou o sofá no qual eu estava dormindo, no qual agora eu me sentava, contendo-me para não ser idiota a ponto de olhar para trás à procura de uma câmera.

Não conseguia desgrudar os olhos da tela. De repente a câmera se posicionou em cima de mim. Eu dormia: meu rosto estava pálido e minhas pálpebras tremiam.

Virei-me para o lado e enrolei a ponta do cobertor no punho. A lente se aproximou. Mais perto, mais perto. A imagem embaçada permitia ver minha pálpebra piscando: eu sonhava. A câmera chegou mais perto, até meu rosto sair de foco, até aparecer os chuveiros na tela. E de repente a escuridão. Minha mão estava enrolada no cobertor como na filmagem. Limpei o suor do pescoço na calça, formando uma mancha.

Corri escada acima e empurrei a porta do nosso quarto, que estava escuro. Ariana dormia sem saber de nada, livre do perigo. Sua boca se encontrava ligeiramente aberta e o cabelo lhe caía sobre os olhos. Um pouco mais calmo, encostei-me no portal. Na TV, o apresentador anunciava a previsão do tempo. Meu impulso foi acordá-la, mas me contive ao escutar o ritmo tranquilo de sua respiração. A cama, um móvel novo com acabamentos à mão, parecia sólida e segura. Ariana havia jogado fora nossa cama antiga no mês anterior. O colchão também era recente. Mas fazia tempo que eu não dormia naquele quarto.

Voltei ao corredor, fechei a porta devagar e me encostei na parede, respirando com dificuldade. Não havia como Ariana estar em perigo. A filmagem deve ter sido feita na noite anterior e eu tinha visto minha esposa havia menos de uma hora. Mas era difícil ser racional diante daquela situação.

Fui até o térreo e me sentei no sofá em que fui filmado dormindo, separado da minha esposa: o sofá-cama que eu me recusava a abrir por medo de que aquilo significasse a permanência da situação atual. No filme, o cobertor não deixava à mostra a cueca que eu usava. Portanto, havia uma pista a menos para descobrir a data da filmagem. Peguei o controle remoto e apertei a tecla “play”. Ver novamente a câmera aproximando-se da minha casa me deixou ansioso. Tentei ignorar aquela sensação. Pela altura da grama não era possível determinar quando tinha sido aparada. Nada diferente na porta dos fundos. Prestei atenção na cozinha: não havia nenhum prato na pia. O lixo! Apertei com força a tecla “pause” e analisei a lixeira cheia. Uma caixa de cereais e uma folha amassada de papel-alumínio enfiada num copo de iogurte.

Corri até a cozinha. O lixo batia com a imagem da tela. A caixa de cereal e o copo de iogurte estavam na mesma posição. Era terça-feira. Ariana tinha trabalhado até tarde e provavelmente havia comido fora. Isso queria dizer que nada havia sido descartado desde o dia anterior. Verifiquei a cafeteira e encontrei o filtro sujo dentro.

A filmagem em que eu aparecia dormindo fora gravada na noite anterior. Então o filme do terceiro DVD fora realizado antes do segundo, que por sua vez me mostrava checando o local do primeiro. Um plano perfeito que demonstrava a

genialidade da pessoa por trás da câmera.

Verifiquei a porta dos fundos. Trancada. Ariana devia ter encontrado a porta aberta pela manhã. Usando um lenço, guardei o DVD num estojó vazio.

O comentário de Julianne na sala dos professores ganhava um novo sentido. Aquela situação não era uma simples pegadinha. Três DVDs em menos de 18 horas configuravam uma ameaça assustadora e irritante. Conforme Marcello dizia nos trailers: “Isso é apenas o começo.” Eu precisava contar tudo a Ariana. Apesar dos problemas em nosso casamento, sempre fomos transparentes um com o outro. Mas antes eu precisava ter certeza de que Don não estava por trás daquilo.

Saí e virei à esquerda na calçada. A noite estava agradável, mas o ar puro e a missão bizarra me deixavam um pouco tonto. Um ônibus passou em disparada, sacudindo sua carcaça de metal. Tive tempo de ler o anúncio “Não perca Você está sendo vigiado”, com o vulto de capa de chuva descendo a escada do metrô de Nova York segurando uma pasta. Por pouco não garanti meu nome no obituário do dia seguinte.

A campainha soou estranhamente alta na varanda dos Miller. Agitado com a situação, com a temperatura da noite e com a expectativa de a porta à minha frente se abrir em instantes, eu não parava de mudar o peso do corpo de um pé para o outro, tentando achar a postura ideal. Uma luz se acendeu no interior da casa, seguida por passos lentos, resmungos, e Martinique então apareceu à porta.

A pobre e linda esposa de Don com seus olhos tristes e seu nome exótico. A pele debaixo dos braços estava enrugada e frouxa por causa dos 30 quilos perdidos recentemente. Mesmo despertada no meio da noite, ela tinha uma aparência impecável: o cabelo brilhoso e penteado, a calça do pijama de cetim combinando com a blusa de alcinhas. Era uma mulher perfeita: mandava cartão no Natal, telefonava no dia seguinte aos jantares que Ariana e eu costumávamos oferecer no passado e seus presentes eram sempre enfeitados com lacinhos ou embrulhados em saquinhos de rafia.

– Patrick – falou, olhando-me de um jeito desconfiado –, espero que você não faça nada de que vá se arrepender.

– Não. Desculpe-me se acordei você. Só queria fazer uma perguntinha ao Don.

– Não acho uma boa ideia. Especialmente agora. Ele está esgotado. Viajou o dia inteiro.

– Viajou? Onde ele estava?

– Des Moines¹⁰. Acho que foi a trabalho.

– Por quanto tempo ele ficou fora?

– Duas noites. Por quê? – Ela franziu as sobrancelhas. – Ariana viajou também?

– Não, não – respondi, tentando esconder minha impaciência.

– Depois que a pessoa mente uma vez, tudo fica mais difícil. Como vou acreditar que ele foi para Iowa¹¹? – Ela estava próxima. Senti seu hálito de menta. Era estranho estar tão próximo de uma mulher, o que trouxe a lembrança de que Ariana e eu mantínhamos distância um do outro havia muito tempo. – É complicado, não é? – continuou. – Eles nunca vão entender. Somos as vítimas dessa história.

A palavra “vítimas” não desceu muito bem, mas achei melhor não dizer nada. Fiquei imaginando uma forma suave de perguntar outra vez por Don.

– Desculpe, Patrick. Eu preferia que não fôssemos obrigados a nos odiar. – Deu um passo em minha direção e me abraçou. O cheiro de Martinique era maravilhoso: perfume suave, sabonete feminino e hidratante. Abraçar uma mulher fez com que eu ressuscitasse milhares de sensações. Sensações antigas da minha mulher. Os músculos de Martinique eram mais firmes que os de Ariana. Dei um tapinha leve em suas costas e a soltei, mas ela me segurou por um tempo, tentando esconder o rosto.

Por fim me desvencilhei. Limpou o nariz e olhou ao redor, envergonhada.

– Quando nos casamos, eu era linda.

– Martinique... Você é linda!

– Você não é obrigado a dizer isso. Vocês, homens, só valorizam a aparência. Mas acho que no fim das contas estão certos. – Sacudiu a cabeça e ajeitou uma mecha de cabelo atrás da orelha. – A verdade é que engordei muito depois do casamento. Não é fácil. Minha mãe é enorme e minha irmã... – passou a ponta dos dedos pelas pálpebras para limpar o delineador borrado. – E o Don perdeu o interesse por mim. Perdeu o respeito por mim. Mas eu entendo.

– Verdade?

– Você não acha? – perguntou ela, ansiosa.

– Juro que não sei, Martinique.

Então ele surgiu por trás dela, amarrando o cinto do roupão com um gesto nervoso. Seu peitoral era largo e com poucos pelos. Os músculos da minha nuca se retesaram imediatamente, obrigando-me a tomar uma posição defensiva. A atmosfera havia mudado.

– Martinique – disse com firmeza enquanto ela se virava e sumia dentro de casa, olhando para mim por cima do ombro.

Ele esperou a porta se fechar e então sua cabeça subiu e desceu sobre o pescoço, os olhos cravados nas minhas mãos. Parecia estar tão nervoso quanto eu, mas disfarçava bem.

– O que foi, Patrick?

– Desculpe acordá-lo. Sei que está cansado da viagem. – Eu procurava uma pista, algo que me dissesse que ele não saía da cidade, que andara pelo telhado com uma câmera na mão como um Papai Noel pervertido. – Alguém anda espionando minha casa. Você viu alguma coisa?

– Vocês estão sendo vigiados? – Ele parecia realmente confuso. – Como sabe disso?

Tirei o DVD do bolso.

– Alguém me mandou isto. E a gravação parece ter sido feita do seu telhado. Você se lembra se algum jardineiro ou outra pessoa esteve em sua casa recentemente?

– Patrick, você está me deixando preocupado – falou, colocando uma das mãos na porta e disposto a batê-la caso eu desse um passo à frente.

– Vamos pular essa parte – continuei. – Sabemos o roteiro: você me provoca e eu reajo.

– Não o estou provocando, mas com certeza você está reagindo. – Don começou a fechar a porta, mas estiquei a mão e impedi o movimento sem perder a calma.

– Escute, não vim aqui fazer ameaças nem chamei a polícia. Só queria conversar com você...

– A polícia, é? Escute, não sei no que você está pensando, Patrick, mas não vou cair na sua. Agora dê licença que vou fechar a porta.

Tirei a mão. Sem desviar os olhos dos meus ele fechou a porta devagar. Escutei o barulho da chave e do trinco.

Voltei para casa e tranquei a porta. Ariana estava no sofá. Aqueles dois olhos negros se voltaram em minha direção. Levantou a mão, segurando os dois DVDs.

– Que diabo é isto? Você anda pagando alguém para nos vigiar? Para ficar de olho em mim? Ou isso é coisa de Martinique? Ela me espia enquanto você espia Don? Sem falar que isso é crime! Achei que já tínhamos passado dessa fase!

– Ei! Espere aí! Sou eu quem aparece nos filmes...

– Isso é espionagem! E daí que você aparece? Quantos mais desses existem? Por acaso estão me vigiando?

– Não faço ideia de quem esteja por trás desses vídeos.

Dei um rápido passo à frente, mas ela recuou com medo. Fiquei assustado, pois minha mulher nunca fizera um gesto daqueles. Não nos movemos por uns segundos, os dois espantados com a reação dela.

Ariana ajeitou uma mecha que caía sobre a testa e bateu rapidamente as mãos, indicando que precisávamos de calma.

– Tudo bem. Então você está me dizendo que não está envolvido nisso.

– Não! É claro que não!

Desviou o olhar e respirou fundo.

– Patrick, você está começando a me assustar. Você tem andado nervoso e agora parece fora de si, bisbilhotando por cima da cerca e subindo no telhado para espionar os vizinhos. Para piorar, toca a campainha deles a uma hora dessas! Não sei mais o que fazer. Não esqueça que Don guarda uma arma em casa. Essa loucura vai acabar matando você e aí sou eu que vou me sentir culpada.

– Me matando?

– Achei que Don fosse dar um tiro na sua cara! – Começou a chorar num misto de raiva e alívio. – Se alguém deve lhe dar um tiro, esse alguém sou eu!

Ergui o terceiro DVD.

– Você precisa ver este aqui.

Segurando o disco com o lenço, inseri-o no aparelho e a tela preta foi substituída pela imagem dos fundos da nossa casa. Enquanto o filme rolava, Ariana sentou no chão, aflita, colocando uma almofada entre as pernas. Ela levou um susto quando a luva agarrou a maçaneta. Pela primeira vez reparei a manga de um moletom cobrindo o braço do invasor.

O vídeo acabou e Ariana se limitou a perguntar num tom áspero:

– Por que não me contou? Por que não chamou a polícia?

– Não queria assustá-la. Até porque acabei de encontrar este aí em cima do telhado. Eu ia contar, mas antes precisava descobrir se Don estava envolvido.

– Don nunca faria uma coisa dessas! – disse ela com firmeza.

– Concordo. Mas a polícia também não vai ajudar.

– Como assim? Alguém invadiu nossa casa!

– Eu sei, mas isso não prova nada. Eles vão dizer que não é possível saber quem fez isso. Vão dizer que poderia ter sido você.

– Eu? Patrick!

– Eles não podem fazer nada. Vai ser o velho “telefone novamente caso surja algum problema” e blá-blá-blá.

A campainha tocou e Ariana ficou paralisada.

– Droga, droga, droga! – disse ela baixinho. – Acho melhor não atender.

10.Des Moines, capital do estado de Iowa (EUA).

11. Iowa, estado americano localizado na região centro-oeste dos EUA.

ABRI A PORTA E encontrei uma mulher corpulenta com óculos ovais de armação de plástico. Seu cabelo era partido ao meio e repicado, com o aspecto de uma juba. A circunferência de sua barriga indicava que tinha acabado de ser mãe e sua assertividade reforçava minha impressão.

– Sou a investigadora Sally Richards e este é o investigador Valentino.

Um negro esbelto deu um passo atrás dela. Seu cabelo tinha cinco centímetros de altura, largura e profundidade e parecia não ver um pente fazia um tempo. Sua boca se contraiu e o bigode dançou sobre os lábios. Assim como sua parceira, Valentino vestia calça, camisa de botão e blazer.

Atrás de mim, Ariana disse numa voz fraca:

– Investigadores? Achei que fossem mandar dois policiais.

– Somos da delegacia de Bel Air. – Sally puxou o cinto para cima, pesado por conta da pistola e da lanterna presas à cintura. – Essa história de filmagem está muito estranha, então a Central nos mandou vir aqui investigar.

Valentino piscou duas vezes, demonstrando irritação.

Ariana tinha ligado para a polícia enquanto eu conversava com Don. Mas agora que dois investigadores estavam à nossa porta eu precisava arrumar uma explicação. Conduzi-os até a sala, indicando a mesa de jantar como se aquele fosse um encontro social. O olhar de Sally parou nas minhas mãos machucadas.

Estiquei os braços ao longo do tronco.

– Desejam beber alguma coisa? – perguntou Ariana.

Valentino disse que não, mas Sally abriu um sorriso.

– Eu adoraria! Um copo d’água e uma colher.

Ariana levantou a sobrancelha, mas acatou o pedido. A investigadora retirou três saquinhos de adoçante do bolso da calça, despejou o conteúdo no copo e mexeu com a colher.

– Nem me pergunte... É uma dieta que arrumei para conseguir entrar no biquíni até o verão. Então, o que está acontecendo?

Enquanto explicava tudo a eles, percebia que Sally discretamente observava as reações de Ariana diante de alguns fatos. No meio do meu discurso, Valentino se levantou e ficou observando a janela da cozinha, ainda que as persianas estivessem fechadas. Quando terminei, Sally bateu na mesa duas vezes e falou:

– Então vamos dar uma olhada nesses DVDs.

Inseri o primeiro disco e os investigadores se entreolharam ao ver que eu o segurava com um lenço. Ficamos de pé em frente à tela como quatro olheiros assistindo a uma partida de futebol. Assim que o último DVD chegou ao fim, Sally disse:

– Ora, ora...

De volta à mesa de jantar, ela se sentou e Ariana e eu achamos melhor fazer o mesmo. Valentino preferiu ficar na sala de TV revistando os armários. Nervosa, minha mulher não parava de olhar para ele. Percebi que a investigadora tinha escolhido a cabeceira para que Ariana e eu ficássemos de costas para seu parceiro.

A investigadora passou a mão pelo tampo laqueado da mesa.

– Foi você quem projetou, não foi?

– Como você...? – perguntou Ariana, boquiaberta.

– As revistas perto da entrada, o bloco de desenho ao lado da escada e as manchas de carvão na manga da sua camisa. Vi que você é canhota, sinal de uma pessoa criativa. E suas mãos – Sally se esticou sobre a mesa, segurando os pulsos de Ariana como se fosse uma cartomante – são mais ásperas que o normal. Mãos que trabalham com lixas. Portanto, uma designer de móveis.

Ariana puxou as mãos. Valentino já estava bem atrás de nós.

– Guardam uma cópia da chave da casa do lado de fora?

– Debaixo de uma pedra na porta da garagem – respondi. – Mas, como eu disse, provavelmente fui eu que deixei a porta destrancada.

– Mas não tem certeza? – rebateu ele, dirigindo-se a mim.

– Não.

– E alarme? Vi que vocês têm a placa da empresa de segurança na fachada.

– Mas é só a placa. Era do morador anterior. Desativamos o serviço assim que nos mudamos. Mas deixamos o aviso para afugentar qualquer engraçadinho.

Valentino fez um barulho com a garganta.

– Por quê? – perguntou Sally.

– Era muito caro.

Valentino olhou ao redor, fazendo beijo, talvez analisando os móveis caros.

– Tudo bem – falei –, vamos chamar a empresa e reativar o serviço.

– Funciona por código ou chave? – perguntou ele.

– Os dois.

– Quantas chaves?

– Duas.

– Onde estão?

– Aqui. – Fui até a gaveta do armário e as peguei.

– Mais alguém sabe onde ficam guardadas?

– Não.

Valentino as tirou da minha mão e as jogou na lixeira.

– Providencie chaves novas e mude o código. Não conte para ninguém: nem para a faxineira, nem para o cachorro, nem para o papagaio... ninguém! – Seu olhar era inexpressivo. – Só vocês dois podem saber.

Sally se levantou e fez um sinal em minha direção.

– Vamos lá fora, Patrick – Ariana começou a se levantar, mas Sally disse: – Está muito frio. Por que não espera aqui dentro com Valentino?

Ariana encarou-a por uns cinco segundos.

– Ótimo. Vou pegar a chave debaixo da pedra.

Ela gesticulou, insinuando que eu seguisse na frente, e saímos pela porta dos

fundos. Do lado de fora se abaixou e examinou a maçaneta.

– Investigadora Richards...

– Por favor, me chame de Sally.

– Ok, Sally. Por que ele estava usando luvas de borracha?

– Porque as de couro deixam marcas, assim como as digitais.

– Então se o cara usasse luvas de couro você conseguiria identificá-lo?

Ela inclinou a cabeça, olhando-me com atenção.

– Roteirista, não é?

Sorri. A encenação sobre as revistas e o carvão na camisa de Ariana provavelmente não passava de disfarce para uma pesquisa no Google.

– Na verdade, professor.

– Cara – observou ela. – Você disse “o cara”.

– Acho mais provável. A mão na luva parecia ser a de um homem.

– Achei um pouco grande, mas nada impede que seja uma mulher com retenção de líquido.

Agachei-me perto dela.

– Ele usou a mão direita para abrir a porta. Suponho então que seja canhoto.

Sally se levantou de repente, surpresa com minha observação.

– Está bem – disse ela. – Mas quem garante que ele usaria a mão dominante para segurar a câmera? – Voltou a me olhar com o canto dos olhos. – Bom saber que você não está obcecado com essa história.

Uma marca no degrau da entrada chamou sua atenção. Era a ponta de uma pegada. Ela me afastou e examinou o local, apoiando-se sobre os joelhos. Meu coração começou a bater mais rápido.

– O que foi?

– É a pegada de um homem mexicano de 1,90m, 86 quilos, e com uma sacola

pendurada no ombro direito.

– SÉRIO?

– Claro que não! É só uma porcaria de pegada.

Eu ri e a investigadora esboçou um sorriso. Pelo jeito ela me achava tão engraçado quanto eu a achava. Mas não tínhamos tempo a perder.

– Deixe-me ver seu sapato – pediu. – Sim, é para tirar do pé.

Tirei o sapato e ela o colocou em cima da marca, numa combinação perfeita.

– De volta à estaca zero.

– Veja só.

Levantou-se e se esticou para alongar as costas, soltando um gemido. Acendendo a lanterna, seguiu rente à parede, fazendo o caminho inverso da câmera.

– Você tem algum problema com sua esposa canhota?

A luz do quarto de Don e Martinique ainda estava acesa.

– Todos os casais têm problemas – respondi.

– Algum problema com outra pessoa?

– Keith Conner e o estúdio Summit Pictures. O caso saiu em todos os jornais de Hollywood.

– Eu não tenho tempo de ler essas coisas. Conte-me, por favor.

– O juiz determinou segredo de Justiça até que o assunto seja resolvido. O estúdio não queria mais uma linha sobre o processo.

Dirigiu-me um olhar de desapontamento, como se eu fosse um cachorro que tivesse feito xixi no tapete da sala.

– Então talvez isso não seja tão importante.

– É uma bobagem tão grande que você nem acreditaria.

– Acreditaria, sim. Prendi um diretor mês passado por ter feito cocô na piscina do agente dele. Não conte para ninguém, mas foi Jamie Passal. – Ela me olhou

esperando retribuição.

Inspirei ar fresco e contei tudo sobre Keith, sobre como ele havia escorregado e batido o rosto na estante, sobre a mentira de que eu o acertara, sobre a armação dele e do estúdio para me processar. Quando terminei, percebi um ar de indiferença na investigadora.

– Briga por dinheiro é comum. – Olhou para mim e acrescentou: – Briga doméstica também não é novidade. – Em seguida passou os dedos pela parede como se procurasse tinta fresca. – Então esse lance com o Summit e o Keith ainda está rolando?

– Está.

– E envolve muita grana?

– Sim.

– É um pouco exagerado achar que um estúdio e um ator como Keith perderiam tempo brigando com você, não é?

Apertei os lábios e fiz que sim. Eu achava a mesmíssima coisa.

– Além do mais – disse ela –, o que esperam ganhar com isso?

– Algum tipo de exigência?

Ao levantar aquela hipótese eu mesmo a achei exagerada e o gesto que Sally fez com a cabeça me mostrou que ela compartilhava a minha opinião.

– Vamos voltar a Ariana. – A investigadora conduziu nossa conversa de modo que agora estávamos diante da janela da sala de TV. – Ela tem algum inimigo?

Ficamos lado a lado, com uma privilegiada visão do sofá. Respirei fundo e disse:

– Além da esposa do vizinho?

– Está bem – respondeu Sally. – Já entendi. – Fez uma pausa. – Não preciso me preocupar com suas mãos machucadas, preciso?

– Não, não. De vez em quando esmurro o painel do carro.

– Isso o faz se sentir melhor?

– Ainda não. Voltando ao assunto, não acho que Ariana tenha inimigos. Seu único

defeito é ser muito “amigável”.

– E ela faz isso sempre? – perguntou Sally.

– Que eu saiba, apenas uma vez.

– As pessoas nos surpreendem, Patrick.

– Eu completaria com “surpreendem o tempo todo”. – Seguindo-a pelo gramado, acrescentei: – Ariana não sabe mentir. Seus olhos são muito expressivos.

– Quanto tempo ela demorou para lhe contar sobre o vizinho?

Sally e eu nos entendemos com facilidade. Ela parecia uma pessoa confiável e interessada nas minhas opiniões sobre vários assuntos. Ou será que não passava de uma investigadora perspicaz? Qualquer que fosse o caso, acabei respondendo:

– Umas seis horas.

– Por que ela demorou tanto?

– Eu estava viajando. Ela me pegou no aeroporto depois da confusão com Keith.

– Seis horas é razoável. Mas eu me pergunto se ela não está demorando para lhe contar outra coisa.

Empurrou os galhos de uma árvore, liberando nossa passagem. Não havia nenhuma pegada no solo. Mirou a luz da lanterna na parede da estufa. Fileiras e mais fileiras de flores nas estantes.

– Lírios?

– Sim, a maioria.

Deu um assobio.

– Ouvi dizer que o cultivo dessas flores não é fácil.

– O bulbo demora de três a cinco anos para brotar. Sem falar das pragas.

– Então é plantar e rezar para que tudo dê certo.

– É mais ou menos isso.

Com seu porte avantajado, a investigadora subiu na cerca dos fundos e observou

a rua de trás.

– A pessoa pode ter entrado por aqui.

Fiz um sinal em direção à outra cerca, que separava nosso quintal do terreno dos Miller.

– Ou por lá.

– Ou por lá – concordou.

Sally desceu da cerca, suspirou alto e começamos a percorrer a linha que dividia as duas propriedades.

– E aí? – perguntei, ansioso.

– Como o vizinho se chama?

– Don Miller. – Meu estômago embrulhou ao pronunciar aquele nome.

– A filmagem foi feita daquele telhado. Preciso falar com ele.

Parei de andar e observei a casa dos Miller.

– Não vai ser difícil.

– Por que diz isso?

– Ele ainda está acordado – aponte para a silhueta de Don na janela do quarto. Ele se afastou, mas Sally continuou olhando para cima.

– Não vamos demorar, Patrick. Vá para dentro e fique com Ariana. Ela está com medo.

A investigadora deu as costas e seguiu até a casa de Don Miller.

Ariana e eu assistimos aos DVDs outra vez, um após o outro. A mão parecia de fato masculina. O punho do moletom enfiado na luva escondia o braço, mas repassei a cena em câmera lenta.

– Desculpe ter chamado a polícia, mas você mentiu para mim. Estava com medo de que Don te matasse. – Ariana não parava quieta no sofá. – Como é fácil suspeitar de alguém.

Observei seu pescoço bronzeado.

- Tem alguém em mente?
- Não. Afinal, não conheci ninguém interessante ultimamente.
- Estou falando sério. Existe outro homem que...
- Que o quê, Patrick?

Seu pescoço e seu rosto ficaram rosados. Estava furiosa.

- Que tenha demonstrado interesse por você – respondi com calma. – No trabalho, na mercearia, em qualquer outro lugar.
- Não faço nem ideia – falou. – O investigador Valentino me fez perguntas parecidas. Quem diabo faria uma loucura dessas? Só pode ser alguém do estúdio ou o idiota do Conner. – O relógio na bancada marcava duas da manhã. – Eles vão levar os DVDs como prova. Acho que devíamos copiá-los. – Ela ergueu a mão para me tranquilizar. – Pode deixar, vou usar a luva.

Enquanto Ariana pegava os discos, fui até o andar de cima e digitei o nome de Keith Conner no Google. Encontrei uma foto dele em que as mãos apareciam. Usava um Rolex¹² no pulso direito, sinal de que talvez fosse canhoto. Abri a imagem no Photoshop¹³ e dei um zoom na mão direita, mas não havia nada que chamasse a atenção. Se o ator fosse responsável pelos vídeos, talvez tivesse contratado alguém para fazer o serviço.

- Você não vai acreditar nisso! – A voz de Ariana me assustou. Ela vinha em minha direção segurando o laptop. – Veja só! – Tentou acessar o DVD inserido, mas o sistema acusava que a mídia estava vazia. – Consegui copiar os vídeos para a área de trabalho, mas, quando ia começar a gravar, o computador emitiu esse alerta. – Ela repetiu o procedimento diante dos meus olhos. – Cliquei duas vezes nos ícones e eles simplesmente desapareceram.

- DVDs não se apagam sozinhos – disse eu.

- Bem, estes se apagaram – falou com irritação.

Olhei para os outros dois DVDs, que estavam dentro de um saco plástico.

- Você arrastou os arquivos para a área de trabalho antes de gravar e agora diz que eles sumiram?

Ela fez um gesto positivo com a cabeça.

– Acho que foi programado para apagar caso alguém tentasse copiá-lo.

Rangi os dentes e levei as mãos ao rosto. A campainha tocou. Engoli saliva na tentativa de umedecer a garganta.

– Ariana, pode deixar que eu atendo os investigadores. Vá para o quarto. – Ela começou a dizer algo, mas eu a interrompi: – Por favor, confie em mim!

Tirou o disco da bandeja, devolveu-o com cuidado ao saco plástico e me entregou sem dizer nada. Desci a escada correndo e abri a porta.

– Posso entrar? – perguntou Sally.

– Claro. Cadê o Valentino?

Ele estava no banco do carona de um Ford Focus fazendo anotações. A investigadora deu de ombros.

– Ele não é muito sociável.

Entramos em casa.

– Aceita um café, um chocolate quente? – perguntei.

– Você tem chá preto?

Esquentei duas xícaras no micro-ondas. Ela derramou um saquinho de adoçante no dela e depois outro. Então segurou a xícara com as duas mãos.

– Você se sente sozinho, Patrick?

– Sim. E você?

Deu de ombros novamente, um tique da investigadora.

– Claro. Sou mãe solteira e policial mulher. Passo muito tempo com pessoas que não dão a mínima para o que eu falo. Você me entende? – Tirou os óculos e limpou as lentes na camisa. – Don estava fora da cidade ontem à noite e hoje pela manhã quando, conforme você me disse, o segundo e o terceiro DVDs foram gravados. Estava numa reunião em Des Moines.

– Ele pode estar inventando.

– Vi as passagens aéreas. Além do mais, seu vizinho é destro. – Tomou um gole do chá. – É mais fácil a esposa estar envolvida.

- Não, ela é uma pessoa dócil, inofensiva.
- Verdade. Não consigo imaginá-la escalando seu telhado.

Depositei o saco plástico com os discos na mesa.

- Tentei copiar os DVDs, mas eles se apagaram.
- Sério?
- Sei que parece estranho, mas não tive culpa.

Através da fumaça do chá, percebi os olhos dela se fixarem nos meus. Tinham um tom castanho-claro. Não eram penetrantes, porém espertos como sua dona.

- E adivinha? – provoquei.
- O que mais?
- Acho que as únicas digitais nesses DVDs são as minhas e as da minha esposa. E...? – Fiz sinal para que ela completasse.

– E de uma hora para outra a gravação desapareceu. – Os dedos dela brincavam na borda da mesa. – Porque esses DVDs são mágicos e têm vida própria.

– Sei que parece estranho, mas alguém invadiu minha casa, pegou minha câmera, meus DVDs e me filmou dormindo na minha própria sala. Você e seu parceiro viram os vídeos.

– Sim, mas não tivemos tempo de analisá-los, tivemos? – Franziu a testa amistosamente, como se fôssemos dois matemáticos tentando decifrar um teorema. – Quero acrescentar que não parece que houve uma invasão. A porta estava destrancada e alguém entrou na sua casa e da sua esposa. Tudo bem, passemos para a próxima pergunta: por quê?

- Eu sei lá!
- Você não é roteirista? Por que alguém faria isso num filme?
- Para mostrar que é capaz de fazer.

– Ou para mostrar para você e para sua esposa que ele é capaz. – A frustração no rosto dela era semelhante à minha. – Não tenho as respostas. Valentino e eu interpretamos as pistas. Todas elas apontam para a mesma coisa: briga

doméstica. Sei que isso não ajuda, mas quando um casal une forças não adianta perder tempo.

– Agora vem a parte em que você diz que não há mais nada a fazer.

– Não há mais nada a fazer.

– Que eu devo entrar em contato se algo anormal acontecer.

– Você deve entrar em contato se algo anormal acontecer.

– Gosto de você, Sally.

– Ei, como você adivinhou? Gosto de você também! – Ela se levantou, tomou o último gole do chá e fez uma careta. – Chá só se for com açúcar!

Colocou a xícara sobre a bancada e caminhou até a porta. Valentino a esperava no carro.

– Vou lhe dizer uma coisa, Patrick. Se quiser ir fundo nessa história, nós voltamos aqui com uma retroescavadeira. Mas antes precisa decidir se quer saber o que realmente podemos acabar descobrindo.

12. Rolex, marca de relógio fabricado na Suíça.

13. Photoshop, software editor de imagens.

COLOQUEI A CÂMERA PARA carregar na sala de TV. Um barulho na escada me assustou, mas era apenas Ariana descendo os degraus.

– Bem, a coisa aconteceu como você previu – disse ela. – Só nos resta esperar pelo próximo disco.

– Não quero esperar – falei –, porque sabemos o que vem em seguida.

Ariana ajeitou o cabelo atrás da orelha e então se deu conta de alguma coisa. Levou as mãos à boca, nervosa.

– Interrogaram Don. Ele agora está oficialmente envolvido. Se ele comentar sobre isso, o que eu digo?

– Não quero estabelecer regras.

– Ou seja, Patrick, você não confia em mim.

– Ariana, alguém está nos ameaçando! Você acha que eu me importo de você falar ou não com Don?

Ela suspirou e foi até a cozinha. Enquanto enchia um copo com água, observei suas costas, percebendo a pele macia sob a camiseta regata que usava para dormir.

Por meia hora, Ariana e eu formamos um casal outra vez, a intimidade restabelecida em função dos DVDs. Mas os investigadores tinham ido embora e estávamos de volta aos nossos velhos problemas.

Ela se sentou à mesa de jantar, os dedos agarrados ao copo, de costas para mim. Os ombros pareciam frágeis e ossudos. Sem se virar, ela disse:

– Nos filmes é o homem quem trai. Em geral antes do casamento. O cara se sente mal, dorme na sala, humilha-se de uma forma romântica e acaba perdoado. Mas nunca é a mulher. Nunca.

– Ulisses14 – falei.

– É, mas ninguém foi ao cinema assistir. – Tomou um pequeno gole d'água e deixou o copo sobre a mesa. Eu me aproximei e me sentei na cadeira à sua frente. Ariana não olhava para mim. Seus lábios tremiam. – Por que você nunca gritou?

– Com quem?

– Com qualquer um, comigo, com ele.

– Ele não merece – falei.

– Achei que eu merecesse.

– Quer que eu grite agora?

– Não, mas você poderia ao menos mostrar que se importa. – Riu. Havia amargura nas suas palavras. Limpou o nariz nas costas das mãos e olhou nos meus olhos. – Escute, eu desenho móveis caríssimos e os vendo para pessoas que não dão a mínima para eles. Será que é isso que vão escrever na minha lápide? Tenho 35 anos e a maioria das minhas amigas está ocupada em levar os filhos para a escola. Aquelas que não fazem isso só pensam em malhar ou são donas de casa. É uma idade difícil e não estou sabendo lidar bem com ela. Às vezes tenho a impressão de que cheguei ao fim e não fiz o que gostaria de ter feito. A única coisa que tenho e valorizo muito é você, Patrick. – A voz falhou e ela mordeu o lábio, tentando retomar a linha de raciocínio. – Será o fim do mundo o fato de você não sentir o mesmo em relação a mim? Não! Mas mesmo assim é uma droga. Então quando falei com Keith e ele disse que você estava com Sasha... – Tirou um lenço do bolso e assoou com força. – Então Don veio até aqui e achei que talvez ainda pudesse me surpreender, surpreender você. Sei lá, dar uma arejada no nosso casamento! – Ariana abanou a cabeça. – O sexo com ele foi péssimo, se serve de consolo.

– Menos mal.

Resisti à tentação de pedir detalhes, saber a roupa que ela vestia, as posições sexuais que praticaram. Só que quanto mais eu soubesse, mais coisas iria querer saber, piorando a situação. Estiquei a mão sobre a mesa, envergonhado.

– Não soube reconhecer seu valor. Percebo isso agora. Keith disse aquilo numa hora em que você estava frágil. Mas não consigo entender por que não falou comigo primeiro.

– Tentei falar com você durante vários dias, Patrick!

– Eu não estava bem! Keith foi apenas a gota d'água. – Meus olhos não conseguiam parar em Ariana. – As alterações, aquelas malditas alterações 24 horas por dia. – Fiz uma pausa. – Eu sei, você já escutou isso várias vezes, mas eu estava...

Sentiu a mudança no meu tom de voz e perguntou:

– O quê?

Olhei para minhas mãos.

– Abri mão de tanta coisa e mesmo assim fui um fracasso.

Ela me encarou em silêncio, os dois olhos negros se lamentando.

– Nunca soube disso – falou. – Que você achava isso.

– Eu não estava ao seu lado. Sei disso. O casamento deveria dar à pessoa o direito de ser egoísta durante um tempo, tipo uns 10 dias, antes que a parceira resolva ir para a cama com outro. Também tive minhas oportunidades. Afinal, eu estava num set de filmagem.

– É... como roteirista.

Comecei a rir.

Ariana mordeu o lábio e curvou ligeiramente a cabeça, passando a mão pelo tampo da mesa.

– Olhe para esta madeira, Patrick. A cor do verniz, a textura, a superfície nivelada. Foi cortada de maneira transversal para que ficasse com esse desenho simétrico. Você sabe como é difícil conseguir uma madeira dessas hoje em dia? O mercado está cheio de matéria-prima vagabunda, podre, com resina misturada, fungos. – Bateu com força no tampo. – Mas esta aqui, não. Eu escolhi a melhor!

– Mas o que isso...

– Me dê a mão! – Ariana deslizou minha palma pela superfície da mesa. Senti uma leve saliência no meio. – Sentiu? Está empenada. Agora olhe para cima.

Obedeci, reparando que o duto da calefação se abria sobre o móvel. Os olhos dela esperavam uma resposta quando baixe a cabeça.

– Provavelmente a madeira sofre com essa umidade. Há detalhes que passam despercebidos, Patrick

– Nunca tinha percebido.

– A luz incide sobre esta região da mesa de uma forma diferente. Vejo isso sempre que desço a escada. E aqui – passou a ponta dos meus dedos sobre uma leve protuberância escura – nós envernizamos por cima de um nó. Isso aqui era liso até três meses atrás. Ter um nó no meio da mesa não é legal, mas essas falhas fazem a madeira ficar mais bonita. Se quer um móvel certinho, compre numa loja de departamentos. – Pegou minha outra mão. – Você não consegue enxergar todos os defeitos, mas ainda assim ela continua sendo uma ótima mesa, Patrick. Por que jogá-la fora?

– Eu ainda estou aqui, não estou?

– Em teoria. – Apertou minhas mãos juntas, como se eu estivesse rezando, mantendo as suas sobre meus punhos machucados. Enquanto se aproximava de mim, seu cabelo caiu sobre a testa. – Isso só está nos fazendo mal. Quero que saiba que estou do seu lado, Patrick, mas não podemos continuar assim. Qualquer que seja sua decisão, vou dar um jeito de aceitá-la.

Ariana se levantou, esticou o tronco por cima da mesa e deu um beijo na minha testa. Ouvi seus passos subindo a escada e a porta do quarto se fechando.

14. Ulisses, filme italiano de 1954, com Kirk Douglas.

SENTI MINHA ENERGIA ACUMULADA, o que era comum quando eu passava a noite em claro. Fiquei me revirando no sofá durante horas, assustado com os estalos nos degraus da escada, as sombras das árvores refletidas no teto, o quintal escuro que se insinuava por trás da cortina.

Aproveitei a insônia para digerir as últimas palavras de Ariana. Sua conclusão tinha sido perfeita: terminar ou seguir em frente, desde que agíssemos de maneira civilizada. Mesmo quando consegui cochilar por uns minutos, sonhava que estava deitado num sofá desconfortável e que não conseguia dormir. Levantei-me várias vezes para olhar pela janela. Quando o jornal foi entregue, pouco depois das seis, procurei ansioso por um novo DVD. Nada.

Agora eu estava com minha câmera diante da janela da sala de estar, a lente apontada para a varanda com a calçada ao fundo. Coloquei o tripé atrás de uma palmeira, de modo que a câmera ficasse escondida entre a folhagem. As cortinas deixavam apenas uma brecha. Bebendo a terceira xícara de café, verifiquei os últimos detalhes e comecei a gravar, pronto para preencher as 120 horas do cartão de memória.

Mas a voz de Ariana me assustou:

– Então é isso que você faz aqui embaixo?

– Acordei você?

– Eu já tinha levantado, mas escutei você fazendo barulho. – Bocejou e depois apontou para a câmera. – É algum tipo de vingança?

– Espero que sim!

– Vou chamar a empresa do alarme hoje.

Subi até o escritório, onde eu guardava o material da universidade numa pasta que tinha comprado com o intuito de parecer um professor respeitável. Quando desci, Ariana estava encostada na pia, um lírio atrás da orelha. Era um amarelo vibrante. Fiquei alguns segundos observando-a. A cor que ela escolhia revelava seu humor. Rosa para os dias alegres, vermelho quando estava com raiva e lilás para os momentos de paixão. Fazia um bom tempo... Na realidade, havia alguns meses que ela só escolhia o branco, sinônimo de segurança e proteção. Eu tinha esquecido o significado do amarelo, o que me deixava em desvantagem.

Ao perceber que estava sendo observada, Ariana mudou a xícara de café de mão. Meus olhos estavam grudados na flor amarela.

– O que foi? – perguntou.

– Tome cuidado hoje. Vou deixar o celular ligado. Preste atenção se algum estranho se aproximar.

– Pode deixar. Vou tomar cuidado.

Acenei com a cabeça e depois outra vez, ficando óbvio que nenhum dos dois sabia o que dizer. Sentindo seus olhos grudados nas minhas costas, fui até a garagem e soquei o botão do controle. O portão começou a subir. Joguei minha pasta pela janela do carona e ajeitei a antena do rádio. As palavras de Ariana na noite anterior não saíam da minha cabeça: “Não podemos continuar assim.”

Avistei a caixa do vestido de casamento de Ariana numa das prateleiras da parede. Assim como minha esposa, a peça era moderna, porém apresentava uns bordados sóbrios nas mangas. Senti um misto de dor e raiva. Ali estava o maldito véu, guardado para um futuro que talvez não nos pertencesse.

Fui até a calçada, passei pelas latas de lixo e olhei pela janela da cozinha. Ariana estava sentada em seu lugar de sempre, no braço do sofá, as duas mãos na barriga como se estivesse com dor. A xícara descansava no joelho. Por incrível que parecesse, não chorava. Notei certa descrença em seu rosto. Retirou a flor de trás da orelha e encarou as pétalas como se tentasse adivinhar o futuro. Por que eu me sentia decepcionado? Será que eu gostava de vê-la chorar todos os dias? Para provar o quê? Que ela ainda estava tão magoada quanto eu?

Eu não queria que Ariana me visse à janela. Quando eu ia me virar, ela atravessou a sala em direção à cozinha. Parou e pensou em alguma coisa. Destrancou a porta e a trancou novamente com força.

Fiquei parado por algum tempo depois de ela ter desaparecido escada acima.

O CAFÉ FORMOSA ERA UM reduto da turma de Hollywood muito antes de servir de locação para Los Angeles – Cidade proibida¹⁵. Sentei-me sob as fotos de Marlon Brando¹⁶, James Dean¹⁷, Frank Sinatra¹⁸ e pedi uma dose de uísque. Pelo menos a companhia era inspiradora. A vista dos edifícios do Summit parecia uma ameaça, bem como o rosto gigantesco de Keith Conner no outdoor de Você está sendo vigiado, colado na lateral da sede do estúdio. Em cima de mim, Humphrey Bogart¹⁹. Ao longe, Keith Conner. Enquanto Bogart tinha direito a um quadro de 30x35 cm, Conner mal cabia na parede de um arranha-céu. Era um atentado cultural.

A foto que ocupava seis andares do prédio parecia engolir os carros que passavam pela rua e, conforme se via por um rasgo, o painel tinha sido refeito, deixando à mostra um pedaço da imagem anterior. Um close escandaloso do rosto de Keith estava fixado sobre a silhueta que descia a escada do metrô. As filmagens tinham terminado recentemente e o trailer nem sequer estava pronto. Mas a confusão em Nova York fora o bastante para aumentar o moral do ator, que agora via seu rosto espalhado pelo país. Em breve estaria na capa de todas as revistas de celebridades. Eu tinha minha parcela de culpa.

O barman parou de lavar a louça e recolheu meu copo. Sorrii ao me reconhecer, mas não me ofereceu outra dose. Peguei o celular e liguei para o Summit.

– Por favor, gostaria de falar com Jerry? Sim, o da segurança!

Ele e eu nos tornamos amigos durante a pré-produção. No início tomávamos um cafezinho na cantina, mas em pouco tempo passamos a almoçar juntos. Não nos falávamos desde a confusão com Keith.

Cada toque parecia mais longo que o anterior, mas ele enfim atendeu. Minha voz estava rouca:

– Oi, Jerry, aqui é o Patrick

– Opa! – disse ele. – Sabe que não posso falar com você, não é? O processo em segredo...

– Eu sei, eu sei. Escute, só quero lhe fazer uma pergunta. Estou do outro lado do quarteirão, no Formosa. Você tem dois minutos?

– Se eu for visto com você, estou ferrado – respondeu baixinho.

– Não tem nada a ver com o processo.

Ele não disse nada e eu também fiquei quieto. Finalmente ouvi um suspiro do outro lado da linha.

– Está bem, mas só dois minutos.

Desligou e esperei, meu coração disparado. Jerry chegou depois de uns cinco minutos, correndo e olhando nervoso para o restaurante vazio. Sentou no banco ao meu lado e foi direto ao ponto sem sequer me cumprimentar:

– O único motivo de eu estar aqui é porque nós dois sabemos que você está mal – falou. – Keith é mentiroso e mau-caráter. Não vejo a hora de pular fora também. – Apontou com irritação para os prédios do estúdio. – Quero voltar a trabalhar com segurança de verdade.

– Soube que Keith foi contratado para mais dois filmes.

– É, mas antes o idiota vai fazer um documentário sobre meio ambiente. Mickelson, o dono do estúdio, queria que ele esperasse um pouco, mas Keith insistiu. – Jerry deu uma risadinha. – Mickelson disse que as calotas polares não vão derreter tão cedo, mas não adiantou. – Seus ombros largos subiram e depois desceram. – Mas ele volta depois do documentário. – Pegou meu copo d'água e deu um longo gole, olhando para o relógio em seguida. – E então?

– Alguém anda atrás de mim. Entrou na minha casa e me filmou dormindo. Pensei que fosse alguém do estúdio. Sei que você está por dentro da investigação. Acha que poderia ser algum funcionário?

– Claro que não, cara! – A entonação de Jerry foi convincente. – Escute, esse processo é uma dor de cabeça, mas o estúdio já está cansado de lidar com isso. Não é nenhuma novidade.

– Cansado – repeti, mas o olhar dele se manteve impassível. – Então, até onde você sabe, ninguém levaria isso para o lado pessoal?

– Até onde sei, não. E olhe que sei bastante coisa, Patrick Monitoro os e-mails, faço a varredura de grampos e tenho contato direto com o Jurídico. Você sabe como essa turma é paranoica. Qualquer problema eles vêm me procurar. Se alguém quebra uma unha, vem berrando até mim. Quando um faxineiro olha para as pernas de uma atriz, tenho de conversar com o cara. O mundo anda complicado, Patrick Mas de uma coisa tenho certeza: se quisessem apertar você, já teriam me chamado.

Eu não sabia o que estava fazendo ali. Se Jerry estivesse me vigiando a pedido do estúdio, dificilmente me contaria. Mas olhei no fundo dos seus olhos e preferi acreditar. Cheguei à conclusão de que o Summit era inocente naquela história.

– Mais alguma coisa? – perguntou, olhando para a porta.

– Você pode me dar o endereço de Keith?

– O que você acha? – perguntou, rindo. Fiz uma careta, sem entender. Ele então perguntou: – Você acha mesmo que Keith entraria na sua casa?

– Não, mas alguém que ele tenha contratado.

– Acho que há uma única coisa com que os advogados dele, os do estúdio e os seus concordam: você não pode de jeito nenhum falar com ele.

Levantou-se e foi embora.

15.L.A. Cidade Proibida, filme policial, de 1997.

16.Marlon Brando, ator americano de cinema e teatro, morreu em 1/07/2004.

17.James Dean, ator americano de cinema, morreu em 30/09/1955.

18.Frank Sinatra, cantor americano, morreu em 14/05/1998.

19.Humphrey Bogart, ator americano de cinema e teatro, morreu em 14/01/1957.

– KEITH CONNER É GOSTOSO mesmo? – perguntou a loura na primeira carteira.

– Ele é simpático – respondi, andando diante da turma e disfarçando o cheiro do uísque com um chiclete. Ouvi risinhos abafados na última fileira. “Introdução ao Roteiro”: era impossível terminar a faculdade sem cursar aquela matéria. – Então, alguma pergunta sobre roteiros?

Dei uma olhada pela sala e percebi que vários alunos tinham câmeras sobre a carteira. Um grupo ainda maior digitava em laptops equipados com webcams. Um rapaz no meio da sala tirou uma foto do colega com o celular. Foi quando percebi um braço levantado.

– Pode falar, Mark

A pergunta tinha a ver com o velho dilema “transpiração” e “inspiração”.

Eu não me sentia bem. Estava mais preocupado com as entrelinhas das respostas dos alunos. Durante o intervalo, dera uma olhada nas notas dos trabalhos corrigidos. Sete alunos tinham ficado abaixo da média. Nenhum parecia ter encarado a nota como uma questão pessoal. Sem falar na possibilidade de o aluno poder trancar a matéria até o meio do semestre, o que tornava ainda mais improvável a teoria de que o invasor fosse algum adolescente insatisfeito.

Percebi que não estava prestando atenção no que Mark dizia.

– Como nossa aula está acabando, por que você não fica depois do horário para discutirmos isso – disse, fazendo um gesto e dispensando a turma. A julgar pela maneira como saíram da sala, parecia que o prédio estava sendo bombardeado.

Mark visivelmente não aprovava aquela confusão. Era um dos meus melhores alunos, um rapaz falante que usava calção de basquete, bandana e tinha um sorriso que inspirava confiança.

– Tudo bem com você?

Fez que sim com a cabeça.

– Minha mãe disse que não vou conseguir, que não sou cineasta. Falou que é mais fácil eu ganhar a vida como malabarista. Acha que ela está certa?

– Não sei – respondi. – Não entendo nada de acrobacia.

– Estou falando sério. Você sabe de onde venho. Fui a primeira pessoa da família a concluir o ensino médio e entrar na faculdade. Meus parentes enchem meu saco por causa do curso que escolhi. Se eu estiver perdendo tempo, preciso saber.

O que eu poderia falar? Que, apesar dos milhares de livros de autoajuda, sonhos nunca são o suficiente? Que, por mais que a pessoa se dedique, a vida tem suas próprias regras?

– Veja bem – falei –, o sucesso profissional depende de dedicação e sorte. Você mete a cara e torce para conseguir um projeto bacana.

– Foi assim que você ficou famoso?

– Não sou famoso. Por isso estou aqui.

– Como assim? Você vai parar de escrever? – Mark parecia desapontado.

– Por enquanto, sim. Se há um conselho que posso dar... e que também não é lá essas coisas... é que você precisa ter certeza de fazer o que gosta. Porque, se você seguir esse caminho pelo motivo errado, pode se arrepender mais tarde.

Mark estava pensativo. Mordendo o lábio, balançou a cabeça concordando comigo e deu alguns passos em direção à porta.

– Escute, Mark. Ando recebendo algumas ameaças.

– Ameaças?

– Ou avisos, ainda não sei. Conhece algum aluno que não esteja gostando das minhas aulas?

Ele fingiu indignação.

– E pergunta logo para mim? Só porque sou negro e moro na periferia?

– Ué, mas é claro! – Fiz uma cara séria até nós dois começarmos a rir. – Perguntei porque você é bom observador.

– Sei lá! Meus colegas não têm nenhuma queixa contra você, pelo que sei. Você quase não cobra! – Espalmou as duas mãos. – Sem querer ofender.

– Não ofendeu.

– Ah! – Estalou os dedos. – Eu ficaria de olho naquele filipino. Qual é o nome

dele? Não-sei-o-quê-Bong?

– Paeng Bugayong?

Era um garoto baixo e quieto que sentava na última fileira e vivia de cabeça arriada, desenhando num caderno. Achando que fosse timidez, chamei seu nome para que participasse de uma discussão, mas ele recusou com uma resposta curta e grossa.

– É, esse mesmo. Já viu os desenhos do cara? Um monte de mulher decapitada, dragões, elfos e coisas desse tipo. A gente brinca que ele vai fazer uma V. Tech por aqui.

– V. Tech?

– Virginia Tech. – Mark fez um revólver com as mãos e atirou nas cadeiras, numa alusão ao caso do estudante coreano que matou 30 pessoas numa faculdade no estado da Virgínia.

– Mas que droga! – reclamou Julianne. – Quebraram a cafeteira!

– A FALTA DE CONSIDERAÇÃO SE ESPALHOU PELA TERRA. E O DESTINO DO CAFÉ ESTÁ POR UM TRIZ.

– Pare com isso, Marcello. Quando não tomo café, fico com dor de cabeça.

Ele olhou para mim em busca de aprovação.

– Num dia você está no céu. No outro, no inferno.

– Uma cidade sem lei... – imitei meu colega, dando uma gargalhada no fim.

Só havia nós três na sala dos professores. Marcello estava jogado no sofá folheando o Hollywood Reporter²⁰ enquanto eu relia os poucos trabalhos entregues por Paeng Bugayong: roteiros para curtas que ele pretendia filmar nos semestres posteriores. Eu tinha folheado um texto sobre um mago que castrava jogadores de basquete, sobre um sujeito que roubava imagens do Menino Jesus dos presépios e sobre uma garota que se mutilava por ser incompreendida pelos pais. Material típico de adolescentes revoltados, com toques de gótico. Mas aparentemente inofensivo.

Quando pedi à secretária do departamento que imprimisse o histórico de

Bugayong, ela me encarou por um longo tempo. O sorriso nervoso ficou estampado no meu rosto mesmo depois de ela dizer que encaminharia o pedido à coordenadoria do curso.

– Vocês têm um aluno chamado Bugayong? – perguntei.

– Nome estranho – comentou Marcello. – Se bem que na Coreia deve ser tão comum quanto John Harris é aqui.

– Filipinas – corrigi.

Julianne deu um soco na base da cafeteira, mas o problema não era de mau contato.

– Um rapaz baixo e esquisito que está sempre com a cara amarrada?

– Então esse “Pem Buganhão” é seu principal suspeito? – perguntou Marcello, começando a ficar interessado. – Ele anda escrevendo coisas estranhas?

– Se alguém desse uma lida nos seus roteiros, acharia você paranoico – disse ela, me olhando.

– Ainda bem que ninguém lê – falou Marcello, piscando para mim.

Julianne colocou três colheres de café solúvel numa xícara de água quente.

– Vamos experimentar... – deu um gole, fez uma careta e despejou a bebida na lixeira.

– Um aluno disse que o rapaz tem um parafuso a menos – falei.

– E eles julgam as pessoas tão bem nessa idade... – brincou Marcello.

– Bugayong não é de nada – disse Julianne. – Aposto que ele faz xixi sentado.

– Sei que não é ele – comentei. – Ele até tem uma imaginação fértil, mas duvido que tivesse coragem para fazer uma coisa dessas.

– E seu vizinho tem coragem, mas não imaginação – completou Marcello. – E quem tem as duas coisas?

– Keith Conner – dissemos Julianne e eu ao mesmo tempo.

O fato de ela se lembrar do ator me deixou incomodado. Quem quer que fosse o responsável pelos DVDs parecia estar indo longe demais. Mas o fato de outra

pessoa suspeitar de Keith me deixava mais desconfortável. Julianne afundou numa das poltronas da sala e começou a tirar o esmalte preto das unhas.

– A gente nunca pensa nisso – refletiu. – Como é tênue a linha que separa os ressentimentos do cotidiano e a obsessão.

– A obsessão do invasor ou a minha? – Fiquei sem a resposta e caminhei até a porta. Não tinha certeza do que estava por vir, mas se havia uma coisa que aprendera na minha frustrada carreira de roteirista era que o personagem principal não podia ficar parado. Eu não iria ficar sentado esperando pelo pior, que o invasor entrasse na minha casa com uma câmera e uma marreta.

Ainda consegui ouvir às minhas costas:

– NO DIA 9 DE FEVEREIRO, PATRICK DAVIS DESCOBRE QUE NÃO... TEM... ONDE... SE ESCONDER...

– Hoje é dia 10, Marcello – falei.

– Ah... – ele tomou fôlego e continuou: – NO DIA 10 DE FEVEREIRO...

Fechei a porta atrás de mim.

20.Publicação americana, fundada em 1930, com foco na indústria cinematográfica de Hollywood.

ENCONTREI PUNCH CARLSON ENCARANDO o nada numa espreguiçadeira em frente à sua casa, que caía aos pedaços. Tinha as pernas esticadas sobre um isopor, com várias latas de cerveja vazias ao redor.

Policial aposentado, Punch trabalhava como consultor para os estúdios, mostrando aos atores como manusear corretamente uma arma. Eu o conhecia havia alguns anos, quando o consultei para um roteiro que acabei nem vendendo. Às vezes saíamos para tomar umas cervejas. Sob a luz do sol que incidia na varanda, ele nem percebeu minha aproximação.

Seu olhar vago tinha um elemento de derrota. Passou pela minha cabeça que talvez ele tivesse medo de ficar dentro de casa. Mas eu poderia estar projetando em Punch os sentimentos em relação à minha própria casa.

– Patrick Davis – falou, mas fiquei na dúvida se ele tinha chutado um nome, já que sua voz estava pastosa. – Quer uma? – Ele me ofereceu uma cerveja.

Agarrei a lata antes que ela atingisse minha testa. Puxou um banquinho próximo e ordenou que eu me sentasse. Tomei um gole. Nada mal para uma cerveja de quinta categoria. Punch morava a quatro quarteirões da praia e eu podia sentir o cheiro de maresia. Observei que seu jardim era enfeitado por um flamingo de plástico equilibrado numa perna e alguns gnomos coloridos.

– O que traz você a estas bandas? – perguntou.

Contei toda a história, começando pelo primeiro DVD que tinha caído de dentro do jornal no dia anterior.

– Não é nada – falou. – Deve ser algum garoto...

– Alguém está armando, Punch. O cara entrou na minha casa!

– Se quisesse machucar você, já teria feito. Pode apostar. Isso está com cara de pegadinha. Alguém a fim de perturbar. – Ele me olhou enfaticamente.

– Ok. Então a pessoa conseguiu. Mas quero saber o porquê disso!

– Esqueça, meu caro. Quanto mais você der atenção, mais complicada a coisa vai parecer. – Acenou para mim. – Se você arrancar o bico de um pica-pau, ele vai ficar batendo a cabeça na árvore até morrer. Então...

– Isso é verdade?

Punch fez uma pausa.

– O que importa? É uma metáfora. Conhece esta palavra? – Fez uma careta e tomou outro gole. – De qualquer forma – ele se esforçou para articular as palavras –, você é como aquele pica-pau.

– Imagem poderosa – concordei.

Deu um gole demorado e depois limpou a barbicha.

– Então, onde eu entro nessa história?

– Quero falar com Keith Conner. Tendo em vista meu passado, é o suspeito número um. Mas o telefone dele não está na lista.

– Tente um desses guias com o endereço das celebridades!

– Já tentei, mas só tem o endereço antigo, em Outpost Estates – falei. – Ele mora numa daquelas mansões perto da Sunset Plaza.

Ele voltou a olhar para o nada.

– Então... o que você acha? – insisti. – É possível descolar um endereço para mim? Fazer uma investigação rápida?

– Trabalho policial? Se eu fosse bom, você acha que eu ganharia a vida dando consultoria para filmes B?

– Deixe disso, Punch! Você conhece o caminho das pedras... É cheio de amigos na polícia...

– Se eu dependesse deles não chegaria a lugar nenhum. É tudo por baixo dos panos. Um favor aqui, outro ali. Ainda mais quando se trata de um filme. É preciso permissão para filmar na rua tal, um idiota precisa liberar o aluguel de um helicóptero da Swat, esse tipo de coisa. E tudo tem seu preço – sorriu. – É diferente de prender estuprador.

Entendi aonde ele queria chegar:

– Pode falar, Punch. O que quer em troca?

– Nada de mais. Só preciso de uma ajuda no aluguel.

Terminei minha cerveja, levantei-me e joguei a latinha entre as outras no

gramado.

– Tudo bem. Obrigado de qualquer forma, Punch.

Voltei ao carro. Quando bati a porta, ele estava na janela.

– Desde quando você desiste tão rápido?

Saí e o segui até a cozinha da casa. Louça suja, torneira pingando, lixeira lotada de caixas de pizza. Na porta da geladeira, o ímã de uma boate de striptease prendia o desenho de uma criança, retratando três pessoas de uma família. O sol riscado na folha parecia a única cor naquele cômodo. Punch não tinha culpa de querer ficar fora de casa.

Procurei um lugar para sentar, mas a única cadeira estava ocupada com uma pilha de jornais. Ele revirou a cozinha até achar uma caneta. Arrancou o desenho da geladeira e o ímã rolou para debaixo da mesa.

– Você disse que ele mora numa mansão – falou.

– Isso. Na Blue Jay ou na Oriole. Numa dessas ruas.

– Um sujeito como Conner deve ter registrado o imóvel no nome de outra pessoa. Mas não custa dar uma olhada. A TV a cabo ou a internet podem estar no nome dele. Agora espere por mim lá fora.

Saí e me sentei na espreguiçadeira, perguntando-me no que ele pensava ao olhar para o nada. Finalmente Punch apareceu. Com um gesto formal, entregou-me o desenho que estava na geladeira com um endereço anotado no verso.

Deu um rápido sorriso.

Seu amigo tem bom gosto. Mora em lugar de bacana... – E fez um sinal para que eu me levantasse da cadeira. – Vou ver se consigo descobrir alguma coisa sobre ele.

Fiquei incomodado por ter conseguido o endereço daquela maneira. Keith Conner era uma figura pública, mas investigar a vida dele era uma atitude invasiva. No entanto, os acontecimentos dos dois dias anteriores me deixaram ainda mais confuso sobre o significado da palavra “privacidade”. Por alguns segundos fiquei parado diante de Punch, mas acabei dobrando o papel e enfiando-o no bolso.

– Valeu, Punch.

Ele apertou minha mão. Dei alguns passos em direção ao carro e me virei.

– Por que está me ajudando depois de tudo o que me falou sobre troca de favores?

Ele esfregou os olhos com força. Quando olhou para mim, eles estavam ainda mais vermelhos.

– Sabe aquele dia em que a Judy conseguiu na Justiça que eu não pudesse mais ver meu garoto? Depois disso o moleque quase foi reprovado. Se não fosse a força que você deu a ele na escola, o garoto teria repetido de ano.

– Não foi nada, Punch.

– Mas para o garoto foi. – Afundou outra vez na espreguiçadeira.

Quando arranquei, vi pelo retrovisor que ele continuava no mesmo lugar, encarando o nada.

Meu nervosismo aumentou no caminho de casa e chegou ao limite quando enfrentei o congestionamento noturno da Roscomare. As luzes dos Miller estavam apagadas. Parei atrás da picape branca de Ariana e fui até a caixa de correio: nenhum DVD.

Dei um suspiro que me surpreendeu. Era difícil de acreditar, mas Don e Martinique estavam cuidando das próprias vidas e nossas correspondências se resumiam às velhas contas. Resumindo: não havia lugar melhor no mundo para viver.

Quando abri a porta de casa, um alarme disparou. Levei um susto, deixando a pasta cair no chão. Uma porta se abriu no andar de cima e em dois segundos Ariana corria escada abaixo, segurando uma raquete de badminton²¹. Ao ver que era eu, respirou aliviada, dando um soco na parede. O alarme parou.

– Não está meio tarde para jogar badminton? – perguntei.

– Foi a primeira coisa que achei no closet, Patrick

– Tem um taco de beisebol no canto do armário. Mas badminton? O que você ia fazer? Dar uma raquetada no intruso?

– Sim, e depois ele ia tropeçar na sua pasta – falou, apontando para o chão.

Começamos a rir daquele diálogo ridículo.

– O novo código é 27093 – disse ela. – As chaves novas estão na gaveta.

Se eu quisesse dar uma volta na casa naquela noite, não poderia me esquecer de desligar o alarme. Continuamos parados no pé da escada, eu com minha pasta no chão, ela segurando a raquete de badminton. Percebi um constrangimento no ar.

– Tudo bem – falei com cuidado, pensando na nossa conversa da noite anterior. Precisava dizer alguma coisa, mas não sabia o quê. – Bom, então, boa noite. – Foi minha frase infeliz.

– Boa noite.

Encaramo-nos sem saber como agir. De certo modo, aquela formalidade forçada era pior que a atmosfera hostil na qual tínhamos nos acostumado a viver nos meses anteriores. Entregando os pontos, Ariana abriu um pequeno sorriso, meio artificial.

– Quer ficar com a raquete para se proteger?

– Não, obrigado – respondi, piscando o olho.

Ela se virou e digitou o código do alarme na caixinha em cima do corrimão, reativando o sistema. Em seguida subiu a escada e entrou no quarto, fechando a porta. Fiquei parado no primeiro degrau, olhando para cima.

DORMI MAIS UMA NOITE no sofá, acordando de hora em hora, e me levantei quando a luz da rua eliminou qualquer dúvida de que as cortinas não serviam para nada. Corri até a varanda em busca de um novo DVD escondido dentro do jornal. Escancarei a porta, esquecendo o alarme, até que a sirene berrou nos meus ouvidos. Voei até o painel e dei um fim àquela barulheira. Ariana estava no topo da escada com a mão no peito, respirando com dificuldade.

– Desculpe. A culpa é minha. Fui lá fora ver...

– Tem outro?

– Não sei, espere... – A porta ainda estava aberta. Agachei-me na varanda e abri o jornal, espalhando os cadernos pelo chão. – Não, nada!

– Que bom – comentou. – Tomara que isso tenha acabado... – Por superstição, Ariana deu três batidinhas na parede.

Eu tinha dúvidas, e achei que ela também tinha. Preferi não dizer nada. Seguimos nossa rotina no piloto automático, sem pensar muito na ameaça que pairava sobre nós. Banho, café, uma conversa rápida.

Depois de ver o vídeo da varanda e da calçada e de reposicionar a câmera atrás da palmeira, fui para a rua ocupar minha cabeça. Na garagem, achei graça do raio de sol que atravessava o portão e cortava a traseira do carro. Vi também a caixa do vestido de casamento de Ariana. Pela primeira vez não tive vontade de espiar minha esposa. Demorei para perceber que eu estava com medo: medo de que ela estivesse chorando ou, pior, de que ela não estivesse chorando.

Entrei no carro e dei ré. Os carros passavam rápido pelo retrovisor. Nos piores dias eu levava até cinco minutos para sair da garagem. Comecei a batucar no volante, impaciente. Tinha três aulas pela frente. Olhei para o banco do carona e vi o endereço de Keith Conner rabiscado por Punch.

Um movimento na casa ao lado chamou minha atenção. Don caminhava em direção ao seu Land Rover22, falando ao celular com um dispositivo sem fio ao ouvido. Concentrado, fazia gestos como se conversasse com alguém à sua frente. Martinique apareceu com a mochila do laptop do marido. Vestia roupas de ginástica justas para mostrar seu novo corpo. Era praticamente seu uniforme: a mulher malhava quatro horas por dia. Don parou para pegar o laptop e ela se inclinou para um beijo, mas o marido já tinha se virado e entrado no carro. Ele arrancou, aproveitando uma brecha no trânsito que eu, distraído, não tinha

percebido. Martinique continuou imóvel na porta da garagem. Ela parecia ter acabado de fazer uma plástica no rosto, tamanha era a falta de expressão nos músculos faciais. Seus olhos se moveram ligeiramente, encontrando-me dentro do carro, e tive certeza de que ela percebera que eu havia presenciado a cena. Baixou a cabeça e entrou correndo em casa.

Fiquei parado durante um tempo, o volante me encarando. Meus olhos pousaram mais uma vez no papel no banco do carona. Virei o lado do desenho para cima. Um grande sol iluminando uma família de mãos dadas. Uma imagem triste e melancólica.

Estacionei o carro e desci. Quando entrei em casa, Ariana estava sentada no lugar de sempre, no braço do sofá. Pareceu surpresa com minha volta.

– Passei as últimas seis semanas tentando me convencer de que não existe mais nada entre nós.

Sua boca se abriu ligeiramente. Ergueu a mão, trêmula, e colocou a xícara na mesa.

– E conseguiu?

– Não.

Encaramo-nos por um longo tempo, cada um em lados opostos da sala. Senti uma sensação diferente no peito, que fez uma lágrima escorrer pelo meu rosto. Ariana engoliu em seco, olhando para os lados. Sua boca tremia como se ela quisesse sorrir e chorar ao mesmo tempo.

– E como nós ficamos? – perguntou.

– Juntos.

Deu um sorriso tímido, enxugou o rosto e olhou rapidamente pela janela. Despedimo-nos e saí rumo à garagem.

22.SUV, construído pela TATA MOTORS, foi construído pela primeira vez em 1948.

COMPREI UM CAFÉ PARA Julianne na Starbucks em frente à universidade e carreguei o copo com cuidado até a sala dos professores. Ela e Marcello estavam sentados um de frente para o outro, mas em mesas diferentes, tática para dar a impressão de que trabalhavam. Ela me olhou com espanto.

– O que você quer?

– Que você cubra minhas aulas da tarde.

– Não posso. Não sei escrever roteiros.

– Você é a única pessoa nesta cidade que admite não saber escrever um roteiro.

Só por isso está habilitada – brinquei.

– Por que você não vai dar aula hoje?

– Tenho umas coisas para resolver.

– Não me convenceu. Continue.

– Vou falar com Keith.

– Keith Conner? Na casa dele? Como conseguiu o endereço?

Ela esfregou as mãos num gesto infantil.

– Mas você não vai – falei.

– Ele até que é interessante – observou Marcello.

– O negócio aqui está bom...

– Por que não vai lá depois da aula? – perguntou Julianne.

– Tenho compromisso em casa.

– Em casa? – repetiu ela, incrédula. – Com sua esposa?

– Sim, com minha bela esposa.

– Aleluia, meu Deus do céu! – brincou Marcello, juntando as duas mãos.

– Pô! Cadê o trailer desse filme?

– NO DIA – Marcelo olhou para o relógio – 11 DE FEVEREIRO, PATRICK DAVIS DESCOBRE QUE ESTÁ PRESTES A FAZER A JORNADA MAIS IMPORTANTE DA SUA VIDA. AQUELA QUE O LEVARÁ DIRETO PARA CASA.

– Agora sim! – Entreguei o copo de café para Julianne, que arregalou os olhos.

– Cappuccino?

– Frappuccino – respondi e minha colega se inclinou em minha direção, quase tropeçando na cadeira.

Enquanto saía da sala, ouvi Julianne virar o copo goela abaixo, fazendo barulho com os lábios, satisfeita. As aulas tinham começado, portanto não havia ninguém nos corredores. O barulho dos meus passos estava mais alto do que o habitual, reverberando nos azulejos das paredes. À medida que eu passava pelas salas, a voz dos professores aumentava e diminuía.

Ouvi um estrondo que parecia um tiro e os exercícios que eu havia preparado para a aula se espalharam pelo chão. Assustado, vi que um garoto atrás de mim tinha deixado o fichário cair. Fiz uma careta de susto e disse, com a mão no peito:

– Você me assustou!

Minha intenção era falar num tom baixo, mas eu estava com raiva.

O aluno, que pegava o material no chão, respondeu olhando rapidamente para mim:

– Relaxa, cara.

Aquelas palavras me irritaram.

– Está com a mão furada?

Duas alunas no fim do corredor pararam e olharam para trás, mas continuaram a andar quando olhei para elas. Um grupo de alunos apareceu na outra extremidade, no pé da escada. Por conta do susto e da minha reação desmedida, eu ofegava. Sabia que tinha exagerado, mas o sangue subira à cabeça.

O garoto apontou para meus papéis no chão.

– E você também! – respondeu, antes de dar às costas. Um pouco à frente, pude ouvi-lo dizer: – Idiota!

– O que você falou? – Minhas palavras ecoaram pelo corredor.

Uma professora que eu não conhecia colocou a cabeça para fora de uma sala próxima. Percebi a desaprovação estampada em seu rosto. Encarei-a até que ela entrasse na sala outra vez e, quando olhei para o corredor, o aluno havia desaparecido. Alguns jovens cochichavam e faziam gestos em minha direção.

Sem graça, juntei meus papéis e fui embora.

UM ENORME PORTÃO DE ferro me encarava a dois passos do meio-fio. Um muro de três metros de altura cercava toda a extensão da propriedade. A única forma de contato com o interior era um interfone preso a uma pilastra.

Apesar de o meu relógio marcar três horas de uma tarde de inverno, o frio tinha dado trégua, sendo substituído por um sol que queimava o asfalto. Eu devia estar em sala de aula, e não fazendo uma visita surpresa ao ator que me processava.

Antes de apertar o interfone, ouvi um barulho às minhas costas: a porta de um furgão branco se abria do outro lado da rua. De repente, uma câmera fotográfica profissional começou a disparar de dentro do veículo. Fiquei parado, sem reação. Uma lente enorme saiu do carro, seguida por um sujeito que vinha em minha direção, clicando o disparador. Usava um capuz preto, de maneira que seu rosto, encoberto pela câmera, ficava escondido. Eu enxergava apenas meu reflexo, cada vez maior, na lente. Minha cabeça girava, exigindo uma reação. Quando estava prestes a dar um murro no sujeito, a lente da câmera desapareceu, revelando um rosto pálido.

– Ah! – disse o fotógrafo, decepcionado. – Você não é famoso!

Ele tinha confundido minha falta de reação com indiferença.

– Como você sabe?

– Porque não reclama que eu tire fotos suas!

Notei sua aparência desleixada: uma calça jeans puída e um colete cáqui desbotado.

– Para quem você trabalha? – perguntei.

– Sou freelancer. Tenho de correr atrás da fofoca.

– E desde quando Keith Conner é peixe grande?

– Desde que anunciaram o filme novo dele e o processo de paternidade.

– Conner fez um filho? Não estava sabendo.

– Dizem que é uma garota de programa. Estão pagando 20 mil por uma foto de Conner dando vexame. Por isso não saio mais daqui.

– Desejo boa sorte.

Olhou-me desconfiado.

– Por acaso é amigo dele?

– Para dizer a verdade, eu odeio esse cara.

– É, também acho o cara um idiota. Ano passado ele me deu um soco na frente de uma boate. Joguei um processo nas costas dele.

– Boa sorte de novo.

– Quero mais que ele me acerte! – O homem me olhou com uma expressão de ganância. – Aí ele vai ser obrigado a fazer um acordo, se é que você me entende.

Apertei o botão do interfone. Um ruído me mostrou que alguém do outro lado tinha atendido. Inclinei-me em direção ao alto-falante.

– É Patrick Davis. Diga a Keith que preciso falar com ele.

– Esse é seu plano para entrar? – perguntou o fotógrafo, incrédulo.

Os portões tremeram e abriram. Entrei e o homem começou a me seguir, mas me virei e disse:

– Desculpe. Esse é o meu plano. Está na hora de você bolar o seu.

Ele deu de ombros e me entregou um cartão. “Joe Vente” e um número de telefone. Mais nada.

Inclinei-me em sua direção.

– Você não perde tempo, hein, camarada?

– Ligue se tiver algo quente sobre Conner.

– Pode deixar.

Esperei o portão fechar e segui adiante. O estilo colonial espanhol estava na moda. À minha esquerda, os portões da garagem se encontravam abertos, provavelmente por causa do calor. Vi dois veículos elétricos carregando, três híbridos e cinco de combustíveis alternativos. Keith Conner tinha despertado para a consciência ambiental.

A porta da casa, pela qual era possível passar uma girafa, se abriu. Uma moça magra, e que parecia mais magra por causa do portal, me esperava com uma prancheta na mão. Tinha a pele incrivelmente branca, um pescoço comprido e um ar de tédio.

– O Sr. Conner está nos fundos. Siga-me, por favor.

Ela me guiou pelo saguão, que era do tamanho da minha casa, e atravessou a sala de estar até um conjunto de portas duplas que davam acesso ao imenso jardim. Parando no umbral, ela acenou para eu continuar. Desconfiei que ela entraria em combustão caso fosse exposta ao sol.

Keith estava deitado numa boia no meio da piscina, que mais parecia uma selva, tamanha era a quantidade de cascatas, fontes e palmeiras.

– Fala, mané – disse ele, começando a nadar na minha direção. Antes, gritou para alguém atrás de mim: – Bree, o bar da piscina está sem sementes de girassol! Você pode providenciar?

A jovem branquela fez uma anotação na prancheta e desapareceu.

Dois rottweilers brincavam mais adiante no gramado. À minha direita, uma mulher de maiô amarelo lia uma revista reclinada numa espreguiçadeira. O cabelo louro, quase branco por causa do sol, caía sobre o rosto. Parecia muito refinada e velha para Keith: devia ter uns 30 anos.

O ator desabou na cadeira ao lado dela e acendeu, entre as opções sobre a mesa, um cigarro de bali. Eu não via um daqueles desde a adolescência.

– Esta é Trista Koan, minha conselheira de estilo de vida. – Keith pousou a mão na coxa da jovem.

Sem qualquer cerimônia, ela retirou a mão do ator.

– Eu sei, eu sei. O nome é engraçado. Mas meus pais eram hippies – falou.

– O que exatamente uma conselheira de estilo de vida faz? – perguntei.

– Estamos tentando reduzir a pegada de carbono de Keith.

– Estou pronto para salvar as baleias, camarada – emendou o ator. Seus dentes eram tão brancos que o sol refletia em cada um deles.

A expressão no meu rosto deixou claro que eu não entendia nada.

– Esta cidade só quer saber de desenvolvimento sustentável, certo? – disse ele, tragando o cigarro.

– E restauração capilar.

– Precisamos que as pessoas pensem da mesma forma no mundo inteiro. – Abriu o braço para supostamente incluir o mundo além do seu jardim, mas o gesto grandioso foi atrapalhado pela fumaça do cigarro. – É uma questão de consciência. Fui um dos primeiros a apoiar o carro elétrico. George Clooney comprou o dele depois de mim, sabia?

– O problema é que... – disse Trista, interessada no discurso de Keith.

– O problema é que os carros elétricos precisam ser plugados na tomada e acabam consumindo energia elétrica. Então comprei os híbridos. Só que eles também precisam de gasolina. Por isso mudei para... – Olhou rapidamente para Trista. – Como se chamam mesmo?

– Carros flex.

– Por que não andar de ônibus? – perguntei, achando graça, mas nem ele nem Trista riram. Então falei: – Baleias, Keith. A conversa começou com baleias.

– Isso. Tem gente usando radar de 300 decibéis...

– Duzentos e trinta e cinco – corrigiu Trista.

– Sabe quantas vezes isso é mais alto que o limite suportável? Dez!

– Quatro ponto três – interveio a jovem, disfarçando sua irritação. Eu começava a entender seu papel ali.

– É mais alto do que a decolagem de um foguete. – Seus olhos pousaram em Trista, mas dessa vez ele tinha acertado. – Por isso é fácil entender por que as baleias estão encalhando. Elas sangram pelos ouvidos, Patrick. O radar também causa, tipo, ar nas correntes sanguíneas...

– Embolia – falei, querendo dar um fresco à Trista.

– Imagine quanta vida marinha está sendo morta sem que a gente saiba!

Percebi que ele esperava uma reação enérgica da minha parte.

– Estou abismado, Keith!

– Pois é, pois é... – disse, dando um peso àquelas palavras. – Sou um ator medíocre. Tenho 26 anos e ganho numa semana o que meu pai ganhou durante a vida inteira. É algo descomunal e sei que não mereço isso, porque ninguém tem o direito de ganhar uma quantia dessas. Mas e daí? Pelo menos eu posso fazer algo de útil. E esse documentário é importante para mim. Meu projeto de vida.

Olhou para sua conselheira em busca de aprovação, mas Trista admirava a copa das árvores.

Por um momento o ator se esqueceu dos nossos problemas para desfiar sua conversa de vendedor e seu papo moralista. Eu era a cobaia para seu novo produto, um Keith Conner numa nova embalagem ecologicamente correta que lhe daria prestígio nos tapetes vermelhos. Mas a encenação tinha chegado ao fim e estava na hora do trabalho. Percebendo isso, ele abriu os braços.

– Mas que diabo veio fazer aqui, Patrick? A gente não está brigando na Justiça?

– Abriu seu sorriso oficial. – A propósito, como anda o processo?

– Vim aqui para tomar posse da casa.

Trista agora observava um passarinho que cantava no gramado. Keith sorriu e me chamou para conversar.

– Tenho algo que lhe pertence. – Aquelas palavras captaram a atenção dele.

Tirei um DVD do bolso e levantei à frente do seu rosto.

– O que é isso?

– Parece um disco, Keith – sugeriu Trista.

Aquela menina não era boba. Eu tinha gostado dela.

– Eu sei, mas o que tem nele? – perguntou ele.

– Ué, não foi você que mandou alguém me entregar?

– Eu mandei um DVD para você? Patrick, depois que foi expulso do meu filme, você morreu para mim. – Fez um gesto dramático, achando que estava na frente das câmeras. – Eu sabia que você era doido, mas isso já é demais. – Keith ficou sério. – O que tem no DVD? São as fotos do paparazzo que anda me perseguindo? Você veio aqui me extorquir, é isso?

Ele não era um ator de se jogar fora.

– Não – entreguei-lhe o disco –, não tem nada gravado aí.

Trista finalmente se interessou pelo assunto.

– O que a pessoa que entregou disse? – Keith estava ficando nervoso. Embarquei na história dele.

– Que estava encarregada de me entregar isso, já que você estava em Nova York

– Não, eu estava aqui, trabalhando na pré-produção de Nas profundezas. É uma corrida contra o tempo, cara!

– Nas profundezas? – perguntei, achando o título péssimo.

– Eu sei... – falou Trista. – Foi imposição do agente do Keith. Senão nosso amigo aí não participaria.

– Produtora e conselheira de estilo de vida? – falei, rindo. – Essa é nova para mim. Nunca tinha visto nada parecido em Hollywood.

– Trista pertence a um grupo ambientalista que financia a produção – falou Keith. – Ela sabe tudo sobre pegada de carbono, então eles a convidaram para o projeto.

A ficha então caiu. Trista estava fazendo exatamente o que eu fazia durante as filmagens de Você está sendo vigiado: vigiava Keith para que ele não fizesse nenhuma bobagem. Eu preferia mil vezes ensinar roteiro para um bando de jovens idiotas do que ficar à beira de uma piscina com aquele cara.

Keith jogou o DVD de volta para mim, gravando suas digitais na superfície.

Era justamente o que eu queria caso ele resolvesse fugir num jatinho livre da emissão de carbono rumo a Ibiza.

– Eu não mandaria droga nenhuma para você. – Seu rosto ficou a um palmo do meu. – Ainda mais depois de você ter me agredido.

Pela milésima vez me lembrei da conversa entre ele e Ariana pelo telefone. Recordei o efeito das palavras de Keith sobre minha esposa e toda a situação que ocorreu em seguida. Naquele momento eu queria que ele viesse para cima de mim, para que eu pudesse dar um soco naqueles dentes brilhantes. E seria culpa

dele.

– Não se estresse, Keith. Você pode acabar tropeçando numa estante...

Ele acenou para as portas duplas atrás de mim, onde Bree havia se materializado, uma assombração segurando uma prancheta.

– Ela vai lhe mostrar a saída.

UM POLICIAL ME ACOMPANHOU até o segundo andar, onde Sally Richards estava concentrada diante da tela de um computador. Eu me aproximei, colocando uma caixa cheia de saquinhos de adoçante ao lado de uma foto em que ela segurava uma criança.

Ela olhou para o presente e agradeceu, surpresa:

– Ótimo. Isso vai me ajudar a sobreviver até a hora do almoço.

– Estou atrapalhando?

– Não muito. Olhe isto! – Apontou para a página do YouTube aberta na tela. – Esse japonês maluco puxa uma cobra viva de dentro do nariz – Recostou-se na cadeira e cruzou os braços. – O que houve? Recebeu outro DVD?

– Não. Conseguiu recuperar os arquivos apagados?

– Não. Mas o técnico disse que havia algum arquivo gravado. Comentou que provavelmente um vírus foi programado para apagar o arquivo caso tentassem copiá-lo. Ele nunca tinha visto nada igual.

Precisei de alguns segundos para absorver aquela informação.

– Alguma digital?

– As suas e as da sua esposa. Comparamos com o documento de identidade de vocês. – Concordei com a cabeça. – E os discos têm marcas de borracha. A luva que aparece no vídeo.

– As digitais de Keith Conner. – Entreguei o DVD que estava no bolso da calça.

– Dá para ganhar uma grana vendendo no eBay.

– Acho que a gente tem uma digital parcial nesse disco.

– Digital parcial? Calma lá, Kojak23!

– Mesmo que Keith tenha mandado alguém invadir minha casa, ele pode ter tocado no disco antes. Não é lá muito inteligente – falei.

– Não diga! – Sally percebeu que eu olhava a foto dela com a criança. – Antes que pergunte quem é o pai, digo que foi inseminação artificial. “Milagre da vida”

é uma pinoia! O parto doeu à beça! Se tivesse de fazer tudo de novo, eu adotaria um bebê chinês, como qualquer lésbica que se preze. – Aumentou o tom de voz. – Agora, o Terence ali, o Terence tem quatro garotos! Quatro! Imagine só. – O inspetor Valentino parou o que estava fazendo, cumprimentou-nos com um aspecto cansado e se arrastou pelo corredor. Sally disse: – Ele adora que eu seja a parceira dele. Os outros homens morrem de inveja.

– Percebi pelo sorriso dele.

– Sente-se – falou.

Obedeci, relaxando o corpo na humilde cadeira encostada à parede. Vi uma lista de tarefas sobre a mesa. Telefonar para o técnico de informática. Pedir desconto na lavanderia. Marcar babá para terça à noite. Espiar a intimidade daquela policial me deixou emocionado.

Fiquei olhando para o chão durante um tempo e então perguntei:

– Não encontraram nenhuma digital? Examinaram a câmera e o tripé?

– Claro, claro... A propósito, podíamos filmar um episódio do CSI na sua casa. O que você acha? De repente a gente chama o FBI também.

– Está bem, já entendi – falei. – A única coisa que temos até agora são imagens de uma câmera.

– Não é só isso, Patrick, mas o cara usou luvas. O estojo, o envelope e os discos estão limpos. Se acreditarmos na sua versão, os DVDs se autoapagaram, como num filme de James Bond. Quem está por trás disso tomou muito cuidado. Não deu bobeira de filmar sem luva. – Ela despejou a água de uma garrafa numa caneca e abriu a caixa de adoçante, pegando alguns saquinhos e os despejando. – Agora, eu não deveria lhe contar isto, mas você de fato trouxe adoçante... – Usou um lápis para misturar. – Algum outro policial esteve na sua casa?

– Isso é uma pergunta, Sally. Você não está me contando nada.

– É verdade.

– Por que você está me perguntando isso?

Tomou um gole e reclinou-se na pequena cadeira.

– A pegada de bota voltou...

– Pegada de bota?

– Sim, na poça de lama no seu jardim. Vi a pegada quando fui falar com seu vizinho.

Abriu uma gaveta e jogou uma pasta sobre a mesa, espalhando várias fotos, entre elas a imagem da sola de uma bota apontada em direção à rua. Provavelmente deixada quando o invasor fugiu. Algumas eram iluminadas pela lanterna de Sally, posicionada sobre a grama de modo a propiciar o melhor ângulo.

– Quando tirou essas fotos? – perguntei.

– Não fui eu. Valentino as tirou quando eu voltei para falar com você.

Lembrei-me de Valentino esperando no carro e depois Sally tomando chá de frente para mim, que estava de costas para a janela.

– Uma bela pista – falou. – A sola está gasta bem na planta do pé.

– Conseguiu identificar a pegada?

– Como eu disse, Kojak, não podemos chamar os peritos só porque alguém lhe mandou um vídeo da sua própria casa.

– Ótimo. Então vocês esperam que apareçamos mortos e mandam o rabecão.

Ela ergueu uma sobrancelha.

– Mandamos, sim, mas só se você for morto no sofá. Está combinado?

Dei uma olhada rápida nas fotos. Uma delas foi tirada de cima, com o rádio de Valentino ao lado da pegada.

– O rádio é para dar ideia de tamanho?

– Não, é para dar um clima de época... Claro que é para servir como escala!

A pegada é de uma bota Danner²⁵, tamanho 44. Cano alto de 20 centímetros. São muito confortáveis. Os policiais adoram, mas elas custam o dobro do preço das convencionais. Perfeitas para terrenos acidentados. O pessoal da Swat costuma usar. Mas nós, investigadores, calçamos qualquer coisa. – Com um gemido, ela levantou a perna e apoiou seu mocassim²⁶ surrado na ponta da mesa. – Mãe solteira só compra em liquidação.

- Então estamos falando de um policial, de um agente, de um fuzileiro...
- Mas qualquer um pode comprar essa bota, assim como uma arma. Todo mundo sabe que tem gente que adora roupa camuflada.
- Especialmente quando trabalha do seu lado do balcão – provoqueei.
- Não olhe para mim. Meu sonho era ser astronauta.

Meus olhos passearam pela sala, examinando as diferentes botas nos pés dos oficiais.

- Quanto calça Valentino?

Sua testa franziu de irritação.

- Não é 44. Ele estava de plantão comigo quando a filmagem foi feita. Tenho certeza de que o senhor consegue suspeitar de alguém mais interessante, inspetor Clouseau²⁷!

- Até onde sei, vocês foram os primeiros policiais a visitar minha casa.
- Repetindo: tanto um policial quanto um maluco poderiam usar uma bota dessas.
- Ela se levantou, pegou a jaqueta no cabide e deu a conversa por encerrada. – Patrick, tente se lembrar se você ou sua esposa se indispueram com alguém ultimamente.
- É o que tenho feito – retruqueei. – Já não sei mais onde procurar!
- Há pedras em todos os lugares. – falou. – Veja se não tropeçou em alguma nos últimos tempos.

23. Kojak, seriado americano policial, foi exibido de 24/07/1973 até 18/03/1978.

24. CSI, seriado americano policial, se passa em um laboratório forense, deu origem a mais dois seriados, CSI New Yorke e CSI Miami.

27. Jacques Clouseau é o policial francês fictício dos filmes da série A Pantera Cor de Rosa.

NO CAMINHO PARA CASA, liguei para Ariana, que estava no escritório.

– Estou indo para casa – avisei.

– Não vai ao cinema? – perguntou ela.

– Não.

– Então não vou demorar.

Existia uma tensão sexual naquele diálogo, como se fôssemos dois adolescentes planejando o segundo encontro. Percebi que nas últimas seis semanas Ariana tinha ido para a cama antes de eu chegar em casa. Agora eu estava agitado, aflito com a noite que tinha pela frente.

Mas meu otimismo foi por água abaixo. A reunião de Ariana, na qual ela usaria o terninho que eu me esquecera de pegar na lavanderia, seria naquela tarde. Então por que ela ainda estava no escritório? Fiquei na dúvida se ligava ou não para a secretária dela e verificava se o encontro tinha sido desmarcado. A própria Ariana dissera que era fácil desconfiar de alguém. Sem perceber, entrei num estado paranoico, desconfiando de tudo e de todos ao meu redor.

Passei pelo shopping e o sinal do meu celular oscilou. Enquanto diminuía a velocidade para entrar na garagem, senti um mau pressentimento que me fez olhar para os lados. Não havia nada de diferente no jardim ou na varanda. Mas um movimento na cortina chamou minha atenção. Vi rapidamente uma mão branca.

A luva de borracha.

Aquela visão era tão estranha e fora de contexto que fiquei boquiaberto. Percebi um vulto se mexendo atrás da cortina e senti uma descarga de adrenalina nas veias. Não reduzi a velocidade do carro – passei direto pela garagem e estacionei junto à calçada do vizinho. Pensei em dar meia-volta e pedir que os funcionários da mercearia chamassem a polícia, mas sabia que o invasor fugiria ao ouvir a sirene. Segurando a maçaneta da porta do carro e encarando o volante, tentei resistir, mas a raiva e a curiosidade me fizeram abrir a porta.

Desci do carro e corri até a minha casa. Pulei na calçada, segui rente à cerca e alcancei o portão da garagem. Contei até 20, os olhos fechados, e dei um longo suspiro antes de enfiar a chave na porta. Meus olhos correram pelas estantes

analisando cada objeto conhecido e parando nos tacos de golfe, presentes que ganhara da minha agente após a venda do roteiro. Estavam cobertos por uma espessa teia de aranha. Minhas mãos escolheram a peça mais pesada.

A porta que dava para a sala de jantar precisava de óleo. Fazia meses que eu prometia colocar um ponto final àquele ruído irritante. Aproveitando que estava na garagem, agachei-me e lubrifiquei as dobradiças. Empurrei a madeira e a porta se abriu lentamente, sem reclamar. Na mesma hora me lembrei do alarme, mas percebi que o invasor tinha desligado o dispositivo.

Uma gota de suor escorreu pelo rosto, indo parar no meu lábio superior. Deslizei porta adentro e a fechei com cuidado. Segui na ponta dos pés, segurando o taco como uma espada de samurai.

Avancei devagar, estudando a cozinha. Notei que a porta dos fundos estava entreaberta. Corri até lá. Um sujeito enorme de máscara e jaqueta preta se encontrava no meio do gramado, olhando para a casa.

Esperando por mim.

Congelei, meu coração veio à boca e minha garganta se fechou.

As luvas pareciam flutuar ao lado do corpo como se ali estivesse um mímico. Tive a impressão de que o sujeito me viu. Virou-se e começou a correr pelo gramado. Segui atrás dele. Com o pouco de lucidez que ainda me restava, percebi o porte musculoso e a eficiência militar do invasor, com quase certeza de que calçava botas Danner. Subiu num vaso de planta e escalou o telhado da estufa, escapando por cima da cerca. Atirei o taco em sua direção, mas a peça passou longe. Dei um impulso e me projetei contra a cerca. Pendurado, olhei para os dois lados da rua e vi que ele tinha sumido, atravessando algum jardim ou dobrando a esquina mais próxima.

Voltei para o meio do gramado ainda sem fôlego. Será que o invasor não imaginava que eu chegaria em casa àquela hora? De qualquer maneira, não pareceu muito preocupado. Considerando seu tamanho e sua agilidade, ele poderia ter acabado comigo. Mas eu não tinha a menor intenção de brigar com alguém.

Retornei lentamente para dentro de casa, desabei numa cadeira e fiquei escutando minha própria respiração. Depois de um tempo, fui até a gaveta da cozinha e vi que as novas chaves estavam no lugar, assim como os objetos ao redor. Encarei o painel do alarme no pé da escada como se ele fosse me dizer algo. Subi, examinei o quarto e depois meu escritório. A tampa do pino de DVDs

estava no chão. Vi que faltava um disco. Desci de novo. O invasor havia tirado a câmera de trás da palmeira e fechado a cortina. Para piorar, a memória tinha sido apagada.

Fui desanimado até a sala de TV. Um disco brilhava na gaveta aberta do aparelho de DVD. Empurrei-a e afundei no sofá. O barulho da TV sendo ligada me pareceu alto demais. A tela continuava preta, então comecei a brigar com os botões do controle remoto.

Finalmente lá estava eu. No sofá e com as roupas que usava naquele dia. Fiquei esperando para ver o que ia acontecer. Mordi o lábio. Na tela, minha imagem repetiu meu movimento. O sangue congelou nas minhas veias. Tentei engolir, mas a garganta se recusava.

Levantei uma das mãos. Meu outro eu também levantou. Falei “Meu Deus” e fui surpreendido pela minha voz saindo das caixas do home theater. Respirei fundo. Meu duplo respirou fundo. Parecia assustado e seu rosto estava abatido. Levantei-me e fui até a TV, minha imagem aumentava de tamanho. Arranquei a tela plana da parede e a coloquei no chão, examinado os fios. Eu continuava a me encarar, sem mudança no ângulo da imagem. Ao alcançar as prateleiras mais altas, puxei algumas tomadas e removi os espelhos. Nada. Tirei discos e livros das prateleiras, usei um peso de papel e o atizador da lareira para fazer um buraco na parede. Abaixei-me e abri a porta de vidro do armário onde ficavam os LPs28 de Ariana. A imagem da TV mudou de ângulo.

Havia uma câmera presa no topo do vidro. Abri e fechei a porta e a imagem na TV oscilou. Soltei o aparelho. Um fio corria para trás e atravessava a capa empoeirada de um disco. Dei um puxão e um pedaço do gesso cedeu, revelando um celular escondido. Era um modelo barato. Estava com todas as barras de sinal completas, ao contrário do meu, que nunca funcionava dentro de casa.

Dei um passo para trás e então outro. Atordoados, subi a escada e me escondi no banheiro, longe da câmera. Eu agia sem pensar e minhas ações eram disparatadas. Liguei a água quente do chuveiro e o vapor tomou conta do cômodo. Não sabia se o barulho da água abafaria os microfones que pudessem estar escondidos, mas aquilo sempre funcionava nos filmes.

Num momento de lucidez, fui até o escritório, onde peguei um gravador para registrar qualquer telefonema que eu recebesse. Arrastei-me de volta ao banheiro e sentei no vaso, o celular sobre o tapete felpudo entre meus pés. Apoiei o queixo no joelho. Eu não estava com medo, mas era o que poderia parecer para alguém que entrasse ali naquele momento. A água afogava meus

pensamentos e o vapor limpava meus pulmões.

Não sei por quanto tempo fiquei no banheiro, mas de repente a porta se abriu e Ariana entrou. Seu rosto estava vermelho e o cabelo, arrepiado. Segurava uma faca de açougueiro. Pelo menos fora sensata ao abandonar a ideia de se proteger com uma raquete. Largou o utensílio em cima da pia, apoiou-se na bancada e levou as mãos contra o peito, desesperada.

Percebeu minha expressão, o celular no tapete, o gravador na bancada.

– O quê... A TV... O quê...?

Minha voz saiu áspera e entrecortada.

– Vi o invasor. Uma máscara. Fugiu. A casa grampeada. Estão vigiando.

Ela engoliu em seco, agachou-se e pegou o telefone.

– Estava escondido – falei – no armário embaixo da TV.

– O celular tocou?

– Não.

Mordendo o lábio inferior, apertou alguns botões.

– Nenhuma ligação recebida nem feita. A agenda está vazia. – Sacudiu o aparelho, incrédula. – Como... Como ele entrou?

– Pela porta dos fundos, eu acho. Deve ter forçado a fechadura. Ou tem a chave.

– Desativou o alarme? – O ar estava úmido e Ariana parecia suada. – A polícia. Eles viram onde escondemos as chaves. São os únicos que sabem além de nós.

– Foi o que pensei. Mas aí eu me dei conta. A casa está grampeada. Quando você me disse o novo código, alguém...

O telefone gritou. Ariana esbarrou na bancada e o aparelho caiu no chão. Tocou de novo, pulando no piso frio. Estiquei a mão e fechei a torneira do chuveiro.

O barulho ecoava pelas paredes.

Apontei para o gravador e Ariana o jogou para mim. O celular tocou novamente.

– Pelo amor de Deus, Patrick! Atende de uma vez!

Acionando o gravador, pressionei o telefone contra o rosto.

– Alô?

Uma voz distorcida falou do outro lado:

– Você está pronto?

28.LP's (Long Play),mídia desenvolvida no final da década de 40 para reprodução musical.

A FRASE SEGUINTE TAMBÉM ERA assustadora.

– Desligue o gravador.

Obedeci e coloquei o gravador sobre a tampa do vaso, olhando para as paredes e para o teto. Minha voz estava rouca, mastigada.

– Desliguei.

– Sabemos que foi ao mercado e comprou banana, amendoim e chá gelado. Sabemos que observa sua esposa chorar pela janela da cozinha todos os dias. Que foi à delegacia às quatro e trinta e sete de hoje e conversou com a investigadora Richards durante 14 minutos. – A voz era fria e sem emoção. – Sabe que podemos descobrir qualquer coisa sobre você?

– Sei.

– Sabe que podemos entrar em sua vida a qualquer hora e fazer qualquer coisa? – O modulador deixava a voz monótona.

– Sei.

Ariana estava com o rosto colado ao meu. Afastei o aparelho do rosto para que ela escutasse.

– Não procure a polícia novamente. – A voz se calou. Girei o bocal para que não percebessem minha respiração acelerada. – Levante-se e saia do banheiro.

Saí com Ariana na minha frente, andando de costas, tropeçando em livros e roupas espalhados pelo chão. O ar do quarto resfriou meu rosto, num revigorante contraste com o calor do banheiro.

– Vá até o corredor. Cuidado para não bater na cama. Vire à direita e passe pelo escritório.

Ariana andava apressada ao meu lado enquanto eu avançava com o rosto suado e colado ao telefone.

– Há alguma coisa que eu possa fazer para isso terminar? – perguntei, mas a voz me ignorou.

– Passe pelo pôster de M – O vampiro de Dusseldorf²⁹. Agora desça a escada e

dobre à esquerda. Cuidado com a mesa. Direita. Esquerda. Gire 45 graus.

Eu estava de costas para a TV.

– Agora abra o sofá.

Atirei as almofadas para o lado sentindo meus ouvidos latejarem. Será que havia alguma coisa ali dentro? Eu estaria dormindo sobre algo perigoso?

A alça escorregou da minha mão e Ariana se aproximou para ajudar. Minha outra mão apertava o telefone contra a orelha. Puxamos e o móvel se abriu como um inseto que se desprende do casulo. Minha esposa agarrou o suporte de metal, que bateu contra o piso, deixando parte do colchão ainda preso, escondendo alguma coisa.

Com a mão dormente, puxei o colchão, que se abriu provocando uma vibração nas molas e revelando uma pasta de papel pardo e uma vareta escura com uma peça achatada e circular na extremidade, semelhante a um detector de metal.

– Há uma planta da sua casa dentro da pasta. Os círculos vermelhos indicam os locais onde instalamos câmeras e microfones. O instrumento comprido é um detector de junção não linear. Você pode usá-lo para ver que não estamos brincando.

A pasta tinha sido retirada do meu escritório. Quando a abri, encontrei duas folhas tamanho A4 com a planta de cada andar da casa, que eu havia recebido do arquiteto e salvado no meu computador. Uma faixa desbotada corria pelo centro das páginas, dando-me a certeza de que haviam sido impressas na minha impressora, que estava quase sem tinta. Mas não foi isso que me deixou enojado. Foi a quantidade de círculos em cada página: a contagem parou no 10.

Colocando as folhas lado a lado, tentei imaginar o objetivo de alguém vigiar nossa vida. Ariana afastou o cabelo da testa e soltou um suspiro que se confundia com um gemido. Virei a cabeça lentamente e peguei meu marca-texto enfiado dentro da edição de fim de ano da Entertainment Weekly³⁰ que estava sobre a mesa de centro. Com a mão tremendo, fiz um círculo por cima dos outros pintados em vermelho.

Ariana deu um passo para trás, examinando as paredes e os móveis. Olhando para a folha impressa, enfiou o dedo num pequeno ponto abaixo de um porta-retratos pendurado na parede.

– Não pode ser... Eles não podem...

A voz me assustou, arrancando-me dos meus devaneios. Eu tinha me esquecido da ligação.

– Criamos uma conta no Gmail para você: patrickdavis100875. – A minha data de nascimento. – A senha é o nome de solteira da sua mãe. Vamos mandar o primeiro e-mail às quatro da tarde de domingo.

O primeiro e-mail? A frase me deixou ainda mais apavorado. Minha jornada pelo inferno estava apenas começando. Eu mal tinha processado a informação quando a voz ordenou:

– Agora vá até lá fora. Sozinho!

Arrastando meus pés em direção à porta, gesticulei para que Ariana ficasse onde estava. Ela sacudiu a cabeça e me seguiu, roendo as unhas. Fui até a porta com ela às minhas costas, encostando o ombro no batente e espremendo-se contra a parede, para que apenas uma parte de seu corpo ficasse exposta.

– Vá até a calçada. Está vendo a grade do bueiro junto ao meio-fio?

– Espere. – Parei a três metros do bueiro. – Ok – menti –, estou em cima dele.

– Agache-se e olhe para baixo.

Percebi que eles não podiam nos vigiar o tempo todo.

– Patrick Patrick!

Assustado, virei-me e vi Don caminhando em minha direção segurando uma caixa. Resmunguei para o celular:

– Espere um segundo. – Em seguida: – Agora não posso falar, Don!

– Ah! Não vi que você estava ao telefone.

– Sim, estou.

Com o canto do olho, percebi um movimento na porta de casa, Ariana recuando e deixando somente uma fresta aberta.

– Não pense em nos enrolar.

Don continuou a falar, gaguejando:

– Escute... eu só... queria pedir desculpas pela forma como eu...

– Não precisa. O problema sou eu, Don. – Meu rosto ardia. – Escute, estou no meio de uma ligação urgente. Não posso falar agora.

– Livre-se dele. Já!

– Estou tentando – sussurrei ao telefone.

– Quando então, Patrick? – perguntou Don. – Faz seis semanas. Querendo ou não, somos vizinhos e eu tentei várias vezes...

– Don, eu não preciso discutir isso. Não devo nada a você! Agora suma da minha frente e me deixe terminar a ligação!

Ele me encarou e deu alguns passos para trás, antes de se virar em direção à sua casa.

– Certo – voltei ao telefone –, o bueiro do meio-fio...

– Depois de remover os dispositivos de dentro da casa, coloque-os na bolsa de lona que está na estante superior do seu closet e jogue-a aí dentro. As câmeras, os microfones, os cabos e inclusive o detector de junção. À meia-noite de amanhã. Em ponto. Agora repita o que acabei de dizer.

– Meia-noite de amanhã. Em ponto. Jogar tudo dentro do bueiro. Às quatro da tarde de domingo vou receber um e-mail.

– Esta é a última vez que escuta minha voz. Agora coloque o celular no chão, esmague-o com o pé e jogue-o dentro do bueiro. Ah, Patrick!

– O quê?

– Não é nada como você imagina.

– O que eu imagino?

Mas a ligação já tinha caído.

29. Filme alemão de suspense, filmado em 1931.

30. Revista americana de assuntos variados. É publicada semanalmente.

VOLTEI PARA DENTRO DE casa depois de destruir o celular. A porta se abriu e eu agarrei Ariana pelo braço, puxando-a para junto de mim. Percebi o suor no seu rosto. O cheiro do condicionador. Seu peito arfando. Fiz uma concha com a mão e sussurrei no seu ouvido:

– Vamos até a estufa.

O único lugar onde não seríamos vigiados.

Concordou e se desvencilhou do meu abraço.

– Estou com medo, Patrick— falou alto.

– Está tudo bem. Já sei o que eles querem. Ao menos o que querem que eu faça.

– Fiz um resumo da minha conversa.

– Mas e depois, Patrick? Viramos reféns dessas pessoas. Precisamos chamar a polícia!

– Esqueça a polícia. Eles vão ficar sabendo. Eles sabem de tudo!

Ariana caminhou furiosa até a sala de TV. Fui atrás dela.

– Então vamos continuar cedendo?

– Não temos escolha.

– Sempre há escolha.

– E você é a especialista em fazer escolhas sensatas?

Deu meia-volta e veio para cima de mim.

– Não fui eu quem joguei minha vida pela janela para ser despedido de uma porcaria de filme!

Fiquei surpreso com sua reação. Ela então bateu uma mão na outra:

– Me desculpe.

Recuperei o fôlego.

– Certo. Você é a pessoa centrada da casa. Mas bastou o quê? Um trote para

fazer com que você quisesse acabar com nosso casamento?

– Não foi só isso.

– Então eu deveria ter lido sua mente para adivinhar que você estava ressentida?

– Não. Você deveria ser mais presente. A comunicação só ocorre quando há duas pessoas envolvidas no processo.

– Nove dias! – gritei, assustando nós dois e fazendo Ariana recuar. – Estive fora por nove dias. Isso é menos de duas semanas. Você não podia esperar nove dias para falar comigo?

– Nove dias? – Ela se recuperara do susto. – Você sumiu por um ano. Desapareceu no instante em que recebeu a ligação de uma agente.

Ariana começou a chorar, virando-se e saindo pela porta dos fundos. Dei um tapa no meu rosto. Baixei a cabeça e contei até 10 em silêncio. Depois fui atrás dela. Quando empurrei a porta e senti o calor da estufa, Ariana me abraçou, apertando-me com força. Ficamos juntos por dois minutos, até nos soltarmos e começarmos a vasculhar embaixo das estantes e levantar os vasos, examinando todo o lugar. Ao terminar a inspeção, virei-me para ela e disse:

– Aqueles idiotas entraram na nossa casa, no nosso quarto. Eu estava dormindo em cima do equipamento deles. Que diabo eles querem conosco?

– Eles escutaram tudo – disse Ariana. – Todas as brigas. Todos os palavrões. Nossas conversas durante o jantar. Tudo. Meu Deus, Patrick Meu Deus!

– Precisamos sair dessa – comentei, respirando fundo.

– “Dessa” o quê? – Os lábios dela tremiam.

– Isso não tem nada a ver com traição, faculdade ou estúdio. Sejam quem forem, esses caras são profissionais.

– No quê?

– Nisso.

Ficamos em silêncio, quebrado apenas pelo zumbido do exaustor na parede. Ariana então falou:

– O que mais preciso saber, Patrick?

Contei tudo a ela, falando sobre a visita a Jerry, Keith e Sally Richards, sobre a pegada de bota, e por fim sobre a mentira que eu dissera ao telefone quanto ao fato de estar sobre o bueiro.

– Então eles não têm como nos vigiar o tempo todo – concluiu.

– Não. Só precisamos descobrir onde estão os pontos cegos. Mas parece que essa fase chegou ao fim. Caso contrário, por que nos informariam a posição dos grampos?

– Para armar outra coisa. – Ariana respirou fundo e sacudiu as mãos, aflita. – O que será que vai estar no e-mail, Patrick?

Meu estômago se embrulhou. Meus lábios pareciam secos e rachados.

– Não faço ideia.

– O que vamos fazer? Deve haver algo que possamos fazer! – Impotente, olhou para as paredes verdes. Só havia nós dois ali dentro, ambos desesperados. – Se eles sabem que você foi à delegacia, é porque têm um informante lá dentro. Será que a investigadora Richards está envolvida? – Sua voz foi diminuindo até virar um sussurro.

– Acho que não – respondi. Ariana me olhou desconfiada, mas continuei: – Além do mais, por que teria me falado sobre a bota, algo que implica a própria polícia?

– Tudo bem. Mas mesmo que não seja ela não podemos vê-la novamente, ou eles vão ficar sabendo.

– Também duvido que ela possa ajudar. Seja lá quem estiver por trás disso, a coisa está além da autoridade policial.

– Ok, então vamos procurar a Secretaria de Segurança Pública?

– Não adianta. A bota é utilizada pela própria Swat. Portanto, não podemos confiar nos escalões superiores.

– Então precisamos do FBI.

– Mas esses caras vão descobrir!

– E quem se importa? – questionou Ariana. – Afinal, estamos sendo ameaçados do quê?

- Acho que é mais uma surpresa – respondi.
- Não deveríamos arriscar pedir ajuda? – perguntou.
- Acho que devemos esperar e ver o que eles querem. Caso contrário, vai ser perda de tempo. Você já viu como é.
- Será que não está seguindo as instruções desses caras porque está com medo? – insistiu ela.
- Claro que estou com medo – respondi. – Eles são capazes de qualquer coisa.
- O problema está aí – falou, irritada. – É isso que eles estão nos mostrando. Que não conhecemos ninguém poderoso o suficiente para nos ajudar. O que vamos fazer então?
- Remover as escutas das paredes. Pelo menos as que eles indicaram. E vamos fazer isso já.
- Por que a pressa?
- Porque à meia-noite de amanhã todas as provas vão bueiro abaixo.

Meus braços ficaram dormentes por segurar o detector durante aquelas duas horas. Com atenção redobrada, fiz a varredura da parede sul da sala de estar. Após checarmos cada centímetro do cômodo, não restava mais nenhuma escuta. Fechamos as cortinas e as persianas, e a sala ficou com a mesma atmosfera claustrofóbica da estufa.

Atrás da poltrona ficava o cesto de roupa suja, cheio até a borda de cabos, câmeras, transmissores e plugues que arrancamos do aparelho de ar-condicionado. O andar de cima estava uma bagunça, com móveis revirados, paredes quebradas e quadros e livros espalhados pelo chão. No térreo, frigideiras e panelas se empilhavam na cozinha e as portas dos armários da sala estavam escancaradas. As gavetas de remédio do lavabo tinham sido esvaziadas na pia. Trabalhávamos num silêncio apavorante.

Meus braços estavam brancos da poeira do reboco. Com a planta do primeiro andar no bolso, confirmei a localização de um círculo vermelho no portal da entrada. Desci da cadeira e bati de leve no local. Cansada, Ariana se arrastou à frente e rachou a parede com um martelo.

Passei por cima de um pedaço de madeira cheio de pregos e coloquei o detector encostado no portal, sentindo meus braços doloridos. Ao lado do carpete rasgado, havia algumas fotos que eu encontrara nos armários e nas gavetas. Eram as últimas imagens que Ariana imprimira meses atrás e escondera de brincadeira pela casa. Formavam um resumo do nosso relacionamento. Nós dois do lado de fora de um ginásio. Nosso primeiro almoço na casa, servido sobre as caixas de mudança. Eu sorrindo com o cheque do Summit Pictures nas mãos, com o bolo que Ariana fizera para a ocasião em segundo plano.

Com um cabo enrolado em volta do punho, Ariana deu um passo para trás, lutando com o fio que saía do buraco como se fosse uma linha de pesca. O material acabou cedendo, rasgando a parede e derrubando o quadro com nossa foto de casamento. O vidro trincou, formando uma rachadura na altura do nosso rosto sorridente. O rasgo continuou pelo teto e o cabo foi arrancado do ventilador. Ariana cambaleou quando o fio se soltou e ficou curvada com a mão aberta, sem fôlego. Depois abaixou a cabeça, apoiando-a na mão, e quebrou o silêncio com seu choro.

– NÃO ESTOU ESPERANDO NENHUMA ligação.

– Jerry, aqui é Patrick

– Como eu disse, não estou...

Curvei-me contra o telefone público do lado de fora do mercado, olhando sobre os ombros para a rua vazia. A luz da manhã tornava desnecessário o brilho dos postes de luz.

– As coisas mudaram, Jerry. Nossa casa estava toda grampeada. Você poderia, por favor, nos ajudar?

– Por que diabo está ligando para mim? Esqueceu o processo?

– Isso não tem nada a ver com o estúdio.

Aquelas palavras o fizeram se calar.

– Não?

– Estou lhe dizendo. Passe aqui para dar uma olhada. Não vai acreditar nas coisas que arrancamos das paredes. Câmeras e geringonças que eu nem sabia que existiam. Não faço ideia de como instalaram isso. Havia uma câmera escondida dentro do meu despertador e outra dentro do detector de fumaça.

Jerry assobiou e em seguida ouvi um suspiro.

– Câmera escondida?

– Esse é o menor dos problemas. A casa agora está supostamente limpa. Mas não confio nisso. Quero que seja feita uma varredura. Eles ligaram e disseram que não devemos contatar a polícia.

– Pelo visto você está encrencado.

– Estou, Jerry. – Eu sabia que ele estava preocupado. Decidi provocá-lo: – Você já trabalhou com vigilância, não é?

– Trabalhei. Por que acha que o estúdio me contratou? Eu era técnico em interceptação no Exército. É só isso que se faz em Hollywood hoje em dia: grampo. Ninguém mais quer filmar.

– Olhe, acho que isso é coisa de profissional. Conhece alguém capaz de fazer o serviço? Uma empresa especializada?

– Não venha com essa de “empresa”, Patrick. Você venceu. Se a coisa for como você pintou, preciso dar uma olhada. É bom estar por dentro das novas tecnologias.

– Então você vai vir?

– Só se – uma pausa – você prometer que nunca mais vai passar perto do estúdio.

Soltei um suspiro de alívio e encostei a testa contra a parede.

– Prometo. Mas, veja bem, eles podem estar vigiando a casa.

– Você destruiu a casa, não foi? Que tal uma visitinha do seu mestre de obras?

Uma hora depois a campainha tocou. Olhei por cima do ombro de Jerry, de calça jeans e camiseta de manga comprida apertada, e vi um furgão branco estacionado junto à calçada. Uma faixa na lateral dizia: IRMÃOS LENTESKI. SERVICOS ELÉTRICOS E PEQUENOS REPAROS. Pegou uma caixa de ferramentas do chão e entrou rapidamente, apresentando-se a Ariana de um jeito brusco. Abrindo a caixa, retirou um controle remoto, apontou-o para o veículo e apertou um botão.

– Há um interceptador no furgão. Celulares, internet e qualquer aparelho de vigilância não vão funcionar a partir de... agora!

– Irmãos Lenteski? – falei.

– Quem não acreditaria num nome desses? – brincou, retirando uma antena e encaixando-a no que parecia ser um laptop com uma base alta, semelhante a uma caixa de sapato. Ondas vermelhas atravessaram a tela. – Uma coisa de cada vez. Vamos ver se há algum dispositivo em operação. Preciso desligar o interceptador para captar os sinais, o que é uma boa ideia, já que o aparelho tem um alcance de quatro quarteirões. A essa hora seus vizinhos devem estar ligando para o suporte técnico da TV a cabo. – Pegou um iPod nano³¹ preso a um cordão na calça. Um pequeno dispositivo estava plugado ao seu fone de ouvido. – A maioria dos aparelhos sofisticados só funciona se tiver algum ruído no ambiente. É uma forma de economizar energia. Mas os técnicos começaram a trabalhar ouvindo Van Halen³². Então os aparelhos foram aprimorados para

captar apenas sons de fala. Logo... – Elevando o indicador diante da boca, apertou o controle remoto, desligou o interceptador e mexeu no iPod. Uma voz falou: – A filosofia na alcova, do Marquês de Sade 33.

– Marquês de Sade? Sério? – perguntou Ariana olhando para mim.

Enquanto Jerry se ocupava da entrada, sentei-me no sofá e comecei a folhear uma Entertainment Weekly, mas me peguei relendo os mesmos textos. Na cozinha, Ariana tirou todas as xícaras do armário e as colocou de volta no que parecia ser a mesma ordem. Em seguida abriu uma caixa de macarrão e a esvaziou sobre a bancada. Nenhum microfone escondido. Alinhou fatias de pão na bancada. Vasculhou a secadora. Tirou um prendedor do cabelo e o examinou. Estava nitidamente ansiosa. Por cima da revista, eu observava as centenas de objetos espalhados pelo chão, perguntando-me se havia uma zarabatana escondida em algum lugar.

Jerry continuou a ronda por cada um dos cômodos, o silêncio quebrado apenas pelo audiolivro em seu iPod. Os personagens do Marquês de Sade já haviam examinado uma grande variedade de orifícios quando Jerry nos chamou até o armário da sala de estar, onde ele trabalhava com um laptop diferente, porém tão grande quanto o anterior. Meus tênis de corrida estavam no chão ao lado da capa de chuva de Ariana.

Apontou para o calçado.

– Achei alguma coisa aqui no calcanhar. Estão vendo essas costuras? E também no forro da capa de chuva.

Enrolado em seu pescoço, o fone do iPod exclamou, animado: “Vou liberar meu sêmen ardente até minhas entranhas não aguentarem mais.”

– Estão escutando? – perguntei. – Neste instante?

– Não. – Olhei para a tela do laptop, onde havia uma confusão de tabelas e ondas de amplitude. – Essas coisas estão mandando mensagens extremamente curtas a cada cinco minutos. O sinal é baixo e de difícil detecção. Nada sonoro nem visual.

“Balance-o com força! É um dos melhores prazeres que se pode imaginar.”

– São dispositivos de rastreamento? – perguntei.

– São. Eles mandam pacotes de informação exatamente como um celular. O

analisador me diz que eles transmitem os dados como um SMS.

– Esta é a capa que uso sempre – disse Ariana. – Podemos remover o rastreador?

– É melhor não – respondeu Jerry.

– Por quê? – perguntou ela.

– Porque – falei – descobrimos uma coisa que eles não sabem.

Ela deu um sorriso triste para a capa de chuva, como se se sentisse traída.

– Consegue descobrir o destino dos sinais?

– Não – respondeu Jerry. – Consigo ver o registro do aparelho, mas, quando o sinal sai daqui de dentro, ele desaparece.

“Levante seu traseiro mais um pouquinho, meu amor!”

– Você se importaria em desligar isso aí? – perguntei.

– Ou aumentar o volume? – emendou Ariana, rindo.

– Desculpe, é um costume que tenho – desligou o iPod. – Ficam menos desconfiados quando recebem algo embaraçoso. Além do mais, é um trabalho cansativo. A gente acaba ficando entediado. Então recorro a algo excitante.

– Voltando ao assunto – falei –, por que não é possível rastrear o destino dos sinais?

– O sinal é mandado para uma porta conectada a um roteador, que viaja até um servidor anônimo localizado no Azerbaijão ou em outro lugar. Mas este é o menor dos problemas. – Pegou o cesto de roupa suja e enterrou a mão no emaranhado de equipamentos, puxando uma peça plástica da finura de um envelope. – Isso aqui carrega usando as ondas dos sensores do alarme e do roteador da internet sem fio.

– Somos leigos, Jerry.

– Bem, isto aqui não é o tipo de equipamento feito na China. Geralmente é fabricado em Israel. – Jogou o equipamento de volta no cesto. – Conheci uns oficiais israelenses num treinamento que fiz em Bucareste. – Fez uma careta. – Você mexeu com as pessoas erradas, Patrick.

Encostada na parede, Ariana escorregou lentamente até o chão.

– Será... – Minha garganta estava seca, então engoli e tentei de novo: – Será que é a polícia?

– Esse equipamento não costuma ser comprado com verba municipal ou estadual. Isso é coisa fina.

– Alguma agência do Governo?

Jerry levantou o polegar .

– Mas os investigadores encontraram uma pegada de bota no jardim – falei. – Um modelo usado por policiais. Danner tamanho 44.

– Danner não é bota de policial – respondeu. – O investigador que veio aqui pode ter visto o sapato no pé de algum engraçadinho querendo se exibir. Mas ela é usada pela elite do Exército ou por agentes do Governo.

– Ah – falei –, que ótimo!

– Por que uma agência ou um espião se interessaria em nós? – perguntou Ariana.

– Não temos dinheiro, influência, nem estamos envolvidos com política.

– Bem, existe a questão do filme – respondeu Jerry, começando a guardar seus equipamentos.

– Como assim? – perguntei.

– O filme incomodou muita gente. Tivemos uma longa troca de e-mails com Washington. A CIA34 não é bem-retratada na história.

– O quê? Então é verdade que a CIA leu o roteiro?

– Claro! Queríamos a cooperação deles. Usar as instalações, o carimbo e tudo mais. É assim que se economiza! É a mesma coisa com o Pentágono: se o roteiro for simpático, eles emprestam helicóptero e cedem as bases militares. Mas se for no estilo de Nascido para matar, podem dizer adeus! E convenhamos, Patrick, Você está sendo vigiado critica a CIA abertamente. Ela é apresentada como uma agência comunista!

– Ah, besteira! – protestei. – Aquilo é só um filme. Eu não tinha intenção nenhuma.

- Talvez não tenham entendido. A diversão de um pode ser a jihad³⁶ de outro.
 - É um típico suspense de Hollywood, não um documentário bombástico. E sou apenas um roteirista, sem qualquer ligação com o estúdio. – Aproveitei a ocasião para desabafar. – Além do mais, o Governo sempre é corrupto nos filmes.
 - Talvez estejam cansados dessa imagem.
 - Você realmente acha que o filme causaria isso tudo? – perguntei, apontando para as paredes destruídas e para Ariana sentada no chão.
 - Tem alguma explicação melhor?
 - Se for uma agência, precisamos pedir ajuda à polícia. – Ariana rompeu o silêncio.
 - Porque a polícia tem demonstrado boa vontade em acreditar... – falei.
 - Vejam bem – disse Jerry. – Esses caras já provaram que conseguem monitorar tudo o que acontece dentro de uma delegacia. Eles não só sabiam que você tinha ido à polícia, como tinham conhecimento da mesa à qual se sentou e do andar ao qual se dirigiu.
 - Como sabe disso? – berrou Ariana.
 - Conte para ele ao telefone – revelei.
- Nós olhamos para um ponto imaginário no chão.
- Desculpe – falou Ariana.
 - Como eu estava dizendo – retomou Jerry, sem qualquer mudança na sua fisionomia –, não podemos descartar a hipótese de eles terem um informante dentro da polícia. De qualquer maneira, tiveram acesso às câmeras instaladas aqui dentro. Estão vigiando vocês e a polícia. E fazem isso bem. Quer mesmo que eles saibam que você está revidando só porque foi a uma delegacia? Você poderia entregar o pouco que sabe, seus planos, sua estratégia.
 - Estratégia? – perguntou Ariana, tossindo e dando uma risada.
- Jerry checou o relógio e continuou a guardar o equipamento na caixa revestida de espuma.
- Bem, o restante da casa está limpo. Não encontrei nenhum vírus nos

computadores, mas tenham cuidado com o que imprimem. Impressoras, copiadoras e aparelhos de fax têm HD e as pessoas podem descobrir o que vocês andam fazendo. Os carros também estão limpos, mas vale a pena fazer uma varredura de vez em quando. Fiquem com isto aqui. É um interceptador que desativa qualquer dispositivo de gravação num raio de seis metros. O fabricante fala em 15 metros, mas não abusem da sorte. – Ele me entregou um maço de Marlboro e mostrou o botão preto que saía por entre os cigarros falsos. – Usem quando conversarem dentro de casa, pois eles podem instalar alguma coisa quando estiverem fora. Se não fumam, enfiem o maço dentro do bolso. Só não deixem isso largado por aí. Ah, e joguem fora os celulares. Ou deixem desligados se não quiserem ser localizados. Eles funcionam como os rastreadores dos tênis e da capa. Se precisarem usá-los, sejam breves e depois os desliguem. Demora uns minutos para a ligação ser rastreada, por isso chamadas curtas são em tese seguras.

Ariana estava com os cotovelos apoiados sobre os joelhos. Sem se mexer, disse:

– Acredito que não adianta trocar o alarme e as fechaduras.

Jerry deu um sorriso debochado:

– Vocês não têm condições de manter esses caras longe daqui.

– Qual é a solução? Ir embora desta casa?

– Depende. Vocês costumam fugir dos problemas?

Ariana olhou para mim. Se não estivesse guardando seus equipamentos, Jerry teria percebido a tensão naquele olhar.

– Não – falei olhando para ela. – Não fugimos dos nossos problemas.

O telefone tocou e Ariana se levantou.

– Ninguém liga para cá de manhã. E se for a polícia?

Olhei para o relógio, mal percebendo que eu estava atrasado. Perguntei a Jerry:

– Os telefones estão grampeados?

Outro toque. O aparelho sem fio estava em algum lugar debaixo dos retratos e das almofadas empilhados na poltrona. Jerry fechou a caixa de ferramentas e se encaminhou até a porta.

– Só amadores deixariam o grampo visível. A turma de hoje usa interceptadores eletrônicos.

Comecei a afastar os objetos sobre a poltrona. Enfiando a mão entre duas almofadas, achei o telefone. CHAMADA NÃO IDENTIFICADA. Meu polegar parou em cima da tecla “Atender”.

– Ariana está certa. Ninguém liga para cá cedo. Pode ser importante.

– Eu não arriscaria – retrucou Jerry, sacudindo a cabeça.

Outro toque.

– Droga – falei. – Droga! – Apertei a tecla verde e percebi o silêncio do outro lado da linha: – Alô!

– Patrick.. – disse a voz rouca do Punch.

– Eu sei, Chad – respondi –, mas agora não posso falar. Já disse que as provas vão estar corrigidas até sexta.

Punch devia estar se perguntando por que eu o tinha chamado de “Chad”. Finalmente ele entendeu o que estava acontecendo:

– Tudo bem... Mas tem como corrigir minha prova antes?

– Vou ver o que consigo fazer. – Desliguei dando um longo suspiro. Jerry já estava à porta. Gritei: – Espere! Obrigado, amigo. Se não fosse você, não sei o que faríamos.

– Você nem faz ideia! – completou Ariana.

– Nada de ligações para o estúdio, ok? – disse Jerry, ignorando minha esposa.

– Pode deixar – falei.

– Eu tomo conta dele – acrescentou Ariana.

– Meu trabalho aqui acabou. Entenderam? – falou, trocando a caixa de ferramentas de mão.

Jerry tinha sido a primeira pessoa a dar uma explicação convincente do que poderia estar acontecendo. Meu desejo era me ajoelhar à sua frente e beijar seus pés. Em vez disso, limitei-me a olhar para o carpete destruído.

– Claro, já entendi. – Ergui os olhos lentamente e agradei: – Obrigado, Jerry.

Ele fez que sim com a cabeça e saiu.

32. Van Halen, banda de rock americana formada em 1974 pelos irmãos Eddie Van Halen e Alex Van Halen.

33. Romance de Marquês de Sade publicado clandestinamente em 1795.

34. CIA, Agência Central de Inteligência, é responsável por fornecer informações de segurança nacional para os políticos.

35. Filme norte-americano, do gênero drama de guerra, filmado em 1987.

36. Jihad (em árabe: جهاد, jihād) é um conceito essencial da religião islâmica e significa "empenho", "esforço". Pode ser entendida como uma luta, mediante vontade pessoal, de se buscar e conquistar a fé perfeita. Ao contrário do que muitos pensam, jihad não significa "Guerra Santa", nome dado pelos Europeus às lutas religiosas na Idade Média (por exemplo: Cruzadas) por mimetismo com o contacto com um Islão que, durante 500 anos antes destas, invadira metade do mundo cristão. Aquele que segue a Jihad é conhecido como Mujahid.

O CELULAR ERA SEMELHANTE AO que eu havia esmagado na calçada, com direito a um cartão de 25 dólares para fazer ligações locais. Peguei-o da prateleira e fui até a caixa.

– Como está Ariana? – perguntou Bill com seu sorriso de sempre.

– Bem. – Olhei para o relógio na entrada da loja. Eu tinha estacionado em fila dupla e uma mulher loura buzinaava numa picafe. – Bem, obrigado.

– Quer uma sacola?

Meu olhar examinava os outros clientes, as câmeras de segurança apontadas para as caixas, os carros no estacionamento.

– Como?... Não, não, está ótimo!

Passou o celular pelo leitor de código de barras. Olhei para o número de identificação que apareceu na tela e em seguida para o movimento na rua. Nosso telhado era visível entre os eucaliptos dos Miller. Voltei a encarar a tela prestando atenção no número. O lugar mais perto da nossa casa onde se vendiam celulares era naquele mercado. Portanto era óbvio que eu o compraria ali. Logo, eu deveria estar sendo vigiado. Eles pensavam em tudo.

Bill disse alguma coisa.

– O quê?

Seu sorriso perdeu um pouco do brilho.

– Eu disse que vocês devem estar ansiosos pela estreia do filme.

A loura buzinou novamente e corri até a porta, virando-me para dizer a Bill:

– Pois é. Olhe, acho que não vou precisar do telefone.

Saí da movimentada Rodovia 101 e segui por Reseda em direção ao campus.

A sacola que patinava no banco do carona tinha quatro celulares que eu acabara de comprar num posto de gasolina em Ventura. Ouvi a voz de Punch pelo quinto celular:

– Da próxima vez escolha outro nome. Chad é horrível!

– Qual você prefere?

– Dimitri.

– Não tinha um mais discreto?

– Bem... Qual é o problema? – perguntou Punch.

– Estou sendo vigiado.

– Sério? A coisa então está feia!

– Horrível, Punch. Estilo Guerra Fria!

Silêncio.

– Então precisamos agir – falou, determinado.

– Acho melhor não se meter nessa.

– Já sou grandinho, Patrick. Você pode vir aqui agora?

– Estou atrasado para as aulas. – Desviei-me de um rapaz num BMW, que me mostrou os dedos médios das duas mãos. Devia ser um dos meus alunos. – Vou ver se consigo passar aí na hora do almoço. Alguma chance de vir para esses lados de cá?

– Claro! É só eu perder parte do meu dia preso no trânsito!

– E isso não é justo?

– Quer saber? Vou fazer esse sacrifício por você. Vai ser meu ato de caridade do ano. Me encontre às duas no terceiro andar do estacionamento da Rua 3. Como já sabe, vá sozinho. E veja se não está sendo seguido. Ah, Patrick, e não me ligue novamente desse telefone.

– Não foi você quem disse para eu não me preocupar com as coisas?

– Isso valia até ontem.

– Obrigado. Agora estou mais tranquilo.

Mas Punch já havia desligado.

Os alunos que me aguardavam estavam impacientes. E tinham razão para isso. Tropeçando sala adentro, eu não fazia ideia do que iria falar. Avistei Paeng Bugayong sentado na última carteira, o rosto afundado entre os braços cruzados. Eu via apenas as franjas escuras caindo sobre seus olhos. Um garoto tímido e inofensivo. Senti-me culpado e idiota por ter desconfiado dele. Na hora do intervalo, os alunos desapareceram assim que o sinal tocou.

Não percebi Julianne se aproximar no corredor lotado.

– Não vai para a sala dos professores? – perguntou.

– Não. Tenho um compromisso.

– Quer companhia até o carro? – Ela foi obrigada a se desviar de um grupo de alunos. – Estou doida pelas cenas do próximo capítulo! Além disso, você me deve um favor. Não se esqueça de que eu o cobri nas aulas de ontem à tarde.

– Eu sabia que ia querer algo em troca – falei, sorrindo e descendo a escada. No caminho até o carro coloquei-a a par dos últimos acontecimentos, omitindo o nome de Jerry e do lugar onde trabalhava. – Você, que é jornalista – continuei –, sabe como investigar a CIA?

– Você acha que a CIA arrumaria essa confusão toda só por causa de um filme? – A expressão em seu rosto demonstrava o quanto ela acreditava naquela hipótese. Era um argumento difícil de ser levado a sério: um professor assistente de uma faculdade de cinema e seu roteiro previsível despertando a ira de uma agência do Governo. – Escute, posso tentar descobrir o contato da assessoria de imprensa. Mas, se a CIA estiver por trás disso, por que estaria recuando?

– Como assim, recuando?

– Ordenaram que vocês removessem todas as câmeras e todos os microfones da casa. O que mais isso significa? – As feições de seu rosto mostravam sua impaciência diante da minha estupidez.

Pensei no que Ariana tinha dito na estufa, que uma nova armadilha deveria estar sendo armada.

– Raciocine comigo, Patrick, por que eles abririam mão de vigiar vocês?

Juntou os cabelos ruivos e os prendeu com um elástico, ficando ainda mais bonita. A camiseta folgada não ajudava muito, mas um aluno que tínhamos em

comum diminuiu a velocidade do carro para observá-la. Julianne, claro, não percebeu: sua atenção estava exclusivamente voltada para mim.

– Estão querendo dizer alguma coisa, eu acho. Estabelecendo um diálogo.

Eu lembrei que o invasor fugira apesar de ter o dobro do meu tamanho. O conflito ainda estava na esfera verbal, mas ainda assim éramos adversários.

– Eles não ameaçaram você – insistiu. – Não explicitamente.

– Sim, mas de qualquer maneira mandaram um recado bem claro! – Destranquei o carro e joguei minha pasta no banco do carona. – Preciso ir. Não conte isso a ninguém.

– Talvez você tenha sido submetido a um teste – falou, segurando meu braço.

– Mas o que fiz para merecer um teste desses?

– Vamos imaginar que esses caras sejam da CIA! Talvez tenham lido algo no roteiro que os impressionou. Sei lá! Será que não é assim que eles recrutam as pessoas?

Não pude deixar de sentir uma ponta de orgulho.

– Será que é possível?

– Estamos falando da Central de Inteligência dos Estados Unidos – respondeu.

– E eles não andam muito bem das pernas, Patrick!

Fiquei pensando na hipótese da minha colega. Não sabia se devia sentir medo ou orgulho. Acabei optando pela primeira opção.

– Isso não é brincadeira, Julianne. Eles invadiram nossas vidas. E o sujeito que fez a varredura da casa disse que estamos lidando com profissionais.

– É claro que ele ia assustá-los! Você mesmo disse que o cara é um idiota que trabalha ou trabalhou para o Governo. Faz parte do trabalho dele sair por aí alardeando os perigos do mundo.

– Não preciso de ninguém para me dizer o que é ou não assustador!

Entrei no carro. O medidor de combustível estava com defeito desde um dos meus ataques de fúria, quando soquei o painel e o ponteiro parou no “Cheio”. Eu

contava com a sorte para chegar ao encontro com Punch. Comecei a dar ré, mas Julianne bateu na janela até que eu a abrisse. Ela se inclinou, a pele branca sob o sol ofuscante da Califórnia.

– Como eu disse naquele dia, talvez eles não estejam atrás da coisa de sempre.

Pisei lentamente no acelerador, recuando enquanto os pneus estalavam as folhas das árvores caídas no chão.

– É exatamente com isso que estou preocupado.

Apesar de atrasado, dei uma volta no quarteirão para ter certeza de que não havia ninguém atrás de mim. Liguei para o celular de Ariana, que atendeu no primeiro toque.

– Você está bem? – perguntou.

– Estou. Acabei ficando em casa. Queria arrumar as coisas. Além do mais, não conseguiria me concentrar no trabalho. Você está conseguindo?

– Em casa? Pelo amor de...

– Eu sei! Mas, se eles quisessem invadir a casa e nos matar, já teriam feito isso.

Encarei meu antigo celular desligado no banco do carona. Queria dar o número do pré-pago que eu estava usando para Ariana, mas a linha dela não era segura e agora eu estava na porta do estacionamento.

– Tudo bem – falei. – Só...

O celular ficou sem sinal. Xingando, subi os três andares e enfiei o Corolla numa vaga. Avistei Punch lendo uma revista num banco perto do elevador. Apressando-me até lá, examinei meu sapato novamente para me certificar de que não estava usando meu tênis com rastreador.

Sentei-me ao lado dele, mas virado para a direção oposta. Era um ótimo ponto de encontro: movimento de carros e de pedestres, ambiente barulhento e um telhado para nos proteger do Google Earth³⁷. Mas uma pergunta não saía da minha cabeça: Sabe que podemos entrar em sua vida a qualquer hora e fazer qualquer coisa? Era perigoso estar ali tentando descobrir algo? Mas eu precisava fazer aquilo. Queriam que eu fosse submisso, mas isso não garantia minha segurança nem a de Ariana. Punch não tirava os olhos da revista.

– Estava ligando para você. Descobri coisas estranhas sobre Keith Conner.

– Por exemplo?

– Primeiro, perguntaram-me por que estou interessado em Keith Conner. Segundo, disseram-me que eu parasse, que esse tipo de investigação é ilegal. Meus contatos não têm permissão para investigar as pessoas. Em geral ninguém se preocupa com um pedido desses. Mas essa investigação acabou chamando a atenção. Minha turma levou uma bronca e eu me queimei. Alguém está de olho nessa porcaria e não é nenhum assessor de imprensa do estúdio. Tem alguém infiltrado na polícia. Agora, você pode me dizer em que roubada se meteu?

Eu relatei a ele a mesma versão contada a Julianne. O rosto corado de Punch ficou ainda mais vermelho depois de ouvir a história.

– Droga! – Limpou as mãos na camisa, que estava com a parte de trás para fora da calça. – Você tem que parar com essa ideia fixa de investigação, Patrick!

– Não dá. É como escrever.

– Mas pelo menos em escrever você é bom.

As portas do elevador se abriram e senti um frio na espinha. Uma mulher saiu arrastando um menino atrás dela. Ela gritou com raiva:

– Por isso que eu disse para deixar o skate no carro!

Esperei mãe e filho entrarem num carro, retirei o gravador do bolso e o entreguei a Punch, que escondeu o aparelho dentro da revista, apertando a tecla “play”: “Você está pronto?”

– Modulador de voz – disse Punch. – Muito comum em trotes.

– Existe alguma forma de identificar a voz?

– Não. Um detetive que quer trabalhar comigo está fazendo um teste. Dei a ele uma gravação dessas, mas até agora não conseguiu nada. – Punch inclinou a revista, deixando o gravador cair no meu colo. – Esse peixe é muito grande para mim. Já que seus telefones estão grampeados, não me ligue mais. – Apontou-me o dedo como se fosse uma salsicha. – E nada de e-mails, escutou? Quando acessa aquela porcaria, fica um registro no seu HD, mesmo que você apague as mensagens. A última coisa de que preciso é de um Big Brother na minha porta.

– Então como eu entro em contato?

– Não entra. É arriscado demais. – Esfregou o rosto, observando minha reação. – Se não gostou, coloque a culpa no Quarto Passo e chame seu Padrinho.

– Não estou no Alcoólicos Anônimos.

– É mesmo? O problema é seu! – Levantou-se e deu de ombros antes de ir embora. – Boa sorte!

O tom de voz era sério, significando que eu não contaria mais com sua ajuda.

O auditório parecia ainda mais vazio do que de fato estava por causa do seu tamanho. Parei no portal, olhando para a sala com uma sensação de impotência. Olhei para a folha de papel colada no vidro: 15h PROFESSOR PATRICK DAVIS – A IMPORTÂNCIA DA REDAÇÃO DE ROTEIRO. O relógio mostrava que eu estava 47 minutos atrasado. Minha camisa e minha calça colavam no meu corpo. Eu tinha corrido do estacionamento até o auditório. Larguei a pasta no chão e encostei-me na parede a fim de recuperar o fôlego.

Enquanto voltava pelo corredor, podia jurar que estava sendo observado pelos alunos. A secretária do departamento me chamou quando eu passava pela coordenação.

– Professor? Conforme me pediu, imprimi o histórico daquele aluno.

Eu me esqueci completamente de Bugayong. Assim que pisei na secretaria, dei de cara com a chefe do departamento, que conversava com alguns professores. Com um sorriso nos lábios, a secretária segurava uma folha de papel. A Dra. Peterson interrompeu a conversa e ficou olhando para mim e para a subordinada, o histórico de Bugayong esticado à sua frente.

Meu tom de voz foi mais alto do que o normal:

– Obrigado, mas já descobri o que queria. – Acenei gentilmente para a chefe e me retirei, deixando a folha de papel para trás. De volta ao corredor, olhei nervoso para os lados. Um grupo de alunos começou a rir quando passei.

Bati à porta da pequena sala que eu dividia com outros três professores, mas meus colegas já tinham ido embora. Entrei e me sentei diante da mesa estreita. Poucos lugares são tão deprimentes quanto uma sala compartilhada por quatro professores. Um rápido exame mostrava uma xícara de café suja de batom com aparas de lápis, vários livros ultrapassados e uma escultura de madeira dos Três

Macacos Sábios. Sem falar do computador velho.

Tomei coragem e abri minha pasta. A pilha de roteiros não corrigidos ficou me encarando. Retirei os textos, apalpei os bolsos em busca de uma caneta vermelha e finalmente encontrei uma na gaveta inferior, ao lado das sobras de um bolo inglês. Consegui ler um roteiro e meio antes de começar a desenhar pequenos círculos na página, semelhantes aos que eu havia feito nas plantas de casa.

O computador demorou exatamente dois minutos para ligar. Para acessar a internet tive de esperar outros quatro. Eu brincava com a tampa da caneta quando me dei conta de que digitava patrickdavis100875 e o nome de solteira da minha mãe no Gmail. Meu dedo estava sobre o mouse quando parei. O e-mail chegaria às quatro da tarde do domingo. Faltavam portanto dois dias. Não adiantava ficar ansioso.

Respirei fundo e mesmo assim cliquei o mouse. A pequena ampulheta surgiu na tela. Pronto. Ali estava minha conta de e-mail. Esperando por mim com a caixa de entrada vazia.

Ao ouvir uma batida, dei um pulo na cadeira, quase derrubando o teclado.

Desconectei-me antes que a Dra. Peterson entrasse na sala.

- Patrick, soube que você anda tendo alguns probleminhas.
 - Probleminhas? – Arrastei o cursor e limpei o histórico do navegador.
 - Sim. Um atraso aqui, uma falta ali. Sem falar da discussão com um aluno.
 - Como?
 - O bate-boca que você teve outro dia. A professora Shahnazari ouviu quando xingou o rapaz.
 - Mas aquilo foi...
- Ela aumentou o tom de voz, impedindo que eu continuasse:
- Descobri que pediu o histórico de um aluno. Você sabia que professores assistentes não têm o direito de examinar esse tipo de documento?
 - Não, senhora. Peço desculpas.
 - Pelo menos você reconhece sua culpa. – Os lábios enrugados da Dra. Peterson

se comprimiram: – Espero que consiga organizar seus horários. E saiba que privacidade é um valor que prezamos muito por aqui.

– Sei disso – concordei com ela. – Eu também prezo, Dra. Peterson.

37. Google Earth, mapa tridimensional do globo terrestre, desenvolvido e distribuído pela Google.

ARRUMADA, A CASA PARECIA ainda mais assustadora. Dei uma olhada nos buracos na parede, nos pedaços rasgados de carpete e nos sacos de lixo. Eu tinha a impressão de estar na mesma residência de sempre, mas numa versão pós-hecatombe. Meus tênis de corrida estavam ao lado do armário como se Ariana não quisesse perdê-los de vista. Avistei a capa de chuva sobre as almofadas rasgadas no sofá.

Minha mulher tinha prendido o cabelo com um elástico e andava pela casa com uma taça de vinho tinto nas mãos, com minha camisa dos Boston Celtics³⁸ que quase chegavam aos seus joelhos. Revirou os olhos para mim e, apoiando o telefone no ombro, fez um gesto com a mão.

– Se ele não ligou de volta, por que você vai mandar um torpedo? Vai parecer desesperada. – Uma pausa. – Com certeza ele tem caixa postal, Janice. Você deixou a mensagem ontem. Dê o fim de semana para o cara responder.

Parei para observar aquela cena surreal. Considerando que nossa casa estava destruída, a capa de chuva e os tênis com rastreadores e o encontro que teríamos com o bueiro dali a algumas horas, a conversa parecia no mínimo bizarra.

– Olhe, preciso desligar. Patrick acabou de chegar. Eu sei, eu sei. Você vai ficar bem. – Desligou, jogou o telefone sobre as almofadas e disse em voz alta:

– Quem manda eles ficarem escutando? – Deu um sorriso cansado. – Depois dessa conversa devem ter se suicidado. Falando nisso... – Pegou a bolsa, retirou o falso maço de cigarros e apertou o botão para desativar os grampos que pudessem ter sido instalados após a visita de Jerry.

– Não contou nada para Janice, contou?

– Por favor. Nossos problemas são nada em comparação aos dela. Além do mais, eu não sei como abordaria isso numa conversa.

– Fez um ótimo trabalho com a casa – falei.

Assoprou uma mecha de cabelo que caía sobre a testa.

– Parece que um carro invadiu a casa – comentei, entregando-lhe um dos celulares pré-pagos.

– Gravei o número do meu na agenda. Vamos nos falar de hora em hora.

A expressão dela mudou. Minhas palavras se perderam no ar, então eu as repeti, prestando atenção no significado de cada uma delas. Havia poucos dias Ariana e eu mal nos falávamos. Sentei-me ao seu lado. Ela me ofereceu a taça e eu dei um gole.

– Vamos tentar ser gentis um com o outro – disse ela.

– É uma pena que demoraram a nos vigiar – brinquei.

– Eu estava aqui olhando para nossa casa, para os móveis quebrados. Essa bagunça reflete bem o momento que estamos vivendo.

Sentados a uma distância considerável, tomamos uma taça de vinho enquanto esperávamos a meia-noite, encarando o buraco que até o dia anterior abrigava a TV de LED.

A bolsa cheia de equipamentos pesava no meu ombro. Ficamos parados na calçada. Ariana fechou a jaqueta para proteger-se do vento frio. A julgar pela luz que atravessava as cortinas, era fácil esquecer que nossa casa estava destruída. Exceto pelos postes na rua, as residências e os prédios estavam apagados, o que fazia a vizinhança parecer abandonada.

– Três minutos. – Tremendo, ela desviou os olhos do relógio do celular para o bueiro. – Espero que seja largo o suficiente.

Quando dei um passo à frente, esmaguei uma pilha de folhas secas. O ar tinha um cheiro de musgo. Coloquei a bolsa sobre a grade do bueiro.

– Ainda não – falou Ariana, verificando a hora. Olhou para as sacadas dos apartamentos do outro lado da rua e para a curva da Roscomare, os olhos lacrimejando por causa do frio. – Queria saber onde eles estão.

Um Porsche 39 prateado passou correndo, o ronco do motor quebrando o silêncio. Nós dois recuamos: Ariana levantou os braços como se se protegesse de tiros disparados do interior do carro e eu dei um passo à frente, quase me desequilibrando. O motorista fez uma careta por causa das nossas reações. Fiquei tonto por conta da adrenalina e da mistura de insônia e álcool. Voltamos às nossas posições. Com o pé no fundo da bolsa, esperei que ela me desse o sinal.

– Pronto – disse ela. – Pode soltar.

Fiz força com o pé e a bolsa sumiu dentro do bueiro. Ouvimos um barulho

abafado, sinal de uma aterrissagem suave. Olhei através da grade tentando enxergar alguma coisa naquela escuridão.

A primeira coisa que entrou em foco foram os olhos. Os pelos do meu corpo se arrepiaram. Pisquei e eles sumiram, levando consigo a sacola e deixando para trás o ruído dos passos sob o asfalto.

De calça de moletom e camiseta, saí do banheiro secando o cabelo com uma toalha. Encontrei Ariana à porta do nosso quarto, com sua xícara de chá de camomila e o maço de cigarros com o interceptador.

– Desculpe – falou. – Não consigo ficar sozinha lá embaixo.

Tínhamos adotado algumas regras sem perceber. Não trocávamos de roupa na frente do outro. Quando ela estava num cômodo com a porta fechada, eu batia. Se eu estivesse tomando uma ducha, ela ficava longe do banheiro.

– Então fique aqui em cima – disse eu.

Cada um seguiu para um lado. Tomei o rumo do escritório e ela entrou no quarto. Passou a mão na escrivaninha ainda suja do pó de gesso. Nós nos observávamos de longe, minhas mãos dobrando a toalha, desdobrando-a, dobrando-a de novo. Pigarreei.

– Quer que eu durma aqui em cima hoje?

– Quero – respondeu.

Parei de dobrar a toalha. A mão dela desenhou um círculo no tampo do móvel, numa tentativa de agir com naturalidade.

– E você quer? – perguntou.

– Quero.

Puxou o edredom do meu lado da cama. Entrei no quarto e me sentei no colchão. Ariana deu a volta e se deitou na cama, ainda vestida. Fiz o mesmo, também de roupas. Ela se esticou e apagou a luz do abajur. Nós nos sentamos encostados à cabeceira. Eu não me lembrava da última vez que ficara naquela posição, mas ainda era confortável.

– É verdade – perguntou ela – que você me vê chorar pela janela?

– É.

Mesmo no escuro, não tínhamos coragem de olhar um para o outro.

– Faz isso porque quer saber se estou arrependida? – Sua voz era de uma pessoa vulnerável. – Se ainda me importo com a gente?

Ficamos sentados por algum tempo.

– Minha vontade é entrar e abraçá-la – falei. – Mas fico sem coragem.

Senti seu rosto se virar lentamente em direção ao meu.

– E agora? – perguntou.

Ergui o braço e ela escorregou para junto de mim, encostando o rosto no meu peito. Acariciei seus cabelos. Pensei nas mãos de Don, em seu cavanhaque. Tive o impulso de recuar, mas resisti. Pensei na distância entre o que eu queria fazer e o que eu achava que devia fazer. Minha mulher havia me traído e agora eu a abraçava. Estávamos juntos naquele momento. Eu tinha medo do que aquilo poderia significar. Não pensava nos outros, mas em mim, nos meus momentos mais íntimos, enquanto dirigia para o trabalho, tomava café entre as aulas, assistia a uma cena de sexo extraconjugal no cinema com Ariana se contraindo ao meu lado, nosso constrangimento no escuro da sala.

– Acho que quero um bebê – falou ela.

Minha boca ficou seca.

– Isso só acontece quando as pessoas transam.

– Mas não agora, Patrick

– Eu não estava sugerindo...

– Depois dessas ameaças, tenho pensado bastante na vida. E acho que você também. Há coisas de que gosto de fazer: desenhar móveis, cuidar das minhas plantas. Mas não quero me tornar uma daquelas mães que dirigem para cima e para baixo, realizando tarefas idiotas e indo ao mercado todos os dias. Veja a Martinique. Não quero ser igual a ela.

– Você não...

– Eu sei, mas você me entendeu. – A mão dela se contraiu, como se agarrasse

alguma coisa. – Quero ter um bebê, mas ao mesmo tempo estou assustada porque... quero ter um bebê pelos motivos errados. Faz algum sentido?

Murmurei em sinal de apoio. A luz da rua iluminou o cano de cobre que atravessava a parede destruída do banheiro. A cabeça de Ariana subia e descia sobre meu peito, no ritmo da minha respiração. Ficamos assim enquanto eu tentava transformar meus sentimentos em palavras.

– Não quero continuar a agir dessa maneira – falei. – Não quero me sentir como antes.

– Eu sei. – Ela afastou o rosto do meu corpo, olhando-me com um sorriso. – Mas cá estamos nós, Patrick Um pouco confusos com essa loucura de espionagem, mas pelo menos vendo as coisas com clareza. Não vamos estragar isso.

– O que quer dizer?

– E se você não checasse o e-mail no domingo? E se fingirmos que não há nada acontecendo?

– E você acha que isso resolveria?

– Vamos fingir que sim, que tudo está como antes: antes dos grampos, antes de Don Miller e antes da venda do roteiro. Só por hoje.

Ficamos deitados vestidos na nossa cama. Eu a abracei até que o ritmo de sua respiração igualou-se ao da minha. Passei a madrugada escutando seu sono.

38.Time de basquete americano, situado em Boston, Massachusetts, fundado em 6/06/1946

39.Porsche, carro esportivo fabricado na Alemanha.

A PÁGINA DO GMAIL BRILHAVA na tela. Digitei meu nome de usuário, minha senha e deixei o dedo parado sobre o mouse. Atrás de mim, Ariana olhava por sobre meu ombro, seu hálito cheirando aos morangos que ela comera no café. O dia anterior transcorrera dolorosamente lento, os dois fazendo cobranças um ao outro, trabalhando duro na arrumação da casa, tentando não olhar para o relógio. A barra de tarefas do computador indicava 16:01.

Quando eu ia clicar o mouse, Ariana me assustou:

– Espere! – Retirou o lírio amarelo de trás da orelha e brincou com ele entre os dedos. – Escute, sei que não confiávamos mais um no outro. Agora que estamos sendo mais sinceros, eu só queria saber...

– Pergunte...

– Tem alguma coisa, qualquer coisa, que você queira me contar?

– Como o quê?

– Como o que vai estar nesse e-mail?

– Uma foto minha cheirando cocaína na coxa de uma stripper? Não, não existe nada, Ariana. – Como numa reação à sua pergunta, cliquei de forma brusca no botão “Login”. Só então perguntei: – Você quer me contar alguma coisa?

– E se for relativo a Don e eu? – perguntou, inclinando-se para a frente.

Enquanto a página carregava, considerei a hipótese, que embrulhou meu estômago. Era tudo de que eu precisava naquele momento: o registro da traição da minha mulher na tela do meu computador. Impossível pensar em algo mais invasivo. Lembrei-me da conversa com Punch quando ele me disse que os e-mails deixam um registro no HD.

Com uma ponta de medo, encarei a página que estava carregando. Não tinha me dado conta de que, depois de abrir a mensagem, eu não teria qualquer controle sobre o que ela poderia causar ao meu computador.

Antes que eu tivesse qualquer reação, lá estava ele, um único e-mail, encarando-nos na caixa de entrada. Remetente: vazio. Assunto: vazio. Por enquanto, a mensagem ainda se encontrava no servidor. Movi o cursor até o canto da tela, para o caso de ele ter vontade própria e abrir o e-mail.

Eles tinham acessado aquele computador antes para imprimir a planta da casa. Verifiquei o histórico do navegador a fim de ver os últimos sites visitados. Não conhecia nenhum deles.

– Ei! – falou Ariana. – Não vai abrir o e-mail?

Fiz um gesto de que alguém poderia estar escutando e perguntei com o movimento dos lábios: Onde está o interceptador? Ela então tirou o maço do bolso.

Ariana nunca perdia aquele aparelho de vista.

– Não quero abrir isso no meu computador – falei.

– Escute – disse minha mulher –, se for relativo a Don e eu, é melhor enfrentarmos isso juntos.

– Esse não é o problema, Ariana. Eu tenho medo de abrir qualquer arquivo deles no meu computador. Mesmo que eu os apague, fica um registro no HD. Sem falar que eles podem instalar um vírus.

– Você não acha que já teriam feito isso, Patrick?

Fiquei de pé e voei escada abaixo, com Ariana atrás de mim.

– Jerry disse que os computadores estavam limpos, lembra? – falei.

Calçando os tênis, corri em direção à garagem.

– Espere – falou, apontando para meus pés.

Vi que estava usando os tênis com rastreador. Xingando, tirei-os e joguei-os longe, em seguida calçando meus sapatos. Eles não combinavam com a meia branca, mas eu só ia até a lan house⁴⁰ da esquina.

Patrick Davis.

Eram as únicas palavras do e-mail, com meu nome exibido como um link. Apertado naquele cubículo escuro, olhei por cima do ombro. O responsável estava atendendo uma mulher vestida com roupas chamativas e os outros clientes usavam as copiadoras na entrada da loja. Limpei o suor da testa com a barra da camisa, rangi os dentes e cliquei no meu nome.

Uma nova janela se abriu. Enquanto eu decorava o endereço eletrônico, uma frase em negrito apareceu na tela: ESTE SITE IRÁ SE APAGAR APÓS UM ÚNICO ACESSO. As letras foram sumindo contra o fundo preto, num efeito fantasmagórico.

Imagens começaram a correr pela tela, como uma apresentação de Power-Point. Uma foto noturna da estufa de Ariana com seu interior banhado pelas paredes verdes. A fileira de vasos na prateleira do meio. Os lírios plantados nos últimos meses. A luva de borracha levantava o prato que ficava na ponta da prateleira, deixando à mostra um estojo de DVD.

Não havia nenhum disco três noites antes quando Ariana e eu revistamos a estufa. Meu rosto estava colado no monitor e minha mão parecia uma garra sobre o mouse. De repente as fotos sumiram da tela, sendo substituídas por um endereço: Aminta Street, número 2132, Van Nuys, CA, 91406. Desesperado, procurei um lápis e um pedaço de papel. Corri até o balcão da loja, derrubando um copo cheio de clipes, e peguei um lápis e um post-it⁴². Quando voltei, a tela exibia a página do Google Maps com a localização do endereço: uma área perigosa de Van Nuys. Minha letra estava tremida.

A tela seguinte apresentava quatro números espaçados: 4 7 8 3. Assim que os anotei, surgiu a foto da porta de um apartamento. A tinta estava descascada e a madeira rachada. Havia dois números enferrujados no alto: 11. Quando finalmente consegui dar um leve suspiro, a tela mudou mais uma vez e a mensagem que apareceu me deixou paralisado: VÁ SOZINHO.

A janela do navegador se fechou, levando-me de volta à área de trabalho. Quando o reabri, não havia qualquer sinal do site. Ali estava eu diante de uma tela branca e com um endereço e quatro números misteriosos escritos num papel.

40.Lan House, estabelecimento comercial onde as pessoas podem pagar para utilizar um computador.

41.Power Point, programa utilizado para criação/edição e exibição de imagens gráficas.

42.Post It, pequeno pedaço de papel com uma fita adesiva atrás, é usado para tomar notas.

– SÓ ISSO? – PERGUNTOU Ariana.

Sentada no sofá, minha mulher revirava o estojo do DVD como se tivesse um objeto precioso nas mãos. A parte da frente estava úmida por causa da água acumulada no fundo do prato.

– Devemos ter perdido alguma coisa – falei, já apertando os botões do controle remoto. Encaramos novamente a TV, que fora recolocada torta na parede.

A imagem granulada em preto e branco me fazia crer que se tratava de uma câmera de segurança. O porão era grande demais para ser de uma casa. A lâmpada que pendia do teto emitia uma luz fraca, deixando a escada nas sombras. Percebi também um gerador, um aquecedor de água e várias caixas de papelão. No segundo degrau da escada, reconheci o que parecia ser uma pilha de cigarros. Caixas de fusíveis se enfileiravam na parede ao fundo. A data e o horário da gravação apareciam no canto da tela: 11/03/05 – 14:06:31.

O DVD chegou ao fim.

– Eu não entendo – falou Ariana. – Existe algum sentido nessas imagens?

Assistimos à gravação pela terceira e depois pela quarta vez. Minha esposa pulou do sofá, furiosa:

– Caramba, é impossível entender!

Fez uma cara de horror quando peguei o endereço de Van Nuys na mesinha de centro. Ejetei o DVD, coloquei-o no estojo e o enfiei no bolso de trás da calça. Sentado no chão, calcei os tênis com rastreador. Precisava usá-los para não gerar suspeita de que eu descobrira o rastreador. E a melhor ocasião seria aquela.

Ariana me parou na porta da garagem.

– Talvez seja melhor não ir, Patrick. Você não sabe o que o espera atrás daquela porta. – Sua voz tremia. – Podemos colocar tudo a perder.

– Escute, Ariana. Não sou Jason Bourne⁴³, mas tenho minhas qualidades.

– “Qualidades”, Patrick! Você quer bancar o herói? – Ela ia cruzar os braços mas desistiu, passando a gesticular. – Será que não está sendo burro de ir até lá? Quem garante que algo vai acontecer se você não for?

– Como saber? – Ariana me deu as costas e eu entrei na garagem. Rapidamente me virei e disse: –Precisamos descobrir quem está por trás disso.

– Pense, Patrick! Até agora nada de fato aconteceu. Estamos seguros aqui.

Parei à porta do carro para olhá-la. Por um instante pensei em voltar para dentro de casa, preparar uma xícara de chá e corrigir os roteiros dos meus alunos. O que eles fariam se ninguém caísse na armadilha? Seria mais arriscado esclarecer de uma vez por todas aquela situação ou esperar onde estávamos?

As chaves formigavam na minha mão.

– Desculpe – falei. – Preciso descobrir o que está acontecendo.

À soleira da porta, Ariana ficou me observando enquanto eu dava ré. E diminuiu de tamanho no retrovisor conforme eu avançava pela Roscomare.

Já nas entranhas de San Fernando Valley, o sol de fim de tarde parecia mais pesado. O ar estava carregado com a fumaça dos carros e o cheiro de churrasco. Latas de cerveja e embalagens de sanduíches se amontoavam pelo meio-fio. O endereço me levou para um típico apartamento de Van Nuys: fachada deteriorada, calçada quebrada e portões enferrujados. Aparelhos de ar-condicionado pingavam do alto das janelas. As placas de ALUGA-SE mostravam que a rua não era a mais cobiçada da região.

Fiquei alguns minutos parado na calçada oposta, imaginando o que me esperava atrás daquela porta. Por que eu estava perdendo tempo? Se estivessem me monitorando, já sabiam que eu tinha chegado.

O barulho de um motor fez com que eu me movesse. Uma viatura da polícia se arrastava pelo quarteirão, com um homem em cada lado examinando as calçadas e os prédios. Virando-me na direção oposta, encostei-me num furgão e fingi falar ao celular, escondendo o rosto. O carro se aproximou, com o barulho do rádio ao fundo e os pneus rangendo no asfalto. Vi apenas a armação de uns óculos de sol e um braço musculoso apoiado na janela. O carro deslizou para longe. Expirei o ar preso que queimava meus pulmões. Tinha a sensação de estar fazendo algo ilegal. Seria apenas sensação?

Atravessei a rua e levei a mão à maçaneta do portão, que não cedeu nem um centímetro. À minha esquerda havia um interfone com as instruções de uso borradas pela chuva. A relação dos proprietários dos apartamentos era legível,

porém o de número 11 estava vazio. A cor amarelada me deixou em dúvida se alguém tinha morado ali nos últimos anos. Dei de ombros e apertei o botão na altura do 11, mas o alto-falante continuou mudo.

Fiz um sinal de não com a cabeça.

Retirei o papel do bolso e o desamassei, abrindo-o próximo ao teclado numérico. Pressionei os quatro números escritos embaixo do endereço – 4783 – e apertei o botão “Abre”. Um barulho destravou o portão e eu o empurrei com um sorriso nos lábios.

O apartamento 11 ficava nos fundos do pátio, no segundo andar. A sensação de desconforto aumentava à medida que eu subia a escada. Ariana tinha razão: aquilo era uma loucura. Eu poderia não sair dali com vida.

Havia quatro portas ao longo do corredor, cada uma mais deteriorada que a anterior. Parei diante do apartamento 11 reconhecendo os números enferrujados. Reparei na ausência do olho mágico. A velha porta estava num estado deplorável. A maçaneta se encontrava pendurada e frouxa no seu encaixe. Um ferrolho no alto da porta tentava compensar a situação.

Retirei o estojo com o DVD do bolso, observei-o por alguns segundos e o segurei entre as pernas. Respirei fundo e toquei a campainha. Quebrada. Diante das condições do prédio, não fiquei surpreso. Encostei o ouvido na madeira, a tinta ressecada arranhando minha orelha. Silêncio.

Ergui a mão, mas não consegui bater à porta. Não sei o que me impedia. Talvez fosse medo ou precaução. Fiquei na dúvida se tinha feito a coisa certa em usar os tênis. Baixei o braço e soltei um leve suspiro. De repente ouvi um barulho dentro do apartamento. Agachei-me com cuidado para espiar pela fechadura.

Um enorme olho me observava, contorcendo-se para ver meu rosto. Dei um grito e pulei para trás quando a porta se abriu e um homem enorme empurrou-me contra a parede.

– Quem é você? – gritou. – Por que está fazendo isso comigo?

Ele me derrubou no chão e recuou, sem saber o que fazer em seguida. Empurrei-o para longe e fiquei de pé, cada um assumindo uma posição de defesa. Sua respiração era ofegante. Com cerca de 1,80m, o homem era um pouco mais baixo do que eu, embora fosse mais corpulento. Os braços maciços

estavam apertados sob a camiseta surrada. O cabelo encaracolado dava um toque cômico à sua aparência.

Apontou para o estojo do DVD ao lado da porta.

– É você quem anda deixando essa porcaria aí?

Fiquei boquiaberto.

– Eu... Não, claro que não! Alguém está fazendo a mesma coisa na minha casa. Gravações em que eu apareço. Entregaram-me este DVD aqui com seu endereço.

Sem tirar os olhos de mim, o homem pegou o estojo e o abriu. Baixou rapidamente os olhos para o disco.

– Você também costuma comprar esse tipo de DVD?

– Não. Os meus são diferentes... – Demorei a entender o que ele queria dizer com “também”. Continuei: – Eles fazem as gravações em discos que pertencem à pessoa que está sendo filmada.

– Isso. E deixam o DVD na caixa de correio, no para-brisa do carro e dentro do micro-ondas. – Limpou a boca com as costas da mão e passou o polegar duas vezes na parte interna do pulso, com movimentos rápidos e nervosos. – Gravações em que apareço andando até o parque. Fazendo compras. Esse tipo de coisa.

– Ligaram para você? Num celular?

– Não. Nunca falei com ninguém. Mas minha linha foi cortada... Eu não pagava as contas. Não tenho telefone fixo.

– Os DVDs estão com você?

Passou o dedo no pulso novamente. Um tique nervoso.

– Não. Eu os joguei fora. Por que guardaria aquilo?

– Há quanto tempo você vem recebendo os discos?

– Há dois meses.

– Dois meses? Meu Deus! Passei a receber cinco dias atrás e já estou... – Fiz uma

pausa para respirar.

– Por que eu? – perguntou, encostando o polegar no peito. – Qual é o interesse em me filmar enquanto eu encho o tanque do carro?

– Eles me filmaram no banheiro. Falou com a polícia?

– Não gosto deles. Além disso, o que poderiam fazer?

– Como chegaram até você? – perguntei.

– Não sei. Os discos começaram a chegar. Não faço ideia por que...

– ...estão fazendo isso conosco.

A expressão dele se alterou. De uma hora para outra éramos dois conhecidos que dividiam o mesmo problema

– Por que escolheram a gente? – perguntou.

Lembrei-me da instrução no final do e-mail. “Vá sozinho”, algo bem diferente de “Venha sozinho”. Era uma missão, não um chamado. Havíamos nos encontrado para descobrir alguma coisa. Nosso olhar convergiu para o DVD que estava em sua mão.

O homem correu para dentro do apartamento e eu o segui. Senti um forte cheiro de mofo assim que entrei no corredor. No cômodo escuro por causa das cortinas fechadas, avistei-o colocando o disco num aparelho de DVD. Pilhas de roupas sujas e sacolas de compras estavam espalhadas pelo carpete remendado. Não havia cadeira, sofá ou mesa naquele apartamento. Os únicos objetos valiosos eram o colchão de casal jogado num canto e a TV, que afundava sobre um baú.

Levantou-se bruscamente e deu alguns passos para trás, ficando ombro a ombro comigo, virado para a TV, as pernas tremendo.

A imagem apareceu. Porão, escada, lâmpada no teto.

– Não é nada de mais – falei. – É só...

Soltou um gemido e caiu de joelhos. Engatinhou para a frente e pausou a imagem, colando o rosto no canto direito inferior da tela. Sentou-se novamente e balançou o tronco. Percebi que ele chorava quando um soluço tomou conta da sala. Encostou o rosto no carpete e se debulhou em lágrimas. Fiquei parado sem reação.

Seu tronco balançou e ele soluçou por mais alguns minutos.

– Você está...? – perguntei. – Eu posso...?

Levantando-se com dificuldade, desmoronou nos meus braços, apertando-me com força. Senti o cheiro de suor azedo.

– Obrigado, obrigado... Deus o abençoe!

Ergui o braço como se fosse dar um tapinha nas costas dele, mas minha mão ficou flutuando no ar.

– Não fiz nada. Mas eu só queria...

– Por favor – falou, enxugando as lágrimas e me soltando. Olhou ao redor como se só então percebesse que não havia lugar para eu me sentar. – Desculpe, não lembro mais a última vez que recebi visitas... – Parecia desorientado.

– Tudo bem – falei, sentando-me no chão.

O homem seguiu meu exemplo, abaixando-se ao meu lado. Suas mãos se moviam em gestos circulares, mas ele não conseguia falar. Um retângulo de luz amarelada entrava pela janela e iluminava seu rosto. Uma mancha de infiltração começava no carpete e subia pela parede.

– Eu era zelador – disse finalmente – numa escola nos arredores de Pittsburgh. O aquecedor de água quebrou e estávamos sem dinheiro para consertar. – Passou o polegar novamente na parte interna do pulso, como se quisesse alisar a pele. – Um pai que fazia parte do conselho conseguiu um aparelho usado. – Gesticulou para a tela. – Pediram que eu instalasse o aquecedor, mas falei que não tinha gostado da cara dele. Disseram-me que não era um concurso de beleza, que o aparelho havia sido testado. Eu então o instalei. Só que ele tinha sido drenado para ser transportado e a válvula de descompressão foi amarrada com um fio metálico para que a água restante não pingasse. – O homem ficou mudo.

– O que houve? – perguntei.

– Eu bebia naquela época. Não bebo mais. Mas tomei um trago na manhã em que instalei o aquecedor. Para esquentar. Estávamos em novembro.

Olhei rapidamente para a data na tela: 03/11/05. Fiquei nervoso.

– Do outro lado dessa parede aí – apontou a mão para a TV e vi a fina cicatriz na altura do seu pulso. A outra mão estava sobre o colo exibindo outra marca

semelhante a um corte de gilete – é a oficina da escola. Quando a parede explodiu, uma criança morreu. Outra teve parte do rosto queimado. Acho que era melhor ela ter morrido. – Passou o polegar pela cicatriz de uma das mãos, balançando o tronco. – Durante a investigação acharam uma garrafa no meu armário. Disseram então que eu me esquecera de remover o fio e o vapor se acumulou. – A voz dele ficou mais rouca. – Só que nunca acharam nenhum pedaço do fio naqueles... restos de explosão.

– Escombros – corrija-o.

– Isso. Não sobrou quase nada – interrompeu a fala. – Eu nunca me esqueceria de verificar uma coisa dessas. Mas à medida que o tempo foi passando, eu mesmo fiquei em dúvida. Já não tinha mais tanta certeza. Alguns meses antes eu instalara algumas câmeras no porão. Portanto pedi para ver a gravação. Eu precisava saber.

– Por que vigiar o porão?

– Os alunos iam fumar e transar lá embaixo. O diretor então pediu que eu instalasse uma câmera. Não sei quem via as imagens, mas os alunos foram chamados pela coordenação e pararam de descer até lá. Quando perguntei por elas, fizeram-se de desentendidos, afirmando que jamais espionariam os alunos. Fui até o porão com os investigadores, mas a câmera não estava mais lá. Ou seja, essa gravação – encostou o indicador na TV – “nunca existiu”! – Com a expressão séria, o homem baixou a cabeça. – Um policial conhecido me disse depois que aquele monitoramento era ilegal. Gravar menores de idade fazendo sexo é crime. Por isso me abandonaram à minha própria sorte. Mas o que eles não tiraram de mim eu mesmo dei um jeito de jogar fora.

Não tive coragem de olhar para as cicatrizes dele. Fiquei um tempo observando minhas mãos, arranhadas com os ferimentos que eu causava ao socar o painel do carro por causa da minha falta de sorte e da traição da minha mulher. Eram motivos insignificantes se comparados a uma criança morta e outra desfigurada que assombravam aquele homem a ponto de usar uma gilete para tentar tirar a própria vida.

– Eu morri há muito tempo. Agora fico vagando pelas cidades, sem parar nos empregos. Não consigo olhar as pessoas nos olhos. Mas veja isso. Olhe isso! – A imagem pausada com o horário, a data e o aquecedor de água. Seus olhos brilhavam absorvendo aquelas imagens. – Não há nenhum fio de metal no aquecedor no canto da imagem! Você consegue enxergar? É a coisa mais linda que já vi em toda a minha vida. – Balançou a cabeça, suspirou e voltou a prestar

a atenção em mim. – Escute, talvez consigamos descobrir por que fomos escolhidos.

– E quem sabe não descobrimos a pessoa por trás disso?

– Estou um pouco... Não estou me sentindo bem. Você pode voltar depois para conversarmos sobre esse assunto? Daqui a alguns dias?

– Sim. É claro.

– Mas volte. Eu quero saber. Quero agradecer a eles.

Ficamos de pé e, sob a luz fraca que vinha da janela, andamos até a porta.

– Eles não... – umedecei os lábios secos. – Não deram nada a você que me pertencesse. – Não consegui formular a frase como uma pergunta.

– Não – falou. – Sinto muito. – Os olhos dele passearam pelo meu rosto, parecendo adivinhar minha decepção. Senti que aquele homem queria retribuir o que eu tinha feito por ele. Estendeu a mão. – Não chegamos a... Doug Beeman.

– Patrick Davis.

Demos um aperto de mão e ele segurou meu braço.

– Você mudou a minha vida, Patrick. Pela primeira vez eu me sinto... – inclinou a cabeça levemente. – Você mudou minha vida. Não vou esquecer o que fez por mim.

Pensei na voz ao telefone: “Não é nada como você imagina.” Eu tinha confundido aquela mensagem com um aviso.

– Eu não fiz nada, Doug – falei baixinho.

– Fez, sim – retrucou, dando um passo atrás e fechando a porta. – Você foi o instrumento.

43. Jason Bourne, personagem do filme de ação A Identidade Bourne (2002), Jason é um policial que sofre de amnésia após ser baleado, quando ele acorda ele só tem uma pista, um chip com o número de uma conta em Zurique (Suíça), começando assim a procura por sua identidade.

COM A CABEÇA AINDA a mil após meu encontro com Doug Beeman, me arrastei da garagem até a porta de casa. Após desligar o alarme, ouvi o chuveiro aberto no andar de cima, o único sinal de vida naquele lugar. As luzes apagadas criavam uma atmosfera desoladora.

Acendi as lâmpadas da cozinha e vi uma chamada perdida no telefone. Escutei a mensagem e senti uma fisgada nas costas ao ouvir a voz do meu advogado pedindo que eu lhe telefonasse logo. Num domingo?

Liguei para o número que ele deixara na mensagem.

– Oi, Patrick. Recebi hoje a ligação do advogado do estúdio. Eles estão dispostos a resolver tudo de maneira rápida e discreta. Basta você concordar. A condição é que o assunto se torne confidencial. Segundo sinalizaram, os termos nos são favoráveis, embora não tenham entrado em detalhes. Devem mandar a papelada no começo desta semana.

Minha boca se movia sem produzir qualquer som.

– Eles disseram por que mudaram de atitude de uma hora para outra? – perguntei finalmente.

– Não, não. A julgar pelo que eles vinham falando, é um pouco estranho. Mas vamos esperar e ver o que têm a propor. Estou otimista, Patrick.

Surpreendi-me verificando o relógio, hábito com o qual me acostumara em função dos honorários do meu advogado. Como se tivesse o dom de ler minha mente, falou:

– Estou reparando uma certa dificuldade com as questões financeiras, Patrick. Gostaria que algum funcionário meu lhe telefonasse para conversar?

Resmunguei um pedido de desculpas, disse que aceitaria de bom grado a ligação e então me despedi. Ainda que eu estivesse constrangido com aquela cobrança, a possibilidade de um acerto com o estúdio e meu encontro com Beeman deixavam a casa um pouco menos sombria.

Parecia ser uma grande coincidência receber notícias tão boas quanto aquelas num intervalo de poucas horas. Será que meus perseguidores estavam por trás daquilo? Tive a impressão de que o episódio dos DVDs funcionava na base do “olho por olho”: eu seguia algumas instruções e os problemas na minha vida

desapareciam. O simples fato de imaginar o processo judicial chegando ao fim já me fazia sentir mais leve. Se conseguiam fazer aquilo por mim, do que mais seriam capazes?

Meu entusiasmo se assemelhava à sensação de vender um roteiro para Hollywood. Subi a escada correndo para contar as últimas novidades para Ariana, imaginando se minha vida não estaria voltando ao normal.

– Esse Beeman virou refém de toda a situação. – Coloquei a mão nas costas de Ariana, ajudando-a a pular a água da chuva que corria junto ao meio-fio. Caminhamos ladeira abaixo sob a chuva fina visível apenas pelo brilho dos postes de luz. – Foi ótimo conhecê-lo e tirar esse peso de suas costas.

Não consegui me lembrar da última vez que me senti tão bem-disposto. Em vez de Vidas em jogo⁴⁴, eu era protagonista de A corrente do bem⁴⁵.

– Mas, se esse foi o primeiro e-mail – falei –, o que virá no próximo?

Ariana enfiou as mãos nos bolsos de sua parca: ela se recusava a usar a capa de chuva com rastreador.

– Não está com frio? – perguntou.

– Eu? Não.

– Por que a CIA iria querer ajudar um cara como Doug Beeman? – perguntou.

– Não faço ideia.

– O que significa que não devem ser eles. E isso é uma coisa boa. – Fez uma careta. – Ou ruim. – Roeu a unha do polegar. – Levando em conta a forma como você estava sendo perseguido, qual é o sentido de submetê-lo a um ato de caridade?

– Tenho uma teoria.

– Esse era meu medo.

Ela esbarrou em mim e pisamos numa poça. Um pouco à frente avistamos a mansão de que gostávamos, com sua varanda imponente, seu telhado e seus muros que imitavam o estilo Tudor-Elisabetano⁴⁶. Parecia enorme para o tamanho do terreno. Um olhar mais atento mostrava que a construção era feita

de compensado. Corria um boato de que a casa fora construída por um estúdio de cinema, e aquela mistura de estilos parecia confirmar a hipótese. Era tão exuberante quanto a cauda de um pavão. Tanto dinheiro por nada. Lembrei-me da primeira vez que entrei num set de filmagem com os maravilhosos cenários que escondiam os andaimes e as estacas de madeiras que os sustentavam. A sensação era como a de encontrar Papai Noel trocando de roupa no provador de uma loja de departamentos.

– Essa casa está parecendo meio torta – disse Ariana e eu comecei a rir. Do outro lado da rua, avistei os Myers segurando taças de vinho na varanda de sua casa. Bernie nos cumprimentou e nós acenamos de volta. Havia meses que Ariana e eu não fazíamos uma caminhada noturna e percebi o quanto sentia falta. Respirávamos ar puro sem fazer cobranças um ao outro nem ser alvo de câmeras. Dali a pouco passaríamos em nosso restaurante vietnamita favorito, compraríamos a comida e comeríamos sentados no sofá, rindo e conversando, numa noite tão agradável e segura quanto as dos velhos tempos.

Segurei a mão dela. O gesto pareceu forçado, mas continuamos assim.

– Sua teoria... – sugeri.

– Acho que a invasão da nossa casa foi uma mostra do que eles são capazes. Senão, como acreditar que sabiam de tudo? Quero dizer, sabiam do aquecedor de água que explodiu em Pittsburgh e da câmera no porão?

– E isso daria a eles a certeza de que você faria o que desejavam.

– Sim! É uma maneira de me forçar a ser o menino de recado deles.

– Mas por que precisam de você? – perguntou. – Por que não mandaram o DVD diretamente para esse ex-zelador?

– Mas eles não precisam de mim!

– Então a pergunta é... – A mão dela girou no ar.

– Por que me escolheram?

As sobrancelhas de Ariana se arquearam.

– Você é especial – disse ela, mas eu sabia que se tratava de uma pergunta.

– Não tenho nada de especial – retruquei. – Mas talvez no final disso tudo... – fiz uma pausa, mas ela fez sinal para que eu continuasse: – ...talvez eu receba um

DVD que me absolva.

– Absolva do quê?

– Não sei. Mas talvez eu receba algo que faça por mim o que aquela gravação fez por Doug Beeman. Que me tire da... – preferi não continuar.

– Uma filmagem de Keith Conner batendo com o queixo na estante? – perguntou.

– Será que não mandaram um DVD para o estúdio e por isso eles querem um acordo?

– Pensei nisso. Mas talvez eles tenham outra coisa que possa nos ajudar.

– O quê?

– Não sei. – Percebi que eu estava empolgado e fiz um esforço para conter meu entusiasmo.

– Escute, alguém quer se aproveitar de você – falou Ariana.

– Ou quer me usar para ajudar os outros. – A mão dela se contraiu dentro da minha. Andamos mais alguns metros e então parei, soltando-a. – Como assim? Como você sabe que não é isso?

– Porque é nisso que você quer acreditar – respondeu.

– Quero dar o troco nos idiotas que invadiram nossas vidas. – Minhas palavras saíram acompanhadas de um sorriso amargurado. – Mas concordar com eles é o único jeito de conseguir mais informações. E, quanto mais soubermos, mais perto estaremos desse objetivo.

– Nas suas aulas você não fala sobre a arrogância do herói?

– Eu ensino que o personagem deve ter impacto sobre a trama, determinar o próprio destino. Ele não pode apenas reagir a forças externas.

– Então basta trapacear quem está trapaceando? – Lançou-me o típico olhar desconfiado. – Hoje à noite você não se sentiu especial?

Meu rosto começou a formigar diante da velha sensação de impotência.

– Sim. Foi a coisa mais importante que fiz em não sei quanto tempo.

– Não foi importante! Para Doug Beeman pode ter sido, mas para você, não.

Foi armado, Patrick! Você não fez nada além de cumprir uma ordem.

– Mas eu tive um impacto sobre a vida dele.

– Mas não era sua intenção – falou.

– E daí? Não importa se fui conduzido, manipulado ou qualquer outra coisa. A verdade é que tirei a culpa das costas daquele homem. E isso é importante! E se o estúdio recebeu um sinal de que deve ficar longe de mim, qual é o problema?

Por que está sendo tão cínica?

– Porque um de nós precisa ser, Patrick. Veja como está se entregando a essa loucura! Você passou seis meses sem se sentar diante do computador. E agora encara essa aventura como uma chance de voltar a escrever!

– O que está acontecendo não tem nada a ver com meu trabalho! – falei, com rispidez.

Ficamos em silêncio durante um tempo. Ainda que a semana anterior tivesse sido a pior da minha vida, eu me sentia ligeiramente aliviado por ter algo com que me ocupar.

A professora de inglês que morava na rua de trás passou por nós segurando os dois rottweilers na coleira. Paramos, sorrimos e lhe desejamos boa-noite. Um casal pendurava um quadro numa casa do outro lado da rua. O marido segurava a moldura enquanto a esposa, grávida, indicava o local exato com a mão esquerda, pressionando as costas com a direita. Um pouco mais para a esquerda. Esquerda. Agora para a direita.

Eu tinha uma vida tranquila como aquela até o momento em que vendi meu roteiro e Keith Conner e Don Miller resolveram fazer parte dela.

Os cães estavam a ponto de arrebentar as coleiras. Portanto nos despedimos de nossa vizinha, que piscou um olho em nossa direção e abriu um sorrisinho:

– Feliz Dia dos Namorados.

Hávamos nos esquecido daquela data. Enquanto a professora sumia calçada abaixo, nossos sorrisos desapareceram e nos encaramos sem graça.

– Quero que você entenda uma coisa, Ariana. Não escolhi passar por nada disso.

– Nenhum de nós escolheu, Patrick. E não vamos sair dessa se não ficarmos

espertos.

Resolvemos girar 180 graus e voltar para casa, sentindo a inclinação da ladeira nos músculos das pernas. De cabeça baixa, não percebi que Ariana andava um pouco mais à frente ao passar pela casa de Don e Martinique.

As sacolas do restaurante vietnamita estavam no banco do carona, perfumando o carro com o cheiro de gengibre e canela. O calor da comida embaçava os vidros, obrigando-me a abrir a janela. Apesar de Ariana e eu termos evitado uma discussão maior, o episódio acabou tirando o brilho da reaproximação que vínhamos experimentando. Por isso, acabei me oferecendo para ir buscar o jantar.

Parado no semáforo, tive a impressão de que o barulho da seta ditava o ritmo do meu cansaço. Olhei pelo retrovisor e vi o letreiro da lan house, a meio quarteirão atrás de mim e ao lado da igreja. Eu raramente passava por aquela rua. As botas nos meus pés impediam que eu fosse localizado. Meus olhos se desviaram do retrovisor mas terminaram voltando para ele, enxergando o cartaz que dizia: A OBRA DE CADA UM SE MANIFESTARÁ. Interpretei aquele verso de Coríntios como um aviso.

A queda da temperatura afugentava os moradores de saírem às ruas, portanto não tive problema em engatar a ré. Tamborilando no volante, descarreguei um pouco da minha crescente agitação. Diminuí ao passar pelo centro comercial e observei com uma mistura de alívio e decepção que o lugar estava apagado.

Os limpadores de para-brisa trabalhavam na velocidade máxima. Eu me encontrava a poucos quarteirões de casa quando, num impulso, fiz uma curva de 180 graus e voltei a descer a colina, pegando o Ventura Boulevard. Finalmente encontrei uma lan house aberta.

Em alguns minutos eu estava diante de um computador, aturando um forte cheiro de café e o papo de dois garotos que comparavam seus piercings. Acessei a conta do Gmail. Enquanto a página carregava, concentrei-me em acalmar minha respiração.

Nenhum e-mail na caixa de entrada. Encontrei apenas duas mensagens na pasta de Spam: Dr. Felix Mgbada pedia que eu ajudasse seus parentes na Nigéria e uma farmácia qualquer vendia Viagra por um preço inacreditável.

Dei um suspiro e me joguei para trás na cadeira bamba. Estava prestes a desligar

o computador quando um e-mail pipocou na tela. Sabiam que eu estava online.

As palmas das minhas mãos ficaram úmidas. Cliquei na mensagem e encontrei uma única palavra.

Amanhã.

44. Vidas em jogo, filme de suspense de 1997, com Michael Douglas e Sean Penn.

45. A Corrente do Bem, filme de drama de 2000, com Hayle Joel Osment, Kevin Spacey e Helen Hunt.

46. Refere-se ao estilo de construção do período Tudor que foi de 1405 a 1603.

DESPERTADO PELO BARULHO DO chuveiro, demorei um pouco para me orientar. Segundo andar da casa. Deitado na nossa cama. Ariana no banheiro. Um novo e-mail. Hoje.

Havia uma semana que eu não visitava a lavanderia, portanto a única roupa limpa era uma camisa social salmão comprada numa loja caríssima da Melrose Avenue para uma estreia à qual minha agente me convidara na semana seguinte à venda do meu roteiro. Naquela época eu não era descolado nem tinha condições de comprar uma camisa como aquela. Agora eu era menos descolado ainda e não tinha um tostão sequer no bolso.

Liguei o computador do escritório e acessei a conta. Ainda que eu não quisesse abrir as mensagens no meu computador, poderia checar se algum e-mail tinha chegado. Nada. Cliquei em “Atualizar”. Nada. De novo. E de novo. Fiz algumas anotações para a aula daquela manhã e voltei a olhar a tela. Nada.

O chuveiro parou e senti um frio na espinha. Puxei um roteiro dos alunos da pilha que era cada vez maior. Li o texto de cabo a rabo sem entender muita coisa. Peguei outro e logo o descartei. Não conseguia ver propósito naquilo. Palavras jogadas numa folha de papel. Como eu podia me interessar por uma trama inventada quando uma história real se desenrolava na tela do computador?

Minha mão tentou pegar o mouse, mas preferiu o caderno ao lado. Foi até o mouse novamente. Atualizar. Nada. Batendo a caneta na mesa, concentrei-me nos roteiros, numa nova tentativa de me interessar pelos personagens.

Ariana apareceu à porta do escritório.

– O banheiro é seu.

Fechei a janela do navegador.

– Ótimo. Obrigado – falei.

– Vamos tomar café? Como voltamos a dormir na mesma cama, não vejo problema em dividir uma fatia de mamão.

– Já desço – respondi com um sorriso.

– O que está fazendo?

Olhei para a folha de caderno em branco.

– Preparando a aula de hoje.

– Você está tendo um caso? – Andando pelo corredor, Julianne afastou um aluno parado à sua frente.

Eu estava esbaforido por ter descido correndo a escada. Naqueles 15 minutos antes da aula, aproveitei para fugir até a sala de informática, onde vi que a caixa de entrada do meu Gmail estava vazia. Eu sentia meu rosto vermelho.

– Não. Por quê?

– Seu rosto está brilhando – falou.

– Os últimos dias têm sido agitados.

Tentei me afastar, mas ela me puxou num canto e disse em voz baixa:

– Consegui o contato da assessoria de imprensa. Descobri até o nome da pessoa.

Demorei uns segundos para entender que Julianne se referia à funcionária da CIA que lê os roteiros para escolher os filmes que terão a cooperação da Agência.

– Está bem. – falei. – Obrigado pelo esforço, mas...

– Disse que eu estava escrevendo um artigo sobre o apoio que o Governo dá aos filmes. Mencionei seu roteiro, mas ela não falou nada. Disse que seu texto não tinha passado por lá. Comentou também que a maioria dos roteiros não faz um retrato fiel da Agência. Quer meu palpite? A não ser que ela seja uma excelente atriz, ninguém na CIA está dando a mínima para Você está sendo vigiado. Duvido que estejam por trás dessa confusão toda.

– Pois é. – Lembrei-me de Doug Beeman com o rosto colado na TV, chorando de alívio. – Eu também tinha chegado a essa conclusão.

Olhou para o relógio, disse um palavrão e tomou um caminho oposto ao meu.

Então acho que voltou à estaca zero.

ELA PRECISA DA SUA AJUDA.

A mensagem contra o fundo preto deu um nó no meu estômago. A minúscula sala que eu dividia com os outros professores pareceu ainda mais apertada.

O ar da ventilação fedia a podre e o cheiro de café azedo empestava o lugar.

Enquanto as letras em negrito foram diminuindo na tela, dei uma olhada na minha Canon, que eu deixara apontada para o velho monitor. Não estava gravando. Dei um tapa no aparelho, mas àquela altura as imagens já passavam pela tela.

A primeira era uma foto noturna de uma casa pré-fabricada, com o flash da câmera refletindo nas janelas. Percebia-se a silhueta de uma mulher sentada no sofá e assistindo à TV, o cabelo preso atrás da cabeça. Duas cadeiras podiam ser vistas no pequeno gramado diante da casa e um gnomo com cara de levado parecia estar de vigília.

Meu olhar se dividia entre a câmera e o monitor. Depois de testá-la pela manhã eu a deixara sozinha dentro do carro ao parar para comprar café e na sala dos professores quando fui à sala de informática. A função de gravar devia ter sido desabilitada sem que eu percebesse.

Deixando a câmera sobre a mesa, procurei um lápis, encontrando um mastigado na xícara de café. Enfiei a mão na pasta e arranquei meu caderno, deixando os roteiros caírem no chão. Em nenhum momento tirei os olhos do monitor, com medo de perder alguma coisa. Com o pedaço de lápis, observei o contorno da mulher no sofá. Ela? Quem diabo seria ela?

Uma nova foto mostrava nossa casa, uma imagem que parecia ter sido retirada do anúncio de uma imobiliária. Escutei uma batida na porta.

– Só um minuto! – gritei um pouco alto demais.

– Patrick? Este não é seu horário! É o meu!

A imagem seguinte era a pedra da garagem sob a qual escondíamos a chave de casa. Um flash iluminava a cena noturna. Meu coração disparou.

– Já vou! Um minuto!

Agora uma chave de carro aparecia sobre o gramado ao lado da pedra. Apertei os olhos e vi o símbolo da Honda no chaveiro.

– Ficarei agradecida, Patrick. Sabe que nosso tempo já é curto!

Eu sabia, mas tinha apenas um intervalo de 10 minutos entre as aulas da tarde. Não era tempo suficiente para ir até a sala de informática e minha colega também estava fora do seu horário. Ou foi o que achei.

A imagem seguinte mostrava meu boné do Red Sox⁴⁷ sobre a cama. Senti meu pescoço ficar duro. As paredes do quarto ainda não estavam destruídas, indicando que a foto havia sido tirada antes da noite de quinta-feira. Procurei no bolso meu celular e o liguei.

– Estou guardando minhas coisas. Um minutinho! – Navegando pelo menu do celular, segurei o aparelho próximo ao monitor, para enxergar ambos ao mesmo tempo. Apertando as teclas com pressa, finalmente ativei a câmera e apertei “Gravar”.

Um vídeo começou a rodar no computador. A perspectiva de um motorista, com a lente posicionada de modo que nem o painel nem o capô aparecessem. O barulho de um motor. A perspectiva era baixa, indicando que não se tratava de uma picape. O carro saía do estacionamento B2 do campus de Northridge, destinado exclusivamente aos professores. A gravação agora estava no modo acelerado, o veículo avançando rapidamente sob os postes das ruas, dobrando esquinas, cruzando com outros veículos.

Meus olhos pulavam da tela para a imagem captada pelo celular, que gravava tudo. Escutei uma pancada na porta, as chaves balançando do outro lado.

– Patrick, isso está indo longe demais. Não está na hora da sua aula?

– Sim. Só mais dois minutinhos.

Meu telefone apitou e a câmera parou de gravar: a memória só permitia registros de 10 segundos. A dois quarteirões do campus, o motorista dobrou num beco que ficava entre um restaurante chinês e uma locadora de vídeos. Estacionado perto de uma caçamba, um velho Honda Civic estava parado no sentido oposto. A imagem oscilou e o motorista não estava mais no carro: o filme tinha sido editado para que eu não o visse descendo do veículo.

A aproximação do Honda foi feita por alguém com a câmera nas mãos, a imagem balançando para a frente e para trás. Sem tirar os olhos do monitor, briguei com o celular, apertando os botões e tentando fazer outro clipe de 10 segundos. Uma rápida olhada me mostrou que eu tinha acessado o jogo Paciência.

Xingando, larguei o telefone no colo, percebendo que os socos na porta eram

cada vez mais altos.

A câmera se aproximou do Honda. Mais perto. Quando percebi o foco da imagem, congelei na cadeira. A tranca do porta-malas. Uma nova mensagem começou a piscar no monitor. Sem respirar, tive tempo de ler:

6 DA TARDE EM PONTO

VÁ SOZINHO

NÃO CONTE A NINGUÉM

SIGA AS INSTRUÇÕES

OU ELA MORRE

A tela ficou escura. A janela do navegador fechou por conta própria. Recostando-me na cadeira, passei os olhos naquela sala pequena e fria. Saltos altos trotavam diante da porta, afastando-se com raiva. Então escutei minha respiração entrecortada quebrando aquele silêncio angustiante.

47.Red Sox, time americano de baseball profissional, tem seu estádio em Boston o FENWAY PARK, foi fundado em 1912. Seu maior rival é o New York Yankees.

– VOCÊS DEVEM ESTAR IMPACIENTES mas prometo entregar os roteiros ainda esta semana.

– Você disse isso na semana passada – alguém gritou do fundo.

Folheei meu caderno examinando as anotações. Com exceção das três frases que eu rabiscara de manhã em casa, a página estava vazia. As letras dançando na tela não saíam da minha mente: SIGA AS INSTRUÇÕES. OU ELA MORRE.

Eu conhecia a mulher no sofá? Seria apenas uma estranha a quem eu deveria ajudar, assim como a Doug Beeman? Ela estaria no porta-malas do Honda? Viva? Por que eu tinha de esperar até as seis? O pavor tomou conta de mim. Ao que parecia, aquelas pessoas não estavam brincando.

O relógio no fundo do auditório marcava 16:17. Faltavam 13 minutos para o fim da aula. Eu só teria tempo de correr até em casa, pegar a chave e o boné e seguir até o beco. Apesar dos meus problemas, a vida daquela mulher dependia de mim.

Uma das alunas pigarreou.

– Ok – falei, voltando a mim –, portanto o diálogo... o diálogo deve ser sucinto e... humm... convincente... – Percebi a pobreza da minha explicação quando passei os olhos pela sala e enxerguei Mark no fundo. Notei a decepção em seu rosto. Esforçava-me para me concentrar na aula quando ouvi a porta da sala se abrir e fechar.

Sally surgiu do meu lado, encostada contra a parede, a arma no coldre visível sob a jaqueta amarrotada. Ela me lançou um olhar amigável. Mais uma vez eu tinha perdido o fio da meada. A página em branco do caderno não ajudava. Chequei o relógio. Uma hora e 35 minutos para o início do show.

– Querem saber de uma coisa? – falei para os alunos. – Por que não terminamos mais cedo hoje? – Agarrei minhas coisas e fui em direção à porta. Enquanto me aproximava, Sally observava minha camisa salmão.

– Bela camisa – elogiou. – Tinha para homem?

Valentino aguardava no corredor. Mal pude esperar até que os últimos alunos saíssem. Puxei Sally e seu colega para um canto.

– O que houve?

- Algum lugar onde possamos conversar? – perguntou ela.
- Meu gabinete está ocupado. Mas tem a sala dos professores.
- Está cheia – falou Valentino. Um celular zumbiu no bolso da sua camisa e ele então o desligou.
- Vocês foram lá? – olhei ao redor, nervoso. A Dra. Peterson passava pelo corredor conversando com um aluno. – Vai pegar mal ser interrogado por policiais em plena faculdade.
- Isto não é um interrogatório, Patrick – retrucou Sally. – Queremos apenas confirmar algumas informações.

Peterson não diminuiu o ritmo nem parou de falar, mas seus olhos nos seguiram até ficarmos fora de seu campo de visão. Meu relógio marcava 16:28. Eu precisava das chaves antes de ir ao encontro do Honda. Se não agisse logo, não conseguiria chegar às seis em ponto. Minha camisa estava molhada. Resisti ao instinto de enxugar a testa.

- Está bem – falei. – Sem problemas.
 - Não fizemos cena na sala dos professores – brincou a investigadora. – Devo acrescentar que uma de suas colegas foi bastante atenciosa.
 - Julianne?
 - Sim. A propósito, uma linda mulher.
 - Ela é hétero⁴⁸, Sally – falou Valentino, dando um suspiro.
 - Puxa, eu não havia percebido... – debochou Sally. – Agora eu não vou poder fugir com ela para o Caribe! Quando você comenta que a Jessica Biel⁴⁹ é gostosa, eu por acaso digo que ela não é chegada a negros barrigudos?
 - Eu sou barrigudo? – perguntou Valentino com uma careta.
 - Espere cinco anos – respondeu ela, observando as rugas de preocupação na testa do colega.
- Olhei rapidamente para meu relógio, gesto percebido por Sally.
- Atrasado para alguma coisa?

– Não. – Eu sentia ânsia de vômito. – Não!

– Tudo bem – disse Valentino. – Calma, já entendemos.

– Fomos até sua casa hoje de manhã – falou Sally. – As cortinas estavam fechadas e sua esposa mal abriu a porta. Como se houvesse alguma coisa que não pudessemos ver. Existe algo que não querem que vejamos?

A imagem que veio à minha cabeça foi a das paredes destruídas, dos carpetes arrancados e das tomadas desmontadas: o estrago que um maluco faria com uma caixa de ferramentas nas mãos.

– Não – respondi. – Esse episódio dos DVDs nos assustou um pouco. Só isso.

Mas por que foram até minha casa?

– Seu vizinho nos chamou.

– Don Miller?

– O próprio. Disse que você anda estranho.

– E isso é novidade?

– Ele disse que tem ouvido o barulho de marteladas vindo de sua casa. As cortinas agora ficam fechadas o dia todo. E ele acha que viu você enfiar alguma coisa no bueiro algumas noites atrás.

– Como um corpo? – perguntei.

Ela esperou eu ficar sério e disse:

– Resolvi vir até aqui para conferir se não lhe passei uma ideia errada no nosso último encontro. Cuidado para não dar uma de herói e levar um tiro.

Meu sorriso congelou no rosto. NÃO CONTE A NINGUÉM, eles tinham avisado, OU ELA MORRE. Mas por pouco eu não contei. Quase falei sobre o e-mail, a chave e o porta-malas do Honda. A polícia não estaria mais apta a salvar aquela mulher? Tudo o que eu precisava fazer era abrir a boca e dizer as palavras certas.

Mas um celular começou a tocar a música dos Flinstones⁵⁰. Sally suspirou, distribuindo o peso do seu corpo nas duas pernas.

– Agora sou mãe. Fazer o quê? – Afastou-se para atender a ligação.

Valentino apertou os lábios e olhou sem interesse para os dois lados do corredor. Deu um passo em minha direção como se fosse me contar um segredo:

– Escute, cara. Uma coisa que aprendi na polícia é que problemas levam a mais problemas. Já perdi a conta do número de prisões que fizemos por causa de uma besteira.

Sally cortou o parceiro:

– Temos uma emergência em Westwood. Precisamos ir até lá. – Olhou para mim. – Se estiver em alguma enrascada, podemos ajudá-lo agora. Não adianta nos chamar quando a coisa começar a feder. Então diga: existe algo que você queira nos contar?

Minha boca ficou seca. Respirei fundo e respondi:

– Não.

– Vamos. – Sally virou-se para Valentino e eles sumiram no corredor. A investigadora parou para me olhar uma última vez. – Tome cuidado – falou. – Seja lá aonde você estiver indo com tanta pressa.

48.Indivíduo que se sente atraído por pessoas do sexo oposto.

49.Jéssica Biel atriz americana nascida em 3/03/1982.É casada com o cantor Justin Timberlake.

50.Flinstones, desenho animado que retrata o cotidiano de uma família de classe média na idade da pedra.

ENTRE OS FARÓIS QUE me atingiam da pista contrária, enxerguei o Honda no beco do outro lado da rua. Eu tinha passado em casa para pegar a chave e meu boné, chegando apenas três minutos antes do determinado. Durante todo o trajeto fiquei pensando se não devia ir até uma delegacia, mas a imagem da mulher sentada no sofá manteve meu pé no acelerador e minhas mãos ao volante. Ela não passava de um vulto numa foto, mas a ideia de ela perder a vida por minha causa era insuportável.

Agora que eu estava ali, minhas convicções pareciam menos firmes. Tirando o papel do bolso, desdobrei-o e li minha letra tremida: Recebi um e-mail me dizendo para vir até este carro ou uma mulher morreria. A chave do veículo estava escondida debaixo de uma pedra na minha garagem. Não sei o que me aguarda dentro do porta-malas. Se algo ruim me acontecer, favor contatar a investigadora Sally Richards da Polícia de Los Angeles.

Faltavam dois minutos. Minhas costas pareciam coladas ao banco do carro. O relógio, uma das poucas coisas no painel que estavam intactas, me encarava com determinação. O minuto final pareceu se arrastar. Se aquela mulher morresse, seria como se eu a tivesse assassinado com minhas próprias mãos. Mas será que valia a pena arriscar a vida por alguém que eu nem conhecia?

SIGA AS INSTRUÇÕES OU ELA MORRE.

O relógio marcava seis em ponto. Desci do carro sentindo a respiração reverberar pelo meu peito. Atravessei a rua correndo e parei na entrada do beco para me acalmar. Mas não havia tempo.

Alcansei o Civic, que, à exceção de uma sujeira de passarinho no para-brisa, estava limpíssimo. Percebi que o carro estava sem placas. Encostei a orelha no porta-malas, mas nenhum barulho vinha de seu interior.

Não tinha ninguém no beco nem atrás de mim. O barulho se resumia ao trânsito às minhas costas. Enfiiei com dificuldade a chave na fechadura. O estalo da trava vibrou pelo meu braço. Respirei fundo e abri a tampa, dando um passo para trás enquanto o porta-malas se abria devagar.

Uma bolsa de lona. A mesma bolsa que eu tinha empurrado bueiro abaixo. Estava cheia até a boca. Inclinei-me sobre a sacola, as mãos nos joelhos, e finalmente tomei coragem. O zíper cedeu rapidamente a abri.

Assustado, senti o cheiro de dinheiro. Pilhas e mais pilhas de notas de 10 dólares.

No topo delas, um mapa com uma rota traçada por um já conhecido marca-texto vermelho.

Em espécie, 27.242 dólares parecem ser bem mais do que realmente são. Em notas de 10, tem-se a impressão de estar diante de uma fortuna. Dentro do meu carro, parado no canto do estacionamento de uma loja de conveniências, eu contava o dinheiro, que parecia não ter fim. Se Hollywood estivesse certa, notas de 10 não eram rastreáveis, ao contrário de suas primas de 20 e 100.

O Honda acabou sendo tão enigmático quanto a voz ao telefone. Não encontrei nenhuma informação útil no porta-luvas ou debaixo dos tapetes. Até o número do chassi havia sido raspado.

Meus olhos não saíam do mapa. A linha vermelha começava na via expressa próxima ao beco, rumava para o leste, seguia pela Interestadual 10 por uns 250 quilômetros e terminava em Indio, uma cidade deserta a leste de Palm Springs. Uma pequena etiqueta com um endereço estava colada sobre o destino com um horário escrito ao lado: 21:30. Se o trânsito estivesse bom, eu chegaria a tempo.

Um caminhão acelerou no estacionamento e rapidamente fechei o zíper da bolsa. Fiquei parado por uns segundos com as mãos ao volante e depois liguei para Ariana do celular pré-pago. Caixa postal. Telefonei então para o trabalho. A linha do escritório devia estar grampeada, mas era a única maneira de contatá-la.

– Vou chegar tarde em casa – falei com cuidado.

– Hã? – disse ela. Eu ouvia o gemido do torno ao fundo. Alguém gritou e Ariana respondeu: – Só um segundo. – E voltou para mim: – O que está acontecendo?

Será que ela havia esquecido que apenas o pré-pago era confiável?

– Eu só... – falei – preciso resolver algumas coisas.

– Achei que tínhamos superado isso, Patrick. Cinema depois do trabalho?

Desconfiei que Ariana estivesse fingindo, mas como podia ter certeza?

– Não é bem assim – respondi bruscamente.

– Tenha uma ótima noite, Patrick! – Desligou com força.

Encarei o telefone sem saber como agir. Alguns segundos depois o celular vibrou em minha mão. Pela qualidade da chamada, percebi que ela ligava do celular.

– Oi, querido. – Suspirei, lembrando-me de que não devia subestimar a perspicácia da minha mulher. – O que houve? – perguntou.

Eu então contei.

– Meu Deus! Isso pode ser o dinheiro de um resgate ou da venda de drogas. Já pensou na possibilidade de você estar levando dinheiro para um assassino?

– Preciso estar na estrada em... – olhei o relógio – cinco minutos atrás. Não posso perder tempo.

Alguém gritou e Ariana berrou de volta, a ligação ficando muda por uns segundos.

– O que vai fazer? – Voltou à linha.

Baixei o quebra-sol e vi nossa foto numa festa da universidade. O sorriso em nosso rosto mostrava que tínhamos todo o tempo do mundo pela frente, sem nenhuma preocupação além de estudar e conseguir dinheiro para cerveja.

– Se eu não fizer nada e alguma coisa acontecer com aquela mulher, acho que nunca mais vou conseguir dormir em paz.

– Eu sei – falou num tom baixo. Percebi que sua voz oscilou, a pausa sendo preenchida pelo barulho das máquinas. – Escute, eu...

Passei a mão no rosto sorridente de Ariana na foto.

– Eu sei – falei. – Eu também.

Quase fiquei sem gasolina no meio do caminho. Esqueci que o medidor estava quebrado no “Cheio”, mas por sorte o luminoso com o tigre de uma empresa de petróleo me fez parar num posto. Com a boca seca, corri até a loja de conveniências para comprar água. De volta ao carro, encarei meu reflexo no retrovisor. Eu tinha a impressão de que o espelho me achava um grande idiota.

Índio parecia uma cidade feita de peças de Lego. Não havia mais que seis modelos de casas, alternando-se em cor e tamanho, e com ruas e becos distribuídos em padrões uniformes. Eu me perdi e depois me perdi novamente,

avancando por aquele labirinto e entrando em pânico quando o relógio marcou 21:15. Rezei para que meus tênis com rastreador mostrassem a eles que eu estava chegando.

Por um milagre divino cheguei à rotatória indicada, margeada por casas pré-fabricadas. Avistei finalmente a residência da foto. Estacionei numa rua próxima e saltei do carro, com a bolsa de lona pesando em meu ombro e o boné enfiado na cabeça. Já eram 21:28 e minha respiração estava pesada. Eu tinha me esquecido de como as noites de inverno eram rigorosas no deserto.

Pisando no gramado, aproximei-me da casa. As persianas fechadas não permitiam enxergar o interior da residência, mas a luz trêmula da TV brincava na brecha junto ao peitoril da janela. Apesar de ainda ser cedo, as outras casas estavam mergulhadas nas sombras. Aquele bairro ia para a cama antes do pôr do sol.

Eu não tinha tempo para espiar pela janela ou dar a volta no terreno. Não importava o que me esperava lá dentro – uma mulher amarrada, sequestradores, um novo DVD –, eu iria ao seu encontro. Antes que pudesse dar meia-volta, subi os dois degraus, puxei a porta de tela e bati de leve na madeira.

Ouvi um barulho do lado de dentro. Pés se arrastando. A porta se abriu devagar. A mulher. Eu a reconheci por causa dos cabelos encaracolados. Era estrangeira. Suas feições e trejeitos me indicavam algum país do Leste Europeu. As pálpebras estavam inchadas e seu rosto estava vermelho de tanto chorar. Tinha pouco mais de 1,50m e seus olhos eram muito azuis. Seu aspecto era de uma mulher de 60 anos, mas algo me dizia que era mais nova.

– Você chegou – falou com um forte sotaque que eu não soube identificar.

– A senhora está bem...? – perguntei, gaguejando.

Olhamo-nos por uns segundos. Baixei a bolsa que trazia no ombro e segurei-a ao lado do tronco. A pequena sala atrás dela parecia vazia.

– Entre – falou.

Entrei.

– Por favor, tire zapatos. – O sotaque fazia com que ela trocasse o “s” pelo “z”.

Obedeci, colocando meus tênis sobre uma toalha de mão esticada ao lado da porta. O lugar era humilde porém arrumado. Uma estante de vime exibia gatos

de porcelana e suvenires de várias cidades americanas. Os armários da pequena cozinha brilhavam. Através de uma porta que dava para um banheiro minúsculo, vi uma vela num castiçal preso à parede. Até o sofá parecia novo. A única coisa que me chamou a atenção foi uma bandeja com quatro cascas de banana numa mesinha lateral.

Ela gesticulou e eu me sentei no sofá. Depois de colocar uma tigela de castanhas e um prato de tangerinas na mesa de centro, posicionou-se na poltrona à minha frente. Trocamos um olhar encabulado.

– Eu recebo e-mail – falou. – Dizia que homem vinha com boné vermelho e preto. Que eu devia receber homem. – Por algum motivo falava num sussurro.

– A senhora recebeu algum DVD?

– DVD? – Franziu as sobrancelhas. – Como filme? Não. Eu não entendo. Por que você vem?

Olhei ao redor à espera de uma bomba, um filho violento ou uma equipe da Swat entrando pelas janelas. Avistei mais três cachos de banana sobre o micro-ondas, ao lado de um saco de castanhas e de uma foto de uma menina de aproximadamente 5 anos vestida de uniforme escolar. Com o cabelo castanho e sem os dois dentes da frente, a estampa da sua roupa parecia a de uma toalha de mesa italiana. Uma das marias-chiquinhas era mais comprida que a outra e uma mancha roxa sujava o uniforme. Algo em seu sorriso a deixava vulnerável. Havia um adesivo de um produtor de bananas colado ao porta-retratos. Não entendi o porquê da obsessão pela fruta. Voltei a encarar a mulher. Usava uma aliança de ouro simples, mas de alguma forma eu sabia que seu marido estava morto. Sua tristeza, assim como sua bondade, era nítida, demonstrada no sorriso discreto ao colocar uma tigela de nozes na mesa. Eu não queria importuná-la.

– Soube que a senhora poderia estar em perigo – falei.

– Perigo? – Ela respirou fundo, levando a mão ao colar. – Alguém me ameaçou?

– Eu... acho que sim. Fui instruído a vir aqui. Ou a senhora morreria.

– Mas quem iria me matar? – A última palavra saiu como “mimetar”. – O senhor veio machucar?

– Não, eu não. Eu nunca a machucaria.

Embora estivesse aflita, ela mantinha a voz serena.

– Eu sou avó húngara. Sou garçonete em lanchonete ruim. Quem eu ameaço? O que faço para prejudicar as pessoas?

Inclinei-me para a frente como se fosse me levantar, quase agachando-me sobre as almofadas. O que eu poderia fazer? Dar-lhe um abraço reconfortante?

– Desculpe se a importuno. Eu... Escute, estou aqui e vamos entender isso juntos. Logo, logo, tudo vai acabar bem. Vim para ajudar.

Tirou um lenço de papel e o apertou contra os lábios trêmulos.

– Ajudar o quê?

– Eu não sei. Só me disseram... – Tentei descobrir a ligação que havia ali, a luz que colocaria aquele quadro em foco. – Meu nome é Patrick Davis. Sou professor.

Qual é o nome da senhora?

– Elisabeta.

– A senhora é... – sem completar a frase, aponte para a foto. – É a filha da senhora?

– Neta. – Ao responder à pergunta um sorriso iluminou seu rosto, que logo se apagou. – Meu filho está em prisão 10 anos por vender ar... – fez um revólver com a mão e atirou. O esmalte brilhoso fazia com que suas unhas parecessem surpreendentemente jovens. – Esposa do meu filho foi de volta para Debrecen. – Apontou para a foto. – Então fiquei com ela. Minha pequena joia.

– Ela está dormindo? – perguntei, finalmente entendendo o motivo do sussurro.

– Está.

– Por quê...? – perguntei, olhando ao redor. – Por que tantas bananas?

– Ela não está bem. Toma pílula para urinar menos. Baixo potássio, eles dizem por causa disso. Então a banana... uma brincadeira nossa. Se come potássio da banana, uma pílula a menos. – Sacudiu o braço frágil. – Hoje uma pílula a menos.

Meu coração disparou. ELA PRECISA DA SUA AJUDA. Mas como?

– O que aconteceu com ela? – perguntei.

– Ela teve cirurgia aos 3 anos. Mês passado percebi que sapato não encaixava de novo. O inchaço... – A mão fez um círculo no ar. – Eu não queria acreditar. Depois, a respiração – imitou a sensação de falta de ar – no parquinho. É, sim... é a válvula do coração. Precisa de nova. Mas custa milhares de dólares. Não posso pagar, sou garçonete. Já fiz segunda hipoteca por causa da primeira cirurgia. Ela vai parar. Essa válvula – cuspiu a palavra. – Amanhã, na próxima semana, no próximo mês, ela vai parar.

A bolsa estava encostada nos pés. Os 27 mil dólares fariam alguma diferença diante da fortuna que a cirurgia custava? Minha ansiedade no caminho até ali tinha me deixado mais emotivo do que nunca. A menina me olhava do retrato e percebi que os cabelos dela eram encaracolados como os da avó. Imaginei as conversas que elas teriam tido naquela sala. Como explicar a uma criança de 5 anos que seu coração ia parar de bater? Engoli em seco, sentindo um aperto na garganta.

– Não consigo nem imaginar.

– Mas vejo no seu rosto – falou – que o senhor consegue. – Beliscou a pele flácida do pescoço. – Um amigo na minha terra – apontou para longe – perdeu esposa por causa do mal de Lou Gehrig⁵¹. A prima de um primo perdeu filha e dois netos num acidente de avião cinco anos atrás. No aniversário de casamento este ano meu primo pergunta a ela: “Como você lida com isso?” Ela responde: “Todo mundo tem uma história.” É verdade. Antes de partir, todo mundo tem história triste para contar. Mas essa criança, essa criança... – Ela se levantou, caminhou até uma das portas fechadas no final do corredor e colocou a mão na maçaneta. – O senhor vem ver essa criança bonita. Vem acordar ela. Vem ver e me diz como eu explico para ela a história dela.

– Não, por favor. Deixe-a dormir. É melhor.

Elisabeta voltou e afundou na poltrona.

– E agora alguém quer me matar. Por quê? E para quê? Quem vai cuidar dela? Criança vai ficar sozinha para morrer.

– A senhora não tem plano de saúde?

– Estou muito velha. Eles quase não me aceitam mais. Procurei a sociedade beneficente do hospital e doaram quantia generosa para a zirurgia. Somando generosidade deles ao reembolso do plano, ainda falta mais do que eu posso pagar. – Baixou a cabeça. – O que faço?

– Quanto falta? – Minha voz tremeu, sentindo uma ponta de esperança.

– Mais do que o senhor pode imaginar.

Inclinei-me para frente, apoiei a mão sobre a mesinha de centro, derrubando a tigela de castanhas.

– Quanto exatamente?

Levantou-se e foi até a cozinha. Ouvi uma gaveta se abrindo e o barulho de talheres. Depois, ela mexeu em outra gaveta. Folheou papéis, panfletos e finalmente voltou com uma folha na mão. Esticou-a como se fosse um decreto presidencial.

– Vinte e sete mil e duzentos e quarenta e dois dólares – li, incrédulo.

Elisabeta abriu a boca como se fosse emitir um soluço, mas se conteve, transformando-o numa expressão de repúdio pelo valor.

– Ninguém está ameaçando a senhora. Eu entendi mal.

Minha garganta deu um nó e parei de falar. Um brilho surgiu nos meus olhos. Baixei a cabeça e rezei em silêncio. Andei até ela e deixei a bolsa aos seus pés. Elisabeta me encarou, chocada.

– Isto é para a senhora – falei.

Calcei meus tênis e saí, fechando a porta com cuidado para não acordar a menina.

51. A esclerose lateral amiotrófica (ELA), também designada por doença de Lou Gehrig e doença de Charcot, é uma doença neurodegenerativa progressiva e fatal, caracterizada pela degeneração dos neurônios motores, as células do sistema nervoso central que controlam os movimentos voluntários dos músculos e com a sensibilidade preservada.

EU ANDAVA DE UM lado para o outro diante de Ariana, que escutava tudo sentada na espreguiçadeira da varanda. Seus joelhos estavam dobrados junto ao peito e o blusão de moletom se esticava até os pés. Não chovia, mas o ar era úmido. Passava das duas da manhã e eu não me sentia nem um pouco cansado.

– O medo, o alívio e depois a gratidão. E então começa tudo de novo! É como se fosse uma droga. Não aguento mais isso! Não me importo que tudo tenha dado certo!

– Será que deu mesmo? – duvidou Ariana.

– Como assim?

– Entregar dinheiro para uma mulher no meio do deserto? E se fosse um golpe?

– Como? O dinheiro não era nosso! Eu estava só bancando o Papai Noel!

– Não estou dizendo que você era o alvo. – Ela percebeu o efeito daquelas palavras. – E se alguém aparecer na casa daquela mulher e pedir um favor a ela?

– Quem deu o dinheiro fui eu!

– Mas o dinheiro não era nosso. Ela não está devendo a você!

Fiquei enjoado. Afundei lentamente na cadeira em frente à Ariana. A expressão em seu rosto me dizia que ela se sentia mal. Retirou um frasco de antiácido da bolsa. Engolindo um comprimido, ela examinou o maço de cigarros com o interceptador e continuou a conversa.

– Se aquele dinheiro era limpo, por que eles não o entregaram? E se aquela senhora agora estiver correndo perigo?

– Acho que ela aceitaria o risco – respondi, calmo – só para ver a neta curada.

– Mas não foi ela quem tomou essa decisão, Patrick

– Sim, porque eu tomei por ela. – Esfreguei os olhos, dando um breve gemido.

– Mas que diabo eu deveria fazer? Procurar a polícia dizendo que a mulher corre risco de vida?

– Naquela hora, não. Mas por que não agora?

– Eles vão saber! Já vimos do que esses caras são capazes, Ariana! Além do mais, esqueceu que o processo contra mim talvez seja encerrado? Basta eu cooperar!

– Então vai continuar fazendo isso? – perguntou. – Seguindo as ordens de alguém que você nem conhece? Esperando por mais quanto tempo?

– Até conseguirmos um acordo com o estúdio. Até eu descobrir como reagir, como chegar até eles!

– E enquanto isso não acontece? Essas vidas não lhe pertencem, Patrick! Você não pode simplesmente brincar com elas!

– Não é fácil, Ariana!

– Eu sei. Mas existem milhares de crianças com problemas cardíacos – falou.

– Milhões de pessoas com milhões de problemas! O que torna a vida daquela menina diferente da de qualquer outra?

– O fato de eu poder salvá-la. – Eu sentia meu pescoço dolorido. Ariana ergueu as sobrelhas e eu levantei as mãos, como se ao mesmo tempo eu pedisse desculpas e recuperasse o fôlego. – Sei que não tenho poderes divinos, Ariana...

– Mas é o que parece, Patrick, é o que parece...

– Você não vê que pessoas são reféns? Aquela menina ficou sob minha responsabilidade, assim como Doug Beeman. Ela se tornou um problema meu. Quando me entregaram a bolsa de dinheiro para salvá-la, como eu poderia não ajudá-la?

– Você poderia não ir até lá, para começo de conversa. Como é mesmo aquela fala de Jogos de guerra⁵²?

– “A única jogada vencedora é não jogar” – respondi, com um suspiro.

– Escute, Patrick, concordamos que está na hora de dar um basta nessa situação. Você pode jogar seu jogo, mas só não jogue o deles.

Olhei por cima da cerca e vi que o quarto de Don e Martinique estava apagado e a cortina fechada. Morávamos num lugar bem tranquilo. Ainda assim, eu enfrentava uma situação que fugia do meu controle. Será que algum dos meus

vizinhos se dava conta disso?

– Você está certa. – Levantei as mãos e as soltei sobre as pernas. – Enquanto eu ficar mordendo a isca, eles vão continuar com a linha esticada. Agora chega! Nada de e-mails, instruções e outras bizarrices!

– Eu vou estar ao seu lado, Patrick. Sempre! – Inclinou-se e beijou meu rosto. – É a única coisa que podemos fazer. Até porque eles devem estar blefando.

Levantou-se e entrou em casa de cabeça baixa. Fiquei na varanda durante um tempo, escutando o canto dos grilos, olhando para a escuridão do jardim. Sussurrei em direção às sombras: “E se eles não estiverem blefando?”

Deitei ao lado da minha mulher no escuro do quarto. Ariana já tinha caído no sono, deixando-me sozinho com meus pensamentos. Finalmente me levantei, fui até o escritório e desconectei o celular do carregador. Assisti ao vídeo que tinha feito com o aparelho. A imagem do para-brisa. O carro avançando. Transferei o clipe para o computador e o maximizei até ele ocupar a tela inteira. Uma picape com faróis ligados à luz do dia atravessou rapidamente o campo de visão, formando um reflexo no para-brisa. Um ponto prateado chamou minha atenção. Voltei o vídeo e congelei a imagem: um borrão na base do vidro. Com o rosto colado no monitor, vi um detalhe no painel. Uma pequena placa de metal com o número do chassi.

A imagem estava borrada, porém nada que um programa de edição de vídeo não resolvesse. Era minha primeira pista concreta. Passei o polegar pela tela, com um discreto sorriso nos lábios. Meu celular então tocou. Inclinei a cabeça e vi o aparelho ao lado do teclado. Peguei-o. Um número desconhecido tinha me mandado uma mensagem.

O suor brotou nas minhas costas. Meu dedo foi direto à tecla “Ler”:

E-MAIL AMANHÃ ÀS 19H.

QUESTÃO DE VIDA OU MORTE.

DESSA VEZ É ALGUÉM QUE VOCÊ CONHECE.

EU ESTAVA DENTRO DO carro observando os alunos entrarem para as aulas. O telefone tocou e ele finalmente atendeu:

– Alô.

– Pai?

– Eu não acredito! – Afastando a boca do aparelho, gritou para minha mãe: – É Patrick. Patrick! – Voltou à linha: – Sua mãe está no carro. – Meu pai tinha o sotaque de Boston que eu nunca cheguei a ter por ter sido criado em Newton. – Você e Ariana estão bem?

– Estamos nos acertando. – Escutar a voz do meu pai me fez perceber o quanto eu sentia saudades deles e a que ponto a situação tinha chegado para eu criar coragem de ligar. – Sinto muito por ser um filho ausente.

– Tudo bem, garoto. Sei que a barra não anda fácil. Já conseguiu um emprego de verdade?

– Sim. Estou dando aula novamente. Chega de escrever!

– Escute, sua mãe e eu estávamos saindo. Algum problema?

– Eu só queria saber como vocês estão. Se precisarem de alguma coisa, é só dizer. Eu paro o que estiver fazendo e embarco no primeiro avião!

– O que houve? Entrou para alguma dessas seitas malucas?

– Estou apenas dizendo o que sinto. Queria que soubessem disso.

– Obrigado, filho. Mas está tudo bem. Seus pais ainda vão viver muito tempo!

– Eu sei, pai.

– Ainda não estamos com o pé na cova.

– Eu não quis dizer... – Ouvi uma buzina ao fundo.

– Escute, sua mãe acabou de descobrir a buzina. Faça um favor, Patrick. Ligue para ela esta semana. Acho que a velha está com saudades.

Desligou e fiquei com o telefone na mão, lembrando-me do pavor que senti ao receber a mensagem assustadora na noite anterior. Como era de esperar, a

mensagem desapareceu do celular. Cheguei a pensar se não andava enxergando coisas que não existem. Mas o frio na minha espinha confirmava que aquilo era real.

Um aluno passou diante do carro e acenou, e eu precisei de alguns segundos para retribuir o gesto. Meu Corolla parecia um submarino, isolado do mundo que existia do outro lado do vidro.

DESSA VEZ É ALGUÉM QUE VOCÊ CONHECE.

Verifiquei a agenda do celular. Centenas de nomes, o que tornava impossível contatar cada um deles. Sem falar nos conhecidos que não estavam na memória do aparelho. Podiam estar se referindo a qualquer um: Julianne, Punch, Bill. Algum ex-aluno, algum colega com quem eu tivesse dividido o quarto na faculdade, alguém que tivesse me emprestado uma xícara de açúcar. Alguém que eu amasse.

Fechei o celular e o larguei sobre o painel do carro.

– O único jeito de vencê-los – falei – é não jogar o jogo deles.

Encontrei Marcello na sala de edição. No monitor, um cara de sunga estava “congelado” na ponta de um trampolim. Quando meu colega clicou o mouse, o rapaz saltou, o áudio nitidamente dessincronizado.

– Pode dar uma olhada numa coisa? – perguntei.

O mergulhador “congelou” assim que atingiu a água e Marcello inclinou-se sobre meu celular. Mostrei-lhe então o vídeo.

– Isso é o que posso chamar de “cinema verdade” – falou Marcello quando o clipe chegou ao fim. – Na minha opinião, o carro é uma metáfora para a jornada da sua vida.

– Não tenho como pausar no telefone, mas olhe isso aqui. – Passei o filme novamente. – Você vê um reflexo no para-brisa quando a picape passa? Acho que é o número do chassi. Tem algum jeito de tratar isso no computador?

– Pode demorar. A imagem está fora de foco. – Notei uma ponta de irritação em Marcello. – Patrick, em que você se meteu? – Cruzou os braços enquanto eu tentava descobrir um jeito de explicar.

– Bem, estou recebendo cenas da vida de outras pessoas.

– É a mesma coisa que estão fazendo com você?

– Sim. Mais ou menos. É complicado.

Fez uma careta.

– O que foi? – perguntei.

– Privacidade é artigo de museu, meu amigo. Os telefones agora são grampeados livremente e as guerras são transmitidas pela TV. Sem mencionar essas porcarias de reality show! Não existe mais... – seus lábios se contorceceram à procura da palavra certa – dignidade! – Sua respiração estava ligeiramente alterada. – Antigamente você precisava ser famoso para ser famoso. Mas agora? O real é falso e o falso é real! Que atração é essa por monitorar tudo e colocar uma câmera em todos os lugares?

– Eu acho... – Fiquei olhando para meus sapatos.

– Sim?

– As pessoas querem ter certeza de que a vida é dura para todo mundo. Que a barra não pesa só para o lado delas. Que ninguém tem todas as respostas.

Senti que Marcello me lançava um olhar de compreensão.

– Quando era pequeno, eu achava o cinema uma coisa mágica. Só que depois descobri a verdade. – Deu um sorriso melancólico, coçando a barba com a mão.
– Descobri que havia milhares de pessoas envolvidas, a ilusão dos efeitos especiais. Quando você percebe o que está por trás, um pouco daquela magia desaparece. Acho que todo mundo se sente um pouco assim. O que você faz então? – Ele se virou e continuou a editar o filme feito pelo aluno. Na tela o mergulhador saiu da piscina e retornou ao trampolim.

– Marcello – falei com uma voz rouca –, isso é muito pior do que invasão de privacidade.

– Eu sei. – Não olhou para mim. – Me dê o celular.

– Tem certeza? – perguntei, colocando o telefone sobre a mesa de edição.

– Acho que sim.

Alguns alunos entraram na sala, então diminuí o tom de voz:

– Ninguém pode saber disso. Seria perigoso para você.

– Você não está atrasado para a aula? – disse, me dispensando.

O apartamento de Doug Beeman estava apagado, mas bati de novo à porta. Dessa vez o ex-zelador não vigiava através da fechadura. Com a testa apoiada no umbral da porta, fiquei ali parado, ouvindo os sons e sentindo os cheiros daquele andar. Eu estava desesperado por respostas. Na falta delas, tentava entender tudo o que tinha acontecido até aquele momento. No caminho até ali, eu passara diante do beco e não me surpreendi ao ver que o Honda tinha desaparecido. Depois que sumi com o dinheiro do porta-malas, eles sumiram com o carro. E agora só me restava o silêncio na porta de Beeman, a escuridão que passava por baixo da porta. Quando me virei para ir embora, percebi como estava aflito.

As palavras de Ariana ainda ecoavam em minha mente. Queria fazer alguma coisa para tranquilizar minha mulher. Eu voltaria nas primeiras horas do dia seguinte para me certificar de que Beeman estava bem. Também decidi que iria até Índio visitar Elisabeta.

Afastei-me da porta. O prédio e as ruas próximas fervilhavam de vida, movimento, música e risos de criança. Milhares de pessoas. Quantos estavam à beira de uma catástrofe? Um aneurisma, um AVC, uma cardiopatia? Quantos daqueles apartamentos talvez não sofressem de um vazamento de gás, de uma infiltração nas paredes?

Logo que arranquei com o carro, meu nervosismo atingiu níveis alarmantes. Meus joelhos começaram a tremer, acompanhados pelos dedos das mãos, que não paravam de tamborilar no volante. O relógio do painel marcava 18:53. Faltavam sete minutos para o e-mail chegar na minha caixa de entrada. Lembrei-me de que o advogado não tinha me contatado para conversar sobre o acordo com o estúdio. Eles estavam esperando que eu bancasse o bom moço? Eu ainda estava no lado mais fraco da corda.

O semáforo parecia não querer sair do vermelho. Baixei a janela, bati com o pé no assoalho e cantarolei com o rádio que eu fingia escutar. Mas não adiantava eu ignorar: a lan house continuava na minha visão periférica, bem ao lado da igreja. Arrisquei uma rápida olhada e enxerguei o cartaz que conclamava: AS

CHAMAS SE APAGAM SEM A LENHA. Pela primeira vez em muito tempo o universo parecia se dirigir a mim, mesmo que dissesse algo que eu não queria escutar. Era fácil aceitar o chamado do Verbo. Era só eu seguir alguns metros à frente e dobrar à esquerda.

O único jeito de vencê-los é não jogar o jogo deles.

Esperei o semáforo ficar verde escutando o barulho da seta do carro.

O Hotel Angeleno é uma torre cilíndrica e branca a poucos quarteirões da Interestadual 405, onde o bairro de Brentwood faz limite com Bel Air. A foto enquadrava os 17 andares do prédio. O lugar, até onde eu sabia, tinha passado por uma reforma havia alguns anos e por isso vinha sendo considerado o cartão-postal da cidade. Curvado sobre a mesa da lan house, focalizei a tela e apertei a tecla “Gravar” no celular. Eu já conseguia fazer vários pequenos cliques sem grandes malabarismos com os dedos.

A imagem no monitor desapareceu, sendo substituída pelo número de um quarto de hotel: 1.407. Em seguida surgiu uma porta de serviço, com a ponta de uma caçamba à mostra. As linhas no asfalto, conforme deduzi, delimitavam as vagas do estacionamento.

A foto seguinte teve o efeito de um soco na boca do estômago: meu chaveiro na bancada da nossa cozinha. Uma imagem feita durante o dia, ainda que não fosse possível saber a data. A foto que veio em seguida mostrava apenas uma chave. Não era minha. Assustado, enfiei a mão no bolso. Peguei o chaveiro e o levantei diante dos meus olhos. Lá estava ela, uma chave nova, como um presente adiantado de Natal.

A apresentação seguiu em frente, agora dentro do meu carro. A pessoa com a câmera devia estar sentada no banco do carona. O porta-luas estava aberto e um cartão que serve para abrir portas se encontrava com a face voltada para a câmera.

Uma mensagem apareceu na tela: ÀS 2 DA MANHÃ DE HOJE. VENHA SOZINHO. E NÃO SEJA VISTO. Seguida por outra: VOCÊ PRECISA VÊ-LO. Vê-lo? Quem?

Meu celular parou de gravar antes que o navegador se fechasse, deixando-me diante da mensagem enviada para minha conta no Gmail. Meus dedos doíam de tanto apertar o telefone. Abri o punho e vi o sangue voltar a circular.

Cliquei em “responder” e, para minha surpresa, percebi um endereço no campo do destinatário. Vários números aparentemente aleatórios terminavam no clássico @gmail.com.

O relógio do computador me lembrou de que eu estava atrasado para o jantar e para a caminhada com Ariana. Pensei na minha pasta cheia de roteiros não corrigidos. Lembrei-me das paredes quebradas de casa, que eu tive de dar um jeito de consertar. Eu devia muito às pessoas que faziam parte da minha vida.

Comecei a escrever: “Estou fora. A não ser que eu saiba com quem estou lidando e o motivo de estarem fazendo isso comigo.” Enviei a mensagem antes que pudesse me arrepender. Fiquei encarando o monitor, perguntando-me que diabo eu tinha acabado de fazer.

Uma vinheta engraçada saiu pelas caixas de som, interrompendo meus pensamentos. Uma mensagem apareceu numa janela de chat: HOJE À NOITE VOCÊ VAI ENTENDER TUDO.

Rangendo os dentes, encarei aquela frase presunçosa. Eu estava cansado de ser manipulado. Algo dentro de mim tinha mudado, talvez por causa da conversa com Ariana ou do silêncio que eu encontrara à porta de Beeman. Respirei fundo e comecei a martelar o teclado, redigindo a pergunta que me dava arrepios: E se eu disser não?

Afundi na cadeira. Do outro lado da lan house, a caixa registradora soou e as copiadoras pareciam prestes a alçar voo. O ar-condicionado soprava um vento gelado no meu rosto.

Outra vinheta, outra mensagem. Aquela frase parecia ter sido escrita por mim, tamanha era a semelhança com meus pensamentos: ENTÃO VOCÊ NUNCA VAI SABER.

ERA MEIA-NOITE. EU NÃO iria àquele quarto de hotel. Ariana dormia ao meu lado enquanto meus olhos não desgrudavam do relógio. Ela havia tomado um tranquilizante, mas eu sabia que nenhum remédio no mundo me faria dormir aquela noite. Havia duas opções em jogo: ou eu encarava aquela situação, ou meu pescoço estaria em risco.

Será que viriam ao meu encontro caso eu não aparecesse no hotel? E se não aparecessem, será que viriam de surpresa? Eu conseguiria voltar à minha rotina na universidade? Mas eu tinha de tentar. Como Ariana tinha dito, eu estava brincando com a vida de outras pessoas. Se continuasse seguindo as instruções, como tudo poderia acabar?

Ao decidir não ir até o hotel, eu estaria retomando as rédeas da minha vida. E estaria preparado caso reagissem com violência. Se o processo do Summit fosse retomado, eu estaria de volta a uma situação não inédita para mim. No escuro, comecei a listar as providências a tomar no dia seguinte.

0:27 – 0:28

Eu não iria até o hotel.

HOJE À NOITE VOCÊ VAI ENTENDER TUDO. Quem me esperava no quarto 1.407? Um rosto conhecido? Um homem sentado no escuro com uma pistola na mão? Um desconhecido com um presente para mim? Quanto tempo ia demorar até perceberem que eu não iria até lá?

0:48 – 0:49

Eu não iria até o hotel.

Imaginei Doug Beeman de joelhos com o rosto encostado na TV, balançando o tronco. Lembrei-me de como eu tinha demorado a perceber que ele estava chorando. A foto da neta de Elisabeta de uniforme escolar. As cascas de banana. O desespero que parecia tomar conta dela. A bolsa cheia de dinheiro. Meu momento de oração para que aquela angústia chegasse ao fim.

1:06 – 1:07

Eu não iria até o hotel.

A mensagem parecia flutuar na escuridão à minha frente. QUESTÃO DE VIDA OU MORTE. DESSA VEZ É ALGUÉM QUE VOCÊ CONHECE. O que eu podia

fazer? Ficar ali sem pregar o olho até ser acordado pela campainha do telefone? Ou a notícia da morte viria mais tarde? Um dia, uma semana, três meses. Será que eu ia conseguir viver daquela maneira, sabendo que podia ter feito alguma coisa para impedir o que estava prestes a acontecer?

1:17 – 1:18

O único jeito de vencê-los era não jogar o jogo deles.

Eu não iria até o hotel.

1:23

Beijei o pescoço de Ariana, admirando seu rosto. Lábios carnudos e sensuais ligeiramente abertos, emitindo um delicado assobio.

– Desculpe – sussurrei.

Saí da cama sentindo-me culpado, triste e com muito medo. Não que eu não precisasse ir: eu não conseguiria não ir.

Depois de estacionar no Sepulveda Boulevard, pegar o cartão no porta-luvas e escondê-lo no bolso traseiro da calça, de colocar o velho celular e o pré-pago no bolso da frente, após aguardar uma brecha no trânsito e atravessar o estacionamento dos fundos, de calça jeans e camiseta preta, cheguei ao Hotel Angeleno e fui direto à porta que aparecia na foto.

O bilhete que eu tinha rabiscado às pressas dentro do carro estava amassado no bolso: Recebi um e-mail dizendo para vir até o quarto 1.407 porque era uma questão de vida ou morte. Não sei o que me espera. Se alguma coisa acontecer comigo, favor entrar em contato com a investigadora Sally Richards da Polícia de Los Angeles.

Os carros deslizavam suavemente pela autoestrada à minha esquerda, num ritmo contínuo e sonolento. Eu me aproximava do prédio cilíndrico, um brilho verde e frio iluminava o telhado.

Um carro se aproximou, mas, antes que os faróis me atingissem, enfiei a chave na fechadura e girei a maçaneta, que cedeu sob minha mão. Entrei rapidamente sentindo o ar abafado, ignorando a dormência nas pontas dos meus dedos.

Um funcionário que empurrava um carrinho cheio de pratos e talheres apareceu

no final do corredor. Na fração de segundo que antecedeu a troca de olhares, empurrei uma porta próxima e, para minha sorte, ela levava a uma escada interna. Torcendo para que ele não visse meu rosto, girei o tronco e fechei a porta.

– Por favor... senhor...? – Ignorei suas palavras e coloquei os pés no primeiro degrau.

Subi correndo, o barulho dos tênis reverberando nas paredes. O 14º andar estava incrivelmente silencioso. Ariana iria gostar da decoração: ardósia, pedra e acabamentos em madeira escura. Uma luz amarela suave vinha das luminárias da parede. Um relógio marcava 1:58. Ao passar pelo elevador, senti um calafrio ao ver uma mulher com roupa de ginástica sair de um dos quartos. No entanto, falando ao celular, ela nem se deu o trabalho de olhar para mim.

Segurando o cartão com se fosse uma faca, contei os números dos quartos. Ao chegar diante do 1.407, enfiei-o na fenda. A luz do sensor ficou verde, girei a maçaneta e empurrei a porta alguns centímetros.

Ecuridão.

Empurrei mais um pouco. Era possível enxergar um corredor comprido, um lavabo e uma fresta do cômodo principal. As cortinas estavam abertas e portas de vidro davam acesso à pequena sacada apertada.

– Olá? – Minha voz, cansada e rouca, soou estranha.

Acostumando-me à escuridão, enxerguei as luzes da cidade além das portas de vidro. O barulho do trânsito se confundia com minha respiração ofegante. A porta se fechou atrás de mim, cortando o pouco de luz que vinha do corredor.

Tive uma sensação de vazio. Eu devia esperar por alguém? Um novo telefonema iria me levar a outro lugar? Um cheiro adocicado e rascante invadiu minhas narinas. Com o corpo tenso, pisei no limiar do cômodo principal. Vi que o edredom da cama estava afundado no ponto onde alguém se sentara. Percebi um objeto comprido logo ao lado.

Analisando o cômodo, dei um passo à frente e peguei o objeto pelo cabo. A cabeça de metal brilhou contra as luzes que atravessavam a janela. Um taco de golfe. O meu taco de golfe. Aquele que eu havia atirado contra o invasor que tentara fugir de mim. A ponta do taco estava escura. Suspeitei que fosse terra, mas percebi algo estranho em sua textura. Soltei o taco sobre a cama e reconheci o cheiro no ar: cigarros de bali.

VOCÊ PRECISA VÊ-LO.

Meu peito começou a arfar. Dei um passo para o lado, mas meu pé bateu em algo macio. Percebi um volume no chão. Respirei fundo e pisquei os olhos, tentando enxergar através da escuridão. Um corpo estava estirado de costas com um afundamento na testa e o rosto empapado de sangue. Eu conhecia aquela sobancelha. Os dentes brancos e perfeitos. O queixo.

HOJE À NOITE VOCÊ VAI ENTENDER TUDO.

O pavor interrompeu o fluxo de ar para meus pulmões, provocando-me uma ânsia de vômito. Antes de escutar os passos se aproximando pelo corredor, eu já sabia o que ia acontecer. Afastando-me da cama e andando até o meio do cômodo, de frente para a gloriosa vista da cidade que se perdia em meio à névoa, peguei o bilhete e coloquei as mãos sobre a cabeça, no segundo anterior ao arrombamento da porta, que foi seguido pelos feixes de laser varrendo meu corpo.

– EU NÃO FIZ NADA! Eu não fiz nada! – Eu não parava de repetir aquela frase, mas não tinha certeza se chegava a verbalizá-la. No entanto um policial eliminou qualquer dúvida que pudesse existir:

– Está bem, a gente já entendeu!

Três oficiais uniformizados se revezavam ao telefone e ao rádio. Percebi que não me olhavam com raiva, mas com admiração e perplexidade. Eu ouvia suas vozes como se eles estivessem na extremidade de um túnel, suas palavras chegando distorcidas aos meus ouvidos. Eu estava em choque, embora desconfiasse que não pudesse ter consciência disso.

Fui revistado e transferido para um quarto idêntico àquele. O bilhete no qual estava escrito o nome da investigadora Sally Richards tinha desaparecido do meu bolso e não era possível saber se ela fora contatada. O Hotel Angeleno se encontrava sob jurisdição da delegacia de Sally e Valentino, o que não deixava de ser um consolo.

Sentei-me na beira da cama. Olhando para o chão, percebi que não estava algemado, embora tivesse a vaga lembrança de estar com as mãos imobilizadas um pouco mais cedo. Suspeitei que ainda não sabiam o que fazer comigo.

– Quer que a gente telefone para sua esposa? – perguntou uma policial.

– Não. Sim. Não. – Imaginei Ariana acordando e percebendo que eu não estava em casa. Ela rapidamente deduziria que eu tinha ido até o hotel, ainda que eu tivesse prometido o contrário. – Sim. Digam a ela que estou bem. Que estou vivo. – Os policiais me olharam com estranheza. – Eles me mandaram para cá, grampearam meu telefone. Arrumem uma caneta. Aqui. Vou mostrar a vocês.

Um oficial retirou uma caneta do bolso e a colocou na minha mão.

– Fiquem de olho nele – falou outro policial.

Enfie a ponta da caneta no calcanhar do meu tênis, na região onde havia as costuras. Quase quebrei a caneta, mas consegui arrancar um pedaço de borracha.

– Eles puseram um rastreador. Bem aqui. Eles queriam seguir meus... – torci a sola, enfiando os dedos dentro da costura.

Não havia nada. Minha respiração falhou. Não sabia o que dizer. Um dos policiais

deu uma risadinha enquanto seus colegas pareciam sentir pena de mim. O tênis escorregou e bateu no chão. Olhei ao redor e um fiapo de voz saiu dos meus lábios:

– Esqueçam! – Com a mão trêmula, ergui a caneta. Eu mal conseguia olhar para cima, mas senti quando o policial puxou o objeto da minha mão.

Ouvi uma batida seca à porta e Sally então entrou, seguida por Valentino. Fez uma careta em minha direção e perguntou a um dos oficiais:

– Olhe a cor dele! Ele vai desmaiar? Tem certeza? Bem. Vocês podem nos dar um minutinho? – O policial disse alguma coisa que fez a investigadora bufar: – Claro que a gente dá conta dele!

O tom sarcástico e familiar daquele comentário me deixou esperançoso. Os policiais saíram e Valentino se posicionou ao lado da porta de vidro para o caso de eu tentar correr até a varanda. Sally puxou uma cadeira e sentou-se à minha frente.

– O que você estava fazendo com uma arma na mão ao lado do corpo de Keith Conner? O que tem a dizer, Patrick?

O quarto cheirava a desinfetante. Meu pé direito estava em cima do local correspondente àquele onde jazia o corpo do ator, cinco quartos ao lado. Minha garganta estava tão seca que eu não sabia se conseguiria responder.

– Será que sou idiota?

– Já é um bom começo – respondeu Sally, olhando o relógio. – Temos 20 minutos antes que a Divisão de Roubos e Homicídios chegue e assuma o caso.

– O quê? Como vou confiar naqueles caras?

– Isso não é da sua conta.

– Se eles assumirem o caso, estou perdido. Ninguém mais vai acreditar em mim.
– Levantei-me da cama e a investigadora fez um gesto ríspido, ordenando que eu me sentasse. Falei: – Por que não continuam no caso?

As sobranceiras finas de Sally se ergueram.

– Você faz ideia do que essa morte significa? A mídia já está sabendo e começou a comparar Keith Conner a River Phoenix e... juízo!... a James Dean. A promotora telefonou para mim duas vezes no caminho para cá. Um astro do

cinema morreu, Patrick! Valentino e eu não temos autoridade para investigar um homicídio desses e o caso vai chegar aos altos escalões. Por isso, se tiver algo a nos dizer, é melhor que seja agora.

Eu precisava falar alguma coisa. Embora meus pensamentos estivessem confusos e minha voz trêmula, tentei contar a eles o que havia acontecido. Valentino permaneceu de braços cruzados. Eu ouvia a caneta de Sally rabiscar o caderno e os helicópteros voando em círculos como gaviões, os holofotes iluminando as cortinas do quarto.

Quando terminei, Sally olhou para mim sem qualquer expressão no rosto.

– Então você está falando sério.

A frase não parecia uma pergunta, mas arrisquei a resposta:

– Se eu conseguisse inventar uma história dessas, seria o roteirista mais rico de Hollywood.

– Alguém que não quis se identificar ligou para a polícia e disse ter visto um homem forçando a porta do quarto de Keith Conner – falou. – E a descrição batia com a sua, Patrick

– Foi o assassino quem ligou! Para que o plano dele funcionasse, eu precisava chegar ao quarto pouco depois de Keith ter sido morto!

Sally ergueu a mão pedindo que eu me calasse. Desesperado, eu tentava adivinhar sua reação. Mas a investigadora desviou o olhar, furiosa.

– Vocês precisam acreditar em mim. Senão ninguém vai!

Ficou de braços cruzados por um tempo, mordendo o lábio inferior, e então disse:

– Quanto mais um inocente é pressionado, mais revoltado fica. A teoria funciona na maioria dos casos.

Fiquei arrepiado. Será que não percebiam minha revolta?

– Na maioria? – perguntei.

– É, na maioria. E você não me parece revoltado.

– Eis o problema – completou Valentino.

– Viu, meu colega concorda comigo! – Sally estalou os dedos, aumentando o tom de voz. – Não gosto de generalizações, Patrick, mas acho que essa coisa está fedendo. Eu vou fazer algo que não devia: vou levá-lo a sério. Vamos lá!

Dei um suspiro entrecortado e ela apontou para mim.

– Mas, se quiser ser ajudado, você precisa...

A porta se escancarou e um homem alto de terno entrou no quarto. Sally não desgrudou os olhos de mim enquanto gritava:

– Vocês estão cinco minutos adiantados.

– Kent Gable, Divisão de Roubos e Homicídios!

– Sally Richards. Este é o investigador Valentino.

– Meu colega está no quarto 1.407 – falou Gable. – Obrigado pela ajuda, mas estamos assumindo o caso.

Sally continuou me encarando, ansiosa. Parecia a ponto de me dizer alguma coisa. Valentino também não tirava os olhos de mim.

– Isolamos a área, mas a imprensa está aí fora. – Gable passou a mão pelo rosto recém-barbeado e finalmente olhou para mim. – Por que ele não está algemado?

Coloquei as mãos sobre os joelhos.

– Eu só falo com a investigadora Richards e com o parceiro dela. Se alguém quiser me interrogar, precisa chamar meu advogado. – Minhas palavras não eram assertivas, mas suspeitei que Sally esperava aquela reação.

Percebi Valentino torcer o nariz e a investigadora dar um rápido suspiro. Ela piscou em minha direção e se virou para Gable, que me encarava boquiaberto.

– Já conhecemos o suspeito – falou. – Escreveu um bilhete exigindo nossa ajuda caso...

– Eu já sei, querida! – Gable a interrompeu. Valentino então fez uma careta de dor. – Mas desde quando o suspeito exige alguma coisa?

Um silêncio pôde ser ouvido no quarto. Sally encarava Gable, que era observado por Valentino. Eu continuava sentado na cama, como uma criança que assiste à discussão dos pais.

Valentino pigarreou e levou as mãos ao bigode, como se já esperasse a intervenção de sua parceira:

– Sabe quem está morrendo de medo desse caso? A Promotoria Pública! Como deve saber, ela só faz besteira quando decide investigar celebridades. Não estão acostumados com essa turma, Gable! O negócio deles é colarinho-branco. Mesmo com a ajuda da Roubos e Homicídios só fazem lambança! Agora, se o principal suspeito do assassinato de Keith Conner quer falar com a gente, acho melhor deixar o sujeito abrir o bico!

A música dos Flinstones começou a tocar. Sally suspirou e tirou o celular do bolso.

– Falando no diabo... – Abriu um sorriso açucarado para Gable. – Um minutinho... Sim, senhora, estamos no local. – Saiu do quarto e foi seguida por Gable.

Valentino se aproximou e curvou o tronco à minha frente, fazendo uma concha com a mão. Reparei que o sol nascia no horizonte, iluminando o cabelo do investigador.

– Trabalho há muito tempo na polícia e ninguém tem a intuição dessa mulher. Não a subestime, Patrick. Posso não gostar muito do jeito dela, mas formamos uma bela dupla. Vejo nos seus olhos que está com medo. Por isso só vou lhe dar uma chance. Se quiser salvar sua pele, conte-nos tudo o que sabe. Senão você está perdido. Entendeu?

– Entendi.

A maçaneta da porta girou e Valentino e eu esperamos para ver quem entraria no quarto. Sally tropeçou no batente.

– É melhor colocar as algemas. Vamos precisar delas diante das câmeras.

Levantei-me um pouco tonto, sentindo a visão escurecer. Valentino imobilizou minhas mãos e logo saímos pela porta.

Sally respirou fundo e percebi a ansiedade por trás de sua fisionomia impassível. Quando passei perto, ela me disse baixinho:

– Pronto para a foto?

– VAMOS TERMINAR LOGO COM esse quebra-cabeça – falou Sally.

Depois do assédio dos repórteres e das câmeras de TV, aproveitei o silêncio da viatura para me acalmar. O barulho das pás dos helicópteros só aumentava minha dor de cabeça, que diminuiu quando a porta da delegacia se fechou atrás de nós.

Nunca imaginei ser preso. Fui levado para um cubículo com vista para uma sala de interrogatório, normalmente ocupada pelos investigadores. O cômodo estava vazio e, exceto pelos gravadores e monitores, era tão sombrio quanto a sala que eu dividia com meus colegas na Northridge. As cadeiras giratórias, as canecas de café sobre a mesa e a TV num canto faziam daquele local um ambiente propício para uma conversa. A sala de interrogatório ao lado não me deixava esquecer de que aquela seria minha escala seguinte.

Sally ligou a câmera que ficava na parede e virou a lente em nossa direção. Sentados à mesa, parecíamos parceiros discutindo algum caso importante. Eu ainda tinha dificuldades para respirar.

– Já falaram com Ariana?

– Acho que sim – respondeu Valentino.

– Onde ela está? O que disseram à minha mulher? Está tudo bem?

– Não sei, Patrick – cortou Sally. – Há coisas mais importantes a fazer.

– Preciso saber se minha esposa...

– Você não tem direito a nada – retrucou ela. – Para sua informação, o poderoso capitão da Roubos e Homicídios está mexendo os pauzinhos para assumir o caso. Se não encontrarmos uma brecha jurídica, Gable vai dar um jeito de te jogar na cadeia. É melhor então cooperar.

Naquele momento meus olhos estavam grudados na TV, que exibia as imagens de um helicóptero sobrevoando o Hotel Angeleno. Percebendo minha distração, Valentino mudou de canal.

– Onde estava às nove da noite do dia 15 de fevereiro? – perguntou ele.

Fechei os olhos e tentei me lembrar. Tinha sido uma segunda-feira, dois dias antes daquele interrogatório.

- A caminho de Indio para encontrar Elisabeta. Por quê?
- Alguém pode confirmar essa informação?
- Claro que não. Esqueceram que eles me disseram que... – O medo parecia uma pedra de gelo na minha garganta. – Por quê? Aconteceu alguma coisa?
- Ligaram da casa de Keith Conner dizendo que alguém tinha pichado o muro com a palavra “mentiroso”, pulado o portão e deixado um rato morto dentro de um dos carros do ator. Uma câmera filmou o invasor. Tinha seu porte, mas não foi possível reconhecer o rosto porque ele estava usando...
- ... um boné do Red Sox – completei calmamente.
- Isso mesmo. Não é nossa jurisdição, mas fomos chamados porque...
- Porque Conner suspeitou de mim, claro. Eu o visitei alguns dias antes.
- Soubemos que o encontro não foi dos mais amigáveis – comentou Valentino folheando seu caderno. – E Conner ficou chateado. Registrou uma queixa algumas horas antes de a casa dele ser invadida.
- Ora, ora... quer dizer que nós dois dançamos conforme a música que eles tocaram. Eu dando um passo à esquerda e ele seguindo meu ritmo.
- Sim, e os advogados dele deram queixa à polícia.
- Foi por isso que vocês foram atrás de mim na universidade.
- Considerando a desavença entre vocês dois – falou Sally –, precisávamos confirmar se você tinha culpa no cartório. Pensamos que ele tinha inventado essa visita para incriminá-lo, mas um paparazzo confirmou que você esteve lá.

Ele inclusive nos mostrou algumas fotos suas.

Joe Vente.

- Depois falamos com o chefe da segurança do Summit, seu amigo Jerry Donovan, que disse que você queria o endereço do ator. O garçom do Formosa confirmou que você andou por lá um dia desses.
- Ótimo! Sou um sujeito instável, bebedor e obsessivo. – Respirei fundo. – Já sei o que vem agora: a arma do crime! O taco de beisebol! O mesmo que atirei no cara que invadiu minha casa. Sem falar que ando faltando às aulas e discutindo

com os alunos. Tenho uma visão distorcida das agências do Governo, conforme meu roteiro revela. Cheguei ao ponto de destruir minha casa à procura de grampos imaginários!

– Sua esposa pode confirmar a presença deles – falou Sally. – A presença dos grampos.

– Certo – retruquei. – Ela é uma testemunha imparcial...

– Depois que informamos Jerry sobre a invasão da casa de Keith, ele nos falou sobre os equipamentos de vigilância na sua casa. Disse que havia transmissores nas roupas de vocês. Portanto, eis uma informação confiável.

Não sei o que se passava na cabeça de Jerry a ponto de confessar a visita à minha casa.

– E se eu tivesse instalado aqueles equipamentos?

– Ok... – O rosto de Sally ficou vermelho. – Mas se você matou Keith Conner com um taco de golfe, por que não encontramos manchas de sangue nas suas mãos e nas suas roupas?

– A perícia examinou o sifão da pia do quarto?

Sally e Valentino se entreolharam.

– Sim – respondeu ela. – E encontraram manchas de sangue.

– O exame vai mostrar que o sangue é de Keith e que eu tomei um banho após assassiná-lo.

– De que lado você está? – perguntou Valentino.

– Do lado dos fatos. Não tenho cópia dos DVDs nem dos e-mails, e as páginas da internet sumiram. As únicas coisas que me restam são gravações feitas num celular... que eu mesmo poderia ter forjado. Mas de repente eu saio de casa no meio da madrugada e invado o Hotel Angeleno. Fujo de um funcionário e faço questão de ter uma atitude suspeita.

– Você está me convencendo – disse Valentino.

– Sou o bode expiatório perfeito: indignado e revoltado. Eles ligaram o interruptor nas minhas costas e eu agi como um robô.

Uma notícia urgente interrompeu a novela que passava na TV. A foto de Keith Conner surgiu seguida pelos anos de nascimento e de morte. Uma imagem mostrava o momento em que eu era escoltado à saída do hotel, uma expressão de angústia no rosto. Eu não me lembrava de quase nada, exceto dos flashes espocando e dos repórteres gritando meu nome.

Agora minha imagem atravessava o país. Certamente os moradores de Nova York já estariam sabendo dos detalhes sórdidos daquele crime. Meus pais, tomando café em Boston, deviam estar desesperados. Eu era um assassino impiedoso. Um sujeito de olhar vazio, manias estranhas e hábitos repugnantes. Cheguei à arrasadora conclusão de que minha vida jamais seria a mesma novamente.

Mas Valentino não pensava em nada daquilo quando perguntou:

- Já que tem resposta para tudo, por que resolveram incriminar logo você?
- Isso não tem a ver comigo. Tem a ver com a morte de Keith.
- Será que não queriam acabar com você? – retrucou Valentino.
- Há maneiras mais fáceis de acabar com alguém sem ter que matar um astro do cinema.
- Sim – disse Sally –, mas talvez nenhuma seja tão cruel quanto essa.
- Explique-se – ordenou Valentino, olhando para mim.

Baixei a cabeça percebendo que os dois me encaravam. Em meio ao desespero, consegui dizer:

- Queriam matar Keith, então procuraram alguém que tivesse motivo para isso. Não precisaram ir muito longe. Hollywood inteira sabia de nossa rixa, do processo judicial, da suposta tentativa de agressão.

Até aquele momento o processo ainda estava correndo, já que meu advogado ainda não recebera a proposta de acordo por parte do estúdio. Naquele momento fiquei na dúvida se a proposta era real ou mais uma estratégia para me enrolar. Será que aquela situação tinha a ver com o processo? De qualquer maneira, eu não queria desviar a atenção de Sally e Valentino.

O investigador interrompeu meus pensamentos:

- Se isso não tem a ver com você, por que eles teriam tanto trabalho?

– Raciocine comigo – falei. – Nada atrai tanta atenção quanto um caso de homicídio em Hollywood. Cada mínimo detalhe é dissecado ao vivo diante das câmeras. Keith Conner era o novo astro do cinema! Esse caso vai ser investigado até o fim. Não tenho dúvida!

– Está dizendo que eles querem algo além de um bode expiatório – falou Sally. – Querem um bode expiatório que possa ser manipulado a fim de propiciar a incriminação perfeita. – Ela roía a tampa da caneta. – A Divisão de Roubos e Homicídios tem fama de resolver tudo às pressas. Os caras que estão querendo incriminá-lo sabem disso!

– A questão é a seguinte, Sally: o que uma investigação detalhada revelaria? – perguntei.

– Outras motivações? Quem mais gostaria de ver Keith Conner morto?

– Críticos de cinema? – sugeriu Valentino, olhando para a parceira. – Hollywood não se resume a dinheiro, sexo e vingança? Sua desavença com ele envolveu essas três coisas, não envolveu?

Lembrei-me de um detalhe que me fez estalar os dedos:

– Aquele paparazzo, Joe Vente, me disse que Keith engravidou uma garota de programa. Com a morte do ator, o dinheiro dele pode ir para a mulher e para a criança.

Sally virou a página do bloco de anotações e continuou escrevendo.

– Um sujeito como Keith – emendou Valentino – não é flor que se cheire.

– Não mesmo – concordei. – Alguém precisa investigar os negócios dele, descobrir se devia dinheiro a alguém, se estava transando com a mulher dos outros... Quem matou Keith Conner está solto por aí. Não deixem a Promotoria encerrar esse caso. Vocês precisam me ajudar!

Sally e Valentino me olharam com uma expressão de angústia e, segundo me pareceu, de impotência.

Uma porta bateu em alguma sala próxima. Ouvi um grito abafado:

– Sei que ele está aqui! – Pelo espelho vi Ariana entrar na sala de interrogatório, desesperada: – Onde ele está? Onde?

Dois policiais entraram atrás dela, a cena se desenrolava como se eu estivesse

diante de uma enorme tela de TV. Ver Ariana ali foi uma experiência surreal, como se aquela situação estivesse deslocada no tempo e no espaço. O rosto dela estava vermelho e seus punhos cerrados ao lado do corpo. Minha mulher se posicionou atrás da mesa, os policiais a encarando.

– Eu quero vê-lo! Quero ter certeza de que ele está bem!

Comecei então a gritar:

– Ariana! Estou aqui! Do outro lado!

A sala era à prova de som. Tentei me levantar, mas Sally me segurou pelos ombros.

– Não! – disse ela. – Só depois de colhermos os depoimentos de vocês.

Por alguns segundos eu me tornei um espectador do desespero de minha esposa. Agarrei o interfone que ficava sobre a mesa.

– Não vou deixar que ela...

Valentino me aplicou uma chave de braço.

– Você ainda não foi indiciado, Patrick. Mas podemos mudar de ideia se não se comportar! Quer continuar conversando ou saber o valor da fiança? – Ele me obrigou a sentar novamente. – Preste atenção no que está sendo dito.

Ariana começou a tremer e percebi que ela estava prestes a chorar. Um dos policiais deu a volta na mesa e a segurou pelo braço.

– Senhora, por favor, me acompanhe.

O outro policial olhava nervoso para o espelho. Ariana então desconfiou.

– Patrick? Ele está ali? Ele está ali atrás?

Desvencilhou-se do policial e correu até o espelho.

– Patrick, você está aí? Está tudo bem?

Encostou o rosto na superfície do espelho tentando enxergar através dele. Sally suspirou fundo e Valentino disse:

– Meu Deus!

Encostei a mão no vidro tocando o rosto Ariana e o contorno da sua mão. O policial voltou a segurá-la e ela então cedeu.

Meu rosto ardia. Mordi o lábio e desejei que meu coração parasse de bater. Após todos os nossos problemas, a única coisa que me restaria fazer era consolar minha mulher por trás de um espelho. O simbolismo daquela cena era tão impressionante que caberia no roteiro de um dos meus alunos. Minha voz soou rouca e falha:

– Eu não posso ser preso.

– Então nos dê alguma prova, Patrick – falou Sally.

– Eu não tenho nenhuma prova. Eles me ferraram!

– Não vamos sentir pena de você. O dono daquela bota não está de brincadeira.

Você sabe disso!

– Existe alguém além da sua esposa – perguntou Valentino – que pode confirmar a existência deles?

– A Elisabeta recebeu um e-mail informando que seria visitada por um sujeito usando um boné do Red Sox, mas isso não quer dizer muita coisa. Mas esperem! Doug Beeman. Eles gravaram Doug! Ele também recebeu os DVDs!

– Você não poderia ter feito essas gravações?

– Faz meses que ele vem recebendo esses discos. Posso provar que não haveria como eu ter feito as gravações. E ele ainda tem os discos!

– Queremos o endereço dele.

Anotei todas as informações num pedaço de papel.

– Você precisa nos provar que é inocente, Patrick. Lembre-se de todos os detalhes dos últimos nove dias. E seja rápido! – Sally guardou o endereço no bolso. – Nesse meio-tempo, vamos falar com Beeman.

– Ele vai confirmar minha versão!

– Reze para que isso aconteça, Patrick – disse Valentino e os dois investigadores saíram da sala.

Fiquei durante um tempo encarando a TV. Estava no intervalo da novela e um comercial destacava as cinco lâminas de um novo aparelho de barbear, o que pareceu um exagero para minha cabeça cansada. Fechei os olhos na tentativa de lembrar tudo o que tinha acontecido desde o momento em que fui de cueca até a varanda naquela fria manhã de terça-feira. Mas eu só conseguia pensar em onde eu estava, no meu casamento e no que ainda restava da minha reputação.

Fui até a porta. Um policial folheava uma revista no corredor. Ele ergueu os olhos e me encarou. Dei um passo à frente e ele veio em minha direção. Parei e disse:

– Tudo bem.

Voltei para dentro da sala e me arrastei até a cadeira. Elisabeta estava na TV. Sentada num sofá branco com cortinas brancas ao fundo. Por alguns instantes achei que estivesse delirando. Será que os repórteres descobriram que eu tinha ido visitá-la? No entanto, metade da tela foi ocupada por um texto publicitário. Levantei-me, andei até a televisão e aumentei o volume. Elisabeta dizia: “Uma bebida com elevado teor de fibras que ajuda a digestão e diminui o risco de doenças cardíacas.”

A mulher falava sem sotaque. Ela agora caminhava num gramado com um suéter amarelo por cima dos ombros. Uma voz em off anunciava: “SoulFibras. Uma vida saudável começa com uma digestão perfeita.” A câmera deu um close em seu sorriso. Se Elisabeta se beneficiava da ingestão de fibras, o espectador também se beneficiaria.

Meus olhos ardiam. Eu tinha parado de piscar. Elisabeta estava num comercial de TV. Com um sotaque tipicamente americano. Uma atriz contratada para fazer uma propaganda. O que talvez significasse que Doug Beeman já não era mais minha última esperança. Imaginei Sally e Valentino fazendo papel de bobos à porta do apartamento do suposto ex-zelador.

Confuso, afastei-me da TV e me senti, derrubando a cadeira e me estatelando no chão. Eu não conseguia tirar os olhos da tela, ainda que o comercial tivesse chegado ao fim.

De repente a porta se abriu e Kent Gable entrou acompanhado de alguns homens de terno. Reparei no volume dos coldres sob seus paletós, com distintivos reluzindo nos cintos. A Divisão de Roubos e Homicídios se materializava à minha frente. Caído no chão, achei Gable ainda mais alto. O piso daquela sala tinha a temperatura da morte. Em fração de segundos um arrepio se espalhou pelo meu corpo.

– Desculpe, Patrick – falou. – A lua de mel chegou ao fim.

– POR QUE...? – TOSSI e tentei novamente. – Por que a Promotoria Pública mudou de opinião?

Entrando na autoestrada, Gable jogou uma pasta por cima do encosto do assento. Percebi que aquela era minha resposta. A bolsa me atingiu no peito. Com as mãos algemadas, precisei fazer um esforço para folhear toda a papelada. Eram vários e-mails impressos.

O parceiro dele, um latino grandalhão que não tinha se apresentado, disse:

– Fizemos uma busca na sua casa. Acho que você já entregou os pontos. – Não se deu o trabalho de virar para trás. – E depois fomos até a faculdade... mais precisamente àquela salinha com um computador caindo aos pedaços. Você achou que não o examináramos, Patrick?

Vi uma mensagem enviada por peepstracker8@hotmail.com para meu e-mail da faculdade. O texto era breve: “Recebi seu e-mail. Veja se foi isso que você pediu? Caso precise de mais alguma coisa, não hesite em nos contatar.” O anexo tinha sido impresso numa folha e exibia a planta do que parecia ser uma mansão. Verifiquei a data: seis meses atrás.

– O que significa isso? – O medo fez minha voz ficar rouca.

– Continue – ordenou Gable. – Isso é só o começo.

Uma resposta que eu tinha mandado para alguém: “Vocês podem descobrir informações sobre uma pessoa?”

Olhei para a planta novamente. Ela me parecia familiar, ainda mais com aquela piscina e com a garagem para oito carros.

Examinei outros e-mails: “Não fazemos esse tipo de serviço. Desculpe, amigo. Deixe o dinheiro no local combinado.”

Os e-mails seguintes eram tentativas frustradas de eu conseguir uma arma sem registro com várias pessoas um tanto suspeitas. A última página era o comprovante de reserva do Hotel Angeleno, feita por mim utilizando um nome falso.

Gable me olhava pelo retrovisor. Eu estava paralisado, sem acreditar no que lia. Minha boca se abriu mas não consegui articular as palavras. Sally e Valentino, os únicos que ainda acreditavam em mim, corriam atrás de uma pista que não ia

me levar a lugar nenhum. E agora eu estava diante de provas ainda mais contundentes. Achei que estivesse delirando.

Os carros nos ultrapassavam pelos dois lados, pessoas que seguiam em suas rotinas. Uma morena fumava e falava ao celular com os pés esticados sobre o painel. Avistei alguns homens vendendo flores nas rampas de acesso à estrada. Ouvi as vozes das cantoras negras que faziam o backing vocal para Lou Reed⁵⁴ no rádio da picafe que passou lentamente ao nosso lado.

– Você acha mesmo que os dados desaparecem quando você apaga alguma coisa do computador? – perguntou o parceiro de Gable num tom de deboche. – Tem de ser muito burro para acreditar! Nossos técnicos recuperaram os dados em três minutos.

– Mas o computador lá de casa estava limpo.

– Até agora. – As sobrancelhas de Gable se ergueram. – Mas de que adianta? O computador da faculdade ferrou com você, Patrick!

Balancei a cabeça e voltei a olhar para fora da janela, sentindo o sol no rosto. Eu estava com fome, frio e medo. Mas eles tinham acabado de mostrar seus pontos fracos. Se quisesse não apodrecer na cadeia, eu precisaria me lembrar de cada minuto dos nove dias anteriores e encontrar novas partes vulneráveis. A rapidez com que tentavam me incriminar tinha de ser rebatida com uma prova da minha inocência. E eu precisava fazer isso antes que chegássemos ao presídio e eu fosse jogado dentro de uma cela.

Um gigante tatuado vestido num macacão laranja e com as mãos algemadas a uma corrente na cintura vinha pelo corredor. Era escoltado por dois guardas e me perguntei se conseguiria passar ao seu lado. Gable apertou meu braço e seguimos em frente. No momento em que emparelhamos, o sujeito tentou me atingir com uma cabeçada. Eu ainda ouvia sua risada ao cruzar os portões adiante.

Chegamos à sala onde os presos eram registrados: algumas mesas, câmera fotográfica e bancos de metal aparafusados ao chão. Três guardas entediados engoliam um lanche enquanto preenchiam a papelada. Uma pequena TV exibia minha foto: eu vestido num blazer. Minha agente tinha insistido que eu procurasse um fotógrafo profissional a fim de fazer umas imagens para a divulgação da venda do roteiro. Eu parecia um idiota ávido por subir na vida.

Um guarda com uma papada enorme ergueu os olhos.

– Então é esse o cara que apagou o Keith Conner? Podemos colher suas digitais?

– Acredito que já estejam no sistema – respondi.

– Eu sei. Mas é um procedimento de praxe.

Sujei as pontas dos dedos e ele colheu minhas impressões enquanto Gable e o parceiro batiam papo com os outros guardas, falando sobre os filmes de Keith Conner. As mãos do oficial manuseavam minha mão com destreza. Ele não falava comigo nem me olhava nos olhos. Era como se eu fosse um ser sem vida. Meus poucos pertences foram depositados numa bandeja de plástico, com exceção das roupas, que continuaram no meu corpo.

– Preciso dar um telefonema – falei assim que o homem largou minhas mãos. Ele parecia me ignorar, portanto insisti: – Tenho direito a um telefonema, não tenho?

O guarda apontou um telefone na parede.

– Vou ligar para meu advogado – disse eu. – Não posso usar uma sala?

– Uma sala? Quer também um uísque 12 anos, amigo?

Em meio aos risos dos guardas, Gable me levou até uma sala de interrogatório isolada por uma divisória de vidro. Avistei um velho telefone preto sobre uma prateleira.

– Então você já tinha contratado um criminalista? – perguntou Gable. – Veja só! Era tudo planejado!

– Não, meu advogado não é criminalista e vou telefonar justamente para pedir que me indique um. E, até onde sei, tenho direito a fazer uma ligação em paz.

– Cinco minutos. – Virou as costas e me deixou sozinho. Seguiu em direção aos outros guardas e puxou conversa com um deles.

Tirei o fone do gancho e pedi uma ligação para a delegacia de Bel Air. Em poucos segundos fui atendida por uma oficial.

– Aqui é Patrick Davis. Eu queria falar com a investigadora Sally Richards. É urgente. Pode transferir a ligação para o celular dela?

– Espere um minuto... PatrickDavis... PatrickDavis? Nós acabamos de...

- Sim, senhora.
- De onde você está telefonando?
- Do Presídio Central de Los Angeles.
- Ok. Espere um minutinho. Vou ver o que posso fazer.

Aguardei enquanto ouvia uma linha cruzada ao fundo. Ainda havia tinta nos meus dedos: o azul-marinho formava arabescos nas minhas digitais. Passei o dedo pelo vidro, deixando algumas marcas.

- Patrick? – perguntou Sally.
- Eu mesmo. Eu queria lhe...
- Fomos afastados do caso. Não posso falar com você. Os telefones daí do presídio costumam ser monitorados.
- Pedi para falar com meu advogado e eles me trouxeram para uma sala. Não se preocupe.
- Ah! – falou num tom de surpresa.
- Você está na casa do Beeman?
- Não, já fomos lá. Não havia ninguém. Vamos voltar daqui a...
- Esquece. Sabe Elisabeta? Ela é atriz. Atua no comercial da SoulFibras. É a senhora que aparece no sofá branco. Você precisa encontrá-la. Ela está envolvida. Por isso acredito que Beeman também faça parte.
- Espere aí! Eles contrataram atores?
- Isso. Para me manipularem. Não tenho muito tempo. Gable encontrou alguns documentos suspeitos no computador do meu trabalho.
- Fiquei sabendo – disse Sally.
- Na minha opinião aquilo é algum vírus...
- Por que acha isso?
- Porque tive o cuidado de não abrir nenhum e-mail deles em casa e Gable me confirmou que meu computador pessoal estava limpo.

- Ok, e aqueles caras queriam justamente que você abrisse em casa...
- Isso mesmo. Eles sabiam quando eu me conectava, mas acho que não sabiam de onde.
- Certo. Mas e daí?
- Eu também abri meu e-mail em duas lan houses – Dei o nome dos lugares. – Você poderia ver se existe algum documento sobre Conner plantado nesses dois lugares?
- E o que ganharíamos com isso?
- Alguns desses documentos têm a data e a hora registradas. Se você encontrá-los, vai ver que nos horários indicados eu não estava alugando esses computadores.

Ainda que fosse uma mulher contida, Sally me pareceu empolgada.

- Verdade. Se não me engano, há uma lei municipal que obriga esses estabelecimentos a fazer um registro de todos os clientes. Você pagou com cartão?
- Paguei.
- Ótimo.

Eu conseguia ouvir o barulho de caneta no papel. A investigadora devia estar fazendo suas anotações.

- De qualquer modo, preciso de mais elementos para falar de novo com a Promotoria – disse.
- Já tenho um elemento perfeito. Lembra-se da noite de 15 de fevereiro?
- Sim, quando a casa de Keith foi invadida.
- Eu estava a caminho da casa de Elisabeta. Eles me mandaram até o meio do deserto para ter certeza de que eu estaria longe. Mas o marcador de combustível do meu carro está quebrado.
- E?
- Com ou sem gasolina, o ponteiro está sempre no “Cheio”. Eles devem ter visto

isso. Assim teriam certeza de que eu não usaria uma eventual parada num posto como álibi.

– Mas você parou!

– Sim, eu precisava abastecer. É só verificar a fatura do meu cartão.

– Você poderia ter pedido a alguém que abastecesse o carro. Nem todos os postos têm câmeras.

– Mas eu comprei uma garrafa d'água na loja de conveniência. Se você assistir à gravação da câmera instalada em cima da caixa vai ver que eu estava lá na mesma hora em que alguém invadia a casa de Keith. Isso pode mostrar que estou sendo vítima de uma armação.

– Patrick, Patrick! E eu achava que você era um roteirista decadente...

– Pois é, minha vida daria um bom filme! – Alguém bateu à porta e baixei o volume da voz. – Ele está voltando. Só mais uma coisa. Não chegaram a me autuar. Acho que a prisão não foi consumada.

– Chega de papo. Vamos andando! – Gable tinha acabado de abrir a porta.

– Como assim? – perguntou Sally. – Não colheram suas digitais e informaram seus direitos?

– Sim para a primeira pergunta... – respondi, não tirando os olhos do homem ao meu lado.

A investigadora ficou em silêncio por uns segundos.

– Quer dizer que eles pediram para colher suas digitais como se fosse um procedimento-padrão, sem que você tivesse escolha?

– Isso mesmo.

– Você pode ficar detido sem que haja um mandado de prisão expedido –disse Sally.

– Você não me escutou? – Gable parecia estar ficando com raiva.

– Escutei – respondi. – Já estou terminando.

– Se o mandado ainda não foi expedido – continuou a investigadora – é porque a

Promotoria ainda tem dúvidas quanto à acusação.

– Por quê? – perguntei.

– Esse caso está muito estranho, Patrick. Acho que a Promotoria quer evitar um novo vexame. Se o mandado ainda está no gabinete da promotora é porque ela não quer se precipitar, a menos que esteja convicta...

– Desligue! – ordenou Gable.

– Mas os últimos indícios... – Eu estava agarrado ao fone.

– Eu sei – retrucou Sally. – Não vou mentir, mas os e-mails sobre Keith, falsos ou não, depõem contra você. No entanto, a Promotoria parece estar em dúvida. O fato de a promotora ter transferido o caso para a Roubos e Homicídios demonstra isso.

Gable suspirou e deu um soco na mesa.

– Escute, Frank, preciso desligar. Você poderia...

– Contatar a Promotoria e passar as informações que você acaba de me dizer? Vou tentar. Evidências como essas podem ser um fator decisivo. Acho que a promotora não vai querer mandar um suspeito para trás das grades.

Lembrei-me do presidiário que tinha tentado me dar uma cabeçada no corredor.

Se meus planos dessem errado, eu dividiria uma cela com sujeitos como aquele em poucas horas.

– Quanto tempo isso pode levar? – perguntei.

– Acho que duas horas. Mas force a barra aí, Patrick.

– Mas como é que eu vou saber? – Tentei evitar um tom de desespero.

– Ou eles formalizam a prisão, ou são obrigados a liberá-lo – respondeu.

– Mas eu não quero forçar se... – Gable me encarava, portanto achei melhor não terminar a frase.

– É sua única chance – falou. – Duas horas. Esse é o tempo de que preciso para conseguir alguma coisa junto à Promotoria.

Impaciente, Gable esticou a mão tentando pegar o telefone, mas eu me virei de

costas.

– E como vou saber se conseguiu?

– Não tem como saber, Patrick Espere duas horas.

Gable deu um soco no gancho e cortou a ligação.

Após uma hora e cinquenta minutos sentado naquela cadeira, minhas costas pediam clemência. Gable e o parceiro se alternavam no interrogatório, perguntando-me sobre diferentes aspectos da minha vida. Controlando o pânico, respondi sem mentir, rezando para que as duas horas passassem logo. Gable tinha o cuidado de fazer as perguntas como se fossem pedidos. Enquanto eu respondesse a cada uma delas, não haveria necessidade de eles tomarem medidas mais drásticas. E eu não deixava transparecer que estava ciente disso.

Ele andava de um lado para o outro da sala. Eu estava quase conseguindo as duas horas que Sally havia pedido para acionar a Promotoria. Mas estava na hora de saber se eu seria libertado ou se apodreceria numa cela.

– Eu estou preso?

– Eu nunca disse que você estava preso, Patrick— respondeu Gable com cuidado.

– Mas deu a entender.

– Você declarou na cena do crime que estava disposto a colaborar com a investigação se Sally Richards e Valentino assumissem o caso. Concordeu em acompanhá-los até a delegacia, lembra-se? Nós apenas o transferimos. Pedimos a você que viesse até aqui para colhermos suas digitais. Perguntamos se você se importaria de responder a algumas perguntas.

– Então posso ir embora?

– Não é assim que as coisas funcionam. Podemos mantê-lo aqui durante...

– ...o tempo que vocês necessitem me interrogar. Ok, mas já faz 15 horas que estou sob custódia da polícia. Se eu ficar aqui por mais tempo sem uma acusação formal, o júri poderá ficar irritado... se chegarmos a tanto.

– Quando chegarmos a tanto!

– Vocês não têm motivos para me deter. Respondi a todas as perguntas que me fizeram. Já tiveram tempo de vasculhar minha casa e minha sala na faculdade. Sabem muito bem onde moro caso precisem me contatar. Meu rosto está em todos os canais de TV. Não sou maluco de fugir a essa altura!

Gable parou no meio da sala e, nitidamente irritado, virou-se em minha direção, as duas mãos na cintura. Não deixei que ele falasse:

– Informem à Promotoria que minha colaboração chegou ao fim. Ou eles expedem um mandado de prisão, ou volto para casa.

Ele se curvou e ficou com o rosto na altura do meu.

– Você é espertinho, Patrick – Arregalou os olhos num misto de raiva e satisfação.

– A pessoa ao telefone não era seu advogado, era?

Não respondi.

– Um ótimo advogado! – exclamou.

– O melhor da praça.

– Agora sou eu quem vai fazer uma ligação. Já volto com sua resposta.

A porta se fechou deixando-me na companhia do meu melancólico reflexo no vidro. Eu não estaria exagerando se dissesse que parecia um morto-vivo. Duas olheiras profundas e escuras destacavam minha magreza e meu cabelo estava completamente despenteado. Meus dedos doíam. Inclinando-me para a frente, esfreguei os olhos.

Talvez eu jamais voltasse para casa. Tentei me lembrar qual a pena capital adotada na Califórnia: injeção ou cadeira elétrica? Como eu tinha ido parar ali? Um estalo à minha direita mostrou que Gable estava na soleira da porta. Desesperado, tentei ler a expressão em seu rosto. A fisionomia dele era de puro desprezo.

Virou-se e novamente saiu, batendo a porta às suas costas. Continuei sentado. Depois de alguns minutos resolvi me levantar e sair da sala. Gable não estava mais ali. A bandeja com meus pertences tinha sido colocada ao lado da porta, junto com o pré-pago. Procurei meu velho celular, mas me lembrei de que Sally o levava. Meus joelhos estalaram quando me abaixei para pegar a bandeja. Vi as portas do elevador no fim do corredor. Ofegante, dirigi-me até lá, torcendo para

que ninguém aparecesse e mudasse de ideia, dizendo que eu não poderia ir embora.

Depois que as portas se fecharam, encostei-me na parede do elevador com a bandeja debaixo do braço. A viagem até o térreo demorou uma eternidade. Quando cheguei, vi que ninguém me esperava. Atravessei o saguão, as pesadas portas da frente, e saí noite adentro. Um vento poluído soprava na rua, mas o ar que entrava em meus pulmões parecia fresco e primaveril. Joguei o pré-pago numa lixeira.

Tive dificuldade para descer a escadaria do presídio. Fui até a rua e sentei na calçada, observando ônibus e carros tirando um fôlego dos meus pés. Uma folha se revirava sobre o asfalto como se fosse um passarinho agonizante. Fiquei alguns minutos a observando....

– Levante-se! – Ela estava em cima de mim, a luz do poste iluminando-a por trás. Não fiquei surpreso com sua chegada. – Temos muito a fazer. – Sally estendeu a mão e eu a aceitei. Quando tentei me levantar, meus joelhos cederam e voltei a me sentar na calçada.

– Só mais um minuto – pedi.

53.Backing Vocal, grupo de cantores que canta em parceria com o vocalista principal de uma banda.

54.Lou Reed, cantor, guitarrista e compositor americano, foi considerado um dos melhores guitarristas de todos os tempos.

– FORAM DUAS COISAS – disse Sally enquanto voávamos pela Rodovia 101. – Uma foi a gravação da loja do posto. Era o álibi de que você precisava para provar sua inocência no episódio de invasão da casa de Keith. Com isso, a Promotoria nos deu mais um tempo.

Com Valentino ainda no encalço de Elisabeta, sentei-me no banco da frente, um gesto simples porém simbólico. Telefonei para Ariana, mas todos os seus números estavam ocupados. Sally me devolvera meu velho celular após dizer que os vídeos não serviram para nada. Liguei o aparelho e encontrei dezenas de recados, em sua maioria amigos que expressavam sua solidariedade num momento tão difícil.

– E a segunda – prosseguiu – foi o computador da primeira lan house. Encontramos vários documentos do ano passado em que você teoricamente demonstra sua obsessão por Keith. Difícilmente alguém esqueceria um material daqueles numa máquina alugada.

– Então a data e o horário não coincidiam com a ocasião em que fui à lan house?

– Melhor! – Deixou escapar um sorriso de satisfação. – O número de série do computador mostra que a máquina foi entregue no dia 15 de dezembro. Ou seja, o computador nem sequer tinha sido fabricado quando você supostamente criou aqueles documentos.

Liguei para casa, para o celular de Ariana e para o escritório. Estavam ocupados ou desligados. A caixa postal estava cheia. Um ícone piscando no celular chamou minha atenção. Uma mensagem de texto. Nervoso, escolhi a opção “Ler”, relaxando ao ver o nome de Marcello: “Acho que você está precisando disso aqui.” Embaixo da mensagem havia uma imagem. Ao rolar a tela, percebi que se tratava do vídeo do carro. Tratada no computador, a foto exibia o número do chassi no para-brisa. Fechando os olhos, agradei por Marcello ser um craque da mesa de edição.

– O que foi? – perguntou Sally.

Mostrei-lhe a imagem no celular.

– O número do chassi. Filmaram o caminho até o beco onde o Honda estava.

A investigadora pegou seu celular e ligou para Central, pedindo a um oficial que verificasse o número no banco de dados da polícia. Quando desligou, virou-se

para mim:

– Sabe aquela garota de programa? Abortou o filho de Keith. O processo de paternidade já era. Ah, meu colega vai conseguir as informações sobre o carro.

– Obrigado por acreditar em mim – falei.

Ela cantou pneu na saída da rodovia.

– Vamos deixar uma coisa bem clara. Gosto de você, Patrick, mas não somos amigos. Keith Conner foi assassinado. Ele até podia ser um mau-caráter, no entanto, o crime ocorreu na minha área. Vou fazer o possível para prender o criminoso. E se existe uma coisa que odeio é ver um inocente atrás das grades. Portanto, agradeço seu reconhecimento, mas saiba que não fiz nada disso por você.

Passamos o restante da viagem calados. Tentei mais uma vez falar com Ariana. O telefone de casa continuava ocupado. Ela teria tirado o aparelho do gancho? Meu celular então tocou. Olhei ansioso para a tela, mas vi que era alguém da faculdade me ligando. Não devia ser nenhuma proposta de contratação ou aumento. Chateado, joguei o telefone em cima do painel. Respirei fundo e fixei o olhar no meu colo, sem perceber que o carro tinha parado.

Estávamos do lado de fora de um prédio em Van Nuys. Eu conhecia aquele lugar. Sally saiu do carro, mas fiquei sentado, observando o portão e o pátio mais adiante. Uma placa enferrujada de Aluga-se estava jogada no chão.

Os avisos estavam o tempo todo na frente do meu nariz, mas eu não tinha percebido.

Sally bateu no capô e eu saí do carro, olhando com um ar espantado para o edifício, como se eu nunca tivesse estado ali. A etiqueta ao lado da campainha do apartamento 11 continuava em branco. Lembrei-me de que tentara interfonar, mas o aparelho não funcionava. Digitei a senha e senti uma ponta de alegria ao ver a porta se abrir à nossa frente.

Subimos a escada e seguimos em direção ao apartamento de Doug Beeman.

Avistei a velha fechadura por onde o ex-zelador tinha me espiado.

– Falei com o síndico – disse Sally. – Disse que o lugar está vazio há meses devido a uma infiltração. Ele teve que sair por causa de um compromisso. Como não tenho um mandado de busca, não posso... É uma pena!

Sally se encostou na parede e começou assobiar, olhando para o teto. Comecei a rir e meti o pé na porta. A madeira cedeu com facilidade. O lugar estava vazio. Nenhum sinal do colchão, das roupas ou da TV. Apenas um cheiro de mofo, a poeira suspensa no ar e a infiltração subindo pelas paredes.

Não acreditava naquilo. Dei alguns passos e parei. Alguns dias antes Doug Beeman estivera bem ali, com o rosto grudado na TV e chorando sem parar.

Um ator.

Aquele homem humilde e sofrido com o qual eu me identificara estava representando. Tinha sido contratado para me fazer de idiota. Personificara todas as minhas esperanças e todos os meus medos. Sabia o quanto eu estava desesperado para resgatá-lo e para resgatar a mim mesmo. Percebi que Sally dizia alguma coisa. Pisquei os olhos e senti os ouvidos latejando.

– O que você falou? – perguntei.

– Eu disse que se encontrarmos Doug Beeman você está livre!

Um bipe soou em algum lugar no apartamento e Sally levou a mão à cintura, na altura do coldre. Trocamos um olhar. A investigadora inclinou a cabeça em direção ao banheiro. Avançamos lentamente sobre o carpete puído. Empurrou a porta, que não mostrou resistência.

O cômodo estava vazio. Contudo, havia um objeto atrás do vaso sanitário. Um celular. O aparelho devia ter caído ali quando alguém usava o banheiro. Um novo bipe.

Sally levou um susto e eu imediatamente peguei o telefone. A foto de Jessica Alba ocupava o fundo da tela com um nome logo abaixo: Mikey Peralta. O proprietário do celular e a verdadeira identidade de Doug Beeman.

Desbloqueei o aparelho e apertei o botão para ouvir a mensagem. Uma voz rouca falou: “Mikey, aqui é Roman LaRusso. O fabricante do desodorante me telefonou em pânico quando você não apareceu hoje de manhã. Achei que você estivesse de ressaca, mas depois soube que sofreu um acidente. Está tudo bem? Vai conseguir ir à filmagem amanhã? Me ligue assim que ouvir esta mensagem. Estou preocupado.”

Vinte minutos depois estávamos no Hospital Presbiteriano, ao lado do leito de

Mikey Peralta, um monitor cardíaco na cabeceira, a tela do aparelho dando inveja a qualquer operador da bolsa de valores. Alto, baixo, alto, baixo. Uma das pálpebras do homem estava fechada, lisa como marfim, e a outra se encontrava a meio mastro, deixando entrever o olho avermelhado. Na têmpora direita via-se um calombo do tamanho de um punho. A camisola azul ia até o meio das pernas e os braços pendiam inertes para fora do colchão. O cabelo escuro emoldurava seu rosto pálido sobre o travesseiro. O diagnóstico era de morte cerebral. A enfermeira da UTI falava com Sally logo atrás de mim.

– ... o boletim de ocorrência diz que ele sofreu um acidente. O motorista não parou. Ninguém viu nada e ele chegou aqui em coma.

Eu ainda tentava me recuperar do impacto. Enquanto Sally entrava e saía do quarto fazendo ligações, fiquei olhando para o corpo estirado no colchão. Era impossível não enxergá-lo como Doug Beeman.

Levantei a mão dele, sentindo o peso morto. O pulso estava liso e intacto. As cicatrizes que eu tinha visto não passavam de maquiagem. Coloquei a mão de volta no colchão. Senti o cheiro de uísque no ar próximo à sua boca.

– O pessoal da Roubos e Homicídios não vai gostar de saber que ele está aqui – disse Valentino, que acabara de chegar e conversava com Sally num canto do corredor.

– Escute, temos problemas piores do que este – retrucou Sally. – Eles devem estar tentando limpar a sujeira que fizeram, agora que Patrick se safou.

– Sally, Sally, não menospreze aquela turma. Você se lembra de quando...

Eu me virei e os investigadores se calaram.

– Elisabeta é a próxima – falei. – Vocês a encontraram?

– Não – respondeu Valentino. – O anúncio da SoulFibras é antigo. O contrato foi assinado em nome de Deborah B. Vance. Só que a identidade não bate com o número da Receita Federal. Telefonei para o Sindicato dos Artistas mas não há registro de contribuição nesse nome. Eu até poderia investigar mais, só que – olhou sério para a parceira – esse caso não é nosso e acredito que a Roubos e Homicídios já esteja por dentro disso.

Ouvi uma movimentação no corredor seguida pela voz da enfermeira:

– Oficial, não é permitida a entrada de muita gente na...

A resposta ecoou pelas paredes da UTI:

– Não é “oficial”. É capitão!

Valentino olhou para Sally e disse um palavrão em voz baixa. A porta se abriu e o homem entrou, acompanhado por um assistente. Seus olhos varreram o quarto. De estatura mediana, o chefe da Roubos e Homicídios parecia espumar pela boca.

– Ficaram malucos? Como trazem o principal suspeito do caso para um hospital?

– Apontou para mim. – Quem garante que ele não esteja envolvido com a morte desse homem?

– Isso não é possível, senhor.

– Não? E por que não, investigadora Richards?

– Porque ele não saiu do meu lado desde o momento em que foi solto.

– Você buscou esse sujeito na prisão? – perguntou pausadamente.

Os bipes no monitor cardíaco indicavam que Peralta ainda estava vivo.

– Busquei, capitão.

– Meu Deus do céu! Escute uma coisa, investigadores! – Ele finalmente olhou nos meus olhos. – Você, espere no corredor!

Enquanto eu me acomodava numa das cadeiras da recepção, Sally e Valentino seguiram o capitão até um quarto vazio. O assistente ficou do lado de fora, impassível. A porta se fechou e seguiu-se um silêncio absoluto.

Meu telefone vibrou e, rezando para que fosse Ariana, arranquei-o do bolso. Mas o número na tela mostrava uma ligação de Massachusetts: meus pais. Respirei fundo e guardei o celular. Não queria dar explicações ali.

O capitão saiu, o assistente seguiu em seu encalço e ambos passaram por mim quase pisando nos meus pés. Valentino surgiu logo depois, o suor brilhando em sua testa. Parou na minha frente, mas seus olhos estavam fixos num ponto da parede.

– Quatro meninos, Patrick. É muita conta para pagar! A partir de agora a Divisão de Roubos e Homicídios assume. Lamento, mas tenho filhos para criar!

- Mas eles o mataram! – falei, apontando para o quarto de Mikey Peralta.
- Nosso amigo ali tinha ficha na polícia por conduzir embriagado. Duas vezes, Patrick. Fica difícil acreditar num simples atropelamento.
- Eles sabiam desse detalhe. E foi justamente por isso que o escolheram!
- Você é teimoso, hein? – Alisou o bigode com o polegar e o indicador. – Não vê que a coisa é grande demais para você? A polícia, a imprensa... todo mundo está de olho em você! Aceite meu conselho, parceiro: vá para casa e espere a poeira baixar.

Caminhou até o elevador. Fiquei olhando para as pontas dos meus sapatos sabendo que Sally ainda estava dentro da sala. Ela seria a única pessoa com quem eu podia contar?

Levantei-me e fui em direção à sala. Ninguém tinha se dado o trabalho de acender as luzes. O cômodo era iluminado apenas pelo brilho pálido da caixa para filmes de raios X. Encontrei a investigadora sentada numa maca, os ombros caídos.

- Estou arrasada – falou.
- Você foi dispensada? – perguntei desesperado.

Abriu um sorriso amarelo, menosprezando minha pergunta.

– Nem tanto, Patrick. Sou mulher e sapatão. Nunca vou ser dispensada. Sem dizer que sou mãe solteira. – A voz não apresentava qualquer sinal de ressentimento. – Mas estou fora do caso. – Esfregou o rosto. – A propósito, o número do chassi que você me passou é de um carro alugado na Hertz. A reserva foi paga com um cartão da Ridgeline. Nunca ouvi falar dessa firma. Segundo o oficial que me passou a informação, trata-se de uma empresa de fachada. Só que alguém tem que investigar...

- Por que está me contando isso?

Ela pareceu ignorar minha pergunta:

- A menos que aquele corpo na UTI seja uma miragem e que Keith Conner estivesse se fingindo de morto, esses caras não estão de brincadeira. É bom você tomar cuidado.
- Será que posso pedir proteção da polícia?

– Proteção? Patrick, você é o principal suspeito!

– Mas você e Valentino são os únicos que acreditam em mim! Pelo amor de Deus, não me deixem na mão!

– Não tenho escolha!

Abaixou a cabeça e vi que seu rosto estava vermelho. Apertando os lábios, seus olhos pareciam grudados no chão. Um bipe continuava ligado no quarto ao lado. Percebi que se tratava do monitor cardíaco de Mikey Peralta.

– Você vai...? – Precisei de uns segundos para me recompor. Minha voz estava fraca. – Você vai entregar as provas para a Divisão de Roubos e Homicídios?

– Vou. Mas, Patrick, a Justiça não é uma ciência exata, perfeita. Muitas vezes ela é passível de interpretação. Se acharem que você é culpado, vão atrás de você e pronto!

– Mas há provas concretas que eu...

– As provas não têm o mesmo peso. – Senti que ela estava se irritando. – Entenda uma coisa: as provas servem para formar um quadro mais amplo. Só que dependendo do ângulo a percepção é diferente. A gravação da loja do posto livra sua barra da invasão da casa de Keith. No entanto, você pode ter contratado alguém e arrumado um álibi. Percebe? Sempre existem dois lados. É assim que as coisas funcionam.

– Então a Roubos e Homicídios vai apenas dar a interpretação deles para as provas? – perguntei, demonstrando que eu também sabia me irritar.

– Claro que não, Patrick! – Sally parecia conversar com um idiota. – Eles vão trabalhar para conseguir uma acusação que justifique sua prisão. E dessa vez para sempre.

– O que eu faço, então? Vou para casa e espero ser preso?

– Bem, eu não faria isso... – respondeu num tom enigmático.

O ar daquela sala era gelado e tinha o cheiro de produto químico. Sally desceu da maca e passou por mim.

– Preciso encontrar minha mulher – falei. – Você me dá uma carona até meu carro?

– Não – respondeu sem olhar para mim, já saindo ao corredor.

A porta então se fechou. O bipe insistia em atravessar a parede. Fiquei alguns segundos no escuro, ouvindo os batimentos de um homem prestes a morrer.

SENTI UM ALÍVIO AO ver meu Corolla. Uma vez que eu não tinha sido formalmente detido, meu carro continuava no mesmo lugar. Alguns repórteres permaneciam de plantão diante do Hotel Angeleno. Por sorte, eu estacionara na rua de trás, num lugar distante daquela confusão.

No momento em que eu pagava o táxi, o motorista, um indiano educado e com um turbante na cabeça, perguntou num inglês perfeito:

– O senhor soube o que aconteceu aqui ontem à noite?

Fiz que sim com a cabeça e saí do táxi, entrando rapidamente no meu carro. Achei melhor não ligar o rádio. Minhas mãos pareciam esqueléticas ao volante. As ruas estavam escuras e vazias. Insetos voavam em torno dos postes de luz. Ao chegar ao topo da ladeira, ouvi o barulho de helicópteros. Meu velho celular estava grudado no ouvido e meu pai dizia do outro lado da linha:

– Se você quiser, pegamos um avião e chegamos aí em...

– Não matei ninguém, pai. – Minha boca estava seca. – Entendam isso!

– É claro que entendemos.

– Eu disse a ele que ficasse em Boston.

– Mãe... Agora não! – falei, embora ela não estivesse na linha, e sim chorando ao lado do meu pai.

– Eu não disse a ele?

– Disse, querida – respondeu meu pai. – Claro que disse!

Fiz a curva e avistei os helicópteros sobrevoando nossa casa, os holofotes iluminando o jardim. Fiquei assustado. Ao me aproximar, vi carros da polícia e das emissoras de TV dos dois lados da rua. Um sujeito de boné vasculhava nossa caixa de correio. A picape de Ariana estava parada sobre a calçada, como se tivesse sido abandonada às pressas.

Eu jogara o celular no banco do carona, mas ainda conseguia ouvir a voz da minha mãe:

– ...o que você precisar, Patrick.. o que você precisar...

Engatei a ré, mas já era tarde. Fui cercado por uma multidão. Flashes espocavam diante do carro e jornalistas gritavam perguntas com o rosto colado ao vidro. Imbiquei o carro na garagem, porém fui obrigado a parar, tamanho era o número de pessoas.

Agarrado ao celular, abri a porta empurrando quem estivesse à minha frente. Uma câmera caiu no chão e quebrou a lente angular. Consegui dar alguns passos, mas aquela onda me empurrou de volta para o carro. Fiz uma nova tentativa. Lentes, rostos maquiados e microfones pareciam me engolir: “O que o senhor está sentindo neste momento?” “Sua esposa já sabe o que aconteceu?” “É verdade que Keith Conner...”

O mar de gente avançava sobre mim, tropeçando no meio-fio, acotovelando-se contra as árvores na calçada. Quando pisei no gramado de casa, parecia que eu tinha cruzado uma linha mágica. A maioria dos repórteres parou como se ali houvesse uma cerca invisível. Eu estava muito assustado para reagir. O holofote de um helicóptero me iluminou. O vento do aparelho levantava poeira do chão. Nossa varanda estava cheia de caixas de transportadoras. Notei as etiquetas em vermelho na lateral: URGENTE. Enquanto pegava a chave no bolso, passei os olhos nos remetentes e vi que se tratava dos apresentadores dos principais programas de entrevistas.

Enfie a chave na fechadura, mas a porta se abriu sozinha.

– Eu já disse para vocês saírem... – Ariana gritava, os olhos vermelhos.

Ela parecia estar diante de uma miragem, os dois olhos petrificados e a boca ligeiramente aberta. Os flashes ainda espocavam às minhas costas. Ariana agarrou minha mão e me puxou para dentro. A porta bateu e eu finalmente estava em casa.

– Passe a tranca – ordenou.

Ela não me largou. Fomos até o sofá e nos sentamos. Na tela de LED, um canal de notícias mostrava as imagens feitas do helicóptero havia menos de um minuto. Vi minha própria imagem, um ponto no meio da multidão, andando no gramado de casa.

A campainha tocou junto com o telefone na mesinha de centro. Em poucos segundos o celular de Ariana gritava. Depois foi a vez do meu. Alguém bateu à porta. O celular dela voltou a tocar em sintonia com o meu.

As almofadas não tinham sido recolocadas direito no sofá, num nítido sinal de

que a polícia havia revistado a casa. Vi algumas contas espalhadas pelo carpete. Os armários da cozinha estavam escancarados e com todas as gavetas fora do lugar. As 24 horas anteriores da vida de Ariana tinham sido um inferno e eu sabia de quem era a culpa.

Ironicamente, as contas do meu advogado estavam debaixo do meu pé.

Aquilo me lembrou de que eu precisava de um bom criminalista. A menos que um milagre ocorresse, eu teria de vender a casa para pagar novos honorários.

– Quando acordei, você tinha saído – falou Ariana.

– Não quis assustá-la.

– Como foi lá?

– Péssimo.

Começou a dizer algo, mas de repente soltou um palavrão e enfiou a mão na bolsa, ligando o interceptador e o deixando bem ao lado. Fiquei em silêncio, com uma expressão de impotência no rosto. Ariana precisou de alguns segundos para controlar a respiração.

– Eu sabia que você iria até lá.

– Eu precisava.

– Achei que você ia ser morto. Por pouco não chamei a polícia. Mas então eles me telefonaram. Pensei que... – Levou a mão até a boca. – É duro dizer isto, mas nunca imaginei que ficaria aliviada ao saber que você estava preso.

Os telefones voltaram a tocar. Quando o aparelho da mesinha deu uma trégua, Ariana se levantou e arrancou a tomada da parede. Sentou-se novamente e ficamos calados de mãos dadas por um tempo.

– Vasculharam tudo, Patrick. Até a minha caixinha de absorventes. Espalharam o lixo pelo chão da cozinha. Quando entrei no quarto, um policial estava lendo meu diário!

– Bem que você me avisou, Ariana – falei com a boca seca. – O problema foi que não lhe dei ouvidos.

– Tenho também minha parcela de culpa.

Com o rosto ardendo, olhei para a conta do advogado.

– O que fui fazer? Se arrependimento matasse...

– Eu perdoo você, querido.

– Não deveria.

– Mas perdoo.

Pisquei os olhos e senti o rosto molhado. Ariana apertava minha mão com força. Acima de nós, os helicópteros davam rasantes sobre a casa.

– O show não pode parar – lamentou, olhando para o teto.

A caixa postal do meu velho celular estava lotada. Julianne se mostrava solidária com minha situação. Uma vizinha parecia desesperada. Um ex-colega de escola estava certo da minha inocência. O recado que mais chamou minha atenção foi o do meu advogado, dizendo que o estúdio ainda não tinha feito qualquer proposta de acordo e, claro, lembrando-me dos honorários atrasados. A Dra. Peterson, chefe do Departamento de Cinema, se queixava mais uma vez das minhas faltas. “Sei que todo mundo tem problemas, mas não podemos nos esquecer de nossos alunos. Precisamos conversar. Compareça amanhã às 10 horas.”

A maneira como ela encerrava a ligação me deixou ainda mais desanimado. Eu iria à faculdade mesmo que aquilo custasse minha vida. Eu era um professor que dependia do salário para pagar as contas. Aquele emprego me obrigava a pular da cama e me sentir útil. Tinha meus alunos, minha sala e minha vaga privativa.

Desliguei o celular e o coloquei sobre a mesa, no lugar onde ficava meu computador antes de ser levado pela polícia. O número de repórteres diante da casa diminuía, mas ainda havia alguns furgões dos canais de TV e o barulho distante dos helicópteros. O relógio marcava 3:11. Pela primeira vez nas últimas semanas eu me sentia cansado.

Um pouco mais cedo eu utilizara o laptop de Ariana para levantar informações sobre a Ridgeline, mas não descobrira nada relevante. Levantei a persiana e fiquei imaginando se haveria alguém me vigiando. Será que eles estariam rindo da minha cara? Estariam escrevendo um novo e-mail ou esperando que a polícia metesse o pé na porta e me levasse algemado?

Fui até o final do corredor. Ariana estava deitada na cama com o interceptador

na mesinha de cabeceira. Alguém gritou na rua e um cachorro latiu. A casa voltou a ficar em silêncio, com exceção do barulho dos helicópteros.

– Meus personagens sempre foram racionais – falei. – Eram espertos, resistiam à pressão... Quanta besteira! A vida não é assim! Senti tanto medo, Ariana!

– Eu sei, querido. Mas você se saiu bem! Até voltou para casa!

– Vamos ver quanto tempo isso vai durar. – Deitei na cama e acariciei a cabeça de Ariana. – Vivemos num estado que adota a pena de morte!

– Vamos fazer um acordo, Patrick Na última vez que tivemos um problema cada um foi para um lado. – Os olhos dela brilhavam. – Desta vez vamos ficar unidos, lutar com todas as nossas forças. Se afundarmos, afundaremos juntos.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Tive a sensação de estar de volta ao altar da igreja, onde, diante de um padre, fizemos votos de que ficaríamos unidos pelo resto de nossas vidas, embora eu ainda não soubesse o verdadeiro significado daquelas palavras.

– Aconteça o que acontecer – minha voz estava baixa e rouca – ficaremos juntos.

Ariana chegou mais perto e me abraçou. Eu nunca havia me sentido tão protegido na vida.

– Eles não achavam que eu sairia da cadeia – falei. – Preciso arrumar uma arma pra gente.

– Você sabe atirar? – Ela levantou a cabeça, esbarrando no meu queixo. –Nem eu! Duvido que nos concedam o porte, Patrick E não quero nada ilegal aqui em casa.

– Fico pensando se esses caras ainda estão nos espiando e ninguém faz nada.

– É... – continuou. – Não só eles como Los Angeles inteira. – Naquele instante um helicóptero deu um rasante sobre a casa. – Uma coisa é certa. Ninguém vai nos espionar com esse exército de repórteres aí fora. Ser vigiado tem suas vantagens, mas precisamos aprender a tirar vantagem delas.

– Verdade. Se a vida está nos dando isso, temos de nos beneficiar de alguma forma.

– Lembre-se do que a investigadora Richards disse – falou. – Você precisa

encontrar as respostas antes que seja tarde.

– Quem gostaria de ver Keith Conner morto? Que maluco anda por aí com uma bota Danner tamanho 44?

– Amanhã vou procurar um advogado criminalista – disse Ariana.

– E vou continuar fazendo minhas investigações – retruquei. – Se eu descobrir alguma coisa, Sally e Valentino terão de me escutar.

– Ou então procuramos alguém que nos escute.

Mesmo com as persianas fechadas, a lua projetava uma luz pálida sobre os lençóis. Ariana estava deitada de lado, olhando para mim. Esticada ao longo do corpo, minha mão tocava a da minha esposa. Eu sentia sua respiração no meu rosto. Vi que algumas rugas já se insinuavam no canto dos seus olhos. Eu queria ficar ao lado de Ariana para sempre. Ela piscou, piscou novamente, e então fechou os olhos. Dei uma leve tossida.

– Na alegria e na tristeza?

– Na alegria e na tristeza – murmurou, colocando a mão sobre a minha.

Pensei em dizer “até que a morte nos separe”, mas ela já havia dormido. Quando o dia estava quase nascendo, os helicópteros foram embora.

APÓS ALGUMAS HORAS DE sono profundo, acordei assustado, as lembranças do dia anterior fervilhando na cabeça, que sofria com uma dor insuportável. Escutas, rastreadores e câmeras escondidas assombraram meus sonhos e a primeira coisa que fiz ao ficar de pé foi examinar a capa de chuva de Ariana.

Fui até o andar de baixo. Às sete da manhã era possível ver um brilho entrando pela fresta da cortina da sala de estar. Embora suave, a luz me fez franzir a testa. Um mundo cruel me aguardava do lado de fora.

A capa estava pendurada no armário perto da porta de entrada. Sentei-me no corredor e a estiquei no colo. Respirei fundo. Meus dedos apalpam as costuras. Senti o pedaço de metal. O rastreador continuava costurado ao forro. Não sei quanto tempo fiquei apalpando o objeto entre o indicador e o polegar, reconhecendo que ele era real, mas me assustei ao ouvir Ariana se aproximar:

– Continua aí, Patrick – falou. – Verifiquei assim que a polícia foi embora.

– O engraçado é que retiraram o rastreador dos meus tênis, mas deixaram o da capa. Não desconfiam que sabemos da existência dele.

– Por que retirariam o que estava nos tênis e deixariam o da capa? – perguntou, segurando o interceptador em uma das mãos.

– Eu ia ser preso e a polícia provavelmente passaria um detector de metais nas minhas roupas. Imagine o Gable tendo de inventar uma explicação para o fato de eu estar sendo rastreado!

– Mas o que faremos com isso? – Apontou para a capa.

– Deixe aí. Se ainda estiverem nos monitorando, vão achar estranho usar uma capa num dia de sol. Quando for para o trabalho, deixe o celular desligado. Lembre-se de que eles conseguem rastreá-lo. Peça ao Martin ou a um dos marceneiros que a espere no estacionamento.

– Não vou trabalhar hoje. Aquilo lá está uma loucura, além disso preciso achar um advogado, esqueceu?

– Verdade. Bem, sempre que estiver em casa, deixe o alarme ligado.

– Patrick! – reclamou. – Eu sei me cuidar!

Foi até a cozinha, viu o lixo e os talheres que os policiais tinham espalhado pelo

chão e resumiu-se a pegar uma faca e jogá-la sobre a pia. Com o interceptador nas mãos, subi até o escritório e olhei para a mesa vazia. Mesmo um pouco disperso, achei que deveria começar a investigar Keith. Descobrir informações pessoais sobre um astro de cinema não era um trabalho fácil. Precisava achar pessoas que conhecessem bem o ator e que não se recusassem a falar com o principal suspeito de seu assassinato. A lista era curta. Na realidade, tinha apenas dois nomes.

Utilizando o pré-pago que eu dera a Ariana, tentei sem sucesso fazer uma ligação. Percebi que o problema era o interceptador. Devolvi o aparelho à minha esposa e fui até o quintal, onde eu acreditava estar longe dos grampos. Telefonei para o escritório da minha ex-agente e pedi à secretária que me informasse o número da produtora de Nas profundezas. A mulher devia estar cansada de receber ligações a respeito da morte de Keith, pois me deu a informação em dois segundos. Ela apenas se recusou a me passar o contato de Trista Koan.

Keith havia mencionado que sua assistente estava morando num hotel em Los Angeles, o que dificultava sua localização. Conforme eu previa, não consegui nenhuma informação junto à companhia telefônica.

Voltei ao escritório, remexi as gavetas e finalmente encontrei o cartão com o nome da segunda pessoa. Peguei o laptop de Ariana e fiz uma busca no Google. Pelos milhares de fotografias que achei, vi que o sujeito existia no mundo real, ao contrário de Doug Beeman e Elisabeta.

Voltei ao quintal para telefonar. No terceiro toque uma voz masculina atendeu do outro lado da linha:

– Joe Vente.

– Oi, aqui é Patrick Davis.

– Patrick! Não acha que está meio tarde para fofocas sobre Keith Conner?

– Preciso falar com você.

– Não vai ser difícil.

– Por quê?

– Estou acampado em frente à sua casa.

Desliguei, voltei para dentro de casa e espiei pela janela da sala de estar. Vi silhuetas dentro de alguns carros, mas não consegui identificar as pessoas. Meu

veículo e o de Ariana continuavam parados à calçada. Eu guardaria o dela na garagem antes de ir à faculdade.

– Quer ovo cozido? – gritou minha esposa da cozinha.

– Acho que não vou conseguir comer...

– Nem eu... Mas vale a pena tentar...

Não respondi e no minuto seguinte ouvi um clique ao meu lado: Ariana tinha acionado o interceptador. Passados 16 anos, ela desenvolvera a impressionante habilidade de ler minha mente.

– Já volto – falei. – Vou falar com um paparazzo que está lá fora.

– Jogue com as cartas que tiver nas mãos. – Ela me lembrou.

Quando pisei na varanda, vi portas de carros se abrindo e pessoas correndo em minha direção. Uma repórter de TV cambaleava sobre sapatos de salto alto. Fiquei com medo, mas eu precisava encarar o mundo e passar algumas coisas a limpo, algo que não conseguiria fazer se ficasse trancado em casa.

Caminhei até a calçada e um furgão se materializou à minha frente. Entrei nele e o carro arrancou. Joe dirigia curvado sobre o volante, fumando e cantarolando uma música do Led Zeppelin⁵⁵ que saía dos alto-falantes. A calvície era visível por baixo do ralo cabelo louro preso num rabo de cavalo. O furgão estava equipado para emergências: frigobar, saco de dormir, fogareiro, câmeras com lentes enormes e pilhas de revistas e jornais.

Deu a volta no quarteirão, encostou na calçada e veio se sentar ao meu lado. O interior do veículo, forrado de carpete, fedia a incenso.

– Você está famoso – disse o fotógrafo.

– Quero falar sobre Keith.

– Vou adivinhar: você não matou o cara!

– Isso, eu não matei.

– E por que quer falar comigo?

– Quero saber o que Keith andava fazendo nos dias anteriores à morte dele. E você é a pessoa certa, já que não desgrudava do cara.

– Eu sei disso – falou com certo orgulho. – Sei o nome de todos os restaurantes e escritórios de produtoras que ele visitou. Além das pessoas que recebia durante a noite. Caramba, conheço até as lavanderias onde ele lavava as cuecas!

– O celular do fotógrafo tocou e ele atendeu: – Joe Vente. – Mordeu o lábio. – A Britney ou a Paris? O que ela está usando? Quantas fotos faltam? – Encarou o relógio e revirou os olhos em minha direção. – Não vale a pena. Da próxima vez ligue assim que elas chegarem. – O telefone desapareceu no interior do seu bolso e ele arreganhou os dentes: – Mais um dia no paraíso.

– Keith tinha ligação com uma empresa chamada Ridgeline? – perguntei.

– Nunca ouvi falar.

– Você conhece a conselheira de estilo de vida que trabalhava com ele?

– Conselheira de quê? – Fez uma careta. – Está falando daquela loura gostosa?

Claro que conheço!

– Pode conseguir o endereço dela?

– Posso conseguir o que você quiser.

Fiquei esperando. Então esperei mais um pouco. Finalmente perguntei:

– Em troca de quê?

– Fotos e informações sobre o que aconteceu naquele quarto de hotel. E quero isso ainda hoje!

– Impossível. Mas prometo uma entrevista exclusiva assim que tudo se resolver.

– “Se resolver”? Meu trabalho funciona no esquema do hoje, Patrick! Ninguém me paga depois que tudo se resolve, pois aí as pessoas já sabem de tudo e o jogo se resume à cobertura de tribunal. Quanto mais a situação demora, mais atende aos interesses das grandes agências.

– Grandes agências?

– Isso, as grandes e sérias agências de notícias. Não fotógrafos oportunistas como eu. Entenda que você é um produto perecível. O espaço para Patrick Davis é limitado. Quantos de nós estavam na frente da sua casa ontem? Cinquenta! Hoje já são oito! Mês que vem serão apenas dois gatos-pingados querendo surpreendê-

lo pelado dentro de casa para vender a foto para um tabloide qualquer.

– Eu ainda não tenho advogado. Não posso dizer nada sobre esse caso.

– Então por que está me perguntando sobre Conner?

– Como falei, posso lhe oferecer um negócio a longo prazo.

– Não penso em longo prazo.

Inclinei-me e abri a porta. Quando me virei, a lente gigantesca já encobria seu rosto e o barulho dos cliques era contínuo. Ri e mostrei o filme que eu tinha tirado de sua câmera, atirando-o no fundo do furgão.

– Se mudar de ideia, ligue para mim – falei.

55.Led Zeppelin, banda britânica formada em 1968 por Jimmy Page, John Bonhan, John Paul Jones e Robert Plant.

QUANDO ENTREI NO ESTACIONAMENTO dos professores, senti um alívio. Eu estava de volta à velha rotina. Chequei o retrovisor para me certificar de que os furgões de TV não tinham me seguido e então me dirigi ao prédio do Departamento de Cinema.

Avistei alguns sujeitos comendo sementes de girassol sentados num banco do gramado. Quando passei por eles vi correias de câmeras penduradas em seus pescoços. A exemplo da maioria dos paparazzi que eu tinha visto (e ao contrário da maneira como eram representados em filmes), eles não eram homens com aspecto sujo, mas rapazes que usavam camisas da moda, jaquetas e manuseavam as lentes com luvas. Eu podia confundi-los com meus alunos.

Chateado, notei a presença de mais alguns nos degraus do prédio, ao lado de uma equipe de TV. De uma hora para outra, minha pasta parecia um objeto de cena. Algumas cabeças se voltaram em minha direção.

Corri por trás do edifício assustando um aluno, que, ao me reconhecer, afastou-se de mim. A porta dos fundos estava trancada. Ouvi passos se aproximando pela lateral e bati na janela. Um rosto surgiu do lado de dentro. Era Mark.

Ficamos nos encarando por alguns segundos. Não estava com a bandana na cabeça e seu cabelo tinha sido penteado em tranças. Um grupo de fotógrafos apareceu na extremidade do prédio. Um deles me avistou e todos avançaram. Gesticulei apontando para a porta, Mark entendeu o que eu queria e a abriu. Entrei e bati a porta, que se fechou no exato instante em que os paparazzi surgiram. Meu aluno então baixou a cortina da janela. Embora eu estivesse tremendo, ele me olhava com um sorriso despreocupado.

– Eu me enganei a respeito do filipino. Quem o está perseguindo não é nenhum aluno.

– Você salvou minha pele – falei, abrindo um sorriso sem graça e apontando para a porta.

– Você matou o cara? Keith Conner?

Mais direto impossível.

– Não – respondi.

– Acredito em você.

Apertou minha mão e cada um seguiu seu caminho. Eu admirava a habilidade de alguns alunos: lidavam com questões complexas por meio de perguntas e respostas simples. Alguns metros adiante Mark se virou:

– Sei que não é o trabalho mais fascinante do mundo, mas acho legal que você seja professor.

Baixei os olhos sentindo meu rosto arder. Não consegui encontrar as palavras certas. Então disse:

– Obrigado, Mark. Também acho.

Ele assentiu e seguiu adiante. Subi a escada e me esgueirei pelos corredores, ouvindo meu nome ser repetido pelos alunos no corredor. A secretária do departamento estava com as mãos cruzadas sobre a mesa:

– Ela está esperando pelo senhor.

Quando entrei, a Dra. Peterson ergueu os olhos de uma pilha de papéis.

– Patrick Por favor, sente-se.

Sentei-me exibindo um sorriso inexpressivo que parecia grudado no meu rosto.

– A imprensa não para de nos procurar pedindo esclarecimentos a seu respeito – falou.

Permaneci calado.

– Recebemos várias queixas antes do lamentável incidente do...

– Assassinato de Keith Conner – completei.

Ela ficou vermelha.

– A questão não é apenas suas faltas rotineiras. Suponho que esteja atrasado na entrega dos roteiros. – Fez um sinal com a cabeça em direção à minha pasta. – Já terminou a correção?

– Não – respondi. – Me dê uma chance para compensar o tempo perdido. – Ela começou a dizer algo, mas eu ergui a mão. – Por favor! Lamento o impacto que isso possa ter causado, mas o fato de eu ser suspeito não significa... Não sei quanto tempo vai durar a investigação. É preciso tocar a vida. – Comecei a desabar. O som da minha voz embrulhava meu estômago, mas eu não conseguia

parar. – Nossa situação financeira... Eu preciso de um trabalho! Sei que preciso mudar algumas coisas no meu comportamento.

Gentilmente, ela interrompeu meu discurso:

– Comportamento? Você faz ideia de como isso afetou nossa instituição?

– Eu trabalho em dobro! Não falta mais um dia sequer!

– Acha mesmo que pode se defender de uma acusação de assassinato e ainda assim melhorar seu desempenho profissional?

Eu já não sabia o que achar. Diante da atual perspectiva, minha afirmação pareceu idiota.

– Talvez eu deva pedir uma licença – falei sem muita esperança.

– Engraçado, parece que você já está de licença. – Ajeitou os papéis que estavam sobre a mesa e fez uma anotação. – Ao nosso ver, a situação é insustentável.

Por uma abertura na pasta, os roteiros dos alunos pareciam me encarar. Durante duas semanas aqueles jovens pareceram não fazer parte da minha vida. Mark, por exemplo, mal conseguia pagar as mensalidades e eu tinha passado aquele tempo os ignorando. Respirei fundo e tentei me controlar.

– Temos tudo documentado – prosseguiu. – Espero que não pretenda...

Eu mal conseguia levantar a cabeça.

– O quê?

– Procurar a Justiça!

– Não, não. Claro que não! Vocês me deram uma chance e eu fiz besteira. – Levantei-me para cumprimentá-la por cima da mesa e ela fez o mesmo, estendendo sua mão fria. – Obrigado pela oportunidade.

Ela tentava disfarçar o alívio.

– Do fundo do meu coração, lamento os problemas que está enfrentando, Patrick

– Encontre um bom professor para meus alunos – falei, deixando os roteiros sobre a mesa e dando um tapinha sobre a pilha que formavam.

Senti uma tristeza profunda ao sair de sua sala. Naquele momento percebi o quanto gostava daquele trabalho e como eu não lhe dera o devido valor. Antes de colocar os pés no corredor, certifiquei-me de que estava vazio. Sentindo-me como um fugitivo, comecei a caminhar com pressa. Na sala dos professores, Marcello estava recostado no sofá fingindo corrigir seus trabalhos e Julianne brigava com a cafeteira. Era como nos velhos tempos.

– Vou sentir saudades de vocês, amigos – falei à porta.

Ambos ergueram os olhos e mudaram de expressão.

– Vai mesmo? – Julianne correu e me deu um forte abraço.

– Vou. Acabei de entregar os últimos roteiros dos alunos.

– Caramba, Patrick! Isso é péssimo! – Seu hálito tinha cheiro de canela.

Marcello me estendeu a mão e eu o abracei. Julianne parecia ansiosa.

– Como está Ariana? Posso fazer alguma coisa para ajudá-lo?

– É sério?

– Não, estou de palhaçada! – Ela riu.

– Preciso dos endereços de duas pessoas: de uma atriz e da produtora do documentário de Keith.

– Não deve ser difícil – falou.

– A polícia não teve sorte com a primeira e eu estou tendo dificuldades com a segunda.

Sentei-me e rabisquei numa folha de papel: “Elisabeta (conhecida como Deborah B. Vance) e Trista Koan, produtora de Nas profundezas.”

– Se eu não conseguir, conheço algumas pessoas que podem ajudar – disse Julianne segurando a folha.

– Preciso ir – falei. – Como sabem, tenho muita coisa para resolver. Obrigado por tudo: o emprego, a ajuda, o café. Gostei de trabalhar aqui.

Do lado de fora, vi que as portas se abriam e se fechavam, seguido por um burburinho cada vez mais alto dos alunos.

– Preciso ir – repeti, mas continuei sentado.

– O que houve? – perguntou Marcello.

Respirei fundo.

– Está com medo? – completou.

– Um pouco.

– Quer sair como homem?

– Quero – respondi.

Ele pigarreou:

– UM NOVO COMEÇO...

Eu me levantei.

– UM HOMEM SOZINHO...

Caminhei até a porta.

– E AGORA NADA SERÁ COMO ANTES.

O corredor fervilhava. Quando apareci à porta da sala, os alunos ficaram paralisados. A reação se espalhou e centenas de rostos se viraram em minha direção. Numa fração de segundo o corredor inteiro ficou quieto a ponto de eu ouvir o rangido de um tênis sobre o piso, um celular tocando dentro de um bolso e um pigarro. Quando comecei a andar, o grupo que estava perto abriu caminho, afastando-se. Minha voz soou rouca e baixa:

– Com licença... com licença...

Os alunos no fundo do corredor ficaram nas pontas dos pés. Uma professora esticou a cabeça para fora da sala. Alguns rapazes começaram a me fotografar com seus celulares.

Segui em frente. O elevador tinha acabado de descer, deixando-me diante das portas de metal. Apertei o botão. Apertei novamente. Tenso, encarei o mar de rostos ao meu redor. No final do corredor, Mark estava em cima de uma cadeira que ele retirara de uma das salas. Ergui a mão num aceno. Ele retribuiu com um sorriso triste e bateu com o punho no peito.

Felizmente o elevador chegou e desapareci dentro dele.

COBERTA POR UMA CAMADA de poeira, a fita que isolava a cena do crime flutuava diante da porta. A maçaneta, pendurada por causa do arrombamento, saiu na minha mão quando eu a torci. Empurrei a madeira, passei por baixo da fita e entrei na melancólica casinha que supostamente pertencia à Elisabeta.

O interior praticamente vazio me surpreendeu. Os móveis tinham sido retirados. Nenhum sinal de tigela com castanha, de casca de banana, de gato de porcelana e de estante de vime. A mesinha de centro estava virada. Eu havia interpretado a limpeza daquele lugar como um sinal da dignidade de Elisabeta, sem imaginar que a mobília não estava empoeirada porque provavelmente acabara de ser alugada.

Agachei-me sentindo o rosto queimar, apoiando as pontas dos dedos no velho carpete para não perder o equilíbrio. Sentia vergonha da minha ingenuidade e de como minhas esperanças teriam parecido banais àquela atriz.

Com uma indignação impressionante, Elisabeta andara por aquela mesma sala em direção ao quarto da neta. Eu me lembrava de seu rosto tenso, da mão pousada na maçaneta da porta, de seu fingido sotaque húngaro: “O senhor vem ver essa criança bonita. Vem acordar ela. Vem ver e me diz como eu explico para ela a história dela.”

Eu, preocupado, recusara educadamente: “Não, por favor. Deixe-a dormir. É melhor.” Segui os passos de Elisabeta e abri a porta. Um closet. Havia dois cabides e uma lixeira, dentro da qual os suvenires das cidades americanas tinham sido jogados fora. Lá estavam eles, as etiquetas de preço ainda coladas. Objetos de cena. Avistei a foto da menina com uniforme escolar. O porta-retrato estava quebrado. Peguei-o, retirando os cacos de vidro. O papel da foto era fino e rasgou com facilidade. Não era uma foto de verdade, e sim um pedaço de página recortado de alguma revista. Um arrepio percorreu meu corpo e subiu pela nuca. Devolvi o porta-retrato à lixeira.

Quando voltei à rua, o vento levantava nuvens de poeira e sacudia as barras da minha calça. Andei pela frente da casa e finalmente encontrei o que procurava: um buraco num canteiro, onde a placa de Aluga-se tinha sido fincada. Ao passar diante das outras casas, telefonei para os números indicados nas placas até localizar a corretora responsável pela casa de Elisabeta.

Ao dizer à mulher que eu estava interessado na propriedade, porém espantado com a fita de isolamento diante da casa, ela repetiu o que, segundo ela, já havia informado à polícia: o contrato fora assinado para apenas um mês, pago via

transferência bancária e os detalhes acertados por e-mail. Nunca tinha visto ninguém na casa. Deduzi que aquela mulher não sabia de nada.

Não havia nada que provasse minha visita àquela casa, exceto minha palavra e minha memória. Elisabeta era a única ligação com os homens que tinham assassinado Keith e me incriminado. Somente ela poderia confirmar minha versão, o que poderia comprovar minha inocência. Mas Elisabeta também não estava a salvo. Valentino não tinha conseguido localizá-la e eu duvidava que a Divisão de Roubos e Homicídios estivesse se esforçando para isso.

Pensei na cadeia, nos filmes que tinha visto e nas histórias terríveis que escutara. Pensei no tatuado pelo qual passara no corredor do Presídio Central de Los Angeles. O que um homem como aquele não faria com um sujeito igual a mim? Se eu não encontrasse Elisabeta, ela sumiria como Doug Beeman. E tudo indicava que meu fim seria idêntico.

Saltei a cerca dos fundos, apoiei um pé no telhado da estufa, pisei no vaso e finalmente pulei no gramado. Fiz o caminho inverso do invasor. Eu tinha deixado o carro na rua de trás, de maneira que eu não pudesse ser incomodado pelos repórteres que continuavam de plantão na Roscomare.

Como não tinha a chave da porta dos fundos, dei a volta e fui até a garagem. Quando abri o portão lateral, quase atropeliei um indivíduo agachado ao lado das latas de lixo. Nós dois levamos um susto. Ao sair correndo, ele tropeçou e caiu, quando então consegui ver a câmera pendurada em seu ombro.

Encostado na parede externa da casa, recuperei o fôlego, observando a noite que começava a cair. Ariana estava sentada no chão da cozinha cercada de papéis. Demos um longo abraço e lamentei não ter tido aquela iniciativa nas seis semanas anteriores.

Acomodei-me ao seu lado. Eu já tinha reparado que ela era mais produtiva quando trabalhava no chão. O sempre presente maço de cigarros estava ao lado do laptop e um cabo de rede subia as escadas. A internet sem fio não funcionava quando o interceptador estava ligado. Minha esposa lia alguns e-mails.

– Passei o dia falando com os advogados – falou.

– E?

– Um bom profissional vai nos custar uns 100 mil dólares de adiantamento no

caso de você ser preso. E é bem provável que isso aconteça, Patrick – Ela esperou minha reação. Em seguida, prosseguiu: – Contatei o banco e podemos conseguir um empréstimo no valor da casa, o que, considerando nossa renda...

– Fui despedido – falei, diminuindo o tom de voz. Ela piscou os olhos. – A única coisa que me resta é pedir desculpas, Ariana.

Esprei uma reação descontrolada por parte da minha esposa, mas ela se resumiu a dizer:

– Posso vender minha parte no escritório. Há compradores interessados.

– Não quero que faça isso! – falei, incrédulo.

– Então precisamos vender a casa.

Quando quitamos a compra da casa, Ariana e eu costumávamos parar na Roscomare e observar a residência para a qual logo nos mudaríamos. Eu me sentia como um adolescente que espia a casa da namorada durante a noite.

Logo que nos mudamos, reformamos a casa inteira, trocando as telhas, as portas e o carpete. Vi que Ariana observava as paredes e os armários ao redor, uma conquista que dependera do suor de nosso rosto.

– Não – falou. – Não vou vender a casa. Amanhã vou trabalhar e pensar no que podemos fazer. Posso tomar um empréstimo dando minha parte no escritório como garantia.

Eu não sabia o que falar diante de tamanha prova de amor.

– Eu não quero que você... – então me corrigi: – Acha seguro ir trabalhar?

– O que é seguro a essa altura? Certamente não é seguro você andar por aí investigando os outros. Mas já não temos muita opção.

– Você tem – falei. Ela abriu ligeiramente a boca, mas continuei: – Nossa vida está um inferno e isso só vai piorar. Talvez fosse melhor você pegar um avião e...

– Você é meu marido, Patrick!

– Eu sei, mas não tenho sido um bom companheiro ultimamente.

– Se quiser competir para ver quem anda pisando mais na bola – falou irritada –, a disputa vai ser acirrada. O que fiz há algumas semanas não é nada elogiável!

Segurei a mão de Ariana, que logo se desvencilhou.

– Pode demorar alguns anos, mas vou compensá-la por tudo que está passando – falei.

Ela abriu um leve sorriso.

– Vamos então garantir que esse ano chegue logo. – Tirou uma mecha de cabelo que caía sobre a testa e olhou para as anotações ao seu redor. – Julianne ligou. Disse que não conseguiu nada com os nomes que deu a ela. Pediu milhares de desculpas e se mostrou disposta a nos ajudar. Você voltou a Índio?

Contei a ela sobre minha ida até lá.

– O que mais me impressionou foi o nível dos detalhes, Ariana. O sotaque, as cascas de banana. Ela é uma atriz de primeira!

– Como as pessoas se prestam a esse tipo de papel? Meu Deus, um talento a serviço de uma armação! Minha mente começou a funcionar.

– É isso... É isso! Ela deve ter um agente! Alguém inescrupuloso a ponto de envolver seus atores em situações escusas.

– Algum empresário seria capaz de fazer uma coisa dessas? – perguntou.

– Eu não conheço, mas, se existe agente que faz esse tipo de coisa, é porque existe agenciado.

Ariana fez uma dedução imediata:

– O agente de Doug Beeman! Aquela mensagem no celular perguntando por que ele tinha faltado à gravação do comercial do creme de barbear!

– Desodorante – corrigi. – Mas é verdade. O tal de Roman LaRusso!

Ariana já digitava o nome no Google.

– Qual era o nome verdadeiro de Doug Beeman?

– Mikey Peralta.

Em milésimos de segundos tínhamos as respostas. A Agência LaRusso ficava, conforme anunciava seu site, nas “adjacências de Beverly Hills”. Uma animação mostrava as fotos dos atores se alternando na tela, como se estivessem

numa máquina de caça-níqueis. Os profissionais representados pareciam formar uma galeria de clichês. Havia o italiano fortão com o cigarro entre os dedos, um irlandês de rosto vermelho com um chapéu-coco na cabeça e charuto nos lábios. E, claro, Mikey Peralta, cujo personagem não consegui identificar.

As fotos não paravam de girar quando tomei um susto. Lá estava ela. Por frações de segundo seu rosto ficou parado na tela, o suficiente para reconhecer seu olhar melancólico e o nariz marcante.

– Era exatamente assim que eu a imaginava – disse Ariana.

As imagens voltaram a girar, levando Elisabeta de volta ao anonimato.

No escuro, sentei-me na sala de estar, os olhos grudados na rua. O gramado parecia reluzir com a água lançada do pulverizador. Não avistei nenhum furgão ou fotógrafo na calçada. Até onde minha vista alcançava, não havia nenhuma lente angular nas janelas dos apartamentos do outro lado da rua.

Eu sabia que eles se escondiam nas sombras da noite, mas ao menos durante o dia eu podia fingir que tudo tinha voltado à normalidade. Eu tomava uma xícara de chá enquanto pensava se voltaria a dar aulas de inglês ou me dedicaria a escrever. No andar de cima, Ariana estava na banheira, falando ao telefone com a mãe ou revisando alguns projetos. Dali a alguns minutos eu subiria, transariamos e então pegariamos no sono. Quando eu acordasse, ela já estaria na cozinha preparando uma refeição com um lírio lilás no cabelo.

Mas Gable e seus parceiros resolveram invadir meus pensamentos. Imaginei-os trabalhando àquela hora da noite, com tabelas e planilhas espalhadas pela sala, construindo uma história que em parte já estava escrita. Ou quem sabe estariam subindo a Roscomare naquele exato momento, com um sorriso nos lábios e um mandado de prisão debaixo do braço. Os faróis da viatura iluminariam nossa varanda. Mas olhei pela janela e vi que o barulho era de uma picape ocupada por três adolescentes barulhentos.

Meu chá esfriou. Esvaziei a xícara na pia, desviei do lixo no chão e me arrastei até o andar de cima. Um cano de descarga estourou na rua e eu me abaixei, achando que a Divisão de Roubos e Homicídios estivesse arrombando a porta da frente. Era difícil viver com a expectativa de surpresa a qualquer momento.

A TV estava ligada e Ariana se encontrava encolhida na cama, assistindo a uma vigília que acontecia em alguma região de Hollywood. As pessoas seguravam

velas, ursinhos de pelúcia e cartazes. Uma adolescente chorosa carregava um cartaz de Keith Conner ainda menino. O ator era bonito desde pequeno: os traços perfeitos, o nariz arrebitado e o queixo bem-desenhado. O cabelo era um pouco mais claro. Na foto, ele segurava uma mangueira de jardim com cartucheiras de vaqueiro ao redor da cintura. Era a representação da felicidade.

A notícia da morte havia chegado à casa da família, no estado do Kansas. O pai do ator, um homem baixo, tinha um rosto de feições grosseiras. Lembrei-me de que ele era metalúrgico. Sua esposa, uma mulher robusta, tinha a boca que Keith herdara. As irmãs também se pareciam com a mãe:

Naquele momento, o Sr. Conner fazia uma declaração:

– ... comprou essa casa aqui para nós logo após assinar o primeiro contrato. Pagou a faculdade das duas irmãs. A alma mais generosa que conheci. Se preocupava com o mundo. Era muito parecido com a mãe. – A câmera focalizou o rosto da mulher que chorava. – Era um bom menino.

Ariana desligou a TV. A expressão de seu rosto estava carregada.

– O que foi? – perguntei.

– Ele era de carne e osso.

NÃO HAVIA RECEPCIONISTA, APENAS uma mesa com uma campainha. Quando toquei, ouvi uma voz conhecida e ofegante através da porta aberta do escritório. Sentei-me no sofá. Sobre a mesa de vidro, avistei revistas do ano anterior. Uma velha janela empenada se abria para uma parede de tijolos a dois metros de distância, mas era possível ver um outdoor à esquerda. Johnny Depp⁵⁶ tinha sido substituído por Jude Law⁵⁷, que dera a vez a Heath Ledger⁵⁸ e que finalmente passara o bastão para Keith Conner. Eu estava cansado daquela cidade.

A voz voltou a falar, resgatando-me dos meus pensamentos. O escritório parecia o cenário de um filme dos anos 1950. Venezianas, arquivos espalhados pelos cantos e pontas de cigarros num cinzeiro de porcelana: tudo banhado por uma luz amarela que por si só parecia datada.

Espremido atrás de uma velha escrivaninha e visível entre pilhas de papéis, Roman LaRusso parecia obeso, o rosto inchado ao estilo Ted Kennedy. Estava tão concentrado em seus afazeres que nem sequer me olhou através dos óculos retangulares enfiados na sua juba de leão. Um homem que merecia ser observado.

– Estou interessado em Deborah B. Vance – falei.

– Não trabalha mais comigo.

– Não? Mas você a contratou para um trambique!

Continuou a ler o papel em suas mãos, franzindo a testa e respirando com dificuldade pelo nariz, o que produzia um leve assobio. Depois de alguns segundos guardou os óculos num estojo e finalmente ergueu os olhos.

– Vejo que estou diante de uma pessoa objetiva. Como se chama?

– Sou o principal suspeito do assassinato de Keith Conner.

– Ah... – E não falou mais nada.

– Você trabalha com anúncios, não é?

– E filmes também – respondeu. – Viu O último habitante de Uptar?

– Não.

– Ah... Um cliente é um dos alienígenas.

As paredes eram enfeitadas por fotos, algumas das quais eu me lembrava de ter visto no site. Reconheci os anões, o albino e a mulher sem braços. Ele acompanhava meu olhar.

– Não gosto de gente bonita. Represento uma mistura de talento com personalidade. Atores com deficiências também. É um nicho do mercado, ainda que represente algo mais para mim. Sei bem o que é ser alvo de olhares.

Apoiou os dedos sobre a mesa e tentou arrastar a cadeira para a frente, mas ela não se mexeu.

– Consigo um lugar ao sol para meus clientes. Todo mundo quer isso.

– Foi esse o caso de Deborah Vance?

– Deborah Vance não precisava de um agente.

– Como assim?

– Aquela mulher é uma vigarista. Passou muito homem para trás. Arrumava namorado pela internet e eles transferiam dinheiro para a conta dela.

– Ela fazia isso? Mas já é uma senhora!

– Sim, mas usava foto de outras mulheres. Por isso começou a receber ameaças de morte.

– Ameaças de morte?

Eu começava a entender por que tinham escolhido Deborah Vance e como planejavam tirá-la de cena.

– O que ela esperava? – prosseguiu. – Existem homens que não gostam de ser enganados.

– Sei como é.

– Então de uma hora para outra ela sumiu, trocou de nome e perdemos contato. Ganhamos um bom dinheiro. Consegui o anúncio do SoulFibras e o de um remédio para diarreia. – Deu um sorriso forçado. – O show business é uma maravilha! Mas nunca me envolvi nos esquemas dela.

- Como você sabe deles?
- A gente conversava – respondeu um tanto hesitante.
- Por que a foto dela ainda está no seu site?
- Faz um tempo que eu não o atualizo.
- É, vi uma foto de um cliente que morreu.

LaRusso baixou os olhos e a expressão em seu rosto mudou. Retirou um lenço de uma gaveta e começou a enxugar o pescoço.

- A polícia disse que Mikey sofreu um acidente.
- Os policiais vieram aqui?
- Não. Eu li...
- Já sabem sobre Peralta e Deborah Vance, mas ainda não perceberam que você é a ligação. Conte a eles que mandou os dois para os mesmos caras.

Ele ajeitou-se na cadeira e passou a coçar o rosto.

- Faço uns bicos de vez em quando. Mas é trabalho honesto. Inauguração de shopping center, animação de festa infantil, coisas assim. As pessoas gostam de tipos diferentes. – A tristeza era perceptível em sua voz – Eu não tinha como saber. Soube que foi um acidente. Mikey bebeu um pouco. Os jornais disseram que foi atropelado.
- Não – falei. – Mikey Peralta foi morto por causa do trabalho!

A fisionomia do homem se alterou. Até então ele vinha se enganando a respeito da morte do cliente.

- Você não pode afirmar isso.
- Posso, sim. Estou por dentro de tudo.
- Você matou mesmo Keith Conner? – perguntou, amassando o lenço.
- Acha que eu tentaria salvar um cliente seu se tivesse feito uma coisa dessas? Não se iluda! Vão matar Deborah Vance e depois virão atrás de você.
- Eu não... Eu não sei nada sobre o sujeito que os contratou. Falei com ele pelo

telefone. Nunca vi a cara de ninguém. Meu Deus, você acha mesmo que vão me matar?

As lágrimas começaram a escorrer pelo rosto gordo.

– Ela precisa ser avisada.

– Como eu disse a quem a contratou: só tenho o e-mail da Deborah. Não sei onde ela mora.

Sem coragem para me encarar, ele desviou os olhos para o teto. Em seguida começou a folhear alguns papéis, derrubando uma pilha de pastas no chão e encontrando uma agenda de couro.

– Ela não atende o telefone.

– Chega de mentiras e me passe o endereço! – ordenei. – E suma por um tempo!

Ela abriu a porta e riu de mim. Entendi sua reação não como um deboche, mas para enfatizar o absurdo daquele reencontro. A atitude e a postura eram completamente diferentes das de Elisabeta. Até o riso tinha outro timbre. Estava com a mesma aparência saudável do comercial de SoulFibras. Perguntei-me por quantas horas precisou ser maquiada para ficar com o aspecto de uma velha imigrante.

O robe vermelho que ia até os joelhos lhe dava um aspecto fantasmagórico. Dando um passo atrás, fez um gesto largo com o braço, convidando-me a entrar. O pequeno apartamento no térreo cheirava a lavanda floral e ouvi o barulho de água caindo numa banheira. Apertando o cinto do robe, ela correu para fechar a torneira e voltou.

– Muito bem. O que você quer? – perguntou.

Tentei perceber se ela sabia que eu era suspeito do assassinato de Keith, mas parecia indiferente à minha presença.

– Está correndo perigo – respondi.

– Não é a primeira vez.

– Mas agora é pior.

– Como sabe?

Eu ainda não me acostumara com o inglês perfeito, com a naturalidade com que seus lábios enunciavam as palavras. Olhei ao redor. Os móveis eram antigos. Avistei um gramofone com a corneta arranhada, cartazes de filmes noir nas paredes e pôsteres de vários países.

Aquele tipo de decoração não era novidade para mim. Desde que me mudara para Los Angeles eu tinha visitado vários apartamentos como o de Deborah: objetos comprados em brechós, porta-copos estilo art déco e cigarreiras de prata. Lembrei-me do meu pôster de Metrópolis adquirido com orgulho numa loja da Hollywood Boulevard na semana da minha formatura. Achava que aquilo serviria com um rito de passagem para ser aceito na capital do cinema, mas eu era apenas um garoto sem noção das coisas.

– Se eu a encontrei, eles também vão encontrá-la – falei.

– Foi Roman quem lhe deu meu endereço, não foi?

– Você achava que ele ia livrar sua cara?

– Roman nunca me faria mal. Ele pode ter defeitos, mas não é má pessoa.

– Qual é seu nome verdadeiro?

– Isso tem importância?

Se eu conseguisse o nome verdadeiro dela e sua ficha na polícia, talvez Sally voltasse a me ajudar.

– Posso chamá-la de Deborah?

– Querido – disse ela num sotaque perfeito de Marlene Dietrich –, você pode me chamar como quiser.

– Já ouviu falar de uma empresa chamada Ridgeline?

– Não.

– Você não sabe quem a contratou?

– Não.

– Você deve ter achado...

– O quê?

Ainda estávamos diante da porta fechada. Notei suas unhas feitas, que não combinavam com as de uma garçonete.

– Que eu era um idiota.

– Isso não – falou. – Você foi tão gentil que quase morri de vergonha.

Senti-me um completo imbecil.

– É por isso que meus esquemas funcionam – disse ela, como se quisesse me consolar. – As pessoas acreditam em qualquer coisa.

O sentimento de piedade daquela mulher me fazia mal, bem como a empatia que demonstrava.

– Como foi que você...?

– Enviaram um roteiro por e-mail. Era uma história triste, com direito a criança doente e plano de saúde mercenário. Tenho ascendências russa e húngara. O resto foi por minha conta. Dei asas à imaginação. É parecido com escrever, então você sabe como é. Budapeste seria muito óbvio, portanto escolhi Debrecen, a segunda maior cidade do país. A ideia da doença cardíaca não foi minha. Mas as bananas, sim. E sabia que você ia perguntar sobre elas!

Apesar do suposto coleguismo que ela insinuava, eu tinha dúvidas se conseguiria me equiparar ao seu talento e profissionalismo. Se por um lado eu não escondia minha amargura, por outro seu orgulho era explícito.

– Você é uma atriz talentosa – falei. – Vai longe.

– Já estou velha, mas pelo menos me viro.

– E o dinheiro?

– Depois que você saiu, deixei a bolsa no porta-malas de um carro.

– Um Honda Civic branco.

– Como sabe?

Sacudi a cabeça, sem querer perder o fio da meada.

– Falaram alguma coisa de mim para você?

– Pouco. Não mais do que da vez anterior.

– Espere aí! Vez anterior?

– Havia outro sujeito. – Passou a falar com sotaque: – Ele veio também ajudar pobre Elisabeta e neta com doença horrível.

Encarei-a, perplexo.

– Você... Quem? Quem era esse camarada?

Com a mesma rapidez com que se transformou na garçonete, ela voltou à sua identidade verdadeira.

– Não me lembro. Mas ele me deu um cartão. Parecia alguém importante. Está aqui em algum lugar.

Foi até um armário com dezenas de gavetas e começou a abri-las.

– Consegue perceber o significado de tudo isso? – perguntei.

Mas ela estava concentrada em sua busca.

– Espere, sei que guardei bem aqui.

– Posso usar o banheiro? – perguntei após ver que ela ia demorar.

– Pode. A porcaria desse cartão está em algum lugar...

A janela do cômodo dava para uma passagem estreita e para uma janela no prédio vizinho. A água quente da banheira tinha embaçado o espelho. Assim que fechei a porta, abri o armário em cima da pia, rezando para que não rangesse. Não havia nenhum frasco de remédio ali, mas encontrei alguns dentro das gavetas. A etiqueta não deixava dúvida: Dina Orloff.

– Achei! – gritou da sala, como se adivinhasse minha reação. Fechei a gaveta e me virei para abrir a porta. A campainha então tocou. Minha mão ficou parada na maçaneta. Recuperei-me do susto e abri uma fresta na porta, ouvindo a mulher murmurar alguma coisa.

A porta do apartamento se abriu seguido por dois baques abafados e o barulho de algo pesado caindo sobre o carpete. A porta se fechou e os passos de duas pessoas se moviam pela casa da atriz.

Respirei fundo e me tranquei novamente dentro do banheiro. Se eu estava sendo seguido, então era o responsável pela morte daquela mulher. E deviam saber que ainda estava ali dentro. Dificilmente escaparia com vida.

– Vamos, vamos! – murmurou alguém.

A porta do quarto se abriu violentamente. Estavam revistando o apartamento. Na ponta dos pés, fui até a janela e tentei abri-la. Senti um leve estalo e a esquadria de alumínio cedeu. Ouvi as portas do armário do quarto serem abertas. Uma gota de suor escorreu pela minha testa e caiu no meu olho, que começou a arder. A janela parecia se abrir em câmera lenta.

– Veja no banheiro – disse a mesma voz, agora um pouco mais alto.

Tentei engolir a saliva, mas minha garganta estava seca. Os passos se aproximavam. O vidro se abriu preguiçosamente, deixando o espaço exato para meu tronco. A julgar pelo barulho, o sujeito estava diante do banheiro.

Escoreguei para fora, arranhando o nariz contra o vidro. Colei o corpo à parede e andei para o lado, saindo do campo de visão da janela. A porta do banheiro foi aberta com um chute.

A calçada estava a menos de 20 metros, mas um simples passo denunciaria minha presença. Mantive a cabeça de lado de modo a enxergar um pedaço do chão do banheiro. Prendi a respiração para não me mexer. Se o sujeito chegasse à janela e olhasse para o lado, eu estaria morto.

Quando o homem deu mais um passo, vi a ponta de uma bota preta. Percebi que era uma Danner. Se eu estivesse sendo seguido, fariam uma busca do lado de fora do prédio. Mas a bota ficou parada. O que ele estava olhando?

A respiração presa já queimava meus pulmões. Meus músculos estavam contraídos. Meus olhos ardiam. O homem se encontrava a poucos passos da janela. Se eu esticasse o braço, minha mão ficaria bem diante de seu rosto. Fechei a mão e imaginei a melhor maneira de revidar caso ele viesse para cima de mim.

A bota recuou, ouvi o barulho de torneira e em seguida de água corrente. Finalmente os passos se afastaram e precisei de alguns minutos para acreditar que eles tinham ido embora.

Mas eu não podia me descuidar, pois estava exposto a quem passava pela rua. Dependendo do caminho que usasse ao sair do prédio, eles poderiam me ver. Um

portão rangeu ao ser aberto logo adiante, obrigando-me a agir. Pulei novamente pela janela e voltei ao banheiro, colando-me à parede. Esperei uns minutos na expectativa de que os passos retornassem. Mas tinham ido embora.

Minha respiração finalmente voltou ao ritmo normal e meu corpo escorregou parede abaixo. Abracei meus joelhos. Fiquei sentado por 20 minutos. Então me levantei, sentindo as pernas dormentes.

A mulher jazia a cerca de dois metros da porta. Vi um orifício acima das costelas e uma mancha vermelha escorrendo pelo queixo. Um dos disparos deve ter penetrado pela boca, que se encontrava aberta. O robe estava aberto e sobre os seios havia um bilhete com letras recortadas de revistas: CaDEla mENtRoSA.

A situação parecia estar fugindo do meu controle. Eu agora me deparava com um problema novo. Eu era o principal suspeito do assassinato de Keith Conner e havia posto a polícia no encalço daquela mulher, peça fundamental dos delírios que eu alimentava. Não podia estar naquela cena de crime. Precisava estar do outro lado da cidade para ter um bom álibi nas mãos. Eu tinha de fugir, mas não conseguia parar de olhar para ela.

Estirada no chão, aquela mulher voltava a ser Elisabeta. E mais uma vez eu faria algo para ajudá-la. Ajoelhei-me ao seu lado e fechei o robe. Não havia mais nada a fazer por ela. Uma das gavetas do armário estava aberta. Encarei-a por um tempo antes de me levantar e ir em sua direção.

Em seu interior havia um pedaço de papel, um cartão brilhoso e elegante. Retirei-o da gaveta, li o nome e mordi o lábio para amenizar o susto. Não era possível. No entanto, fazia sentido ser aquela pessoa.

Com rapidez, peguei uma toalha de papel e limpei a maçaneta da porta do banheiro e das outras superfícies que eu havia tocado. Saí novamente pela janela e caminhei em direção à rua, olhando em volta e piscando sob a luz do dia, lindo em comparação com o que eu acabara de testemunhar. Meu coração ainda estava acelerado. Joguei a toalha de papel dentro de um bueiro.

Meio quarteirão adiante, retirei o cartão do bolso e examinei mais uma vez, para me certificar de que não estava sonhando.

Joe Vente.

09/06/1963.

57.Jude Law, ator britânico, nascido em 29/12/1672.

58.Heath Ledger, ator australiano, nascido em 04/04/1979, morreu em 22/01/2008.

ELE ESTAVA SENTADO NUMA cadeira com o estofamento rasgado na parte de trás do furgão. De frente para mim, examinava incrédulo o cartão que eu acabara de lhe entregar. Viera ao meu encontro num parque do Sepulveda Boulevard e eu desci do meu carro apenas quando ele parou ao meu lado para que eu embarcasse. Eu estava nervoso, mas fazia o possível para não deixar isso óbvio. Por mais que eu tentasse, a imagem daquele corpo não saía da minha mente.

– Eu não acredito! – exclamou. – Você também a encontrou? A menina doente? A bolsa de dinheiro?

– Sim! E as mesmas pessoas estão por trás do episódio no Hotel Angeleno.

– Era esse o propósito da coisa toda? O assassinato de Keith? – Coçou a cabeça num gesto que demonstrava apreensão. – Por que nós?

– Pense, Joe, pense!

– Não faço ideia.

– Nós dois tínhamos desavenças com Keith Conner – falei. – Não se esqueça dos nossos processos. Ele queria acabar conosco na Justiça.

– Então somos bodes expiatórios do assassinato? – O fotógrafo assobiou e passou as mãos pelo cabelo. – Deus do céu! Escapei de tomar um tiro!

Fiquei olhando para ele. Meu braço tremia sem parar. Comecei a massageá-lo para aliviar a dor.

– Quando você encontrou Elisabeta? – perguntei.

– Alguns meses atrás. Eu comecei a receber uns DVDs. Gravações em que eu aparecia espionando as celebridades. Filmagens em que eu filmava! – Abriu um sorriso nervoso. – A coisa mais estranha que vi na vida.

As coincidências com Doug Beeman faziam-me pensar se aquilo não era mais uma armação. Mas como saber o que era realidade ou ficção? Eu não confiava mais em ninguém. Meus olhos examinaram o furgão, avaliando a distância até a porta, buscando indícios de uma suposta fraude. Então me lembrei de que tinha confirmado a existência de Joe na internet. Ele existia e ganhava a vida fotografando celebridades. Sem dizer que Sally e Valentino conversaram com ele.

Ele estava falando:

– Cheguei a pensar que fosse outro fotógrafo. Alguém chateado com um furo que eu consegui. Como os DVDs não paravam de chegar, achei que algum ator estava se vingando de mim. Então recebi um e-mail igual ao seu, mas sem dizer que Elisabeta poderia morrer. Achei muito estranho. Precisava saber o que estava acontecendo. Encontrei a bolsa de lona, segui o mapa e entreguei o dinheiro para ela. Dias depois recebi um telefonema dizendo a localização dos grampos na minha casa. Fiquei maluco. Arranquei tudo e enfiei numa lata de lixo indicada por eles, junto com os DVDs. Eles me enviaram outros e-mails, mas eu estava de saco cheio, não aguentava mais.

Perplexo, eu olhava para o fotógrafo. Joe Vente havia sido a cobaia. Eles tinham visto o que funcionava ou não e em seguida vieram para cima de mim, alterando a ordem dos acontecimentos, acrescentando novas tarefas.

– Eles o deixaram em paz? – perguntei.

– Simplesmente parei de fazer o que pediam. O que podia me acontecer?

Eu não tinha uma resposta, apenas um arrependimento queimava meu peito.

– Foi mais esperto do que eu – admiti. – Mais calmo.

– Esperto? – Deu um risinho. – Calmo?

– Não foi?

Vasculhou o interior de uma bolsa e retirou o que parecia um microfone, uma haste que saía do centro de uma estrutura semelhante a um guarda-chuva.

– Está vendo isto aqui? É um microfone parabólico. Ao ser direcionado para determinado lugar, ele capta o som. É possível ouvir um sussurro a 100 metros de distância. Com um aparelho desses, você grameia qualquer um!

Recostou-se na cadeira e cruzou os braços.

– Não estou entendendo – falei.

– Deixei que me grampeassem, Patrick – comentou. – Não aguentei. Não segurei a onda. Já não aguentava tanta pressão!

– Pelo menos agora você sabe o que podia lhe acontecer – disse eu.

– Sei, a cadeira elétrica!

As palavras foram ditas num tom de piada, mas Joe percebeu a expressão no meu rosto:

– Escute, estou brincando. Você vai se safar!

– Mas como? Você vai à polícia comigo?

– Digamos que, aos olhos da Justiça, minha palavra vale menos do que a sua.

Eu só o prejudicaria, Patrick. Além disso, não tenho provas.

– Mas nenhum de nós tem.

– Eu sei. Todas as testemunhas morreram. Fazer o quê?

Finalmente entendeu o motivo de meu contato e ficou apavorado.

– Foi por isso que me ligou? Para me prevenir?

– Foi.

– Você acha que eles vão mesmo...?

– Eu não me arriscaria.

– Meu Deus!

Correu os olhos pelo interior do carro como se as paredes estivessem se fechando ao seu redor. O pânico em seu rosto era a prova de que ele era mais uma vítima.

– Tudo bem, tudo bem... – Ele tentava se acalmar. – Já passei por outros apertos na vida. – Enfiou o polegar no estofamento da cadeira, aumentando ainda mais o rasgo. – Você não tinha a obrigação de me avisar. Muito obrigado, Patrick

– Trista Koan – falei. – Preciso do endereço dela.

Fez que sim com a cabeça, visivelmente nervoso.

– Eu consigo. Me dê uma hora. Qual é seu celular?

Informei-lhe o número do pré-pago. Pediu que eu repetisse duas vezes.

– O que mais?

Os olhos verde-claros de Joe se destacavam naquele rosto de traços grosseiros.

Os dois tiros no apartamento de Elisabeta não saíam da minha cabeça. A imagem da bota também me apavorava. O fotógrafo me encarava com um olhar engraçado.

– Quero que ligue para a polícia e fale sobre a morte de Elisabeta. Não precisa se identificar – pedi.

– Patrick, você sabe que aquela mulher era uma pilantra! A polícia vai acabar chegando em você. É melhor deixar o corpo lá!

– O quê? Deixar o corpo lá?

– Garanto que ela não vai reclamar.

– Sim, mas aquela mulher deve ter uma família!

– E daí? Vai continuar tendo quando os vizinhos reclamarem do mau cheiro na semana que vem! Você ainda vai ganhar uns dias para investigar sem ter a polícia nas suas costas. Ela ferrou a gente, Patrick. Fez por merecer!

– Mas a família não tem nada a ver com a história. Por isso quero que você ligue!

– Escute o que estou falando. Isso vai ser sua condenação!

– Mudando de assunto: sabe mais alguma coisa sobre Keith Conner?

– Posso lhe contar tudo que sei sobre Keith Conner – falou. – Mas esse é meu ganha-pão. Quanto levo nisso?

– Você não quer saber quem ferrou a gente? A oportunidade é essa!

Roeu a unha do polegar, mas logo repousou as mãos sobre as pernas.

– Até onde sei, os astros de cinema não fazem nada da vida. Passam o tempo todo em reuniões. Eu fico por perto, na esperança de que alguma coisa diferente aconteça. Há duas semanas percebi algo estranho. Um carro de vidro fumê estava seguindo Keith. Liguei para meu contato na polícia e ele disse que aquela placa era fria, não existia nos registros oficiais.

Joe baixou a voz e percebi que eu me inclinava em sua direção. O cheiro azedo do furgão começou a embrulhar meu estômago. Mas a isca estava lançada e eu

não podia puxar a linha. Ele então continuou:

– Fiquei curioso. O carro então se afastou e fui atrás dele. Perdi-o de vista, mas logo o encontrei dois quarteirões adiante, estacionado na frente do Starbright Plaza, um centro comercial na Riverside Street, perto dos estúdios. Quando passei do lado do carro, vi um adesivo da Hertz no para-brisa.

Hertz. A mesma locadora do Honda Civic. Joe não parava de falar:

– Ou seja, alguém tinha colocado placas frias num carro alugado. Entrei no centro comercial e vi a lista de empresas com escritório no local. Nada que chamasse a atenção. Fiquei um tempo vigiando o veículo, mas acabei enchendo o saco e indo embora.

– Starbright Plaza?

– Starbright Plaza! É tudo que tenho, parceiro!

Abri a porta, respirei fundo e segui em direção ao meu carro. Quando enfiei a chave na fechadura, ouvi o furgão arrancar.

– Ei! – gritou Joe. – Se sobreviver, não se esqueça da minha entrevista!

O STARBRIGHT PLAZA ERA UMA construção sem graça de apenas dois andares e, ao contrário do que o nome dizia, faltava brilho àquele centro comercial localizado nas imediações dos estúdios Warner Bros., Universal e Disney 59. No entanto, não havia mais vagas no estacionamento, então eu tive de deixar o carro com o manobrista de um restaurante numa das extremidades do complexo. Percebi que nenhum dos clientes tinha notado minha presença, embora eu os examinasse à procura de traços familiares. Antes de o manobrista assumir o volante, ele me entregou o tiquete em que o rosto de Keith Conner estava estampado no verso:

Você vai sentir um medo terrível.

E não adianta se esconder.

VOCÊ ESTÁ SENDO VIGIADO.

Em junho nos cinemas.

Ouvi uma buzina. Eu estava parado no meio da rua. Subi na calçada e senti o ar gelado que escapava das lojas. Fiquei desanimado por ter de procurar uma pista num centro comercial tão grande.

Dois homens carregando uma vitrine saíam de uma vidraçaria. Vendo que todos os estabelecimentos do térreo se resumiam a lavanderias, salões de beleza e papelarias, dirigi-me até a escada. Passei por um entregador que descia assobiando e escrevendo numa prancheta.

Os corredores do segundo andar, que tinha o formato de um V, abrigavam dezenas de portas. Várias estavam abertas, como constatei ao passar diante delas sem saber o que eu procurava. Diminuí o passo na frente de uma imobiliária com móveis antiquados e de uma videolocadora cujos cartazes exibiam insetos gigantescos destruindo prédios. Algumas salas pareciam abandonadas: havia fios pendurados no teto e cadeiras viradas. Outras estavam com persianas fechadas e nenhuma identificação na porta. Percebi que a rotatividade dos inquilinos era alta.

Evitando as poucas e ultrapassadas câmeras de segurança, continuei no meu caminho, prestando atenção nos nomes nas portas, examinando os rostos das pessoas e me perguntando que diabo estava fazendo ali. Cheguei à outra extremidade do corredor, sem nada mais para olhar. Eu começava a descer quando uma placa de bronze na última porta chamou minha atenção: NÃO

ACEITAMOS CORRESPONDÊNCIAS SEM IDENTIFICAÇÃO. FAVOR NÃO DEIXAR ENCOMENDAS NAS SALAS VIZINHAS. Como se atendesse àquele pedido, a etiqueta de uma transportadora estava colada na maçaneta. Resolvi me aproximar para ver o número da sala e o nome do proprietário. Encontrei apenas uma pequena placa enferrujada na qual estava gravado 1.138. Arranquei a etiqueta da maçaneta e levei um susto: A/C da Ridgeline.

Provavelmente era de trás daquela porta que saíam os e-mails que eu vinha recebendo e que até aquele momento tinha tirado a vida de três pessoas. A etiqueta indicava a segunda tentativa de entrega de um envelope despachado de Alexandria, no estado da Virgínia, cidade conhecida por abrigar lobistas e articuladores políticos. Achei aquele detalhe suspeito.

As persianas estavam entreabertas. Fiquei na ponta dos pés para espiar entre as lâminas. O cômodo da frente era semelhante a vários outros do andar. Computador, impressora e triturador de papel. Não havia plantas, quadros ou porta-retratos pendurados na parede. Um porta na parede do fundo devia dar acesso a um corredor e a outras salas.

Desci a escada e atravessei o beco que levava aos fundos do centro comercial. A única abertura na parede era uma saída de emergência, inexplicavelmente trancada. Cansado, subi a escada outra vez e fiquei alguns minutos encarando a porta 1.138. Continuava trancada. O que eu podia fazer?

Lembrei-me do entregador da transportadora que passara por mim na escada. Peguei o celular e liguei para o telefone impresso na etiqueta. Digitei o código de rastreamento e esperei 30 segundos. Quando a telefonista atendeu, falei:

– Oi, eu trabalho na Ridgeline. Vi que vocês acabaram de passar por aqui, mas eu tinha dado uma saída. Pode ver se o entregador ainda está por perto? Para manter uma distância segura da sala, caminhei pelo corredor externo. Vinte minutos se passaram. Eu quase desistia quando avistei a van da transportadora se aproximando. Voltei para a frente da sala, encostei a ponta de uma das minhas chaves na fechadura e esperei. Ouvi passos subindo a escada e fingi que estava saindo:

– Ah, você me pegou fechando a porta.

– Não encontrei o senhor nas últimas vezes. – Entregou-me um envelope e a prancheta. – É difícil encontrar alguém aí.

Rabisquei Alfred Hitchcock 60de forma ilegível e devolvi a prancheta.

– É, poderia dizer que é quase impossível.

Minha vontade era descer a escada correndo. Contendo o impulso, caminhei tranquilamente até o manobrista. Enquanto aguardava o carro, olhava para o segundo andar, em direção ao escritório da Ridgeline. Naquele momento avistei uma câmera na pilastra acima da porta 1.138. Pelo ângulo, percebi que ela não era visível do corredor. Vi também que era diferente de todas as outras. Sem dizer que estava apontada diretamente para mim.

A etiqueta informava que o conteúdo da correspondência era de Documentos de seguradora. Sentado à mesa da cozinha, respirei fundo e o abri. Num bilhete colado a um pequeno envelope se lia: Vou sumir. Não entre em contato. Rasguei-o e encontrei um CD. Seguradora? Quem teria contratado um seguro? E contra o quê?

“Vou sumir” é uma expressão utilizada pelos profissionais da Inteligência. Sugeriu portanto que o remetente tinha alguma informação privilegiada. Seria um espião? Levei o disco até meu escritório e o inseri no laptop de Ariana.

Vazio.

Dei um soco na mesa com tanta força que o laptop chegou a pular. Será que eu não chegaria a lugar nenhum? Ainda mais depois do risco que eu corra para conseguir aquele envelope?

Ariana estava no trabalho. Tentei contatá-la, mas o telefone só dava ocupado. Como combinado, ela deixava o velho celular desligado para não ser rastreada. E naquele momento o pré-pago que eu comprara para ela estava no meu colo. Muito esperto.

Encontrei o número da assistente dela na agenda telefônica do primeiro andar. Enquanto ouvia o barulho de chamada, meus joelhos tremiam. Felizmente ela atendeu.

– Patrick? Está tudo bem? Houve alguma coisa?

– Por que o telefone daí está ocupado?

– Algum engraçadinho fica passando trote para cá. Achemos melhor tirar o fone do gancho.

– Posso falar com Ariana?

– Está numa reunião fora. Não consigo falar com ela desde cedo. Por algum motivo o celular está desligado.

– Ok, eu só queria saber se ela...

– Que coisa, hein? Mas não se preocupe. Ela está tomando cuidado. Anda sempre acompanhada de dois rapazes que trabalham aqui.

Ouvir aquilo me fez sentir melhor.

– Quando Ariana der notícia, você pode pedir a ela que ligue para casa?

– Claro. A reunião deve estar acabando. Ela disse que ia para casa cedo.

Apertei o gancho com o polegar e pressionei o fone contra meu rosto. As cortinas fechadas criavam uma atmosfera opressiva. Lembrei-me de que eu pulara a cerca dos fundos para entrar em casa. Desde o episódio do Hotel Angeleno eu evitava ir lá fora. Criando coragem, fui até a varanda. Uma pequena multidão estava na calçada, fazendo perguntas e batendo fotos. Fechei os olhos para me proteger da luz do sol. Mas eu estava exposto demais ali fora. Com as pálpebras entreabertas, recordei-me do episódio no banheiro de Elisabeta, quando fui obrigado a fugir pela janela para continuar vivo.

De volta à cozinha, enchi um copo com água e abri os armários em busca de comida, jogando caixas e fatias de pão mofado no lixo que se acumulava pelo chão. Mastigando uma barra de cereal mole, subi até o escritório e olhei novamente para o monitor. Será que existia algum arquivo oculto no CD? Cliquei com o botão direito e tive certeza de que não havia nada. Guardei o disco entre meus CDs virgens e enfiei o envelope da transportadora numa das gavetas da mesa. O telefone tocou e eu o atendi berrando:

– Ariana?

– Estou escondido. – Era Joe Vente. – Anote o número que vou dizer – Falou então. – Não se preocupe. Ninguém tem esse telefone. Se alguém tentar me matar, vou saber de onde a informação vazou.

– Não vou abrir o bico.

– Liguei para a polícia e informei sobre o corpo de Elisabeta. Agora o bicho vai pegar!

- Estou pronto, Joe!
- Ah, eu agora tenho direito a duas entrevistas exclusivas.
- Isso quer dizer que...
- Isso mesmo. Eu a encontrei.

59. Warner Bros, Universal e Disney são grandes produtoras de filmes dos EUA.

60. Alfred Hitchcock, cineasta inglês considerado o mestre do suspense.

ENCONTREI TRISTA DO LADO de fora de um bangalô em Santa Monica, jogando várias garrafas de vidro numa lixeira reservada à reciclagem.

– Água mineral? – perguntei. – Achei que fosse ambientalmente incorreto.

Virou-se para mim protegendo os olhos do sol e abriu um sorriso amarelo.

– E sua camisa de algodão consumiu exatamente três mil litros d’água para ser confeccionada. E seu carro ali – fez um gesto com o rosto – é um beerrão. Se você o trocasse por um híbrido, deixaria de liberar duas toneladas de monóxido de carbono por ano.

Enquanto eu me aproximava, ela se inclinou em minha direção e, com os cabelos louros ao vento, olhou para minhas calças.

– Isso aí no seu bolso é um celular? O capacitor dele é feito de tântalo, 80% do qual é retirado dos leitos dos rios no leste do Congo, onde há várias reservas de gorilas. Ou havia, já não sei mais.

– Eu sei.

– Somos todos hipócritas. Todos nós colaboramos com a destruição do planeta.

Só o fato de a gente estar vivo já contribui para isso. Sem falar da água mineral.

– Ela se calou. – Você está rindo? Por acaso está dando em cima de mim?

– Não. É que os últimos dias foram difíceis e vê-la já faz com que me sinta melhor.

– Você gosta de mim, não gosta?

– Mas não por isso.

– Não? Então por quê?

– Porque você pensa diferente de mim.

– É bom ver você, Patrick.

– Eu não matei Keith.

– Sempre soube disso.

– Como pode ter tanta certeza?

– Sou observadora. Mas agora entre.

Havia caixas espalhadas pelo chão. A direção da produtora não perdeu tempo para dispensá-la do filme. Olhei em volta. A localização era perfeita: 75 metros quadrados a apenas quatro quadras da praia. Com uma cozinha americana, um micro-ondas, uma cafeteira e um banheiro minúsculo, o bangalô se resumia a um único cômodo. As paredes eram enfeitadas com pôsteres de baleias. Trista percebeu que eu olhava a decoração e disse:

– Parece a casa de uma adolescente, mas eu acho linda.

Peguei uma garrafa que estava no chão e encheu o copo, acrescentando uma dose de água tônica.

– Desculpe, você deve achar que eu sou...

– Nada disso. Não tenho nada contra mulheres que gostam de gim.

– Eu até poderia lhe oferecer, mas como esta é a última garrafa...

Colocou uma luminária dentro de uma lata de lixo, junto a vários pares de meias, e olhou ao redor, admirada:

– Estou voltando para casa. Eu logo encontro outro projeto...

Trista estava de costas para mim, mas percebi, quando levou a mão ao rosto, que estava prestes a chorar. Quando se virou, a cara estava vermelha. Senti que tinha ficado irritada. Tomou mais um gole de gim, sentou-se na cama e bateu no colchão, indicando um lugar ao seu lado. Sentei-me. Fotos de baleias mortas estavam espalhadas pelo edredom. Fiquei impressionado ao ver aqueles animais enormes reduzidos a carcaças. Pegou uma das fotos e a observou com ternura.

– Está tudo errado, Patrick. Você sabe disso. As pessoas se vendem por qualquer coisa. Está cada vez mais difícil achar alguém que preste.

Encostou a cabeça no meu ombro e eu senti o cheiro forte de álcool. Limpou o nariz com a manga da camisa e voltou a ficar ereta.

– Meu trabalho era cuidar dele. Impedir que morresse num acidente de carro, que trepasse com uma garota de 15 anos. Eu tinha de mantê-lo sóbrio e ainda conseguir gravar o filme. Não acha isso difícil?

– Muito.

– Sei que você o odiava. – Sua voz estava ligeiramente pastosa.

– Talvez ele não fosse tão ruim assim – falei.

– Não. Ele não era. Keith só tinha tamanho, Patrick, mas se interessou pelo nosso projeto. Acho que no fundo estava cansado de Hollywood. – Baixou os olhos para uma das imagens: carne e sangue. – Mas eu acredito nisso. – Bateu com o indicador na foto.

– E Keith? – perguntei.

– Ele era um astro do cinema. Quem vai saber no que Keith acreditava? Todo mundo tirava proveito dele! – Achei aquela frase irônica. – Começou a ficar de saco cheio, a procurar coisas às quais se agarrar. Ele não precisava escolher nossa causa, mas escolheu! Você se lembra de quando as baleias-cinzentas⁶¹ começaram a encalhar na baía de São Francisco?

– Não, me desculpe.

– Sim, bem embaixo da Golden Gate⁶². Eu o levei até lá. Ele sujou os pés de sangue. Depois que todo mundo foi embora, inclusive os biólogos, eu não achei Keith. Ele estava dentro d'água abraçado a uma baleia. E uma lágrima escorria por seu rosto. Ninguém estava olhando, Patrick. Aquele choro era autêntico.

De repente ela se levantou.

– Preciso arrumar minhas coisas. Eu o acompanho até a porta. – Mas ficou parada onde estava, olhando para as baleias. – Que diabo eu estava fazendo? Eu não sei nada sobre cinema nem sobre finanças! Não passo de uma idiota amante das baleias!

Olhou o bangalô entulhado, como se aquele lugar fosse um resumo de seus defeitos e decepções. Quando voltou a si, percebeu que eu a observava e então ficou vermelha.

– Falando sério, preciso arrumar minhas coisas.

– Só um minuto, por favor. Você passou muito tempo com Keith no final...

– Precisa me lembrar disso?

– Posso lhe fazer umas perguntas?

- Por exemplo?
- Ele chegou a mencionar uma empresa chamada Ridgeline?
- Ridgeline? Não, nunca ouvi falar.
- Ele alguma vez foi ao Starbright Plaza? Um centro comercial perto dos estúdios?
- Ele nunca ia àquela região. – Voltou a desabar sobre a cama. – Acabou?
- Meu tempo é curto, Trista. Sou o principal suspeito. Preciso descobrir quem me incriminou. Antes que a polícia resolva me jogar atrás das grades.
- O que eu tenho a ver com isso? Já não o ajudei o bastante?
- Como assim?
- Consegui que Keith e o estúdio desistissem de processá-lo.

Eu não acreditava no que acabara de ouvir.

- Então foi você?
- Fui eu. Depois que você invadiu a casa de Keith...
- Eu não invadi casa nenhuma!
- Não importa. Eu o convenci de que o processo seria uma grande dor de cabeça. Mostrei a ele que um escândalo às vésperas da estreia de Você está sendo vigiado seria péssimo. Sei que você nunca encostaria a mão nele. E se um dia a verdade viesse à tona, ele perderia a credibilidade e não poderia mais defender nossas causas. – Raspou o esmalte de uma das unhas e então me encarou com seus cílios longos e curvos. – Mais alguma coisa, ou posso voltar à minha insignificância?

Eu tentava retomar minha linha de raciocínio.

- Por acaso Keith fez alguma coisa ou encontrou alguém diferente?
- Diferente? Keith Conner era uma das pessoas mais sem graça e previsíveis do mundo! Sua rotina se resumia a baladas, restaurantes e passeios de limusine com modelos. Nada além disso, Patrick. Duvido que alguém quisesse matá-lo. E isso inclui você.

Achando que nossa conversa tivesse chegado ao fim, levantei-me em silêncio. Trista estava certa. Era difícil imaginar Keith fazendo algo grave a ponto de alguém querer sua morte. Sua vida era perambular por festas e sets de filmagens. Assim ele tinha conhecido e fora atraído pela causa de Trista. Parei à porta e me virei para ela.

– Também perdi meu emprego. Sou professor. Percebi que gostava dele depois que o perdi. E sabe o que é engraçado? Sempre o encarei como um bico, mas foi pior ser demitido da faculdade do que ser mandado embora do meu próprio filme. – Eu estava divagando. – Enfim, sinto muito por ter sido dispensada de um trabalho que era tão importante para você.

– Dispensada? – disse ela. – Não fui dispensada. A equipe de produção foi desmontada. – Desmoronou na cama, curvando os ombros. – A filmagem ia começar daqui a três dias. Faltava tão pouco...

O vento entrava por baixo da minha camisa, mas minha pele já se acostumara ao ar gelado.

– Qual foi o problema? Dinheiro?

– É claro – respondeu. – Documentários sobre meio ambiente só dão certo se houver um Al Gore ou um Keith Conner por trás.

Minha boca de repente ficou seca. Meu olhos se voltaram para as fotos sobre a cama. As baleias encalhadas com sangramento pelos ouvidos... O radar.

Keith tinha falado sobre os radares que andavam matando as baleias, provocando embolia nos animais e fazendo-os encalhar nas praias. As peças do quebra-cabeça começavam a se encaixar. Senti a adrenalina sendo despejada nas veias, a excitação de um predador diante da presa. Ela continuava falando:

– Basta uma recessão, uma briga no Senado ou algum fato novo, e o meio ambiente se torna o bode expiatório. – Deu um risinho irônico. – Dessa vez foi Keith quem levou a culpa.

– Você não consegue encontrar outro astro de Hollywood e arrumar um novo financiamento? – Surpreendi-me perguntando.

– Agora não importa. – Prendeu uma mecha de cabelos atrás da orelha. – O tempo passou e não existe tanto dinheiro dando sopa.

Eu me lembrei da última vez que o tinha visto com vida, recostado na

espreguiçadeira e fumando cigarros de bali: É uma corrida contra o tempo, cara! O que Jerry tinha dito? O idiota vai fazer um documentário sobre meio ambiente. O Mickelson, o dono do estúdio, queria que ele esperasse um pouco, mas Keith insistiu.

– Como assim, “o tempo passou”? – Minha voz saiu fraca.

– Desculpe, não ouvi o que perguntou.

– Você disse que o tempo passou. Por que a pressa?

– Porque o filme precisava estreiar antes da votação no Senado.

Meu coração disparou e meus ouvidos começaram a latejar.

– Espere um minuto – falei baixinho. – Senado?

– É. A proposta de redução dos níveis de ruído dos radares marítimos. Para proteger as baleias. A votação acontece em outubro. Precisávamos estar em produção agora. – Por que o espanto? – perguntou, franzindo a testa e verificando o copo vazio.

– Se Nas profundezas estreiar antes de outubro, as baleias vão se tornar uma causa nacional! Não se esqueça de que este é um ano de eleições!

– Eu sei, Patrick! Por acaso acha que eu vivo em Marte?

– Os políticos seriam pressionados a votar pela redução!

– Eu sei, Patrick. Era essa a nossa esperança!

– Mas se o filme não for produzido...

– Exatamente.

– E a única coisa que pode interromper uma produção depois que ela começa é...

– Ora, Patrick! Como assim? – perguntou, colocando o copo de lado.

– ... a morte de um astro.

A expressão no rosto de Trista mudou. Ela entendera aonde eu queria chegar. Seria minha mais nova aliada. Mas seus olhos se desviaram para a porta dos fundos e então voltaram para mim. Constrangido, percebi que a razão do meu medo não era por acreditar nas minhas palavras. Na realidade, ela estava com

medo de mim. Eu tinha cometido o erro de não explicar minha linha de raciocínio. Diante das minhas afirmações apressadas, ela devia ter achado que eu era tão paranoico quanto a imprensa afirmava. Ergui a mão, desesperado, tentando mostrar que eu estava ao seu lado.

– Você sabe que eu não matei ninguém.

– Quero que saia daqui agora!

– Por favor, deixe-me explicar o que...

Dei um passo à frente e Trista ficou de pé, ofegante. Durante uns cinco segundos ficamos nos encarando, cada um em uma das extremidades do cômodo. Espalmando as duas mãos, recuei e saí pela porta, fechando-a com cuidado.

61. Baleia-Cinza, mamífero cetáceo da família dos escricídeos.

62. Golden Gate, famosa ponte que fica na cidade de São Francisco, Califórnia.

– TODO ESSE TEMPO EU vinha fazendo a pergunta errada. – Eu estava tão agitado que quase berrava ao telefone. – Ficava me perguntando quem se beneficiaria com a morte de Keith.

– Certo, entendi – disse Julianne. Ela estava na sala dos professores, por isso falava baixo. – E qual seria a pergunta certa?

Subindo uma ladeira, fui obrigado a passar para a pista contrária por causa de um caminhão da companhia de eletricidade.

– Quem se beneficiaria com a morte do filme? – perguntei.

– Estou corrigindo uns trabalhos atrasados. Mas pode continuar falando...

Obviamente ela não se limitou a escutar:

– A assistente ingênua soube responder a essa pergunta?

– Trista? Não. Mas a lista de interessados é óbvia. Os fabricantes de radares, alguns senadores, o Ministério da Defesa, a Agência de Segurança Nacional e a indústria bélica.

– As opções são poucas. Ela que estava envolvida deve se lembrar de mais gente.

– Trista acha que eu estou maluco!

– Humm...

– Ela me expulsou de casa.

– E daí?

– Você não conseguiria informações sobre a proposta que está no Senado?

– Achei que você fosse...

– Preciso de informações – falei. – Nomes, datas, detalhes de financiamento. Alguém poderoso está por trás disso. Suspeito do Ministério da Defesa ou da Agência de Segurança Nacional. É só pensar nos recursos de que eles dispõem. Devem ter gente infiltrada em todos os lugares, inclusive na Polícia de Los Angeles. Mas como enfrentar um gigante desses?

– É impossível enfrentar, Patrick – respondeu. – E coloque o pé no chão.

Difícilmente isso seria apoiado por toda uma...

– Agência?

– Isso. É preciso descobrir a banda podre.

– Você pode me ajudar? Ou seus contatos não chegam a essa esfera?

– O Washington Post⁶³ está bom para você? – respondeu, dando um suspiro.

Eu não sabia se as respostas evasivas de Julianne se deviam ao fato de ela estar ocupada, mas achei melhor não perguntar. Informei-lhe o endereço da Ridgeline e pedi que conseguisse a maior quantidade possível de informações sobre a empresa. Ela concordou e se despediu sem dizer meu nome. Dei um soco no volante para comemorar aquela vitória. Minha investigação finalmente avançava.

Pensei em ligar para Ariana, mas percebi que já estava perto de casa. Os furgões das emissoras de TV se encontravam parados ao longo da Roscomare, portanto dobrei à direita e estacionei na rua de trás. Assim que pulei a cerca, percebi algo diferente na estufa. Subi num vaso e vi através do vidro que as prateleiras tinham sido viradas e os lírios estavam espalhados pelo chão.

Comecei então a busca.

Passava das quatro horas. Ariana talvez estivesse em casa. Virei a cabeça e vi que a porta dos fundos estava aberta. Corri até lá. Não notei nada de diferente dentro da casa. A sala de estar continuava exatamente igual, os quadros encostados nas paredes. Chamei por minha esposa e subi a escada correndo. Nada no quarto. Voei até meu escritório e arranquei a gaveta da mesa.

O envelope da transportadora que eu roubara da Ridgeline tinha desaparecido. O pino de CDs continuava na prateleira. Abri-o e atirei os discos no chão. Tinham levado o CD também. Tirei o celular do bolso e liguei para Ariana. Caixa postal. Desci correndo a escada e escancarei a porta da garagem: a picape branca não estava lá. Ela talvez ainda não tivesse chegado em casa. Ariana sempre tinha reuniões...

Fiquei desesperado. Folheei a agenda de endereços da minha esposa e liguei para a assistente dela.

– Patrick? Ué! Até onde sei, a reunião acabou há meia...

Desliguei e corri até a rua. Alguns fotógrafos tinham retomado suas posições.

Saíram de dentro dos carros e vans, animados.

– Oi, escutem, vocês viram... Vocês viram alguém entrar ou sair desta casa? Minha mulher, por exemplo? – Não paravam de me fotografar. – A que horas chegaram aqui? A que horas? – Nada. Meu sangue subiu à cabeça. – Vocês viram alguma coisa, Deus do céu?

Olhei para o outro lado da rua. Os vizinhos me encaravam das sacadas. Girei a cabeça e vi Martinique chorando, com Don abraçando-a pelos ombros.

– Vocês estavam em casa? – gritei. – Estavam? Viram Ariana?

Meu vizinho se virou de costas e conduziu a esposa para dentro. Olhei ao redor. As câmeras não paravam de clicar.

– Eu não sei... Eu não sei onde ela está! – gritei para um deles. Dois começaram a rir e um terceiro balançou a cabeça, desculpando-se. O telefone começou a tocar dentro de casa. Graças a Deus! Corri e agarrei o fone.

– Ariana?

– Eu achava que não voltaríamos a nos falar.

Aquela voz arrepiava os pelos da minha nuca.

– Mas você é um homem durão.

Eu respirava com dificuldade.

– Não podemos matá-lo, pois levantaria muitas suspeitas. – Ficou uns 10 segundos em silêncio – Mas sua esposa...

Minha boca estava aberta sem emitir qualquer som.

– Você é um pouco estranho também. Acho que faria algo de errado com ela.

– Não... – Foi só o consegui dizer. – Escute...

– O disco.

– Não, eu... não. Eu não estou com nenhum disco!

– Queremos o CD. Ou vamos deixar o coração da sua esposa na porta da sua casa.

Apoiei-me na bancada da cozinha para não cair.

– Juro por Deus! Alguém roubou o CD.

– Siga de carro até a casa de Keith Conner. Entre pelo portão dos fundos. O código é 1509. Estacione junto ao canteiro de cactos da casa de hóspedes. Não saia do carro. Deixe as janelas fechadas. Não faça nenhum movimento quando nos aproximarmos. Se procurar a polícia, ela morre. Se vier sem o disco, ela morre. Se não estiver aqui às cinco em ponto, ela morre.

– Não, espere! Escute, eu não posso...

Ele tinha desligado.

Eu não sabia o que fazer. Se fosse alguém da Ridgeline, então não foram eles que tinham invadido a casa e roubado o disco. Quem poderia ser? A polícia atrás de provas? Policiais corruptos? A Agência de Segurança Nacional? O Ministério da Defesa? O assessor de algum político? Ao contrário do que tinha imaginado, o CD não devia estar em branco. O que poderia ter naquele disco?

Cinco horas: faltavam apenas 37 minutos. Eu mal conseguiria chegar até lá. Como acharia o disco se eu não fazia a menor ideia de onde ele estava? Trinta e seis minutos. Agarrei o telefone para contatar o investigador Gable e perguntar se o CD estava com ele. Mas havia a questão do tempo. Mesmo que tivesse pegado o disco eu não conseguiria recuperá-lo e chegar à casa de Keith em 35 minutos. Bati com o fone no gancho e acabei machucando os dedos. Será que Ariana estava bem? Teriam feito algo com ela? Passei a mão pelo cabelo e enxuguei as lágrimas que encharcavam meu rosto.

Um disco. Eu poderia entregar um dos meus CDs virgens. Diria que tinha tentado fazer uma cópia e que tinha apagado o conteúdo sem querer, conforme havia acontecido com os DVDs. Um plano capenga, mas que talvez me desse algum tempo para descobrir o paradeiro de Ariana. Corri até o segundo andar, peguei um CD virgem de uma das minhas gavetas e enfiei-o na bandeja do laptop. Vazio.

Trinta e três minutos.

De volta ao térreo, corri em direção aos fundos da casa, a camisa molhada de suor. Parei de repente no meio do gramado. Voltei até a cozinha e peguei a maior faca que encontrei sobre a pia.

Ao fazer a curva fechada, agarrei o volante e me segurei para não cair do banco. Se a faca debaixo da coxa escorregasse, abriria um talho na minha perna. A lâmina estava afiada e o cabo se projetava para fora, ao alcance da minha mão. Sentia o cheiro de borracha queimada pela ventilação do ar-condicionado. Resisti à tentação de enfiar o pé no acelerador: não podia correr o risco de ser parado pela polícia. Não com o prazo que eu tinha.

Subi pela rua estreita, as duas mãos escorregadias ao volante, o coração despejando medo e adrenalina nas veias, o que só dificultava minha respiração. Olhava para o relógio, olhava para a rua e voltava a olhar para o relógio. Quando faltavam alguns quarteirões, encostei à calçada cantando pneu. Abri a porta no momento certo. Enquanto eu vomitava, um jardineiro me encarava impassível de trás de um cortador de grama.

Voltei ao volante, limpei a boca e continuei devagar, subindo a ladeira íngreme.

Entrei pelos fundos, conforme as instruções, e em poucos segundos avistei o muro de pedras e os portões de ferro, semelhantes aos da frente. Saltei do carro e digitei o código. Os portões estremeceram e se abriram. Ladeado por jacarandás, o caminho atravessava os fundos da propriedade. Logo encontrei a casa de hóspedes. Paredes brancas, telhado baixo e varanda elevada: era maior que as residências da nossa rua.

Estacionei ao lado de um canteiro de cactos, bem perto da casa, ao pé da escada.

Com as mãos no volante, concentrei-me na respiração. Não percebi nenhum movimento no interior da residência. Escondida por arbustos à minha frente, a casa principal estava escura e silenciosa. O suor ardia em meus olhos. A escada ao lado da porta do motorista tinha uma inclinação que me impedia de ver a varanda. Eu enxergava apenas os degraus. Imaginei que fosse proposital.

Esperei, prestando atenção em qualquer barulho.

Finalmente ouvi uma porta se abrindo. Um passo. Outro passo. Então a bota de um homem apareceu no topo da escada, no meu campo de visão. O pé direito surgiu em seguida. Os joelhos se tornaram visíveis, depois as coxas, a cintura. Ele usava um jeans surrado, um cinto preto e o que me pareceu uma camiseta cinza.

Escorreguei a mão direita até o cabo da faca e apertei-o com tanta força que meus dedos começaram a formigar. Senti o gosto de algo quente e metálico na boca. Eu tinha mordido os lábios.

O homem parou no último degrau, a 30 centímetros da minha janela, a linha do

capô do meu carro cortando-o ao meio. Eu queria ver o rosto dele, mas tinha sido alertado para não fazer isso. De qualquer maneira, ele estava perto demais.

Ergueu o punho e bateu uma vez no vidro.

Pressionei o botão com a mão esquerda. A janela começou a descer. A lâmina da faca estava fria debaixo da minha coxa. Imaginei um ponto no peito dele, um pouco abaixo das costelas. Mas antes tinha de descobrir o que eu precisava saber. Vi sua outra mão se projetar para dentro do carro e soltar algo do tamanho de um punho fechado pelo vidro que ainda descia. O objeto caiu no meu colo. Percebi que era pesado.

Olhei para baixo.

Uma granada.

Senti minha respiração sumir. Tentei agarrar o artefato.

Antes que meus dedos conseguissem tocá-lo, ocorreu a explosão.

63. O The Washington Post (literalmente "O Correio de Washington"), mais conhecido por Washington Post, ou até mesmo por Post, é um dos maiores e talvez o mais antigo jornalem Washington D.C (fundado em 1877), a capital dos Estados Unidos, localizada no Distrito de Columbia entre os estados de Maryland e Virginia.

MINHAS PÁLPEBRAS PARECIAM FEITAS de chumbo. Levantavam-se com dificuldade, mas logo voltavam a se fechar, evitando as luzes do teto. Minhas costelas doíam e um zumbido insistente martelava em meus ouvidos. Sentia o rosto e os lábios dormentes. Tentei levar a mão à cabeça, mas por algum motivo não consegui.

Precisei de alguns segundos para abrir os olhos. Lâmpadas fluorescentes realçavam o tom monocromático do ambiente: azulejos brancos, paredes brancas e um grande espelho que refletia a claridade. A não ser por uma cadeira encostada à parede, o lugar estava completamente vazio. Tive a impressão de estar numa sala de espera celestial, mas, através de uma brecha na porta ao meu lado, avistei uma placa com o distintivo da Polícia de Los Angeles pregada à parede.

Uma sala de interrogatório.

Eu tinha sido preso? Deitado sobre um banco de metal, minha mão direita estava algemada a uma barra na parede. Um pouco grogue, tentei puxar o braço, machucando ainda mais o punho.

Sentei-me ao me lembrar do desaparecimento de Ariana e senti uma dor de cabeça insuportável. Meu braço direito parecia estar cheio de alfinetes e agulhas. Suspendi a camiseta e a segurei com o queixo. Minha barriga estava em carne viva. Fiquei de pé e tentei ver meu reflexo no espelho, mas a algema impedia meus movimentos.

Minha garganta estava seca a ponto de eu não conseguir falar, mas arranhei um som áspero, um pedido de socorro. Ninguém apareceu. Examinei a sala. A porta de metal ficava na mesma parede à qual eu estava algemado. O ruído que eu ouvia era do aparelho de ar-condicionado que trabalhava no máximo. Na sala adjacente, um relógio ao lado da placa da polícia marcava sete horas (não sabia se da manhã ou da noite) e uma bandeja de plástico continha minha carteira, minhas chaves e o pré-pago. Vi que um dos bolsos da minha calça estava puxado para fora.

Um terrível pensamento veio à minha cabeça: Ela está morta. Mas logo o afastei, refugiando-me em outras possibilidades. Talvez Ariana tivesse sido libertada. Ou a polícia a tivesse resgatado assim que fui preso. Eu precisava desesperadamente acreditar em alguma coisa.

Consegui dar quatro passos ao longo da parede, arrastando a algema até a

extremidade da barra. Engolindo em seco, por fim recuperei a voz. Encarei o espelho.

– Que lugar é este? – perguntei com uma voz rouca que daria inveja a Marlon Brando.

Uma porta fora do meu campo de visão se abriu e um homem caminhou pela sala adjacente e surgiu à minha frente com o distintivo pendurado ao pescoço. Era tão grande que por pouco não enxerguei seu colega que vinha logo atrás. O brutamontes passou a mão pela cabeleira loura e acenou em direção ao espelho.

– Tudo bem. Ele já voltou a si. Está gravando?

O rosto largo e anguloso me encarou.

– Sou o tenente DeWitt e este é o tenente Verrone.

Tenentes. Até que eu não estava tão mal.

Verrone tinha uma pele de quem fumava e bebia – amarelada, enrugada e pálida – e parecia um faquir de tão magro. Seu bigode caía ligeiramente nos cantos da boca, mas sem dúvida seguia os padrões policiais.

– Minha mulher – grasei.

– O que tem ela? – perguntou DeWitt.

Verrone se jogou na cadeira encostada à parede. A camisa justa e abotoada até o pescoço revelava um físico musculoso. Eu me enganara: ele parecia franzino apenas quando ficava ao lado de DeWitt.

– Ela está bem? – perguntei.

– Não sei – respondeu o gigante, com cautela. – Você a machucou?

– Não, eu... não!

Reparei que meu pulso estava vermelho. Minha cabeça ainda girava.

– Vocês não sabem onde ela está?

DeWitt se agachou e olhou dentro dos meus olhos. Era um sujeito enorme, no entanto tinha movimentos precisos e elegantes.

– Por que deveríamos saber?

Sentado na cadeira, Verrone continuava a me encarar. Não era um olhar agressivo, mas frio e insinuator. Não movia nem um músculo. Sacudi a cabeça para organizar meus pensamentos, mas o gesto só aumentou a dor.

– Como estou...? – A frase ficou pela metade. DeWitt deduziu o que eu queria perguntar:

– Foi uma granada de luz. Gera uma onda de choque de 13 toneladas. Teve sorte de sair dessa com vida.

Qual era o objetivo do sujeito que me atacara? Será que vira a faca e se assustara, soltando a granada? Eles não haviam me matado, sinal de que eu tinha alguma utilidade. Certamente perceberam que o CD era um blefe e que eu poderia levá-los até o verdadeiro disco. Fiquei esperançoso. Ariana devia estar viva como garantia da minha colaboração.

Se procurar a polícia, ela morre.

Tentei me acalmar. Eu precisava sair dali sem fazer qualquer revelação que pudesse colocar em risco a vida da minha esposa. O ideal seria conseguir uma transferência para um lugar menos vigiado. Um hospital.

– Eu estou... Vocês podem chamar um médico?

– Os paramédicos disseram que você estava bem. Não se lembra disso?

– Não.

– Nós o trouxemos até aqui e você cochilou.

– Aqui onde?

– Parker Center.

Era o endereço da Central de Polícia de Los Angeles.

– Preciso ir a um hospital. Fiquei inconsciente. Não me lembro de nada.

DeWitt ergueu a sobrancelha e se virou para Verrone.

– É melhor informá-lo mais uma vez sobre seus direitos.

– Não precisa. Filmamos tudo e ele assinou o documento.

A boca de Verrone quase não se mexia e me perguntei se ele realmente havia falado alguma coisa. Continuou imóvel. Tentei ficar de pé, mas a algaema não deixou.

– Vocês não podem me prender. Não posso ficar preso agora.

– Acho que já é tarde – disse DeWitt.

– Quero falar com a investigadora Richards.

– Ela não está mais nesse caso.

– E Gable?

– Estamos acima dele. – O gigante parecia impaciente.

– Isso mesmo! Estamos no sexto andar – brincou Verrone.

Meu cérebro patinava, sem entender aonde aqueles homens queriam chegar.

– Um vizinho ligou para avisar sobre a explosão. – DeWitt olhou para minha algaema e mexeu no relógio que trazia no pulso direito. – Na casa de Keith Conner! – falou, dando um assobio. – Fomos até lá e demos de cara com você! Não tenho outra coisa a fazer senão interrogá-lo.

O rosto de Verrone continuava impassível, os olhos grudados nos meus. Aquele sujeito me assustava.

– O que querem que eu diga? – perguntei.

– Quem o atacou? – DeWitt não estava com paciência.

– Não sei. Eu não vi quem era!

– Se você está vivo é porque deve ter alguma coisa que eles querem.

– Não! Eles só não querem que eu morra! Sou o bode expiatório do assassinato de Keith Conner. Se eu aparecer morto, aí sim vai parecer estranho.

– E isso tudo já não é estranho?

– Sim, até porque faz com que eu me torne suspeito. Por isso estou preso!

– Escute bem, idiota – disse Verrone, retirando da jaqueta um saco plástico com objetos recolhidos na casa de Keith, entre eles a faca. – Queremos uma

explicação para isto aqui e para o que você estava fazendo na casa daquele ator.

– Idiota? – repeti, incrédulo.

– Você sabe como se cozinha um sapo, Patrick?

– Sei – respondi. – Se jogar o animal na água quente, ele pula para fora. Então você coloca o sapo dentro da água fria e cozinha em fogo baixo. Ele não percebe que está sendo cozido. Ok, eu sou o sapo dessa história. – Fiz um gesto com o queixo, apontando para as paredes e para a algema.

DeWitt parecia estar se divertindo. Verrone então se levantou, empurrando a cadeira para trás. Depois de tanto tempo imóvel, aquela atitude foi intimidadora. Seu parceiro se pôs de pé e se virou para ele, que me observava com atenção.

– Você vai ser cozido de graça – disse Verrone.

– Fim da linha, parceiro. Dessa vez você não escapa – completou DeWitt. – Todas as peças desse quebra-cabeça se encaixam. Quero ver você se safar. Afinal de contas, por que estava na casa de Keith Conner?

Eu sentia a pressão daquela sombra enorme, sentia o calor que emanava do seu corpo. O CD estava em algum lugar, bem como Ariana. Atrás das grades, eu não tinha como ajudá-la. E se eu abrisse a boca, eles a matariam.

– Quero um advogado – falei.

DeWitt suspirou e deu um passo atrás.

– Opa! Ele quer jogar – disse Verrone, rindo e batendo palma. – Deu as costas e caminhou até a porta. – Vou ao banheiro. – E saiu.

Eu estava a sós com o gigante. Nervoso, olhei para o espelho, que se resumia a refletir minha imagem.

– Tenho direito a um advogado – falei.

– Eu sei disso, claro.

Deu um longo suspiro. Ele parecia decepcionado, como se tivesse me flagrado com a namorada no banco traseiro de um carro.

– Perfeito. Vou falar com o chefe.

Deixando a porta entreaberta, ele saiu, pegou uma pilha de pastas e sentou-se na borda da mesa, que parecia prestes a ceder àquele peso. O fone sumia dentro da sua mão.

– Chefe? Estou na sala 5 com Patrick Davis. Ele quer um advogado... Sim, suspendi o interrogatório... Eu sei, eu sei. – Estalou a língua. – O trânsito está ruim? Então ele vai ter de esperar... Mas a cadeia está lotada. – Os olhos azuis se desviaram em minha direção. – Ele tem ensino superior, logo não pode ficar junto deles... – Fez um sinal com a cabeça e repetiu o gesto. – Certo. Eu sei. Só podemos ajudá-lo se ele decidir colaborar... O quê?... Não, não creio que ele saiba que o senhor acha Gable incompetente... Se ele quiser colaborar, talvez a gente chegue a algum lugar, mas não sei... É uma pena, pois tenho a impressão de que se meteu em alguma encrenca. Mas pelo jeito não resta alternativa... Certo, certo. – E desligou.

– Bela atuação – falei. Ele se levantou e remexeu algumas pastas. Observei-o pela fresta da porta, mas ele estava concentrado. – Eu não posso falar!

Ele se virou e chamou alguém que estava fora do meu campo de visão.

– Murray! Precisamos de um formulário de transferência para Patrick Davis!

– Minha mulher... – gritei. – Minha mulher pode estar correndo...

Olhou através da fresta da porta.

– Desculpe, está falando comigo?

– Por favor!

– Quer falar comigo mesmo sem a presença de um advogado?

Olhei em direção ao espelho, como se pedisse que gravassem o que eu estava prestes a dizer:

– Quero!

Voltou a entrar na sala, os braços cruzados.

– Não posso dar nenhum detalhe – falei e ele então deu meia-volta. – Espere um minuto! Não estou mentindo. Minha mulher está correndo perigo.

– Diga logo o que sabe. Se sua esposa estiver em perigo, podemos ajudá-la.

– Você não está entendendo. Eles querem...

– O que eles querem?

– Eles acham que eu estou com uma coisa.

– Com uma coisa? Só podemos ajudá-lo se você nos disser!

– Eles vão matar minha mulher! Entendeu? Se eu abrir a boca, eles acabam com a vida dela!

– Pode contar. Garanto que ninguém vai ficar sabendo.

Aborrecido com meu silêncio, DeWitt tentou outro caminho.

– Quem são “eles”?

– Não sei.

– Onde está sua esposa? – perguntou, arregalando os olhos azuis.

– Está com eles.

– Certo, certo – falou, calmamente. – Uma coisa de cada vez. Não pode falar enquanto ela estiver em perigo. Então nós vamos encontrá-la.

– Vocês não vão encontrá-la!

– Encontrar pessoas faz parte do nosso trabalho. Vamos combinar uma coisa: quando a encontrarmos, você abre o bico. – O olhar dele era firme. – Quero que me dê sua palavra.

– Está bem – falei. – Mas só se vocês a encontrarem e depois de eu falar com ela. Olhou para o espelho e fez um gesto com a cabeça.

– Vai ter de esperar aqui. Quer ir ao banheiro?

– Não. Só quero que ela fique bem.

– Não saia daqui. – Deu um leve sorriso, saiu e fechou a porta.

Deitei-me no banco para ver se a dor de cabeça passava. Devo ter cochilado, pois quando Verrone abriu a porta, o relógio na parede marcava 8:15. DeWitt, visivelmente estressado, falava ao telefone sentado à mesa da outra sala.

Verrone pegou a cadeira encostada na parede e a arrastou para sentar-se diante de mim. Levantei-me e esfreguei os olhos.

– Vocês a encontraram?

DeWitt estava reclinado na cadeira, com os dois os pés sobre a mesa. Olhava algumas fotografias, das quais eu só enxergava a parte de trás. Ele gritava ao telefone:

– Eu sei disso, mas precisamos de um médico agora!

Verrone virou a cabeça e DeWitt ergueu uma das mãos, pedindo desculpas e baixando o tom de voz. O homem diante de mim voltou a me encarar, inclinando-se em minha direção como se quisesse segurar minha mão. Seus lábios franziram e percebi uma ruga de preocupação em sua testa. Fiquei apavorado.

– O que foi? – perguntei. – Fale!

– Um homem que estava fazendo uma caminhada encontrou sua esposa...

– Não. – Minha voz soou rouca e irreconhecível. – Não!

– ... numa fenda do cânion Fryman.

– Não – repeti num gesto quase automático.

– Sinto muito. Ela está morta.

A FOTO TREMEU NA MINHA mão. Era difícil ver a imagem do rosto de Ariana, mas eu não conseguia parar de olhar. As pálpebras estavam fechadas e a pele tinha uma coloração cinzenta e artificial. Os fios de cabelo se misturavam à vegetação. Como eu me recusara a acreditar nas palavras de Verrone, o tenente me trouxe a prova: minha mulher morta dentro de uma fenda de um cânion.

– Como? – perguntei num fiapo de voz.

Verrone sacudiu a cabeça.

– Como? – repeti, ainda mais baixo.

– Esfaqueada no pescoço. – Passou a língua pelos lábios, constrangido. – Você é um dos suspeitos, mas vou lhe conceder o benefício da dúvida até que tenhamos o resultado dos exames. – Puxou a fotografia da minha mão. – Minha mulher foi... eu a perdi por causa de um motorista bêbado. Nunca mais... – Recostando-se na cadeira, ele cruzou as pernas, o bigode tremendo sobre o lábio. – Não há o que dizer. – Encarou-me e abaixou a cabeça em sinal de respeito. – Sinto muito.

– Estávamos começando... – engasguei com minha própria respiração – a nos acertar.

Não consegui continuar. Virei-me para a parede e levei as mãos ao rosto, tentando conter minhas emoções. Mas eu não seria verdadeiro comigo mesmo se não desabasse ali. Foi o que fiz. Inclinei-me para a frente com os pulsos algemados para trás. Verrone colocou a mão em meu ombro.

– Respire – falou. – Devagar. Assim mesmo. É isso que precisa fazer.

– Vou encontrar quem fez isso! – falei. – Vou matar esses desgraçados! Vocês precisam me tirar daqui.

– Calma, Patrick, calma... Vamos resolver essa questão.

Mas eu já sabia de tudo. A voz ao telefone tinha sido direta: Você é um pouco estranho também. Acho que faria algo de errado com ela.

– Foi tudo por causa de um CD que eu peguei deles – disse eu. – A porcaria de um disco selou o destino da minha mulher! Por que eu fiz aquilo?

– Podemos usar o CD para chegar até eles. Sabe o que tem dentro dele?

– Não.

– Ainda está com você?

As lágrimas rolavam pelo meu rosto, encharcando o piso e as botas de Verrone. Pisquei com vontade, então pisquei de novo, tentando encontrar o foco para ter certeza de que o que eu via era real.

O desenho na lateral das botas do tenente. Danner. Minha respiração sumiu. Vi que DeWitt ainda falava ao telefone, os pés sobre a mesa. Meus olhos se fixaram no tamanho da sola. Provavelmente 44. Em seguida vi o relógio no pulso direito. Meu invasor canhoto estava bem na minha frente.

Meu susto quase se transformou em pânico, mas consegui me controlar. Inspirei várias vezes até que meu coração retomasse seu batimento normal e o calor no meu rosto diminuísse. Tentei organizar meus pensamentos. Aqueles dois homens tinham raptado Ariana e jogado a granada no meu colo. Quando encontraram o CD virgem no meu carro, arrastaram-me até ali para que eu revelasse o paradeiro do verdadeiro disco. Ao perceberem que eu não falaria, mataram Ariana. Eu estava trancado naquela sala no exato momento em que enfiaram uma faca no pescoço dela. Portanto eles eram meu único álibi.

Teriam colocado fios do meu cabelo na cena do crime? Qual dos dois teria espetado a lâmina em seu pescoço? Quem servira de mero espectador?

O rosto de Verrone estava praticamente grudado no meu, a mão pousada em meu ombro, dando pequenos tapinhas. Velho amigo...

– O CD ainda está com você? – perguntou novamente.

Minha vontade era voar em seu pescoço, cravando meus caninos em sua jugular.

– Você disse que iria falar – insistiu ele com educação. – Infelizmente não tem mais nada a perder, Patrick. Vamos pegar esses desgraçados.

Eu estava diante de um ótimo ator. Um rápido olhar me mostrou que a sala poderia ser um cenário, semelhante a milhares de outras que eu vira no cinema. O espelho de face única, as luzes fluorescentes, a mesa cheia de pastas. Precisava desempenhar meu papel sem deixar que eles percebessem que eu já conhecia aquele roteiro.

– Então, o CD ainda está com você? – repetiu Verrone.

– Sim – menti, controlando minha raiva.

– Onde?

Levantei o rosto e o encarei. Senti seu hálito azedo. O sangue latejava nas minhas têmporas. Era difícil conter meu ódio. Eu precisava fugir, portanto tinha de tirar aqueles dois da jogada:

– Existe um beco perto da faculdade – falei. – Os caras que mataram minha mulher abandonaram um Honda com uma sacola de dinheiro no porta-malas. Sabe onde é?

– Sei.

Era mentira: eu não tinha informado o local exato à polícia.

– O muro do lado esquerdo é de tijolos aparentes – continuei. – Há um bloco solto no meio do beco, a três metros do chão. O CD está ali.

– Vou buscá-lo – disse, colocando-se de pé.

– Se quiser, eu vou junto. Para mostrar o lugar exato.

– O chefe não vai deixar. Ainda mais depois da notícia da sua esposa.

– Está bem. Só não demore. Não podemos deixar aqueles desgraçados escaparem.

Estávamos cara a cara. Ele fez um bico e o bigode tremulou enquanto estudava meu rosto. Seus olhos eram duros como pedra. Será que ele tinha percebido que eu também participava daquela encenação? O tenente se levantou.

– Está bem – falou em direção ao espelho, dirigindo-se a quem quer que estivesse do outro lado. – Vou levar DeWitt comigo para acabarmos logo com isso. – Então olhou para mim. – Agente firme. Um médico já está a caminho.

Saiu e fechou a porta. Cinco segundos depois ouvi a outra se fechar. Encostei o ouvido à parede e percebi o barulho de trânsito ao longe. O ar-condicionado impedia que sons externos entrassem na sala.

Eu tinha lido em algum lugar que um elefante pode ficar preso por um barbante sem saber que pode se desvencilhar dele. Isso acontece porque o animal simplesmente acredita que está preso.

Puxei a algaema, testando a resistência da barra. Os parafusos que a prendiam à

parede eram enormes. Agachado, agarrei-me à barra e firmei os pés contra a parede. Inclinando-me para trás, puxei com tanta força que a barra se soltou e voei longe.

Não ouvi nenhum passo na sala ao lado. Escorreguei a algema por uma das pontas da barra e me levantei. Os parafusos eram de metal, mas, ao contrário do que eu podia imaginar, a parede não era feita de cimento. Segurando a barra, aproximei-me do espelho. Meu rosto parecia um arco-íris. Uma mancha roxa atravessava minha face esquerda. Uma das pálpebras estava azul e inchada. O canto da boca se encontrava esverdeado. Por fim avistei um pequeno hematoma na lateral do pescoço. Cheguei mais perto do espelho e percebi um ponto escuro no centro do hematoma: a marca de uma agulha. Por quanto tempo eu tinha ficado sedado?

Lembrei-me de que DeWitt e Verrone o tempo todo se dirigiam a alguém do outro lado do espelho. Queria que eu acreditasse que estava sendo vigiado.

Levantei a barra sobre a cabeça e a desci contra o espelho, que se estilhaçou à minha frente. Para meu espanto, não havia nenhuma sala do outro lado, e sim uma parede.

A porta de acesso à sala ao lado estava fechada. Criando coragem, entrei no cômodo escuro, tateando em busca do interruptor. Quando acendi a luz, o susto foi tamanho que deixei a barra cair no chão. Eu conhecia aquele lugar. À exceção da mesa, da placa e do relógio, não havia mais nenhum móvel.

A última vez que eu estivera ali tinha sido pelo lado de fora, de onde eu enxergara a mesa de DeWitt através das persianas. Ela tinha sido arrastada para aquela espécie de antessala. À esquerda da porta havia alguns fios no chão, um triturador de papéis virado e uma enorme copiadora encostada à parede. Avistei um tiquete de estacionamento no chão. Ao abaixar para pegá-lo, notei o anúncio no verso:

Você vai sentir um medo terrível.

E não adianta se esconder.

VOCÊ ESTÁ SENDO VIGIADO.

Em junho nos cinemas.

Arrastei-me até a mesa. Meus pertences estavam na bandeja de plástico. Com a mão trêmula, guardei-os no bolso. Vasculhei o material sobre a mesa. Uma das

pastas caiu no chão, revelando várias folhas em branco. Examinei as outras e fiquei intrigado ao constatar que todas estavam em branco. Encontrei alguns blocos de papel e um pacote fechado de pastas dentro da primeira gaveta. Encontrei a chave da alagma no fundo do compartimento. Finalmente estava livre.

Achei um revólver na gaveta do arquivo. Fiquei com medo de pegá-lo. Eu sentia meu corpo dormente, pesado. Quando dei as costas para o arquivo, a arma já estava enfiada na minha cintura. Tropeçando pela sala, abri a tampa do triturador de papéis e retirei um saco plástico cheio de aparas. Eu precisava levar alguma coisa dali. No momento em que abri a porta, dei de cara com a placa de bronze: **NÃO ACEITAMOS CORRESPONDÊNCIAS SEM IDENTIFICAÇÃO. FAVOR NÃO DEIXAR ENCOMENDAS NAS SALAS VIZINHAS.**

Saí me arrastando pelo corredor do segundo andar do Starbright Plaza. Era noite. Parecia um sonho, mas tudo estava absolutamente normal. Os clientes andavam diante das lojas do térreo, alguns falavam ao telefone e refeições eram servidas num restaurante. As luzes de vapor de mercúrio do estacionamento refletiam nos carros parados à calçada.

Quando comecei a descer a escada, parei, olhando para o saco na minha mão.

Lembrei-me da frase que Jerry havia dito na semana anterior: Impressoras, copiadoras e aparelhos de fax têm HDs e as pessoas podem descobrir o que vocês andaram fazendo.

Voltei correndo. Havia uma copiadora esquecida na sala. Não encontrei nada estranho nas bandejas nem na parte superior. Abri a portinhola na base da máquina e espiei suas entranhas. Lá estava o retângulo bege aparentemente inofensivo. Com a ajuda de uma régua, puxei o HD. Anotei o modelo do aparelho e fui embora.

Eu não sabia o que viria pela frente. Talvez a polícia já tivesse expedido uma ordem de prisão em meu nome pelo assassinato de Ariana. Eu não fazia ideia de como andavam as coisas desde que aquela granada explodira no meu colo.

DeWitt, Verrone e as outras pessoas por trás da Ridgeline pretendiam me manter naquela sala até encontrar o CD e ter um álibi para o assassinato de Ariana. Em seguida me abandonariam e eu seria preso pelas mortes de Keith e de minha mulher.

Eu estava a pé e sem dinheiro. Os supostos tenentes levariam cerca de 40 minutos para chegar até o beco e constatar que não havia nenhuma parede de

tijolos aparentes. Até lá, eu poderia ir em casa, pegar dinheiro e talão de cheques, a lista de advogados que Ariana contatara e sumir do mapa antes que os policiais de verdade me achassem. Eu me esconderia num hotel qualquer, de onde entraria em contato com o advogado e negociaria os termos da minha rendição. Senti o cabo do revólver contra minha barriga. Havia outras opções.

Com o HD da copiadora no bolso e o saco de aparas na mão, caminhei rapidamente pelo térreo, passando diante de uma lavanderia fechada, onde as camisas penduradas pareciam fantasmas adormecidos. Continuei e fui até o restaurante, ignorando o balcão dos manobristas. Os clientes me olharam com estranheza e os garçons pareciam não saber o que fazer diante da minha presença. Eu devia estar com um aspecto horrível. O local estava começando a esvaziar, ainda que o relógio na Ridgeline marcasse 8:30 quando bati a porta.

– Que horas são? – perguntei a um senhor numa das mesas.

– Onze e quinze – respondeu, olhando para seu relógio pesado.

Eles tinham me mantido inconsciente por muito mais tempo que eu pensava. Por quê? Imaginei que talvez fosse para dar os últimos retoques na suposta sala de interrogatório. Ou quem sabe para esperar o momento certo de me levar da casa de Keith até o Starbright. Havia também a questão do transporte de Ariana até o cânion Fryman. Mas ela poderia ter sido morta antes que eu recobrasse a consciência.

De uma coisa eu tinha certeza: não importava o que havia dentro daquele disco, não valia o preço que eu pagara. Eu ainda estava grogue por causa das drogas injetadas no meu organismo. Percebi que continuava diante do casal, atrapalhando seu jantar. Finalmente perguntei:

– Que... que dia é hoje?

Nervosa, a mulher apoiou a mão no braço do marido, que abriu um simpático sorriso:

– Quinta-feira.

– Ainda bem – murmurei, dando um passo atrás e quase derrubando um garçom que carregava uma bandeja. – Era o que eu suspeitava.

Esquivando-me dos olhares dos clientes, entrei no banheiro, joguei o pré-pago no lixo e tentei melhorar meu aspecto. Ao me lembrar do rosto sem vida de Ariana, senti vontade de chorar. Engoli a tristeza e tratei de ir embora.

Roubei uma nota de 20 dólares deixada por um cliente sobre uma das mesas. No cabideiro ao lado da porta avistei uma jaqueta preta. Olhei para os lados, peguei-a e vesti-a enquanto me aproximava dos manobristas. Para minha sorte, o capuz do casaco escondia meu rosto machucado. O funcionário pulou da cadeira, fez um gesto em direção a um BMW estacionado mais à frente e disse:

– Ali. Meu carro é aquele ali. – Entreguei-lhe os 20 dólares. – Pode deixar que eu pego.

Ele jogou as chaves para mim.

METI O PÉ NO freio quando avistei os fundos da nossa casa e parei o BMW a poucos centímetros da calçada. Não me lembro do barulho dos pneus, da dor insuportável ao pular a cerca ou do cheiro de adubo das plantas. Na realidade, eu só conseguia pensar em Ariana.

É engraçado como nossa memória funciona. Em meio àquela confusão, lembrei-me do dia em que cheguei em casa e encontrei minha esposa sentada no chão da cozinha, procurando algo no armário, uma caixa de ovos aberta sobre a bancada. Voltando de sua corrida noturna, ela usava um top e estava completamente suada, o que fazia um interessante contraste com as quatro painéis em seu colo e as outras tantas ao redor. Olhou para mim com vergonha, como se eu a tivesse flagrado fazendo alguma besteira. Ela então me perguntou se eu queria alguma coisa.

Sorri e fiz um gesto negativo com a cabeça, dizendo que não queria nada. Falamos do amor como se ele se resumisse a dançar de rosto colado, fazer amor até de manhã e dar joias de presente. Mas esse sentimento pode muito bem significar ver a esposa sentada no chão da cozinha em posição de lótus depois de uma corrida, procurando uma frigideira dentro do armário.

Perplexo, passei pelo portão lateral, segurando a chave e seguindo em direção à porta da frente. Um carro preto na rua me trouxe de volta à realidade. O saco com papéis triturados caiu da minha mão. Não devia ser a polícia. Levaria alguns dias para o corpo de Ariana ser descoberto. Pensei em DeWitt e Verrone de volta para continuar com meu interrogatório, agora mais violento.

O motorista encostou o carro debaixo de uma árvore em frente à nossa caixa de correio e desligou o motor. A primeira sensação foi de medo, que logo deu lugar à raiva. Segui em direção ao veículo com a mão enfiada dentro da camisa, segurando o cabo do revólver. Quando eu estava prestes a sacar a arma, a porta se abriu e a luz interna iluminou o investigador Gable. Parei assustado.

– Você tem a obrigação agora de ficar sempre acessível – falou, saindo do carro.
– Será que se esqueceu disso? Onde você se meteu, Patrick?

Estávamos próximos um do outro. Fiquei na dúvida se deveria sair correndo. Mas minha coragem tinha desaparecido. Desanimado, dei um passo à frente e ajeitei a barra da camisa, escondendo o revólver.

– Então, vai me dizer por onde andou?

– Você entrou na minha casa e roubou o CD! Tem ideia do que aconteceu por causa disso?

– Você está repleto de razão, Patrick! Eu entraria na sua casa sem um mandado para roubar a porcaria de um disco e estragar a investigação mais importante da minha carreira!

Gable parecia estar sendo sincero. Percebi que ele não esperava ser recebido com tamanha hostilidade

– Veio me prender?

Ele se empertigou diante da agressividade perceptível na minha voz.

– As pessoas que se envolvem com você continuam morrendo.

– Pode me prender, mas só não invente mentiras – falei. – É uma questão de decência humana.

– Eu vi o corpo, Patrick. Você não foi decente com ela.

Deu um passo adiante e eu o empurrei contra o carro, derrubando-o no chão. Quando Gable se levantou, já estava com o revólver na mão, apontado para baixo, mas calmo como sempre.

– Calma, rapaz, calma!

– Pode dizer! Vai, diz! Diz que eu matei minha esposa.

– Sua esposa? – Ele parecia surpreso. – Estou aqui porque Deborah Vance está morta.

Deborah Vance? O nome parecia pertencer a alguém de outra encarnação.

Mas havia somente 12 horas que eu pedira a Joe Vente que informasse a polícia sobre a morte da atriz. Percebi então alguns fotógrafos saindo das sombras. Ao verem a arma, mantiveram distância, mas os flashes espocavam sem parar.

– Você induziu a investigadora Richards e o investigador Valentino a procurar por aquela mulher – falou. – Ela fez o papel da avó húngara, não é essa a história? Para pegar a suposta bolsa com dinheiro que você encontrou no porta-malas do suposto Honda? Quero saber a verdade. – Vapor saía de sua boca. – E quero saber qual é seu álibi.

– Não tenho álibi nenhum! E você acha que eu me importo com Keith Conner e Deborah Vance? Minha mulher está morta! Não estou nem aí para esses dois! A polícia não ajuda ninguém, e sim aponta o dedo na cara dos outros!

Dei um passo para o lado, vendo os fotografos já atrás de mim. A arma de Gable continuava apontada para baixo.

– Eles mataram minha mulher! – gritei cada uma das palavras, esforçando-me para não chorar. – E ainda fiquei preso numa cadeia de mentira!

– Cadeia de mentira?

Não era fácil explicar. Os detalhes da sala de interrogatório eram tão perfeitos que eu parecia estar falando de algo surreal. Gable me olhava com um meio sorriso na boca:

– E me deixe adivinhar: se formos até lá, não encontraremos mais nada! É isso?

A barra de ferro, o espelho e a placa na porta. Naquele exato momento DeWitt e Verrone deviam estar limpando a sala, deixando o escritório da Ridgeline vazio como vários outros daquele andar.

– É isso mesmo – concordei. – E vão encontrar o corpo de Ariana numa fenda do cânion Fryman com indícios de que eu a empurrei. Como são idiotas, vocês não vão acreditar em mim, já que não tenho nenhuma prova da existência dos verdadeiros assassinos, a não ser isto aqui.

Levantei a camisa, revelando o revólver escondido na cintura. Mas Gable não estava olhando para mim. Ele encarava a porta da nossa garagem, que se abria lentamente.

Minhas mãos largaram a barra da camisa antes que ele voltasse a olhar para mim. Ouvi passos vindo do interior da garagem. A arma de Gable então se moveu em direção à casa.

Ariana surgiu à nossa frente. Viva.

Eu não conseguia acreditar. Como se eu estivesse num sonho, comecei a andar até ela, parando à sua frente dentro da garagem. Agarrei-a pelos ombros, sentindo seus músculos firmes.

– Você estava morta – falei.

– Seu rosto, Patrick..

– Você desapareceu. Eles então a levaram e...

– Nada disso – falou Ariana. – Você desapareceu! – Virou minha cabeça para um lado e para o outro, avaliando o estrago. – Minha reunião acabou tarde e parei no mercado para comprar novos telefones. Você levou meu celular, esqueceu? Quando cheguei em casa, não havia ninguém.

– Todo esse tempo, você... você...? – Eu não sabia se ria ou chorava.

Gable ficou parado diante da garagem, vendo os flashes espocarem. Os ombros estavam ligeiramente arqueados, deixando-o parecido com um detetive de filme noir.

– Deveríamos prendê-lo, Patrick – gritou ele. – Assim nos livrariamos de uma bela dor de cabeça!

Apalpei Ariana, seus quadris, seus braços, verificando a realidade daquele corpo. Ela tocou a região do meu rosto menos ferida e lançou um olhar preocupado.

– O que aconteceu, Patrick? Quem fez isso contigo?

– Acha que pode nos fazer de palhaços? Brincar com a investigação? – perguntou Gable, furioso por estar sendo ignorado. – Vi o que fez com aquela mulher... A bala que meteu na sua cabeça. Quero ver se vai continuar a bancar o maluco quando eu colocá-lo atrás das grades. – Virou-se para retornar ao carro, mas antes berrou: – A próxima vez que eu voltar aqui, não vai ser para conversar.

Os olhos de Ariana não se desgrudaram dos meus. Esticou o braço em direção à parede, apertou o botão e a porta da garagem começou a baixar. O investigador Gable ficou parado enquanto a porta ia descendo, privando-nos de sua companhia.

As portas foram trancadas e o alarme, acionado. Os acontecimentos daquele dia deixaram os fotógrafos eufóricos, bebendo café de suas garrafas térmicas, andando de um lado para o outro no quarteirão, comparando suas lentes na calçada. Um helicóptero de uma emissora de TV voltou a sobrevoar nossa casa, na expectativa de novos acontecimentos. O saco com os papéis triturados estava no balcão da cozinha ao lado do HD que eu retirara da copiadora da Ridgeline. O revólver se encontrava em cima da mesa. Gable e a Divisão de Roubos e

Homicídios tentavam reunir todas as provas possíveis contra mim. Sem dizer que a imprensa já se encarregava de nos vigiar. Enquanto isso, DeWitt e Verrone deviam estar planejando o próximo passo. E Ariana e eu estávamos sentados no sofá, de mãos dadas e mais felizes do que nunca.

Passei minha mão pelo seu nariz, pelo seu pescoço, por todo o seu corpo, certificando-me de que ela estava viva. Encostei meus dedos em seus lábios, sentindo o vapor de sua respiração. Fiquei emocionado ao ver o sangue fluir por suas veias, como se aquele impressionante detalhe da perfeição humana pudesse apagar definitivamente da minha memória a imagem de seu corpo sem vida. Inclinando-se para a frente, Ariana me deu um beijo hesitante, sussurrando ao meu ouvido:

– Será que você ainda se lembra do meu corpo?

– Nunca me esqueci dele – respondi. – E você se lembra do meu?

– Não sei. – Ela se afastou, contraindo os lábios como se avaliasse o sabor da própria boca. Levantou-se e subiu a escada. Peguei o revólver e fui atrás dela.

Era como se o mundo se resumisse a nós dois naquele quarto. Havia meses que não nos víamos sem roupa. Os lençóis escondiam nossos movimentos frenéticos. Os dedos das mãos de Ariana eram leves como pluma. Sua boca úmida percorria meu corpo sem cerimônia. Fiquei alguns minutos contemplando as curvas de minha esposa: o quadril, a cintura e os seios perfeitos. De tempos em tempos, relaxávamos no colchão, exaustos, nossos corpos entrelaçados.

O revólver ficou o tempo todo sobre a mesinha de cabeceira, como se fosse o guardião de nosso santuário, mantendo-nos livres dos perigos da noite. As peças de roupa formavam uma trilha até a porta do quarto. O agasalho com capuz de Ariana dos tempos da faculdade. A camiseta da praia de Morro Bay, que compramos ao nos hospedar num hotel pulguento. A calça jeans manchada de verniz que ela usava na oficina. E coroando o rastro de roupas, sua aliança estava em cima do travesseiro. Aqueles objetos eram um resumo de nosso relacionamento.

Com o ouvido encostado na coxa de Ariana, eu escutava sua voz reverberando pelo corpo:

– Senti sua falta – falou.

O calor de sua pele me aquecia.

– Parece que acabei de te conhecer – declarei.

A ADRENALINA ME DEIXOU ACORDADO quase até de manhã, quando meu estado de alerta cedeu diante das várias noites passadas em claro. Dormi um sono pesado, sem direito a sonhos nem preocupações, como não acontecia desde a adolescência. Ao acordar, o revólver não estava mais na mesinha de cabeceira, mas os passos de Ariana pela cozinha me tranquilizaram. Quando finalmente me levantei da cama e tomei quatro comprimidos contra a dor de cabeça, já eram quase duas da tarde.

Com a arma no colo, Ariana estava sentada de costas para mim na sala de estar, examinando os pedaços de papel fragmentado que eu roubara da Ridgeline. O maior devia ter o tamanho de uma moeda. Ao me aproximar, percebi que ela fizera algumas pilhas organizadas por cor. Devia ter acabado de começar a tarefa, pois o monte de papel mais alto tinha no máximo 10 pedaços.

– A cor predominante é branca – falou enquanto eu me aproximava. – Depois vem cinza e cor-de-rosa. Parece o folheto de algum restaurante. Mas tem uns pedaços mais grossos. Estranho.

Ergueu uma tira branca e prata e eu a peguei. Pressionei-a entre o polegar e o indicador.

– A capa de alguma revista? – arrisquei.

– Ainda não achei nada escrito.

Recostou-se nas minhas pernas e olhou para mim. Havia um lírio lilás atrás de sua orelha.

– Você não... – Parei.

Ela ergueu uma das mãos e, encabulada, tocou a flor.

– Reparou que eu tinha parado de usar essa cor?

– Reparei.

Não sorriu, mas percebi que ficara contente com minha observação. Voltou a separar os fragmentos de papel.

– Acha que vai conseguir alguma coisa juntando isso aí? – perguntei.

– Acho que não, mas é uma das duas pistas que trouxe de lá. Eles fizeram de tudo

para encontrar o CD. Quem sabe não consigamos uma pista que nos leve até ele? A propósito, você vai perguntar à administração do Starbright Plaza quem é o proprietário da sala?

– Não saio mais do seu lado, Ariana. Esqueceu que estava morta até ontem à noite...?

– Patrick, não vamos sair dessa se ficarmos escondidos em casa. Vamos ficar abraçadinhos até que a turma da Roubos e Homicídios arrombe nossa porta?

Minha vontade era dizer que, depois das 24 horas anteriores, meu plano era justamente aquele. A ideia de ficar longe de Ariana era insuportável.

– Não faz sentido ir até o centro comercial – falei. – Já sabemos qual seria o resultado. Eles estão vigiando aquele lugar. Se eu pedir à polícia que vá até lá, é mais um motivo para Gable grudar no meu pé. Além disso, já peguei tudo que me interessava. – Olhei para o HD no balcão da cozinha. – Por falar nisso, preciso descobrir as lojas que têm o mesmo modelo de copiadora.

– A lan house aqui da rua tem uma – comentou. – Aquela da Ventura também.

Talvez eles possam ajudá-lo.

– Você é simplesmente genial – falei, ficando alguns segundos com a boca aberta.

– É porque não ganhei uma granada de presente. – Brincou e em seguida o telefone começou a tocar. – Deve ser a Julianne. Está ligando desde cedo.

– Por que não me acordou?

– Tentei, mas o morto aqui era você! – Fez outra piada.

Agarrei o telefone.

– Oi, Patrick! – A voz de Julianne estava abafada. – Preciso do material que você vai entregar ao professor substituto. É urgente!

Comecei a responder, mas parei no meio. Ela já sabia que eu tinha entregue os papéis à chefe do departamento. O que queria dizer com aquilo?

– Certo – falei com cautela. – Posso deixá-lo com você, mas...

– Não vai dar. Vou à festa de aniversário do sobrinho do Marcello às três no

Coldwater Canyon Park – Marcello era filho único, portanto não tinha sobrinhos. Julianne talvez quisesse se encontrar comigo. – Mas sem problemas. Ligo amanhã e combinamos um horário.

Antes que eu descobrisse um jeito de dizer que não queria sair de casa, ela desligou.

– O que houve? – perguntou Ariana.

– Ela quer se encontrar comigo no Coldwater Canyon Park – Olhei para o relógio. – E agora. Ela está levantando algumas informações para mim.

– Você vai, não é? – Eu ia responder que não, mas fiquei quieto. Ariana então começou a falar num tom sério. – Patrick, sei que quer ficar em casa, mas está na hora de partirmos para a ofensiva. Precisamos nos dividir e trabalhar. – Gesticulou com a cabeça para os pedaços de papel. – Vou levar um tempo separando isso tudo aí. Além disso, preciso contatar o advogado. Vai lá. Vou ligar o alarme e tenho isto aqui. – Segurou o revólver.

– Você sabe atirar?

– Eu aprendo – respondeu, passando a mão no meu rosto.

Aquela resposta me deixou emocionado:

– Eles têm armas, Ariana. Sem dizer que sabem como desarmar o alarme.

– Ok, mas eles não podem desarmar isto aqui.

Fomos até a sala de estar e ela abriu as cortinas. Os fotógrafos e os repórteres na calçada ficaram a postos. Ela acenou para os flashes que espocavam e fechou novamente as cortinas.

– Então, o que Julianne quer?

– Parece que descobriu alguma coisa – respondi.

– Você sabe o que é?

– Algo que vai me livrar dessa confusão de uma vez por todas. Se eu tiver provas, Sally vai me ajudar.

– Ela já disse que está fora do caso.

– Eu duvido muito, Ariana, eu duvido...

– Seu carro ainda está na casa de Keith, certo? Então vá com a picape! – Era uma ordem. Ariana estava certa: precisávamos atacar nas duas frentes. Respirei fundo e disse:

– Não posso. Os fotógrafos vão me seguir. Preciso de um carro desconhecido. Vou com o BMW.

– Agora, vá! – Fez um sinal em direção à porta.

Enfiei o HD da copiadora no bolso, peguei os dois pré-pagos que Ariana tinha comprado e gravei o número de cada aparelho na agenda do outro. Poderíamos nos falar com segurança. Respirando fundo, beijei o rosto dela e me encaminhei até a porta de trás.

– Pode atrair a atenção deles lá na frente? – perguntei.

– Claro que posso – respondeu. – Vou mostrar os peitos para eles. Como nos tempos da faculdade.

– Mas você nunca fez isso!

– Eu sei, mas me arrependo...

Levantou-se e limpou os pedacinhos de papel que estavam grudados nas suas mãos. Percebi que seus dedos tremiam. Ariana sentia tanto medo quanto eu. Ela percebeu que eu a encarava e enfiou as mãos nos bolsos. Respirou fundo:

– Ontem à noite foi um novo começo para nós. Então tome cuidado!

A área de recreação não deixava dúvida de que eu estava em Beverly Hills. Embalagens de sanduíches e copos de limonada espalhados pelos bancos, paredes de escalada e uma atriz de TV usando óculos escuros gigantes e brincando com uma criança que estava aprendendo a andar. As mães conversavam em pequenas rodas enquanto os pais ficavam distantes, berrando em seus celulares ou concentrados em seus iPods.

Julianne escolhera o parque, achei eu, porque ali só tinha gente famosa ou que se considerava famosa. Eu e meu boné dos Red Sox provavelmente passaríamos despercebidos. Ela me esperava perto dos balanços, como uma tia solteirona isolada numa festa de família. Estacionei meu carro roubado, o BMW com as

janelas convenientemente cobertas por películas escuras. Eu me preparava para sair do carro quando minha mão ficou paralisada na maçaneta da porta. Tomado de pavor, olhei para todos os lados enquanto pegava o celular.

– Onde você está? – perguntou ela depois que eu falei seu nome.

– Estou à sua esquerda. Vire, vire, vire mais. Aqui.

– No BMW?

– No próprio.

– Ficou rico? Quero explicações...

– A história é longa.

– Você me deve mais essa. Falei com meu contato no Washington Post. Um colega dele está por dentro de tudo, desde o momento em que o Clinton assinou o projeto de lei em 1995.

– Espere um minuto! Por dentro de tudo?

– A sede da Ridgeline fica no Golfo Pérsico, mais precisamente no Bahrein. – Parou para ouvir minha reação. – É especializada em segurança de altos executivos.

De repente o interior do carro ficou quente. Sacudi a camisa para me refrescar.

– E por que uma empresa teria um escritório num centro comercial como o Starbright?

– Na verdade, o serviço de segurança executiva serve de fachada. A Ridgeline se esconde por trás de várias empresas e laranjas. Mas descobri que foi criada para atender a um único cliente: Festman Gruber.

Julianne andava entre os balanços, segurando os cabelos ruivos com uma das mãos. Uma família desceu de um Porsche ao meu lado, uma menininha brincando com um celular de plástico. A irmã mais velha arrancou o objeto de suas mãos:

– Isto não é brinquedo!

– Não conheço Festman Gruber – falei, num tom baixo.

– Em que mundo você vive? É uma companhia gigantesca especializada em segurança e tecnologia com faturamento de 70 bilhões de dólares. São mercenários contemporâneos. Se quiser fazer uma guerra, é só falar com eles. Acho que podem estar por trás dos seus problemas. Temos todos os indícios.

– Indícios que podem estar errados.

– Não sei, Patrick

– Qual a especialidade deles?

– Equipamento de segurança, claro. Além de...

– Radares!

Parou de andar. Um balanço ao lado dela sacudia por causa do vento.

– Exatamente! – Vi a boca de Julianne formar a palavra e ouvi sua voz com meio segundo de atraso. Era ridículo estar escondido num carro em vez de falar com ela pessoalmente. Ela levou a mão ao bolso traseiro, retirou um caderninho e começou a folheá-lo. – A Festman tem sede em Alexandria.

Lembrei-me de que o envelope que eu tinha roubado da Ridgeline havia sido postado em Alexandria. E o bilhete: Vou sumir. Não entre em contato.

“Vou sumir”? Um agente da Ridgeline dentro da Festman Gruber? Por que teriam um espião na empresa que os contratava? O motivo, percebi, estava no próprio canhoto da transportadora: Documentos de seguradora.

De repente tudo fez sentido. A Ridgeline tinha sido contratada para fazer o trabalho sujo da Festman Gruber: matar Keith e inviabilizar o documentário que ameaçava os interesses da empresa. Eles deveriam me incriminar pelo assassinato do ator. No entanto, depois que a polícia me liberou da prisão, a Ridgeline passou a exigir uma espécie de seguro, uma garantia caso a Festman decidisse abrir o bico. Ela conseguiu se infiltrar na Festman ou subornou algum funcionário da empresa, para que a pessoa conseguisse as informações sobre as falcatuas gravadas naquele CD aparentemente virgem. Por isso a Ridgeline estava desesperada para recuperar o disco. Assim ela teria um trunfo nas mãos e impediria que sua contratante descobrisse a traição.

Mas se a Ridgeline ainda não tinha recuperado o disco, e supondo que a Festman ainda não soubesse de sua existência, quem diabo teria roubado o CD da nossa casa? Julianne ainda estava falando:

- Desculpe, o que você estava dizendo? – perguntei.
- Eu dizia que a Festman tem sede em Alexandria. Mas existe uma filial aqui na Califórnia. Evidentemente, a empresa opera no Atlântico e no Pacífico.
- Por que evidentemente?
- Ora, os radares!
- Claro, claro, tinha me esquecido disso.
- A cada dois anos eles realizam exercícios no Pacífico, onde investem a maior parte das verbas de pesquisa e desenvolvimento. Mas o alcance deles vai além do litoral.
- Como assim?
- Vários críticos da Festman já apareceram mortos. Dois anos atrás um ativista sofreu um acidente e despencou numa fenda no Alasca. Um jornalista de Chicago que investigava a empresa cometeu suicídio. Coisas desse nível, Patrick. A Festman esteve no centro das atenções há alguns anos.
- Portanto, a morte de uma celebridade pegaria mal para eles, certo? Principalmente se ela estivesse por trás de um documentário sobre os perigos causados pelo radar que fabricam!
- Daí a necessidade de Patrick Davis, o bode expiatório! Afinal de contas, quem ligaria o homicídio de Keith Conner a uma empresa de tecnologia naval? É onde você entra com seu taco de golfe nas mãos...

– Eu não estava com o taco nas mãos!

– Tudo bem. Se você não estivesse naquele quarto de hotel, talvez as pessoas conseguissem relacionar a morte de Keith à Festman. – Ela respirou fundo. – A verdade é que as duas empresas andam de mãos dadas.

A lembrança do envelope da transportadora me deixou aliviado. A relação entre aquelas duas empresas começava a azedar, já que a Ridgeline estava agindo contra os interesses de sua contratante. Pelo menos agora eu sabia onde estavam os pontos fracos daquela aliança. O CD era a solução dos nossos problemas.

Liguei o motor e afastei-me lentamente.

– Acho que isso já ajuda, não é? – perguntou Julianne, fingindo estar sendo

humilde.

– Você é maravilhosa!

Pelo retrovisor, eu podia vê-la ao lado do balanço, com o telefone ao ouvido e uma das mãos protegendo os olhos contra o sol. Dobrei à esquina e ela desapareceu, mas sua última frase foi enigmática:

– Cuidado, Patrick. Você está entrando em águas nunca dantes navegadas.

– DESCULPE, MAS O SENHOR não pode fazer isso.

Eu estava agachado diante da copiadora com o painel aberto e o HD nas minhas mãos. Embora eu estivesse de costas, era impossível inserir o disco rígido da Ridgeline sem que o funcionário percebesse. Enfiei no bolso da minha calça o disco da lan house antes de me virar, mantendo o outro dispositivo à mostra.

– Peço desculpas. A máquina travou. Eu estava dando uma olhada...

– ... no HD? – O atendente, um universitário com uma cabeleira loura e brincos que deformavam suas orelhas, mascava um chiclete com a boca aberta. – Não pode fazer isso. Por favor, entregue-me o disco. – Tirou da minha mão o HD da Ridgeline. Simulei uma resistência, mas então ele se abaixou e encaixou o disco na copiadora. – Se o senhor ficar mexendo no nosso equipamento...

De repente ele pareceu ter se lembrado de algo e a expressão em seu rosto se alterou. Sally e Valentino tinham estado ali, examinando a lista dos clientes da lan house e provavelmente com uma foto minha nas mãos. Ou talvez ele me reconhecesse do noticiário. Os ferimentos no meu rosto também não me ajudavam. Recuou até o balcão.

– Desculpe – falou. – Está tudo bem.

Fingi estar concentrado na leitura de uma revista chamada Y: O último homem, mas me olhava esporadicamente. Digitei as teclas de acesso à memória da copiadora e apertei o botão de imprimir. Meus dedos tamborilavam sobre o balcão enquanto a máquina cuspiam as folhas. Olhei por cima do ombro para me certificar de que o atendente não estava ligando para a polícia. Eu estava tão agitado que não conseguia prestar atenção nas folhas que caíam na bandeja. O número no visor da máquina marcava 30 cópias. Tirei uma nota amassada do bolso, paguei o funcionário e corri até o carro.

Eu suava frio ao pensar que Ariana estava sozinha em casa. Após dirigir alguns quarteirões, encostei o carro e liguei para ela. Meu coração bateu forte até ela atender.

– Ainda está viva? – perguntei.

– Não sei. Só um minutinho que vou dar uma olhada. Ah, estou, graças a Deus!

– Os fotografos ainda estão por aí?

- Nossos anjos da guarda? Sim, grudados na janela.
- Ligue para mim se eles forem embora.
- Quando forem embora, a gente vai dar uma festa, Patrick. Anote o que estou dizendo!

Desliguei e respirei fundo, as cópias no meu colo. Avistei algumas nuvens de chuva e precisei ligar a luz interna para examinar a folha que estava logo em cima. Era uma foto minha na janela de casa olhando para a rua, o vidro borrando os traços do meu rosto. A imagem fora feita por uma câmera de segurança e tinha uma atmosfera sobrenatural por causa da qualidade da cópia.

Keith também aparecia em várias fotos tiradas alguns dias antes de sua morte. Uma folha listava vários números para os quais ele tinha ligado do seu fixo e do seu celular. As imagens seguintes, todas feitas por câmeras de segurança, mostravam um senhor de terno saindo de uma limusine diante de um edifício comercial com um logotipo na fachada: a letra N dentro de um círculo. Tinha cavanhaque grisalho e porte altivo. Em seguida estava a cópia de uma conta de celular com vários números sublinhados em nome de Gordon Kazakov. Seria mais um inimigo da empresa? Mais fotos de homens e mulheres. Um sujeito numa barraca de camping na neve: seria o ativista que “despencara” numa fenda no Alasca? Ali havia respostas a perguntas que eu nem sabia quais eram.

Continuei passando as folhas. Passagens aéreas, contas de hotel, mais contas de telefone, um extrato bancário com transações sublinhadas, canhotos de cheques e recibos de transferências. Havia nomes ao lado de alguns pagamentos: Mikey Peralta, Deborah Vance, Keith Conner e, claro, Patrick Davis. Parecia um cardíaco: lá estavam os respectivos valores para “espionar”, “incriminar” e “matar”.

A folha a seguir era a cópia de quatro ordens de pagamento, cada uma de 9.990 dólares, valor abaixo do limite de 10 mil dólares sobre o qual o banco é obrigado a informar às autoridades financeiras. Rabiscado na parte superior de cada ordem via-se 1.117.

Que diabo era aquilo? Uma senha? O número de uma conta? E por que aqueles pagamentos mereciam tanto destaque?

Finalmente cheguei à última folha. Era uma foto do corpo de Keith no quarto do Hotel Angeleno. O afundamento na testa e o rosto empapado de sangue me levaram de volta àquela terrível noite. Examinei a imagem com atenção. O flash refletia no vidro de um quadro e a imagem havia sido batida à 1:53. Cinco

minutos antes de eu entrar no prédio. Eu não poderia ter estado ali naquele momento, muito menos batido a foto: eu não tinha nenhuma câmera ao ser preso.

Estava tão empolgado que minhas mãos começaram a tremer. Limparia meu nome e revelaria os detalhes daquela armação. Antes de me levarem até aquela sala vazia no Starbright, DeWitt e Verrone deviam ter copiado aqueles documentos para que a Ridgeline tivesse um dossiê que os protegesse de futuras ameaças. As transações com a Festman Gruber estavam minuciosamente registradas, com direito aos números das contas bancárias. Se uma empresa afundasse, a outra teria o mesmo destino. Não ia sobrar nada. Mas eu não estava a bordo. Eu tinha ficado em terra e meu dedo estava em cima do detonador. Encontrei Sally Richards no celular. As vozes ao fundo mostravam que ela estava numa festa, então fui breve:

– Preciso de 10 segundos para falar com você.

– Diga, Patrick

– Tenho provas concretas de que não matei Keith Conner. Fui envolvido numa conspiração. É nossa chance. Entrego tudo a você e ao Valentino numa bandeja de prata. Quero um encontro de cinco minutos.

Parei de falar e ouvi o barulho de um rádio, de alguém contando uma piada e de uma coleira de cachorro chacoalhando. Percebi o sol mergulhando atrás de uma barreira de nuvens e o céu logo adquiriu um tom cinzento. Ela não tinha desligado, mas também não respondia.

– Vamos – disse eu. – Onde está a velha curiosidade?

Silêncio. Minhas esperanças se dissipavam junto à luz do dia.

– Conheço um lugar – ela finalmente falou.

A Mulholland Drive corre pelo alto das montanhas de Santa Monica, de onde é possível avistar toda a cidade de Los Angeles. Para o Norte, o vale se estende como um manto bordado de lantejoulas, com seus estúdios de cinema, o tráfico de drogas e a indústria pornográfica. A bacia de Los Angeles, a oeste e ao sul, é mais amena em todos os sentidos e faz questão de deixar isso claro. As caríssimas residências da região terminam numa faixa de areia do poluído Pacífico. A Mulholland é uma rua glamorosa condizente com uma cidade

glamerosa, mas com tentações e perigos a cada curva.

Finalmente dobrei numa estradinha de terra enquanto uma nuvem de poeira se levantava para escoltar meu carro até o portão amarelo. PROIBIDO ESTACIONAR DURANTE A NOITE. Encostei o BMW ao lado do carro de Sally, peguei as folhas e subi até a velha base de mísseis. Quatrocentos metros trilha acima estava nosso local de encontro, uma antiga relíquia da Guerra Fria.

Os prédios pareciam brinquedos abandonados de um playground: decrépitos, enferrujados e sem movimento de pessoas. O complexo militar não era grande coisa, talvez porque o poder nunca de fato tivesse se concentrado ali. As carcaças dos mísseis ficavam escondidas em silos nas montanhas ao redor.

Meus sapatos estalavam sobre as pedras. O ar estava pesado e tinha cheiro de chuva. Uma trilha sinuosa seguia até a torre de observação hexagonal. Subi uma escada íngreme de metal que serpenteava com uma precisão militar. Placas davam informações sobre o lugar: um museu antiquado, uma cápsula do tempo perdida, uma lembrança da paranoia do passado.

A previsão feita por Kruchev chamava a atenção numa placa fixada na base da torre: NÓS IREMOS ENTERRÁ-LOS. Respirando metal e poeira, imaginei os militares barbeados que tinham defendido aquelas instalações, fumando seus cigarros com os olhos fixos no horizonte, esperando a troca da guarda ou o fim do mundo.

A escada parecia subir para as trevas. Senti medo ao olhar para cima. Eu não queria estar ali, e sim ao lado da minha mulher com o alarme de casa ligado. Mas continuei, sentindo a solidéz da construção diante do vento noturno. O ar assobiava pelo corrimão e pelos degraus de aço, mas a torre em si não reclamava.

Quando cheguei ao topo, eu estava sem fôlego. Avistei Sally observando a escuridão através de um telescópio. Pelo canto do olho ela percebeu minha chegada:

– Num dia claro é possível enxergar Catalina.

Caminhando em círculos e com o rosto brilhante de suor, Valentino parecia procurar bombardeiros no céu.

– Por acaso a Roubo e Homicídios pegou um CD na minha casa ontem? – perguntei.

– Não – respondeu Sally. – Não que eu saiba. – Ela demonstrou desconforto diante do olhar de Valentino. – Tenho acompanhado o caso – falou com o parceiro. – Fofocas de corredor. E só.

– Cuidado com a exoneração, Sally... – Ele ergueu os braços e se dirigiu à escada. – Não vou segui-la nesse caminho.

– Já que estamos aqui – retrucou ela –, vamos ver o que ele tem a mostrar!

– Tenho uma foto do cadáver de Keith Conner batida cinco minutos antes de eu entrar no quarto – falei.

A boca de Sally se contraiu enquanto Valentino colocava o primeiro pé no degrau.

– Essa batata é muito quente para nós – disse o investigador. – O capitão disse o que aconteceria conosco se metêssemos o nariz onde não fôssemos chamados. Tenho quatro meninos para criar. Portanto, adeus!

Estendi a foto e na mesma hora Sally se aproximou de mim, cética. Examinou meu rosto machucado e depois pegou a imagem das minhas mãos. Sua expressão de indiferença logo desapareceu:

– Mesmo que o horário da foto tenha sido forjado – falou –, você não estava com nenhuma câmera.

Sally não conseguia tirar os olhos da foto. Esticou a mão em busca do corrimão e, ao encontrá-lo, encostou-se como se precisasse de um apoio.

– O que mais?

Mostrei as fotos de Keith tiradas pelas câmeras de segurança.

– Foram feitas por uma empresa chamada Ridgeline. Dois funcionários dela me sequestraram. – As sobancelhas da investigadora se arquearam. Levantei o indicador: – Eu sei, posso explicar. Keith estava filmando um documentário que denunciava os radares marítimos como principais responsáveis pela morte de baleias.

– Eu sei, o filme se chama Nas profundezas – adiantou-se Sally. – E matam golfinhos também.

– Há uma proposta tramitando no Senado sobre a redução dos níveis de ruído dos radares. O documentário ia ser lançado numa tentativa de influenciar a votação.

Uma empresa chamada Festman Gruber ganha milhões vendendo o equipamento. E vai perder muito dinheiro se a proposta for aprovada.

– Será que não pode acabar logo com isso? Vai acabar ficando doida! – gritou Valentino parado na escada.

– Então eles apagaram Keith e incriminaram você? – Sally parecia não acreditar nas próprias palavras, exibindo um sorriso amarelo. – Existem provas para sustentar sua teoria?

– Tenho registros bancários e telefônicos que ligam a Ridgeline à Festman Gruber. Sem falar dos nomes das pessoas mortas ao lado dos pagamentos.

Entreguei as folhas a Sally, que as examinava franzindo a testa e mordendo os lábios. Contrariado, Valentino voltou para espiar por cima do ombro da parceira.

– E há esses saques estranhos feitos por eles – falei.

– Por que estranhos? – perguntou o investigador.

– Tem uma senha ao lado. Bem aqui.

Virei a folha e apontei para as ordens de pagamento acima das quais era visível o número 1.117. Valentino olhou para baixo e instintivamente abriu a trava do coldre. Sua mão tremeu indecisa sobre o cabo da pistola. Mas, num gesto rápido, sacou a arma e atirou contra o peito de Sally.

UMA MANCHA DE SANGUE surgiu na blusa de Sally. Ela deu um passo para trás, o peso do corpo apoiado na perna curvada, e então desabou. Assustados, Valentino e eu a vimos tremer e engasgar. Em seguida ele apontou a arma na minha direção.

O cano disparou novamente e senti o deslocamento de ar ao lado da minha cabeça, mas eu já tinha pulado para a escada, batendo com o ombro no corrimão e rolando pelos degraus, valendo-me da grade lateral para me proteger dos disparos de Valentino. Assim que cheguei à base da escada, vi que o investigador falava com sua parceira.

– Meu Deus, você está ferida! Por que foi fazer isso, Sally? Tentei fazer com que desistisse. Mas você não me deu escolha. Agora está ferida. Deus do céu!

Ouvi um barulho de gargarejo e de algo líquido pingando no piso de metal. Em seguida percebi um gemido baixo, masculino, que aumentou de volume e se tornou mais fino, acompanhado de vários golpes violentos. Valentino estava esmurrando o chão.

– Eu não podia concordar com isso. – Ele soluçava. – Quem ia cuidar dos meus meninos? – Não conseguia ouvir nenhuma voz feminina. – Desculpe, mas agora abra os olhos, Sally. – Ele chorava feito uma criança. – Abra os olhos, pelo amor de Deus!

Dobrei os documentos e os enfiei no bolso. O vento aumentou, abafando a serenata estridente dos grilos. Quando comecei a me afastar, Valentino percebeu minha movimentação e se levantou. Ouvi quando ele berrou ao rádio:

– Policial ferida! Estou com uma policial ferida na torre de observação da base de Mulholland. Mandem reforços e socorro médico agora! – A voz dele oscilava. Ofegou durante alguns segundos, recuperando o fôlego, e então prosseguiu:

– O agressor, Patrick Davis, arrancou a pistola da minha mão e disparou contra ela. Estou com a arma da minha parceira e em perseguição. Câmbio.

O silêncio tomou conta do lugar. Ficamos apenas nós dois: eu embaixo e Valentino no alto da torre. Ambos respirando em silêncio. Os pés do investigador avançaram lentamente pela plataforma e então alcançaram a escada. Desesperado, eu combinava meus passos com os dele. Ele avançava, eu recuava. A lembrança da foto na mesa de Sally, a investigadora segurando uma criança, fez com que eu não acreditasse no que tinha acabado de testemunhar.

Valentino acelerou a descida, a sombra das pernas tremeluzindo nos espaços entre os degraus. Acelerei também, mas pensei no escuro, na arma apontada diretamente para as minhas costas. Eu tinha duas opções: correr e levar um tiro ou dar meia-volta e enfrentá-lo.

Sentindo as pernas pesadas, voltei e me agachei embaixo da escada da torre.

Sob o primeiro lance, o solo era bastante íngreme. Eu me espremi embaixo do patamar enquanto meu corpo parecia pressentir a queda iminente. Ofegante, esforçava-me para conter minha respiração.

Meus sapatos escorregaram e eu tropecei, mas minha mão agarrou um degrau, recuperando o equilíbrio. Os passos de Valentino de repente desaceleraram e as solas dos seus sapatos ficaram visíveis no lance acima de mim. Ele se preparava para o bote. As pontas das botas brilhavam com o sangue de Sally e as barras da calça estavam manchadas de vermelho. Enquanto descia o último lance, soltei a mão lentamente. Os vãos entre os degraus retalhavam-no em faixas horizontais – sapatos e tornozelos, coxas e cintura, peito e pescoço –, mas, quando ele se posicionou exatamente em cima de mim, enxerguei a pistola apontada para a frente.

Ele se movia ainda mais devagar. O vento tinha ficado mais forte e encobriria qualquer ruído que eu fizesse. Fiquei na dúvida se o investigador já tinha me visto. Ele de repente saiu do meu campo de visão, escondido pelo patamar. Percebi que havia prendido a respiração e agora não podia soltá-la. Meus pulmões queimavam. Os pés dele pisaram no aço. E pisaram novamente. Avistei a arma e por pouco não saí correndo. Mas a pistola estava apontada para outra direção. As mãos de Valentino finalmente entraram no meu campo de visão, depois os punhos e os antebraços. Apontava para a trilha e respirava com dificuldade. O pé esquerdo pisou no segundo degrau, a 20 centímetros dos meus olhos. Sentia o cheiro de sangue nas solas. O outro pé pousou no primeiro degrau, parecendo se mover em câmera lenta.

Eu tremia em meio à escuridão. Vi o calcanhar dele avançar, milímetro a milímetro. Durante uma fração de segundo, fiquei paralisado. Então, num gesto de fúria e pavor, estiquei o braço entre os degraus, agarrei seus tornozelos e os puxei com toda a força em minha direção.

Valentino soltou um grito e caiu. Um tiro ecoou pelo metal da escada. Ele escorregou por sobre alguns degraus e bateu com a cabeça no chão, parando com as mãos para fora da escada. Murmurou algumas palavras, mas logo a noite foi tomada pelo canto dos grilos.

Permaneci agachado, paralisado, esperando algo acontecer. De repente algumas gotas vermelhas começaram a escorrer pelo primeiro degrau e pingaram na terra. Sai de debaixo da escada.

Valentino estava recostado ao pé da escada. Seus olhos giravam pelas órbitas, mas no momento em que me aproximei eles me encararam. Havia uma pequena perfuração na base de suas costelas e o buraco na camisa era do tamanho de uma moeda. Sua mão direita tinha dificuldade para segurar a pistola, mas o dedo continuava no gatilho. O peito arfava e o pulmão produzia um ronco estranho.

A lapela direita do blazer estava virada e a luz da lua atravessava os degraus da escada, iluminando o distintivo que ele trazia no cinto e que exibia o misterioso número: DPLA 1.117.

A mão dele agarrou o cabo da pistola e eu me afastei, mas Valentino já não tinha forças para levantar o braço. Suas sobranceiras arquearam. De repente sacudiu a cabeça, retesou uma das pernas e a arma disparou contra o chão. Um novo disparo. E mais um. Os tiros ecoaram pelas montanhas, pelas árvores e pelos silos que abrigavam as carcaças de mísseis. O coice do último disparo acabou derrubando a arma de sua mão. Indefeso, olhou para a pistola, as lágrimas se misturando ao suor de seu rosto.

O ruído provocado pelos pulmões era cada vez mais baixo. As pernas estremeceram e seus olhos se fixaram nos meus. Ajoelhei-me diante dele como numa prece. No entanto, eu não conseguia pensar em nada. A placa fixada logo acima de Valentino resumia com perfeição aquele momento: NÓS VAMOS ENTERRÁ-LOS.

Um zumbido alto quebrou minha concentração. Dei um salto para trás e caí de costas, mas me levantei rapidamente. O zumbido então soou de novo, vindo do bolso da camisa de Valentino. Aproximei-me do corpo devagar, meus nervos à flor da pele. Mantendo o rosto afastado, estiquei o braço e retirei seu celular.

Li a mensagem: VAMOS ENTRAR AGORA. ESTA MENSAGEM SE APAGARÁ EM 17 SEGUNDOS. 16. 15. 14...

Entrar onde?

Um arrepio percorreu meus ombros doloridos. Aquele texto era uma resposta. Desesperado, encontrei a mensagem enviada por Valentino: ELE VAI SAIR DE CASA ÀS 8:00. UMA VIATURA ATENDERÁ A UMA CHAMADA FALSA DUAS CASAS ACIMA, PARA CHAMAR A ATENÇÃO DOS FOTÓGRAFOS.

ELA VAI ESTAR SOZINHA.

FIQUEI ENCARANDO A TELA do aparelho sem esboçar qualquer reação. Meu cérebro tentava digerir o que eu acabara de ler. A mensagem desapareceu, uma vinheta anunciando sua exclusão, mas as letras pareciam ainda flutuar à minha frente.

Quando já tinha descido três metros pela trilha de terra, surpreendi-me ligando para minha mulher pelo celular de um morto. A pistola estava enfiada na cintura da minha calça e as cópias se encontravam amassadas no meu bolso. O aparelho piscava sempre que eu pressionava a tecla “Enviar”. Quando cheguei à estrada de terra, a tela dizia que não havia sinal.

Sem diminuir meu ritmo, encontrei meu pré-pago, segurei-o na outra mão e comparei as duas telas: sem sinal também. O relógio do celular marcava 19:56. Em quatro minutos eles chegariam à nossa casa.

O solo acidentado fez com que eu caísse, ralando as mãos e perdendo o pré-pago e o celular de Valentino. Tateando no escuro, encontrei meu aparelho, mas desisti do outro: aquela mensagem já tinha se apagado e ele nem sequer tinha sinal. Agarrado ao pré-pago, continuei minha descida, deixando que minhas pernas decifrassem o relevo do terreno.

ELA VAI ESTAR SOZINHA.

Nada de sinal. Nada de sinal. Nada de sinal.

Uma chuva fina tinha começado a cair, formando poças de lama. Ao meu lado, a paisagem era um borrão de montanhas. Ofegante e encharcado de suor, eu me encontrava num cenário de filme de terror.

Finalmente o portão amarelo surgiu na escuridão e, ao passar correndo por ele, bati o ombro na madeira que o prendia. O impacto me projetou sobre o capô do BMW. Pulei dentro do carro e parti em direção à nossa casa, em busca do mísero sinal de celular, segurando o pré-pago com a mão suada enquanto fazia as curvas. Finalmente uma barrinha surgiu na tela. Desapareceu, mas logo voltou, firmando-se de vez. O telefone chamou, chamou, e então...

– Ariana!

– Patrick?

– Eles estão atrás de você! Saia daí imediatamente!

Mas ela não me ouvia bem:

– Acabei de tomar banho. A picape está na rua de trás. Livre-se desse carro roubado antes de voltar para casa. Não vai acreditar no que eu descobri ao juntar aqueles pedaços de papel. – Ouvi sirenes ao fundo. – Espere um minuto. Que coisa estranha!

A respiração de Ariana oscilava enquanto ela descia a escada correndo, o barulho das sirenes cada vez mais alto. Comecei a gritar:

– Vão fazer uma batida aí na rua para chamar a atenção dos fotógrafos. Pegue a arma e saia já daí! Procure a polícia. Ariana! Você me ouviu?

– As viaturas passaram direto pela frente da nossa casa. – Ela ignorava o que eu dizia. – Parece que é algum problema com os Weetman. Será que Mike foi acusado de matar algum astro de cinema?

O sinal desapareceu. Olhei para o telefone, incrédulo. Um farol cada vez maior na minha frente me mostrava que eu tinha invadido a contramão. Virei o volante e caí no acostamento, levantando uma nuvem de poeira. Voltei à pista pouco antes de uma curva. O sinal de repente voltou. Digitei o número e Ariana atendeu:

– Oi, a ligação caiu – falou. – Eu estava dizendo...

– Saia da casa. Agora! Corra até a polícia.

Ouvi o barulho ensurdecedor do alarme.

– Que droga, Patrick! Alguém está...

Ouvi passos pesados e o telefone caindo na chão. O grito de Ariana foi interrompido e então o alarme parou de tocar. O BMW raspou a encosta do morro, provocando uma chuva de pedras sobre o teto. O suor ardia nos meus olhos. Eu gritava ao telefone sem saber o que estava dizendo. Do outro lado, uma voz passava instruções:

– Diga para ela acabar de se vestir. Não queremos levá-la nua. Se resistir, vamos quebrar seu braço. Agora andem logo!

Ouvi um chiado quando o celular foi resgatado do chão. Uma voz calma:

– Acabou a brincadeira. – Era Verrone.

O tom sereno trouxe à minha lembrança sua pele amarelada e seu bigode caído.

– Não machuquem minha esposa!

– Queremos o disco.

– Não está comigo. Juro por Deus! Eu já teria entregado a vocês.

– Você disse que sabia onde estava, mas nos mandou para o lugar errado.

Precisei de poucos segundos para perceber que o barulho das sirenes agora vinha da minha frente. Avistei seis viaturas e uma ambulância fazendo a curva, as luzes piscando. Diminuí a velocidade e eles passaram voando em direção à base de mísseis: deveriam estar indo resgatar Valentino e Sally. Por causa do barulho ensurdecedor, comecei a gritar ao telefone:

– Vocês me sequestraram! Então eu disse a primeira coisa que me veio à cabeça para conseguir escapar!

– Tem duas horas para encontrar o CD.

Aquele ultimato deixava nítida a gravidade da minha situação. Ainda que eu tivesse sido preso duas vezes, a despeito de uma granada ter sido atirada no meu colo, meu calvário parecia não terminar. Uma enorme sensação de impotência se apoderou de mim: minha mulher estaria morta dali a 120 minutos.

– Como vou achar uma coisa que não sei onde está? – gritei.

– Então você não vale nada para nós. Portanto podemos matá-la agora mesmo. – Afastou-se do telefone: – Podem fazer o serviço!

– Espere! Tudo bem, tudo bem! O CD está comigo. – Contraí-me no banco do carro, fechando os olhos, mas não ouvi barulho de tiro do outro lado da linha. – Eu... eu...

Eu estava desesperado, tentando inventar uma história que me fizesse ganhar tempo. Estava na hora de jogar as únicas cartas que eu tinha na mão: os documentos que eu encontrara no HD da copiadora. Não havia mais nada a fazer.

– Guardei o CD no cofre – falei num impulso. – Mas só posso retirá-lo quando o banco abrir amanhã.

– Seu prazo termina às nove em ponto.

– Sally Richards está morta – falei. – Valentino também.

Verrone ficou em silêncio. Provavelmente estava avaliando as peças no tabuleiro.

Mas achei melhor não esperar pela jogada dele:

– Estou sendo procurado. Preciso pensar em alguém para ir até o cofre. – Nenhuma resposta. – Me dê algumas horas.

Ele voltou a afastar o telefone enquanto falava com alguém, provavelmente DeWitt.

– Saíam pelos fundos, mas olho nela! Atenção aos fotógrafos. Escute, querida, lembre-se de que somos velhos amigos e de que vamos dar uma volta de carro. Se gritar, apagamos quem estiver na nossa frente. O quê? Sim, pode levar, vai parecer mais natural. Agora, andem!

Levar o quê? Parecer mais natural? Que diabo ele estava dizendo? Verrone voltou a falar comigo:

– Está bem. Seu prazo termina ao meio-dia. É melhor manter distância da polícia. Ligue para o celular da sua esposa... para o pós-pago, e não para essa porcaria que tem usado. Instalamos um dispositivo que não permite que a linha seja rastreada. Se não nos ligar ao meio-dia com boas notícias, metemos uma bala na cabeça da sua esposa. Dessa vez não estamos de brincadeira. A ligação foi encerrada.

Fiquei alguns segundos fora do ar. Só me lembro de ter passado por mais algumas viaturas e de que meu único gesto foi tirar o pé do acelerador, para não levantar suspeitas. Mas não tenho certeza se diminuí a velocidade, pois quando voltei a mim eu estacionava o BMW no gramado de casa, assustando os fotógrafos que faziam plantão sob a chuva.

Entrei encharcado no silêncio de casa. Avistei uma xícara quebrada no chão da sala de estar. Ao lado do pré-pago. O lírio lilás logo adiante. Agachei-me diante da flor, levando-a ao nariz: o cheiro de Ariana. Do outro lado da sala, a foto do nosso casamento estava no chão. O simbolismo da cena era assustador. O preto e branco, a formalidade em nossos gestos e o vidro quebrado. Contemplando o rosto da minha esposa, fiz um juramento em silêncio: Eu prometo.

Ao pensar em Ariana jogada no porta-malas de um carro, quase caí em desespero. Mas eu precisava correr contra o relógio. Fiquei pensando em quanto tempo a polícia levaria para encontrar Valentino e Sally Richards e viria atrás de mim.

Tentei organizar meus pensamentos. Ariana tinha me dito uma coisa ao telefone. Você não vai acreditar no que eu descobri ao juntar aqueles pedaços de papel. Será que Verrone e DeWitt tinham visto a descoberta da minha esposa?

Corri até a sala de TV. Com exceção de alguns pedaços, eles tinham levado os papéis triturados. Juntar, ela dissera. Juntar. Corri até a cozinha. O lugar estava com o mesmo aspecto do dia da batida policial: lixo revirado e gavetas esvaziadas. Nenhum sinal de durex ou cola. Sobrava então meu escritório.

Voei até o segundo andar. O rolo de durex estava em cima da minha mesa, ao lado de uma capa de CD remendada a partir dos pedacinhos de papel. Lembrei-me dos fragmentos mais grossos que estavam no saco que eu tinha pegado da Ridgeline. Revistas de cinema e música costumavam dar discos de brinde aos leitores. Provavelmente, Verrone e DeWitt destruíram o CD com os outros documentos antes de abandonar a sala do Starbright Plaza. Ariana tinha recuperado também os pedaços do disco, um modelo feito de um material ultrafino, fácil de ser triturado e escondido.

A chuva castigava o telhado, acompanhando o ritmo acelerado de meus pensamentos. Fechei os olhos e me lembrei do momento em que abri o envelope endereçado à Ridgeline. O CD vazio, virgem.

E se o disco realmente não tivesse nada gravado? Qualquer pessoa que o pegasse veria que ele era virgem. Mas o verdadeiro destinatário talvez visse naquilo um sinal, a indicação de que alguma outra coisa estava no mesmo envelope.

Desci correndo até a cozinha e revirei o lixo. Lá estava ele, embaixo de uma fatia de pão mofado e de uma caixa de sabão em pó. O papelão enrugado que eu achara servir como simples proteção para o disco. Enfieí a unha do polegar e descasquei o papelão. Entre as duas camadas do papel grosso havia um CD.

SENTI A ADRENALINA CORRER nas minhas veias. O CD estava o tempo todo no chão da cozinha, num lugar onde ninguém havia pensado em procurar. Ergui o disco contra a luz, avaliando-o como se fosse um diamante.

A Ridgeline entrara na nossa casa e roubara o envelope da transportadora. Na pressa, levaram o canhoto de entrega e o CD virgem. Uma vez que não encontraram o verdadeiro disco, deviam ter achado que eu o escondera em algum lugar. Por isso me obrigaram a ir até a casa de Keith, jogaram a granada no carro e se disfarçaram de policiais, para que eu dissesse o paradeiro do CD. Na certa não imaginaram que eu jogaria o papelão com o disco fora.

Minha empolgação foi substituída pelo barulho de uma sirene. E de outra. Peguei dinheiro e as chaves da picate na bolsa de Ariana e examinei a cozinha, vendo se precisava levar mais coisas.

Minha mulher pedira para pegar algo coisa antes de ser levada. A estranha resposta de Verrone não saía da minha cabeça: O quê? Sim, pode levar, vai parecer mais natural. Agora, andem!

As sirenes se aproximavam.

Enfiei o disco no bolso e corri pela porta dos fundos, ganhando a escuridão. Ariana tinha estacionado a picate na rua de trás. Quando atravessava o gramado sentindo a chuva no meu rosto, ouvi um carro cantando pneu na frente de casa. Verrone havia sido direto: se a polícia me pegasse, minha esposa seria morta.

Por isso não parei de correr, indo em direção ao fundos do terreno. Se houver alguém lá fora, nós somos amigos e vamos dar uma volta de carro. Ariana precisava agir naturalmente. Lembrei-me mais uma vez da resposta de Verrone: Sim, pode levar, vai parecer mais natural.

Parei e levantei o rosto para o céu, sentindo os pingos grossos. Chuva, pensei. Capa. Jogue com as cartas que tiver na mão. Corri de volta para casa, patinando no lixo espalhado pela cozinha. Enxerguei luzes azuis e vermelhas piscando através das cortinas. Vozes e passos se aproximando da porta. Corri em sua direção, pois o armário ficava ao lado da entrada.

Alguém gritou e um chute fez tremer a porta. A madeira rachou, mas a fechadura mostrou resistência. Escancarei o armário: cinco cabides, uma velha jaqueta de couro e vários sapatos. Nenhum sinal da capa.

Vai parecer mais natural. O que seria mais natural para uma mulher que sai de casa debaixo de chuva? Era isso! Ariana tinha manipulado aqueles dois para pegar a capa de chuva! Em seu forro estava costurado um rastreador de cuja existência eles não sabiam que estávamos a par. Talvez eu conseguisse captar o sinal.

Escorregando pelo piso da sala, disparei de volta à cozinha e saí do campo de visão no momento em que um estrondo denunciou a derrubada da porta. Consegui ouvir a voz agitada de Gable:

– Examinem o segundo andar!

As paredes tremiam. Passos pesados e ordens traduziam toda a raiva que aqueles homens sentiam. Afinal, estavam atrás do criminoso que supostamente tirara a vida de dois colegas seus.

Voei pelo gramado, pulei sobre a cerca dos fundos e avistei duas viaturas bloqueando a rua mais à frente. Policiais saíam dos carros. Pulei de volta para dentro de casa.

– Ouviu isso? – disse um dos oficiais.

Meu joelho tinha batido numa lata, fazendo um barulho semelhante a um trovão. Escondi-me atrás de uns arbustos. Via pelas janelas os homens da Swat vasculhando os cômodos da casa. No segundo andar, um oficial examinava as gavetas da mesa do meu escritório.

Voltei a mim quando o facho de uma lanterna varreu os galhos acima da minha cabeça. Uma voz berrou de dentro da casa:

– Vasculhem o quintal!

Um homem com uma máscara avançava pela cozinha, o fuzil apontado para a frente. Logo estaria ao meu lado. Minha mão apertava com força as chaves da picate. Pressionado contra minha barriga, o revólver parecia me chamar. Toquei o cabo. O que eu poderia fazer? Sacar uma mísera arma e enfrentar a equipe inteira da Swat?

Agachei-me e voltei à cerca, percebendo que alguém se aproximava do outro lado. Ouvi a maçaneta da porta dos fundos girar. Olhei para cima e vi uma mão pousada no topo da madeira. Eu não tinha para onde ir. Com a boca seca, olhei desesperado ao redor. Avistei entre a vegetação um buraco na cerca que separava nosso terreno da residência de Don Miller. Resolvi engatinhar até lá no

exato instante em que o policial na rua derrubou um trecho da cerca dos fundos. Ao mesmo tempo, o oficial da Swat acabara de arrombar a porta, arrancando um pedaço do reboco da parede.

Passei para o terreno dos Miller um segundo antes de nosso quintal ser iluminado pelas lanternas. Rolando para o lado, percebi que estava em cima do canteiro de flores de Martinique. Atravessei rapidamente o belo gramado dos fundos, venci o pátio e entrei correndo na cozinha.

Assustada, Martinique largou a saladeira que estava lavando com ridículas luvas amarelas e olhou para mim, a boca ligeiramente aberta. Também fiquei paralisado, meus pés no degrau de fora, mas o peso do corpo já apoiado na mão que segurava a maçaneta. Na sala de TV logo adiante, de costas para nós, Don assistia à TV no volume máximo. Um especialista em finanças reclamava da mais recente crise enquanto a torneira da cozinha jorrava sem parar. À minha direita estavam a lavadora e a secadora de roupas, além das correspondências do dia e da pasta do laptop de Don. Cinco passos adiante ficava o portão da garagem.

Martinique virou a cabeça, abriu a boca para chamar o marido, mas algo a fez parar. Movi os lábios em silêncio: Me ajude. Ouvi novos carros parando na rua e a luz azul de uma sirene varreu o teto da cozinha.

– O que o imbecil do Patrick aprontou agora? – gritou meu vizinho, levantando-se e deixando o controle remoto cair no chão. – Vou lá em cima espiar. – Esvaziou o copo de uísque sem olhar para a cozinha e subiu.

Finalmente os olhos de Martinique se desviaram para a janela, os fachos das lanternas percorrendo a cerca. Por um segundo achei que ela fosse gritar, mas então falou baixinho:

– Não tenho nada a ver com isso. Quero que saia da minha casa.

Com uma expressão séria pegou a saladeira, passou por mim e abriu o armário em cima da lavadora de roupas. A chave do Land Rover de Don estava pendurada num prego.

– Tenho louças demais para lavar e não vi droga nenhuma!

Voltou à pia, pegou uma travessa e começou a enxaguá-la, cantarolando. Fui até o armário, peguei a chave e segui em direção à garagem. Antes, passei a mão no laptop de Don. Martinique não olhava para mim, mas pude jurar que ela exibia nos lábios um risinho de satisfação.

O portão da garagem se abriu suavemente. Um furgão da Swat e viaturas bloqueavam a rua diante de nossa casa. O gramado estava repleto de policiais e um atirador verificava o telhado. Avistei o rosto de Gable na janela do meu escritório. Tinha uma expressão zangada e observava o gramado, a rua e o Land Rover preto que saía da garagem vizinha. Dando um breve adeus, dobrei à esquerda e comecei a descer a ladeira.

ESTACIONADO NUM BECO AO lado de um posto de gasolina, examinei o que eu tinha conseguido pegar na minha fuga: o laptop de Don, o revólver, as cópias amassadas e, mais importante, o CD.

Encontrei o boné do meu vizinho no banco traseiro, enfiei-o na cabeça, escondendo meu rosto machucado, e guardei o revólver na cintura. Troquei as placas do Land Rover pelas de um Hyundai estacionado na frente de um prédio.

Nervoso, liguei o laptop e inseri o CD, mas então hesitei. Não tinha coragem de saber o que havia dentro dele. Talvez não me poupassem quando soubessem que eu tinha acessado o disco. A curiosidade era grande, mas acabei retirando o CD e jogando-o no banco do carona. Provavelmente ele só traria problemas para mim e para Ariana.

Quanto mais eu demorasse a agir, maiores seriam as chances de a polícia me encontrar ou de Verrone e DeWitt eliminarem minha esposa. A atitude mais sensata seria telefonar logo para eles e dizer que eu estava com o CD. Eles sabiam que eu blefava quanto ao cofre, mas, desde que eu tivesse o que eles queriam, pouco se importariam.

O pré-pago estava sem crédito, portanto apelei para meu velho celular. Jerry tinha dito que eram necessários alguns minutos até a ligação ser rastreada. Eu seria breve. Ensaando o que ia dizer, digitei o número de Ariana. Meu polegar parou sobre a tecla “Enviar”. Alguma coisa não me deixava completar a ligação.

Lembrei-me de Mikey Peralta no leito de hospital, com um calombo na têmpora direita, e da mancha vermelha escorrendo pelo queixo de Deborah Vance.

Desesperado, tentava acreditar que Ariana e eu estaríamos a salvo caso eu fizesse tudo o que Verrone e DeWitt pediam.

Depois de dois policiais terem sido mortos e com a Divisão de Roubos e Homicídios e a Swat atrás de mim, as coisas tinham fugido do controle. A chance de eles nos pouparem seriam menores. Antes de o plano dar errado, eles precisavam de mim como bode expiatório da morte de Keith Conner. Mas agora Verrone, DeWitt e a Ridgeline tentavam salvar a própria pele eliminando as testemunhas: o atropelamento de Mikey Peralta e a execução de Deborah Vance eram só o começo. Ariana e eu sabíamos demais e tínhamos visto coisas demais. Usariam minha esposa de isca até o momento em que eu mordesse o anzol.

As cópias e o CD eram minha única arma. Se eu os entregasse à Ridgeline, eles

matariam minha mulher. Olhei para o telefone e para o CD. Telefone. CD. Telefone. CD. Estava na hora de virar a mesa. Era hora de atacar. A única maneira de derrotá-los era jogar o jogo deles.

Desliguei o telefone com ânimo renovado e inseri o CD no laptop. Havia um único arquivo, um PDF, sobre o qual cliquei duas vezes. Quinze páginas de tabelas e gráficos com a palavra CONFIDENCIAL em cada uma delas. Na primeira página li uma mensagem em letras enormes: FESTMAN GRUBER – DOCUMENTO RESTRITO À CIRCULAÇÃO INTERNA – REPRODUÇÃO PROIBIDA. Os cinco parágrafos abaixo apresentavam as providências jurídicas a serem tomadas caso algum funcionário desacatasse aquela ordem.

Examinei os números na expectativa de que fizessem algum sentido. O gráfico com o título “Levantamento Interno” era bem simples. Ele registrava os níveis de decibéis de diferentes radares observados durante vários meses. O traço azul horizontal mostrava o limite permitido. O aparelho da Festman Gruber atravessava o gráfico na parte superior, acima dos 300 decibéis previstos em lei. Em outras palavras, a empresa vinha desrespeitando os limites legais. Notei um traço bem abaixo dos níveis permitidos, sinalizado com as letras NV. Lembrei-me de que vira aquelas iniciais em uma das cópias. Folheando-as, encontrei a foto do senhor de cavanhaque grisalho que descia de uma limusine. A imagem seguinte apresentava o mesmo homem diante de um prédio comercial. Lá estava o logotipo: a letra N. A haste ascendente da letra sugeria um V. Bingo! A empresa se chamava NV!

Vi que o carro era novo, o prédio tinha uma arquitetura moderna e o homem se vestia elegantemente. Devia ser um alto executivo da NV. O fato de estar sendo espionado pela Ridgeline sugeria que a empresa era concorrente da Festman Gruber. Eu precisava saber seu nome. A cópia da conta que eu tinha era endereçada a Gordon Kazakov. Vários números estavam sublinhados, mas eu não sabia o motivo.

Liguei o carro e fui em busca de uma Starbucks, encontrando uma loja aberta quatro quarteirões adiante. Estacionei o Land Rover a uma distância que me permitisse acessar a internet sem fio. Desci do carro e meus olhos foram direto para o relógio na parede acima da caixa: 22:05.

Em menos de 16 horas Verrone e DeWitt matariam Ariana. A conversa e o cheiro de café tiravam minha concentração. Com o boné escondendo meu rosto, dei meia-volta e entrei no carro. Abri o laptop e me conectei à rede da Starbucks.

Encontrei várias fotos de Gordon Kazakov no Google. Era o presidente da North

Vector, ou NV no logotipo da fachada, empresa listada entre as 1.000 maiores da revista Fortune⁶⁴ e especializada em – surpresa! – segurança e tecnologia. Além disso, Kazakov era dono de dois times de futebol no Leste Europeu, de uma companhia aérea de baixo custo com sede em Mineápolis e de uma mansão em Georgetown. No entanto, a notícia mais interessante estava escondida no meio de um artigo publicado no Wall Street Journal⁶⁵. Sem qualquer destaque, a matéria dizia que a empresa vinha desenvolvendo um radar revolucionário.

Segundo o PDF, o modelo que a North Vector estava desenvolvendo emitia níveis reduzidos de decibéis. A julgar pelo gráfico na tela, a Festman Gruber iria perder mercado com o novo produto da concorrente.

Senti os músculos do pescoço contraírem. Fechei os olhos e me lembrei de tudo o que eu descobrira até então. A Ridgeline havia sido contratada pela Festman Gruber para garantir que nada atrapalhasse os negócios da empresa até a votação no Senado. No entanto, a Ridgeline passou a desconfiar dos próprios funcionários e começou a registrar suas atividades. Chegou ao ponto de conseguir um documento confidencial que mostrava as irregularidades dos radares da sua contratada. Se aquele PDF vazasse para a imprensa, o prejuízo para a Festman seria maior do que o causado pelo documentário de Keith Conner.

Sem perceber, comecei a coçar a cabeça. Lembrei-me de uma coisa que Ariana havia me dito na noite em que recebemos o primeiro telefonema e encontramos os grampos na casa: Não conhecemos ninguém poderoso o suficiente para nos ajudar.

Fiquei alguns minutos olhando para a conta do celular de Gordon Kazakov. Liguei então para o número impresso na fatura. Cinco toques. Seis. Sete. Eu estava prestes a desligar quando uma voz atendeu.

– Gordon Kazakov? – perguntei.

– Quem fala?

– Um inimigo do seu inimigo.

Fez-se uma pausa.

– Quem é meu inimigo?

– A Festman Gruber – respondi.

– Preciso saber com quem estou falando.

Respirei fundo.

– Patrick Davis.

– Pelo visto andam atrás do senhor.

Como ele sabia? Eu não podia demorar, sob o risco de ter a ligação rastreada. Fui direto ao ponto.

– Tenho uma coisa que é do seu interesse.

– Vamos nos encontrar.

– Vai ser difícil – falei. – O senhor não mora em Georgetown?

– Estou em Los Angeles – respondeu. – Prometi à minha esposa apresentá-la a Keith Conner. Isso foi antes de sua morte, é claro, mas aproveitei para marcar algumas reuniões no início da semana. – Diante do meu silêncio, ele explicou: – A filmagem começaria na última segunda-feira.

– Espere um instante – disse eu. – O senhor estava sabendo do documentário?

– Filho – deu uma risadinha –, eu financiei aquele filme.

64. Fortune, revista americana sobre negócios, foi fundada por Henry Luce em 1930.

65. Wall Street Journal, jornal publicado na cidade de New York, é o jornal de maior publicação dos EUA.

ERA FÁCIL ENTENDER POR que o Bel-Air, um hotel de luxo escondido na Stone Canyon Road, era o local escolhido por um alto executivo como Gordon Kazakov para se hospedar. Arborizado, com várias trilhas para caminhada e um riacho percorrendo toda a sua extensão, o lugar era sinônimo de discrição. Os atenciosos funcionários já tinham recebido nomes que iam de Judy Garland a Princesa Diana. Até Marilyn Monroe costumava fugir para lá quando queria se isolar do mundo. Agora, era eu quem tentava passar despercebido pelas hóspedes no restaurante, vestidas com seus casacos de pele sintética e suas maquiagens carregadas.

Ariana e eu jantamos no Bel-Air para comemorar nosso aniversário de casamento, mas não passamos a noite no hotel por causa valor da diária. Intimidado pelos garçons, acabei dando uma boa gorjeta, que na realidade deve ter sido péssima. Agradecemos pelo atendimento com uma ênfase exagerada e eu nunca voltara ao Bel-Air até então.

Estacionando numa rua próxima para evitar os manobristas, desci por uma trilha paralela ao riacho. Dois casais que vinham em minha direção cochicharam o nome de Keith Conner, como se fizessem referência à minha presença. Olhando para o chão, continuei andando e os quatro também. A chuva tinha parado e o cheiro de mato impregnava o ar. Depois de passar por três cisnes nadando e por três placas que alertavam sobre o temperamento das aves, desviei de um plátano, cruzei um belo gramado e encontrei a escada que dava acesso ao apartamento 162. Velas estavam acesas em cada um dos degraus, na tentativa de dar um toque romântico ao lugar, o que aos meus olhos pareceu bizarro. Ao confiar em Kazakov, eu colocava minha liberdade e a vida de Ariana em suas mãos. Era possível que ele tivesse contatado a polícia, que àquela altura já estivesse me esperando do lado de dentro com uma taça de Campari na mão.

Eu tinha muito a ganhar e tudo a perder. Criei coragem e subi a escada. Bati uma, duas vezes. Novamente dei duas batidas na madeira.

– Eu estava só brincando... – Uma voz seca se aproximou e abriu a porta. Eu estava tenso, mas não vi sinais de Gable nem da Swat, e sim de Kazakov de roupão branco e de sua esposa sentada ao sofá, uma mulher que me pareceu pequena diante daquele quarto gigantesco. Ele esfregou um dos olhos e falou: – Entre, por favor. Desculpe-me os trajes, mas não costumo receber visitas depois das 10 da noite.

Era um homem bonito, embora parecesse mais velho em pessoa do que nas fotos

que eu tinha visto. Calculei que estivesse na faixa dos 70 anos.

– Quer passar alguma coisa nisso aí?

O tom casual fez com que eu precisasse de um tempo para perceber que se referia ao machucado no meu rosto.

– Não, tudo bem.

– Entre. Esta é minha esposa Linda.

Ela se levantou, ajeitando o agasalho esportivo e apertando suavemente minha mão. Devia ter a mesma idade do marido e apresentava gestos graciosos e um olhar vivo. Trocamos algumas palavras gentis e ela então se virou para o marido.

– Aceita um chá, meu amor?

– Não, obrigado – respondeu. Enquanto ela saía do cômodo, ele piscou para mim e caminhou até o frigobar. – Quarenta e dois anos. Sabe qual é o segredo?

– Não. Não sei.

– Deixo que ela tenha sempre razão.

– Entendo o que o senhor quer dizer – falei, lembrando-me de Ariana. Pensei no rosto largo de DeWitt com seus braços musculosos. No bigode caído e no olhar fixo de Verrone. Minha mulher estava nas mãos daqueles homens. Controlada por eles. Respirando enquanto a vontade deles desejasse.

– Você parece nervoso – falou.

A hora piscava no aparelho de DVD sob a TV presa à parede: 23:23. Faltavam 12 horas e 37 minutos para Ariana ser morta.

– Tenho meus motivos – retruquei.

– Aceita uma bebida? – Fez um gesto para que eu me sentasse.

– Com certeza.

Serviu duas doses de vodka com gelo e me entregou um dos copos.

– Nossos amigos da Festman Gruber jogam sujo. Conheço os truques deles e eles conhecem os meus. – Encostando-se na beirada da escrivaninha, ele cruzou as mãos acima do joelho como se estivesse posando para um pintor. – Eles não

queriam que esse filme acontecesse. O McDonald's mudou o jeito de fazer negócios depois de Supersize Me66. Se a gente consegue dobrar o McDonald's, então o céu é o limite! Precisávamos de um astro para que o filme tivesse repercussão. É assim que as coisas funcionam. Mas o prazo era apertado. Essa turma de Hollywood não pode perder tempo com uma produção independente.

Deu um gole de olhos fechados, saboreando o gosto da bebida. Repeti seu gesto, sentindo a vodka queimar a garganta e me acalmar. Com a unha do polegar, raspou o tampo da escrivaninha.

– Keith Conner não era o imbecil que todos achavam – falou.

– Estou começando a perceber isso.

– Astros de cinema não são mortos à toa – refletiu.

– Eles não queriam levantar suspeita.

– E queriam que fosse algo rápido. – Fez um gesto com o copo. – Foi um taco especial, não foi?

– Não entendo nada de golfe.

– Também não. Aquilo é uma desculpa para o sujeito encher a cara durante o dia. Fiz isso na minha juventude.

Baixei os olhos para o líquido transparente no fundo do copo, minhas mãos começando a tremer. Com o estresse dos últimos dias, aquela conversa amigável me pegou despreparado. Eu finalmente me sentia seguro e tranquilo.

– Uma pessoa foi morta na minha frente – falei. – Era mãe solteira. Fico imaginando o destino da criança.

Kazakov permaneceu imóvel, paciente como um atirador de elite. Dei um gole e entreguei-lhe o CD. As sobranças dele se arquearam. Pegou o disco, deu a volta na escrivaninha e o inseriu num laptop. Começou a encarar a tela. Dei mais um gole e me recostei, imaginando o que eu faria diferente caso voltasse a ver minha mulher.

A voz do executivo me trouxe de volta à realidade.

– Esse estudo é diferente daquele que a Festman apresentou como prova ao Senado. Trezentos e cinquenta decibéis? É um absurdo!

– O senhor já sabia disso? – perguntei.

– Sabia. Todo mundo já sabia, na verdade. Este documento só comprova que eles também sabem – voltou a olhar para a tela – e roubaram nossos dados. Parece que a Festman tem um informante na minha empresa. Vou ter de cuidar disso. – Ele agora falava consigo mesmo, ignorando minha presença. Franziu as sobrancelhas grisalhas tentando conter a raiva até então disfarçada. – Pelo menos roubaram números corretos. Nosso produto é superior – falou olhando para mim. – Mas isso levou tempo. Não aconteceu da noite para o dia. Foi necessário fazer alianças e parcerias. Precisávamos conscientizar as pessoas. O documentário era um meio de fazer isso.

– Quando o senhor fala em “produto”, está se referindo ao radar que estão desenvolvendo?

– Mais ou menos. Produzimos vários equipamentos para submarinos e navios. A Festman Gruber é nossa concorrente.

– Por que o produto de vocês é superior? Porque não faz mal às baleias?

Ele deu uma risadinha.

– Não pense que eu saio por aí abraçando peixe-boi. Longe disso! Temos vários motivos. Salvar as baleias não é o mais importante. Mas nosso produto é menos prejudicial ao ambiente. Isso pega bem em termos corporativos. Com isso fechamos mais negócios e ganhamos espaço na mídia. Você é bom em física?

– Não.

– Tudo bem. Trocando em miúdos: a Festman Gruber produz um radar tradicional. Isto é, funciona numa frequência baixa, mas tem grande alcance, o que significa produzir alta intensidade. É ela que atrapalha a migração das baleias e faz seus ouvidos estourarem. A Festman, claro, nega qualquer ligação entre uma coisa e outra.

– Assim como os fabricantes de cigarros e o câncer.

– A boa e velha esperteza comercial. Mas você não vai agradar o acionista se lavar a roupa suja em público. O segredo é – apontou para a tela do laptop – não ser pego com as calças na mão.

– Como o produto de vocês consegue emitir níveis baixos de decibéis?

– Porque a North Vector desenvolveu um radar de baixa frequência e alta

potência com baixa intensidade. Nós nos inspiramos nos morcegos. É simples: sobrepomos os sinais originários de diversas fontes para aumentar a distância de propagação sem elevar a intensidade. Nosso produto é revolucionário porque ninguém consegue detectar, registrar e captar a origem do radar. Mesmo com a ajuda de equipamentos especializados.

– E qual seria o valor de um projetinho como esse?

– Digamos que 3,9 bilhões de dólares anuais durante cinco anos. – Ele então estendeu os dois braços à frente: – Mas será que a vida das baleias tem preço? – Quase fiz uma piada, mas me lembrei das fotos no bangalô de Trista e de Keith chorando ao lado da baleia morta. Ele prosseguiu: – A Agência de Segurança Nacional tem um orçamento bilionário e o contrato com a Festman acabou de ser renovado. Mas este documento – outro olhar de veneração para o laptop –, melhor dizendo, a ameaça deste documento pode mudar algumas coisas!

– Não podem dizer que ele é falso?

– A coisa é mais simples do que você pensa.

– Como assim?

– As pessoas vão saber que se apoiarem a Festman será o fim de suas carreiras políticas. Senadores. Procuradores federais. Membros da Casa Civil.

– Como o senhor vai fazer isso?

– Basta pegar o telefone e falar com a pessoa certa.

– O Governo vai deixar?

– Eu sou o Governo.

– Mas o senhor representa uma empresa privada – falei.

– Exatamente.

Eu não estava entendendo mais nada.

– Acho que não sou cínico o bastante para viver neste país!

– Experimente morar em outro! Não vai encontrar nada diferente!

Apontei o dedo para o laptop.

- Não é mais fácil incriminar a Festman com este documento?
- Mas não é isso que nós dois queremos.
- Depois de tudo por que passei, Sr. Kazakov, acho que o senhor não sabe o que eu quero.
- Você me procurou por um motivo, Patrick. Sei navegar por essas águas. – Alisei as bordas do meu copo. Ele então continuou: – Nunca humilhe seu concorrente, Patrick. De outra forma você não vai conseguir o que quer. Esqueça esse documento. Vamos limpar seu nome e pronto! Não vale a pena esquentar a cabeça com a Festman Gruber. Eles apenas perderão dessa vez. Ponto final.
- E vocês conseguem o contrato e...
- Quanto quer por este CD? – perguntou.
- Não quero dinheiro. É a vida da minha mulher que está em jogo.
- Então vamos resgatar sua mulher.
- Não é tão fácil assim.

Levantei-me, retirei do bolso as cópias e as atirei sobre a escrivaninha: todos os documentos e fotos que ligavam a Ridgeline à Festman Gruber.

– Veja que a coisa não é tão simples como o senhor pensou – falei. – Dê uma olhada nesses papéis.

Contei a ele tudo o que eu descobrira sobre a Ridgeline e sobre a ligação dela com a Festman Gruber. Quando disse que Ariana havia sido sequestrada, seus olhos se arregalaram e suas mãos se fecharam com força. A Sra. Kazakov entrou no cômodo trazendo o chá, mas o timing de sua chegada fez com que eu desconfiasse que ela estivesse escutando nossa conversa. Encarou o marido e, quando desviou o olhar, tinha no rosto uma expressão de obediência conjugal. Assim que a mulher saiu, ele sacudiu a cabeça com um ar grave.

– Isso muda tudo – falou, massageando as têmporas com as pontas dos dedos. À luz do abajur, o cavanhaque adquiria um tom cinzento. – Se a Ridgeline desconfiar que você está blefando, eles fazem “a limpeza”, entende? É isso que eles têm feito: “a limpeza”.

– Preciso saber como a coisa funciona para salvar minha mulher – disse eu.

– Quem está envolvido e de que níveis? É o presidente da Festman quem faz o contato com a Ridgeline?

– O presidente? – Fez um gesto com a mão descartando minha hipótese. – Ele nem sabe disso. Isso não é filme de Hollywood, meu caro. O presidente define as prioridades da empresa. Por exemplo: “Impeçam o documentário de Keith Conner.” Mas só. O resto é pensado e implementado pelos subordinados.

– Quero nomes.

– Sei que é a equipe de segurança.

– A quem essa equipe se reporta?

– Ao Departamento Jurídico. Por quê? Conhece alguma piada de advogado?

O tom casual de Kazakov era de arrepiar. Minha voz tremeu:

– Foram eles que organizaram tudo? Mataram Keith e me incriminaram? Acabaram com minha vida e com a da minha mulher? Os advogados?

– Não sei se os advogados fariam isso. Mas eles aprovaram. Não tenho dúvidas.

– Já que contrataram a Ridgeline?

– Exatamente.

– Como posso descobrir quem está por cima da carcaça? – perguntei.

– Vá até lá e veja se alguém quer conversar com você.

– Ir até lá? A sede não é em Alexandria, na Virgínia?

– Mas o escritório da Califórnia deve estar sabendo de alguma coisa.

– Eles não vão chamar a polícia?

– Talvez – respondeu. – Mas aposto que vão querer falar com você antes.

– Eu aposto minha vida e a de Ariana.

– Exatamente.

Havia um celular sobre uma pasta de couro. Distraidamente, ele esticou a mão e começou a brincar com o aparelho. Saquei o revólver e o coloquei sobre a

mesinha de centro. Olhou para a arma sem demonstrar surpresa.

– Isso é inútil. Estamos falando de poder e espionagem. Não vai conseguir nada com uma arma. No máximo um tiro no próprio pé.

Peguei o copo como se ele estivesse cheio.

– Quero acabar com esses advogados e com a Ridgeline.

– A coisa não vai ser fácil.

– É por isso que preciso da ajuda do senhor. A única vantagem de ser perseguido por uma empresa de segurança e tecnologia é que seus concorrentes também são especializados em segurança e tecnologia.

– Tem razão. Fogo se combate com fogo. Mas o que espera de nós?

– Costuraram um rastreador na capa de chuva da minha mulher. Não sabem que temos conhecimento disso. Ela conseguiu pegar a capa antes de ser raptada.

– Sua mulher é esperta.

– Sim, acho que vocês se dariam bem. Então, é possível rastreá-la?

– Não, a menos que você saiba as características do sinal.

– Como assim?

– A frequência, o período, a banda, a amplitude e o tipo de modulação.

– Talvez a pessoa que tenha achado o transmissor saiba disso! Foi um conhecido meu que o encontrou!

– Bem, ele deve ter usado um detector. E qualquer aparelho desses faz um registro dos sinais. Você me consegue o aparelho?

– Acho que sim. Mas talvez o senhor precise oferecer um emprego a esse colega.

– Sem problemas.

– Preciso usar o telefone. Se eu ligar o celular, a Ridgeline descobre onde estou?

– Não. É preciso alguns minutos para isso, mas não demore.

Apontou para uma varanda junto ao quarto e encarou a conta do celular que eu tinha utilizado para localizá-lo. Ele examinava os números sublinhados.

– De quem são esses números? – perguntei.

– De advogados – respondeu tranquilamente. – Posso fazer uma cópia?

– Pode ficar com ela.

– Sem querer você me ajudou, Patrick. Agora preciso resolver alguns probleminhas.

– Ajudar você? – O sinal fraco não conseguia diminuir a indignação de Jerry.

– Está maluco? Parece que não entende as coisas!

– Eu demoro a entender.

– Mickelson descobriu que fiz a varredura na sua casa. Agora ele quer minha cabeça! – Você não queria voltar a trabalhar com segurança? Tenho um emprego à sua espera na North Vector.

– Está todo mundo atrás de você, Patrick! A polícia, a imprensa... sem falar nos caras com quem você se meteu. E se eu for considerado cúmplice?

– Impossível. Já aprontei mais uma e agora a Roubo e Homicídios está atrás de mim.

Vi através das portas de vidro que Kazakov gesticulava com raiva ao falar ao telefone. Apoiei a mão sobre a grade da varanda e fiquei observando a escuridão da noite. Fechei os olhos, senti o cheiro de terra molhada e esperei que Jerry decidisse o destino de Ariana.

– Verdade? – perguntou incrédulo. – Mas que emprego é esse?

– Você pode negociar com o presidente da empresa.

– Com o presidente? – gaguejou. – Você deve estar brincando!

– Brincando? Pegaram minha mulher, Jerry! – gritei. – Pegaram Ariana.

Ficou calado. Olhei para o relógio querendo desligar logo o telefone.

– Está bem. Mas o que você quer?

Discutimos os detalhes e em menos de dois minutos guardei o celular no bolso. Assim que abri a porta de correr, ouvi que meu celular tinha recebido uma nova mensagem. Ao clicar na tecla “Leia”, encontrei:

DEIXE O CD COM O MANOBRISTA DO STARBRIGHT PLAZA ATÉ O MEIO_DIA DE AMANHÃ.

Em seguida um vídeo surgiu na tela, apresentando Ariana amarrada a uma cadeira. Ela parecia estar num quarto pequeno. Seus cabelos estavam soltos e desgrehados, havia um hematoma num dos olhos e sangue escorria do canto dos lábios. Apesar de a gravação não ter áudio, percebi que ela gritava meu nome. O vídeo desapareceu e surgiu mais uma mensagem: DOZE HORAS.

Minha boca ficou seca e precisei me agarrar à grade da varanda para não cair.

Lembrei-me então do dia em que conheci Ariana na festa dos calouros. Seus olhos negros e expressivos. Eu me aproximei com as pernas tremendo, segurando o copo de cerveja. “Você parece entediada”, falei. E em seguida a resposta memorável dela, querendo saber se aquilo era uma cantada.

O frio da meia-noite não respeitava minhas roupas. Comecei a tremer violentamente. Vi através do vidro quando Kazakov desligou o celular e me chamou.

Tirei as mãos da grade e entrei. Doze horas.

O SAGUÃO ESTAVA LIMPÍSSIMO. ATÉ os cinzeiros de mármore, perfilados nas laterais das portas dos elevadores, não tinham nem uma guimba, como se tivessem sido encerados com lenços de seda. O lugar poderia ser facilmente confundido com um hotel, um restaurante chique ou a sala de espera de um dentista. Mas não era. Eu acabara de chegar ao escritório da Festman Gruber na Califórnia, mais precisamente em Long Beach.

O elevador subiu os 15 andares do prédio sem solavanco. Uma espessa parede de vidro cercava o hall, obrigando os visitantes a se dirigir à recepção. O segurança atrás do balcão levava uma arma no cinto e tinha uma carranca impressionante para as oito da manhã. Por trás dele, baias de vidro abrigavam os funcionários que ali trabalhavam. A despeito de seu aspecto impecável, as instalações tinham um ar tão impessoal quanto as de qualquer outra empresa. A barreira de vidro isolava o mundo interior. Todo o trabalho era realizado abertamente, mas em um local à prova de som.

O segurança não deve ter me reconhecido dos jornais e da TV, mas meu rosto machucado demonstrava minha inadequação àquele lugar, com suas elegantes cadeiras giratórias e seus tapetes felpudos. Minhas mãos estavam suadas, e meus ombros, tensos.

Em quatro horas a Ridgeline executaria minha mulher.

– Patrick Davis – apresentei-me. – Gostaria de falar com o responsável pelo Departamento Jurídico.

Apertou um botão e ouvi sua voz através de uma pequena caixa de som.

– O senhor tem hora marcada?

– Não, mas é só falar meu nome que o responsável vai querer me atender.

O segurança ficou calado, mas sua fisionomia demonstrava dúvida sobre minha afirmação. Rezei para que a polícia não fosse chamada antes que eu tivesse a chance de falar com alguém.

Eu havia passado a noite em claro. No começo da madrugada tinha ido até um local combinado com Jerry para pegar o detector de sinais e naquele instante alguns assistentes de Kazakov tentavam localizar Ariana ou, ao menos, a capa de chuva. Meu trato com a North Vector terminava nesse ponto. A partir daí eu teria de seguir por conta própria. Mas antes eu precisava arrancar da Festman Gruber

algo que me servisse de munição na hora de encontrar Verrone, DeWitt e a turma da Ridgeline.

Enquanto esperava para ser recebido ou expulso do prédio, vi quando, do outro lado do vidro, uma funcionária com traços orientais entrou numa sala de reunião. Vários homens de terno estavam sentados a uma mesa de granito. Um sujeito se levantou da cabeceira quando a mulher disse algo em seu ouvido. Olhou para mim e naquele momento tive a certeza de que a vida de Ariana dependia dele. Dirigiu-se com passadas firmes até uma sala ao lado. Prendendo a respiração, percebi que aqueles vidros tinham um único objetivo: permitir que as pessoas vigiassem umas às outras.

Para meu alívio, a funcionária veio ao meu encontro e pediu que eu entrasse. Passei por um detector de metais e deixei a chave do Land Rover numa bandeja prateada. Mas o envelope pardo continuou na minha mão.

A hora da verdade havia chegado. O sujeito de terno me esperava na sala com os braços esticados ao lado do corpo.

– Bob Reimer – apresentou-se, sem apertar minha mão.

Permanecemos de pé no cômodo com piso de ardósia, encarando-nos como se fôssemos dois lutadores num ringue. Ele parecia à vontade naquele ambiente asséptico. Era mais velho do que eu, tinha cerca de 50 anos e pertencia à geração que ainda usava alfinete de gravata. Tinha o aspecto de um dos agentes de Matrix66: branco, terno impecável e sem um fio de cabelo fora do lugar. Um sujeito comum. Passou por trás de mim e com a ponta dos dedos tocou a parede de vidro, que imediatamente escureceu, isolando-nos do restante da empresa. Mágica. Foi até a mesa e pegou um aparelho que me pareceu ser um espectrômetro.

– Considerando as circunstâncias, acho que o senhor não se importa – falou, estendendo o aparelho à minha frente.

Abri os braços e ele passou o espectrômetro pelas laterais do meu corpo, diante do meu peito, pelo meu rosto e pelo envelope. Minha vontade era de dar uma cotovelada em seu nariz.

Convencido de que eu estava limpo, guardou o aparelho dentro de uma gaveta. Um porta-retratos exibia a foto de sua bela esposa e de dois meninos sorridentes. Ao lado, uma caneca trazia estampada a caricatura de um pescador sobre a frase: O MELHOR PAI DO MUNDO! Com certo incômodo, pensei que aquele homem devia ser um bom pai, que sabia separar a vida em compartimentos

isolados, administrando-os com a eficiência de um tirano.

– O senhor é um foragido da Justiça – falou num tom neutro.

– Vim aqui negociar. – Minha voz soou equilibrada.

– Não sei do que o senhor está falando.

– Eu queria olhá-lo nos olhos. – Embora minha voz mostrasse um traço de ódio, o homem continuou com um ar amigável. Dei um passo à frente: – Posso levá-lo à Ridgeline.

Se aquele nome lhe causou algum impacto, ele soube disfarçar bem.

– É claro que pode. A Ridgeline é uma empresa de segurança. Ela cuida da proteção de nossos executivos no exterior.

– Sabemos que eles não se limitam a fazer isso.

– Não sei do que o senhor está falando.

Então seus olhos foram direto para o envelope pardo. O telefone da mesa tocou. Ele se dirigiu ao aparelho e pressionou uma tecla:

– Estou ocupado.

– Tem dois jornalistas aqui na recepção – falou a funcionária de traços orientais.

– Querem uma declaração sobre uma notícia urgente.

Ele cruzou a sala e tocou no vidro, que imediatamente ficou claro. Outra mágica.

Foi possível ver dois homens com jalecos de uma emissora de TV, sendo que um deles estava com uma câmera no ombro.

– Livre-se desses... – A boca de Reimer se abriu, revelando dentes perfeitos. Ele então suspirou e olhou para mim:

– Não tenho nada a ver com isso – falei. – Mas não posso responder pelos atos da Ridgeline.

– Por que acha que aquela empresa estaria fazendo algo contra nós?

Não respondi.

– O senhor quer que eu os dispense? – insistiu a funcionária.

– Sim. Não. – Olhou para o relógio que se projetava por sob o punho do paletó. – Não acho boa ideia termos a TV aqui enquanto esperamos a comitiva jordaniana. – O sarcasmo dele era sutil. – Peça que me aguardem na sala de reunião número 4. Ofereça-lhes água e café. Assim que for possível, Chris e eu iremos falar com eles.

Os lábios de Reimer se esticaram, formando uma linha reta. Aquele era seu sorriso.

– Vamos ser mais objetivos. O que o senhor quer especificamente?

– Como eu disse: falar sobre a Ridgeline.

– Escute, não sei que história o senhor vai me contar, mas existem milhares de empresas como a Ridgeline. São contratadas para determinado trabalho e ponto final. Às vezes acabam extrapolando um pouco, fazendo alguma besteira. Sabe como é, os funcionários são na maioria ex-oficiais do Exército e digamos que é comum exagerarem um pouco no cumprimento do dever.

Bob Reimer falava num tom tranquilo, sem hesitação. Falar sobre aquele assunto devia ser algo comum. Ao me ver ao seu lado, senti-me um pouco ingênuo. Fiquei observando seus lábios se moverem e precisei me concentrar nas suas palavras, tamanho era meu nojo.

– Por isso a Festman Gruber age com extrema cautela – continuou – na hora de contratar o serviço de empresas como a Ridgeline. A parceria com eles se resume à segurança de nossos executivos.

– E se o senhor soubesse que a Ridgeline mantém um registro de todas as transações bancárias com a Festman Gruber?

Balancei o envelope na frente de seu rosto. Olhei para ele, que olhou para o envelope, arrancando-o da minha mão num gesto pouco recomendado aos bons modos corporativos. Rasgou o envelope e retirou a pilha de papéis, os documentos gravados no HD da copiadora da Ridgeline: pagamentos, contas e chamadas telefônicas que demonstravam a ligação entre a empresa e a Festman Gruber.

De repente, o nó de sua gravata pareceu apertado. O homem de terno ficou vermelho, os olhos arregalados, mas logo se recompôs. Quando voltou a me encarar, estava no controle de suas emoções.

– Saiba que a Ridgeline irá responder pelos seus atos.

Limitei-me a ficar observando-o, esperando novos comentários de sua parte. Havia muitos segredos por trás daquelas divisórias de vidro, daquela movimentação constante e eficiente de funcionários. Os repórteres já tinham sido acomodados na sala de reunião, do outro lado do hall. Eu conseguia enxergá-los tomando um cafezinho, a câmera deixada sobre a mesa.

– Temos negócios no mundo inteiro, Sr. Davis – falou. – Lidamos com mais de 200 mil colaboradores externos, segundo nossos últimos dados. Muitos deles atuam em áreas “agressivas”. Não podemos ser responsabilizados por seus atos.

– Mas esses colaboradores respondem aos senhores – retruquei. – Ou respondiam. São vocês que mandam, que montam os esquemas. – Ele não rebateu meu argumento. Fiquei com a impressão de que Reimer concordava comigo. – Os senhores podem obrigar a Ridgeline a parar de fazer o jogo sujo que ela vem fazendo.

Ele franziu levemente o lábio inferior, como se acabasse de colocar algo azedo na boca.

– Posso afirmar ao senhor que a parceria com aquela empresa anda bastante desgastada.

– Vocês não têm mais se falado? – perguntei.

A julgar pelo que Kazakov me dissera, eu tinha chegado àquela conclusão. E, considerando as atitudes da Ridgeline contra a Festman, esta precisava se cuidar tanto quanto eu. Mas faltava ouvir aquilo dos lábios de Reimer.

– Contatos regulares podem ser prejudiciais quando se trata de questões em que ambos os lados precisam – ele fez uma pausa enquanto pensava nas palavras adequadas – agir com prudência. Sobretudo quando a situação atinge um alto nível de complexidade. E agora... isso – suspirou, decepcionado. – Esses documentos deixam claro que a Ridgeline não está interessada em cumprir os contratos. Mas a coisa funciona em mão dupla. Não somos mais obrigados a fornecer nossos serviços.

Fiz um sinal com a cabeça, indicando os papéis na mão dele, e disse:

– Pelo jeito eles foram mais rápidos.

– Isto aqui... – Ergueu a papelada. – Para explicar isto aqui bastam algumas

ligações.

– Mas isso depende da boa vontade de seus superiores. A Ridgeline é descartável e talvez o senhor também. É como diz o ditado: nunca seja o último a saber um segredo.

Tossiu, dando de ombros.

– Documentos podem ser alterados ou contextualizados. A imprensa espera por nós. – Inconscientemente, balançou a cabeça em direção aos repórteres que aguardavam na sala de reuniões. – O senhor acha que por causa desses papéis meus superiores vão querer minha cabeça?

– E quanto à história que eu tenho para contar?

– O senhor? – ele sorriu, debochado. – Podemos simplesmente ignorá-lo. Não estamos sozinhos: temos o apoio de várias instituições que confiam na continuidade do nosso sucesso.

– Lá vem o velho “você sabe com quem está falando”. Já ouvi esse discurso antes.

Enrugou o lábio de maneira imperceptível.

– A Ridgeline, assim como várias outras – acenou com uma das mãos –, é um peixinho no nosso aquário. Jogamos um pouco de comida na água e ela vem correndo. – Abriu um meio sorriso. – Mas um professorzinho frustrado não deve entender essas coisas.

Aquela última frase teve o efeito de um murro na cara. Lembrei-me do apartamento de Deborah Vance, com seus belos pôsteres e seus móveis antigos, tudo minuciosamente escolhido para criar a atmosfera de uma época que não voltaria mais. Recordei-me de Roman LaRusso, o agente dos fracassados e incapacitados, escondido atrás de pilhas de papéis, a janela de seu escritório se abrindo para uma parede de tijolos. Aquele homem obeso representava sonhos frustrados, indivíduos que não atingiram sua realização pessoal, tão desqualificados quanto eu para falar: Viva cada momento, Nunca deixe de acreditar e, claro, Siga seus sonhos. Pensei no homem em que eu havia me transformado quando toda aquela confusão começou, 12 longos dias antes: um roteirista fracassado com o casamento em ruínas. Um sujeito impaciente, ingênuo, carente de atenção, pronto para ser aproveitado e querendo achar seu lugar ao sol. Mas eu estava longe dos refletores, preso ao mundo real, sem querer valorizar aquilo que já havia conquistado. Reimer me observava, ansioso, e as

palavras dele ainda ecoavam na minha mente: um professorzinho frustrado não deve entender essas coisas.

– Não quero mais – falei.

– Não quer mais o quê?

– Não quero mais saber de filmes, de escrever, de baleias ou de radares – respondi. – Só quero saber da minha mulher.

– Eles estão com ela?

– Estão.

– Pelo visto eles também foram mais rápidos que o senhor – falou com uma ponta de satisfação. – Estão tentando limpar a sujeira que fizeram. Fazem o que precisa ser feito e depois inventam histórias e arrumam álibis. A situação do senhor e da sua esposa não é nada boa.

– Ou seja, estamos no mesmo barco.

– A diferença é que, para a Festman, a Ridgeline é como uma barata, que pode ser morta com uma simples chinelada. Aquela empresa acha que está segura com isto aqui – sacudiu os papéis, demonstrando pela primeira vez alguma emoção –, mas mal sabe ela que cavou a própria cova. Se não houver um flagrante, é como se isto nunca tivesse existido. Conhecemos muita gente poderosa. É uma coisa que vocês nunca vão entender. Empresas como a Festman Gruber são quem decide o que vai ou não ser publicado nos jornais. Não temos medo de cópias de documentos nem de um foragido da Justiça. No fim das contas, é o senhor quem irá sofrer as consequências. E a Ridgeline também não ficará impune.

– A menos que o senhor já tenha me dado aquilo que vim buscar.

Os olhos deles examinaram meu rosto.

– Já sei... Vai dizer que gravou nossa conversa? – Deu uma gargalhada seca. – Impossível! O senhor passou pelo detector de metais!

– Existem dispositivos mais modernos hoje em dia.

– Eu mesmo o revistei. Ou o senhor já se esqueceu disso?

O aparelho ainda estava desligado. Na verdade, foi o senhor quem o acionou. –

Olhou para os próprios braços, para as mãos e finalmente para o envelope pardo que segurava. Com uma cara assustada, levantou a aba de papel. O dispositivo estava preso à fita colante e tinha o tamanho de um selo.

– Isso aqui não tem – parou para respirar – bateria.

– Ele capta as frequências do ar e as converte em energia.

O olhar dele atravessou as divisórias, parando nos celulares dos funcionários, nos roteadores piscando nas prateleiras, frequências que cruzavam o ar do 15º andar do prédio. Uma gota de suor escorreu pelo seu rosto.

– Um transmissor tão pequeno precisa de um receptor próximo – falou, dando de ombros – e o sinal não conseguiria atravessar essa barreira aí na frente – apontou para a parede de vidro que separava o hall do mundo exterior.

Toquei na divisória e a sala escureceu. Dei um segundo toque e o lugar voltou a ficar claro. Do outro lado do andar, os repórteres estavam com os pés sobre a mesa, comendo biscoitos. O sujeito à cabeceira olhou para mim, lambeu os dedos e apontou para a câmera.

– A câmera! – O grito de Reimer saiu rouco. – O receptor está escondido na câmera!

– Receptor e transmissor – completei. – Mandando a gravação para bem longe daqui.

– Não é possível! Pouquíssimas empresas no mundo dispõem dessa tecnologia.

Onde o senhor arrumou isso?

– Eu lhe dou uma chance.

A fisionomia dele se alterou, como se aquele homem de mármore agora estivesse acuado. Na sala de reunião, o falso repórter levantou a capa da câmera, revelando o logo da North Vector. Reimer emitiu um som, que fiquei na dúvida se era um pigarro ou um rosnado.

– Sem falar do estudo sobre os níveis de ruídos dos radares – continuei. – Ele também já está com a North Vector.

O homem ficou pálido.

– Sabe as ligações às quais o senhor se referiu? – falei. – Estão sendo feitas neste

momento. Até onde sei, o contrato em jogo vale mais de 20 bilhões. Duvido que a diretoria da Festman terá a mesma opinião sobre o senhor após tomar conhecimento disso.

– Tudo bem, tudo bem. Vamos conversar – disse ele. – Podemos resolver isso facilmente. Escute... – Apoiou a mão no meu ombro, deixando uma marca de suor. – O senhor vai precisar da gente para salvar sua esposa. Ainda temos algum poder sobre a Ridgeline.

– O senhor me disse que perdeu o contato com eles.

– Mas quando eles aparecerem – suas palavras eram decididas –, vai precisar da gente. Se a polícia for chamada, sua mulher não escapa com vida.

Vi a hora no relógio da sala ao lado: 8:44. Três horas e 16 minutos até...

– Nada de polícia! – falei. – E nada de violência!

Seus ombros se arquearam.

– O que o senhor sugere?

– Pode deixar comigo. Preocupe-se com o que vai dizer aos seus superiores. Escolha bem suas palavras, pois já percebi que a filosofia empresarial da Festman Gruber às vezes é implacável.

Deixei-o parado no centro da sala. Quando cheguei à porta, ouvi sua voz, que parecia conformada com o que iria acontecer.

– O senhor está delirando – falou. – Não faz a menor ideia do que essa gente é capaz. Enfrentá-los sozinho significa a morte de sua mulher.

Com a mão na maçaneta, fechei os olhos e me lembrei do vídeo que a Ridgeline tinha mandado para meu celular. Ariana machucada e gritando meu nome. O fio de sangue escorrendo pelo canto da boca. O que mais eles poderiam ter feito ou estar fazendo com ela? Reimer talvez estivesse certo em parte. Eu me encontrava numa atmosfera de delírio, porém não havia outra solução.

Dirigi-me ao hall. Os dois funcionários da North Vector me aguardavam. Enquanto avançávamos pelo labirinto de vidro, funcionários se levantavam em suas divisórias para observar nossa saída. Ao chegar aos elevadores, olhei para trás, mas Reimer tinha escurecido os vidros de sua sala.

66. Matrix, filme de ficção e ação, com Keanu Reeves e Laurence Fishburne.

ESTACIONEI O LAND ROVER em frente a uma garagem no fim de uma rua residencial em North Hollywood. Liguei para a polícia para dizer que queria me entregar e pedi ajuda para resgatar Ariana. Não havia alternativa. Minha mulher seria executada dali a 53 minutos.

Sentado no carro, suando frio, vi o furgão da Swat se aproximar, seguido por viaturas e pelo carro de Gable. Empunhando seus fuzis, os oficiais rapidamente cercaram o carro. A mão de um deles abriu a porta do motorista e vários canos miraram o interior do Land Rover. Mas eu não estava mais ali.

Estava a dois quilômetros de distância observando a cena de um mirante por um binóculo que parecia ter saído de um filme de ficção científica, com uma lente comparável à de um telescópio espacial. “É possível ver os olhos de um pássaro”, tinha dito Kazakov, rindo. Conseguia ver o endereço colado no volante, que levaria Gable a uma casa situada a dois quarteirões acima da minha.

Voltei ao Subaru velho que um funcionário da North Vector tinha providenciado: o último favor concedido por Kazakov. A partir de agora eu estava sozinho. Dar o suporte técnico para destruir a concorrente era uma coisa. Salvar Ariana era outra. Os riscos eram altos demais.

Mas eu não tinha opção. Fiz mais uma ligação pelo celular e meu paparazzo favorito atendeu, recém-saído de seu esconderijo.

– Pronto? – perguntei.

– Pronto – respondeu Joe Vente.

Eu telefonara para ele na noite anterior e, em troca de uma entrevista exclusiva, Joe tinha concordado em avisar repórteres conhecidos. Chegariam ao lugar pouco antes de mim e ficariam escondidos até eu aparecer. Eu deixara claro para ele que não poderia haver nenhum vacilo. Entraria na casa antes da chegada dos fotógrafos e da polícia. Diria a DeWitt e a Verrone que o lugar estava cercado e rezaria para que liberassem Ariana.

– Mas – acrescentou Joe – tem um problema.

Congelei. Se a Ridgeline ficasse sabendo de alguma coisa antes de eu chegar, provavelmente matariam minha esposa.

Eu me lembrei das palavras de Reimer: Enfrentá-los sozinho significa a morte da

sua mulher. Meu medo era que eles já tivessem feito isso.

– Problema? – O pavor fez minha voz sair fina. – Que problema?

– A imprensa já está sabendo. Não sei como isso vazou, mas as equipes de TV já estão vindo para cá. E quando isso acontece, minha turma não perdoa.

Corri em direção ao carro.

– Como é que isso aconteceu, Joe?

– Como sempre acontece, Patrick. Alguém pagou alguém e conseguiu a dica. Além de tudo, você matou um policial.

Pulei dentro do carro, dei a partida e saí voando. Sobre o banco do carona o laptop mostrava o sinal emitido pela capa de chuva captado pelo detector de sinais de Jerry. Um GPS ao lado indicava num mapa de Los Angeles sua localização, que ficava a exatamente uma curva de distância.

– Quero todo mundo longe – falei. – Você disse que a situação é perigosa? Que existe uma refém?

– Claro que disse, mas a rua já está cheia de gente. Meus amigos estão impacientes.

Querem logo fazer umas fotos.

Pisei fundo, tirando borracha do asfalto.

– O pessoal da casa já viu vocês?

– Não. As cortinas estão fechadas. Tudo quieto. – Ouvi um barulho do outro lado da linha. – Droga! Agora a coisa vai pegar fogo!

– O que aconete...

Fiz a curva a tempo de avistar o helicóptero da emissora de TV surgir acima do morro. Mais adiante, os fotógrafos entraram em ação, correndo pelos jardins e passando por cima de canteiros. Alguns furgões com antenas no teto se aproximavam da casa. Um segundo helicóptero se juntou à cena, aparecendo à minha esquerda. Já dava para ouvir o grito das sirenes.

Tudo estava acontecendo rápido demais. Eu mal conseguia escutar a voz de Joe, tamanho era o barulho.

– Vi um movimento nas janelas, Patrick. É melhor você entrar em ação!

– Está vendo Ariana?

– Não, nada!

Cercando o Land Rover, fotógrafos disparavam suas máquinas. Câmeras também se aproximavam.

– ... microfone direcional... ouvindo barulho lá dentro... muito nervoso... – O sinal do celular estava falhando.

Fotógrafos e repórteres se acotovelavam em volta do carro. Abri a porta e saí, gritando:

– Não se aproximem da casa! Eles estão armados!

Houve uma onda de pânico, seguida por gritos e perguntas. O medo generalizado contribuiu para aumentar o pavor que eu sentia. E se eles vissem as câmeras, executassem Ariana e saíssem atirando?

Saí em disparada, atravessando a multidão e me aproximando da casa. Os fotógrafos ficaram para trás, talvez com medo de serem alvejados. Alguns mais corajosos seguiam um pouco afastados de mim. Uma mulher apontava a câmera por trás de um poste. Um rapaz estava agachado atrás da caixa de correio. Uma lente da câmera tinha rolado para a rua, mas ele achou melhor não apanhá-la.

Examinei a casa. Pintura azul descascada, varanda enorme e uma placa de ALUGA-SE no jardim. Era difícil acreditar que uma casa como aquela pudesse representar tamanho perigo. Mas o que eu esperava? Uma masmorra fria e assombrada?

Joe estava com um fone de ouvido deitado de bruços num canteiro à minha direita, segurando um microfone parabólico em direção à casa, captando o som dos cômodos da frente. Na minha corrida, eu não o vira ali. Fui até ele:

– Captou alguma coisa? – perguntei.

– Droga, droga, droga! Estamos ferrados. Droga, droga... – repetia ele, sem tirar o rosto do chão.

As sirenes estavam cada vez mais próximas. Uma sombra apareceu no canto da cortina, seguida por um rosto... que me encarou. Paralisado, encarei-o também.

– Espere aí! – Joe começou a falar o que o microfone captava. – Vamos pegá-la e sair logo daqui.

Você não faz a menor ideia do que essa gente é capaz.

Bati à porta e gritei:

– Sou eu, Patrick! Tenho a informação que vocês querem!

Seguiu-se um silêncio. A porta estava trancada. Bati novamente. E então chutei.

– Precisam escutar o que tenho a dizer!

A porta se abriu e uma mão gigantesca me puxou para dentro. Girei no piso escorregadio e me vi cara a cara com DeWitt. Verrone estava ao seu lado e dois homens vigiavam as janelas da frente com fuzis. Um deles parecia nervoso e apontou a arma para minha cabeça:

– Vamos acabar com ele e sair logo daqui.

– Vocês precisam me escutar! – Dei um passo para o lado, saindo da mira da arma.

As sirenes berravam na frente da casa. Uma porta fechada dava acesso a um quarto. Pensei em Ariana.

– Ela está lá dentro? – Nenhuma resposta dos funcionários da Ridgeline. – Ela está bem? – Minha voz soou trêmula.

Suor brotava na testa de DeWitt. Ele então se dirigiu a mim:

– O que você fez? Que droga você fez?

Retirei uma pasta de dentro da jaqueta e a joguei em direção a ele. As folhas se espalharam pelo chão. Eram as imagens das câmeras de segurança, os registros bancários, as contas telefônicas e os pagamentos pelos assassinatos de Mikey Peralta, Deborah B. Vance e Keith Conner.

– Não – disse Verrone, cambaleando para trás. – Como?

– O HD da copiadora.

Olhou com raiva para um dos homens à janela, que disse:

– Você não disse nada sobre esse HD!

– Estes documentos incriminam a Festman Gruber – apressei-me em dizer –, mas incriminam vocês também.

– E daí? – retrucou Verrone. – A Festman está do nosso lado. Até porque eles não têm escolha. Caso contrário, vão afundar junto com a gente!

– Sem problemas – falei. – Vocês se acertam quando estiverem atrás das grades.

Eu vou ficar aqui fora assistindo.

– Como assim?

– Além desses documentos, tenho o CD com o estudo sobre o níveis de ruído dos radares. Sei muito bem o que isso significa para as partes envolvidas.

– O quê?

Retirei lentamente o gravador do bolso. Quando começou a funcionar, a voz de Bob Reimer preencheu a sala: Esses documentos deixam claro que a Ridgeline não está interessada em cumprir os contratos. Mas a coisa funciona em mão dupla. Não somos mais obrigados a fornecer nossos serviços.

– Reimer sabe disso? – perguntou DeWitt, incrédulo. – A Festman já sabe dessa porcaria?

– Estou vendo que esse cara abriu o bico – falou um dos sujeitos com o fuzil, apontando o cano em minha direção.

– Vamos acabar logo com isso e cair fora. Agora! – completou o parceiro à janela ao lado.

Verrone andava em círculos, coçando o rosto. A pele amarelada agora tinha um tom cinzento. Sacou uma pistola e encostou na minha cabeça. Eu me contrai à espera do tiro. Depois de alguns segundos, tomei coragem:

– A Festman já sabe de tudo. Eu mesmo contei a eles. Vocês não têm saída.

Bob Reimer continuava a falar: Aquela empresa acha que está segura com isto aqui, mas mal sabe ela que cavou a própria cova.

Os funcionários da Ridgeline se entreolharam, avaliando a gravidade da situação. DeWitt engoliu em seco. Os dois homens com os fuzis se afastaram da janela.

– A polícia chegou – disse um deles. – Vão cercar a casa. Precisamos sair daqui.

Com a pistola na mão, Verrone estava nitidamente concentrado em seus pensamentos. Deu um passo à frente, encostou o cano na minha testa e me empurrou até eu ficar de joelhos. O gravador caiu no chão, mas continuou funcionando.

– Você se considera o espertalhão, não é, Patrick? – disse Verrone com raiva. – Pensa que vai escapar porque nos entregou para a Festman? Mas esquece que somos nós que estamos dando as cartas agora. Posso saber por que acha que vai ficar do lado de fora assistindo a tudo?

– Porque as câmeras estão apontadas para mim.

– Ora, três ou quatro repórteres? Não tenho medo deles...

– Não são três nem quatro – falei. – Os helicópteros estão aí, o quartirão está repleto de fotografos, sem falar da Swat. Vocês não podem escapar. É o fim da linha.

JOQUE COM AS CARTAS QUE TIVER NA MÃO.

Mais sirenes se aproximavam e o barulho dos helicópteros se tornara ensurdecedor. Era possível ouvir gritos do lado de fora, a correria de policiais e fotógrafos.

– Vocês não são burros de matar mais uma pessoa! – berrei.

– Quem é você para nos chamar de burros? – gritou DeWitt, atrás de Verrone.

O cano da pistola machucava meu rosto. Apavorado, eu rezava para não ser morto, torcendo para que Ariana estivesse viva atrás daquela porta. De repente eu gritei:

– Parem! Parem com isso! Pensem um pouco. Qual é a única saída? Falar com a polícia! Negociar e entregar todos os podres da Festman Gruber! Vocês não têm outra saída. E precisam fazer isso já!

A voz de Reimer era insistente: No fim das contas, é o senhor quem irá sofrer as consequências. E a Ridgeline também não ficará impune.

Os quatro homens então se aproximaram. Meus joelhos doíam e meu coração parecia estar prestes a sair pela boca. O braço de Verrone estava firme como o de uma estátua, o dedo tenso no gatilho. Fechei os olhos, mergulhando no escuro

absoluto. Meu mundo se resumia às trevas e ao cano na minha testa.

Mas a pressão que eu sentia na testa cedeu. Abri os olhos e vi a pistola apontada para o chão. Verrone e seus parceiros se afastaram. Os lábios de DeWitt se enrugaram. Um dos homens com o fuzil se sentou no chão e o outro voltou à janela. Vi uma expressão de perplexidade no rosto deles.

Levantei-me aos tropeções. Percebi que ainda não tinha escutado qualquer barulho vindo do quarto dos fundos.

– Minha mulher está no quarto?

Eles continuaram calados com as armas abaixadas. Eu estava a ponto de chorar.

– Ariana está viva?

Verrone fez um sinal para o homem à janela, que esticou o braço e abriu a cortina. A luz inundou a sala. Vi uma confusão de flashes, câmeras de TV, sirenes das viaturas e canos de fuzis: o mundo inteiro nos esperava do lado de fora e nós os encarávamos do lado de dentro. Verrone levantou as mãos para se proteger da claridade. DeWitt e os outros dois fizeram o mesmo e percebi um filete vermelho escorrendo pelo braço de DeWitt. A gota de sangue serpenteou e ficou pendurada no cotovelo.

De repente a gritaria do lado de fora parou, bem como o barulho dos helicópteros. Perto da janela, um policial gritava com a boca colada ao megafone, as veias de seu pescoço saltadas. Contudo, eu não ouvia mais nada. O único ruído que chegava aos meus ouvidos era o das batidas do meu coração, o eco abafado das palavras que eu gritava:

– O que vocês fizeram com ela? O que vocês fizeram com ela?

Então corri em direção à porta fechada, avançando numa angustiante câmera lenta enquanto a Swat invadia a casa. A três metros da porta, eu berrava o nome de Ariana e sentia os policiais atrás de mim, gritando. Alguém pulou nas minhas costas, desequilibrando-me, mas logo me endireitei e continuei na minha corrida. Os policiais finalmente me derrubaram e me imobilizaram no chão. De repente tudo ficou escuro e a última imagem que vi foi a porta ainda fechada.

SAIO DA SALA DO diretor do Colégio Loyola, atravesso o belo gramado e inclino a cabeça em direção ao sol. É julho, meu mês favorito. Finalmente o frio foi embora. Apesar de estar sempre com pressa, Los Angeles gosta quando o verão se atrasa.

Levo no bolso o convite para dar aula de literatura na 10ª série daquela instituição. Vou aceitar a proposta, mas não quis dizer isso na hora. Adoro saborear o gostinho da expectativa, como um garoto que espera o almoço para comer sua sobremesa favorita.

Estou livre de qualquer problema com a Justiça. Após alguns dias de interrogatórios cansativos, e com a ajuda dos telefonemas que tanto aprazem Gordon Kazakov, consegui me livrar de todas as acusações.

Até o processo pela minha suposta agressão a Keith Conner foi arquivado. Com isso, o Summit Pictures decidiu sair do meu pé. Você sabe que está por baixo quando ninguém mais quer processá-lo. No fim das contas, as despesas que tive com o processo somaram o mesmo valor que ganhei com a venda do roteiro de Você está sendo vigiado.

O filme foi lançado há um mês sem grande estardalhaço. Criei coragem para ir vê-lo na segunda semana. Como um voyeur, sentei-me na última fila de uma sala de cinema vazia. A produção era pior do que eu imaginava. Ainda que Keith tenha merecido alguns elogios, as resenhas arrasaram com o filme, o que não era de estranhar: enredo previsível, diálogos banais, personagens rasos e edição confusa. Em resumo, Você está sendo vigiado é uma porcaria. Um respeitado jornalista disse que o roteiro parecia ter sido escrito por uma criança.

Enquanto via meu nome rolar pela tela, percebi que nunca tinha sido muito bom naquilo que fazia. Ser demitido do filme foi uma das melhores coisas que poderiam ter acontecido comigo. Por muito pouco não morri pelo simples fato de nunca ter dado atenção a um detalhe de minha infância.

Sou mais feliz assistindo aos filmes do que escrevendo os roteiros. Minha verdadeira vocação é ser professor. De pé no meio do gramado, abro os olhos. Viro-me, observo a fachada do colégio e vejo minha imagem refletida na janela da capela. Calça cáqui e camisa de botão compradas numa loja de departamentos, com direito a uma velha mochila nas costas. Patrick Davis, professor do ensino médio. Acabei voltando para onde tudo começou.

Mas com algumas exceções.

Entro no meu Corolla. O interior está um pouco queimado por causa da granada de luz. Não tenho condições de trocar de carro ainda, mas mandei consertar os botões do painel, que jurei nunca mais socar.

Guardo o convite de trabalho com cuidado no porta-luvas e sigo para casa, pegando a Interestadual 10 no sentido oeste e cortando até o Sunset Boulevard, para me divertir com as curvas. O vento sopra pela janela aberta, despenteando meu cabelo. Admiro a sequência de mansões e não fico imaginando como seria morar numa delas, pois isso pouco me importa.

Minha vida já não é mais como um filme. Minha vida é... minha!

Paro na lavanderia e cumprimento a funcionária, que observa meu rosto por um bom tempo. As pessoas agora me olham de um jeito diferente, mas tenho a impressão de que logo isso passará. Se a fama dura 15 minutos, em Hollywood a infâmia corresponde à piscadela de um vaga-lume.

No entanto, as coisas já não são como antes e jamais serão. Tenho medo da noite, crises de pânico e várias vezes começo a suar frio antes de abrir a caixa de correio ou pegar o jornal na varanda. Quando tudo está quieto ou barulhento, eu me lembro da minha mulher amarrada e presa no quarto de uma casa qualquer. Lembro-me de que ela lutou com os sequestradores. Que enfiou os dentes no braço de DeWitt quando foi amordaçada. Que acreditou piamente que iria morrer.

Sally teve enterro digno de uma heroína, o que de fato ela foi. Cada vez mais acredito que heróis são pessoas comuns que levam a sério o que fazem, custe o que custar. Ao ver seu caixão baixar, senti um aperto no coração. Duvido que voltarei a encontrar uma pessoa com tamanha coragem e dedicação. Seu filho foi adotado por uma prima, mas soube que os filhos de Valentino enfrentam uma situação delicada.

Os quatro homens que estavam dentro daquela casa, nenhum dos quais na verdade se chamava DeWitt ou Verrone, confessaram seus crimes. Como estão colaborando com as investigações, escaparam da pena de morte, mas vão passar o resto de suas vidas na prisão. Lembro-me de Sally, Keith, Mikey Peralta e Deborah Vance e fico feliz em saber que aqueles homens vão pagar pelos seus atos. Se tudo o que disseram for verdade, não havia cúmplices. A Ridgeline e seus laranjas estão sob rigorosa investigação, mas soube que o Governo do Bahrein não anda colaborando.

A situação de Bob Reimer também não está boa. O processo dele vai ser demorado e há possibilidade de ele ser levado para o corredor da morte. Ao

mesmo tempo, a Promotoria Pública e a imprensa continuam a vasculhar o Departamento Jurídico da Festman Gruber. Como seria de esperar, a diretoria da empresa se mostrou indignada com o escândalo e as ações da empresa despencaram. Sem estardalhaço, o contrato dos radares navais foi rescindido e o governo assinou com a North Vector. A votação no Senado sobre os níveis de ruído se aproxima e Gordon Kazakov já sabe qual será o resultado.

Agradeço a Keith Conner. Deu sua vida por uma causa. James Dean nunca salvou baleias. Mas, de um jeito estranho, Keith poupou a vida de várias. Trista Koan se envolveu no projeto de outro documentário que irá abordar a morte de sapos na Amazônia em consequência do aquecimento global. Soube que um jovem astro da música pop fará a narração. Dizem que ele não é dos piores. Ao receber o primeiro disco de ouro, sua foto substituiu a de Keith no outdoor ao lado da Agência LaRusso.

Dobro na Roscomare e subo a ladeira, passando por casais que caminham com seus cachorros, por jardineiros trabalhando e pela mansão cenográfica. Paul McCartney sussurra palavras sábias no rádio e logo é substituído pelas últimas notícias. Um jogador do Los Angeles Lakers foi flagrado com um travesti num banheiro público em Venice Beach. Desligo o som e deixo o vento bater no meu rosto.

Paro no mercado e caminho pelos corredores, pegando produtos da lista que trago na cabeça, assobiando uma velha música. Estou no caixa quando me lembro. Volto e pego comprimidos para enjoos de gravidez.

Bill registra minhas compras.

– Tudo bem, Patrick?

– Tudo ótimo, Bill. E você?

– Nunca estive tão bem. Trabalhando no próximo roteiro?

– Não, não. – Sorrio, em paz comigo mesmo e com o mundo. – Adoro cinema, mas não levo jeito para a coisa.

Olha para as vitaminas enquanto registra os frascos, ergue os olhos e pisca para mim. Sigo de carro até minha casa, estaciono na garagem e fico ali sentado. Vejo o vestido de casamento de Ariana na prateleira. Abro o porta-luvas, retiro a proposta de emprego e leio-a novamente para ter certeza de que não estou sonhando. Penso na nossa velha mesa de jantar, nas paredes do meu escritório recém-pintadas de azul e começo a chorar.

Carregando as sacolas do mercado, vou até a caixa do correio. Sinto um frio atravessar minha espinha no momento em que levanto a tampa, mas a correspondência de hoje, assim como a de ontem e de anteontem, é apenas correspondência. Enfio as contas embaixo do braço e observo a casa pela qual voltei a me apaixonar.

No jardim da residência ao lado, que pertence aos Miller, vejo a placa de uma imobiliária. Por trás das cortinas de seda, avisto um jovem casal escoltado pelo corretor. Eles têm a vida inteira pela frente.

Enxergo um par de luvas de jardinagem e uma pá junto a um canteiro do nosso gramado. Sigo pela frente da casa com uma bisnaga se projetando da sacola de compras, como num cartão-postal francês.

Chegando à varanda, ponho as sacolas no chão e retiro de uma delas um ramo de lírios lilases. Dou um passo adiante e toco a campainha, como um pretendente que chega para visitar sua noiva. Os passos dela se aproximam. Ariana abre a porta. Ela me vê, vê as flores e abre os braços para mim. Atravesso a soleira da porta e me aconchoo no calor de seu corpo.

Esta obra foi formatada e digitada pelo grupo de MV, de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição da obra literária física ou em formato ebook. O grupo é ausente de qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto. O Grupo tem como meta a formatação de ebooks achados na internet, apenas para melhor visualização em tela, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto. No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupos, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download do livro cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, blog, sites e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo. O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderão individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo-se os grupos citados no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.